RACISMO em kardec?

A propaganda antiespírita e a verdade doutrinária

Edição revisada e aimpliada

Paulo Neto

Essa obra também foi publicada no formato Epub, que pode ser adquirida nos sites da Apple Books, Amazom.com e Livraria Cultura, cuja renda será revertida a favor de obras sociais da Ethos Editora:

- **https://books.apple.com/br/book/racismo-em-kardec/id933903089**
- **https://www.amazon.com.br/Racismo-Kardec-Propaganda-antiesp%C3%ADrita-doutrin%C3%A1ria-ebook/dp/B08C5NBXJ6**
- **https://www3.livrariacultura.com.br/racismo-em-kardec-2013617217/p**

Racismo em Kardec?

A Propaganda antiespírita e a verdade doutrinária.

(Versão 7)

"*É destino dos grandes homens serem perseguidos*." (PADRE HERVIER)

"A verdade não se prova pelas perseguições, mas pelo raciocínio; as perseguições, em todos os tempos, foram a arma das más causas, e daqueles que tomam o triunfo da força bruta pelo da razão." (ALLAN KARDEC)

"A calúnia, sem contradita, é uma arma perigosa e pérfida, mas tem dois gumes e fere sempre aquele que dela se serve." (ALLAN KARDEC)

Paulo Neto

Copyright c2014 by Paulo da Silva Neto Sobrinho

É proibido a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer meio ou procedimento, incluindo a reprografia e os programas informativos, sem a autorização por escrito da editora.

Produção do e-book: Bruno Figueiredo

Editora: Ethos Editora

GEEC - Grupo Educação Ética e Cidadania

Ficha catalográfica: Catalogação na fonte

P324r **PAULO NETO**

Racismo em Kardec?: a propaganda antiespírita e a verdade doutrinária / 2ª Edição – revisada e ampliada – Paulo da Silva Neto Sobrinho – Divinópolis: GEEC, 2014.

Contém dados biográficos do autor

Inclui bibliografia

ISBNe: 978-85-98107-31-8

1. Parapsicologia. 2. Espiritismo. 3. Doutrina. 4. Estudo. 5. História – Brasil. 1. Título

CDD 133.9

Sumário

Opinião espontânea de uma leitora.....5

Prefácio.....6

Introdução.....10

Uma abordagem conceitual.....14

Origem e Definição.....46

Contextualização histórica.....67

Allan Kardec: conhecendo o homem e sua obra.....205

1 – O que podemos ver em suas obras.....220

2 – Allan Kardec e a questão das raças.....403

3 – Os textos problemáticos.....457

a) Teoria da beleza.....458

b) O negro Pai César.....484

c) A frenologia e a fisiognomonia.....488

d) Frenologia espiritualista e Espírita – Perfectibilidade da raça do negro.....511

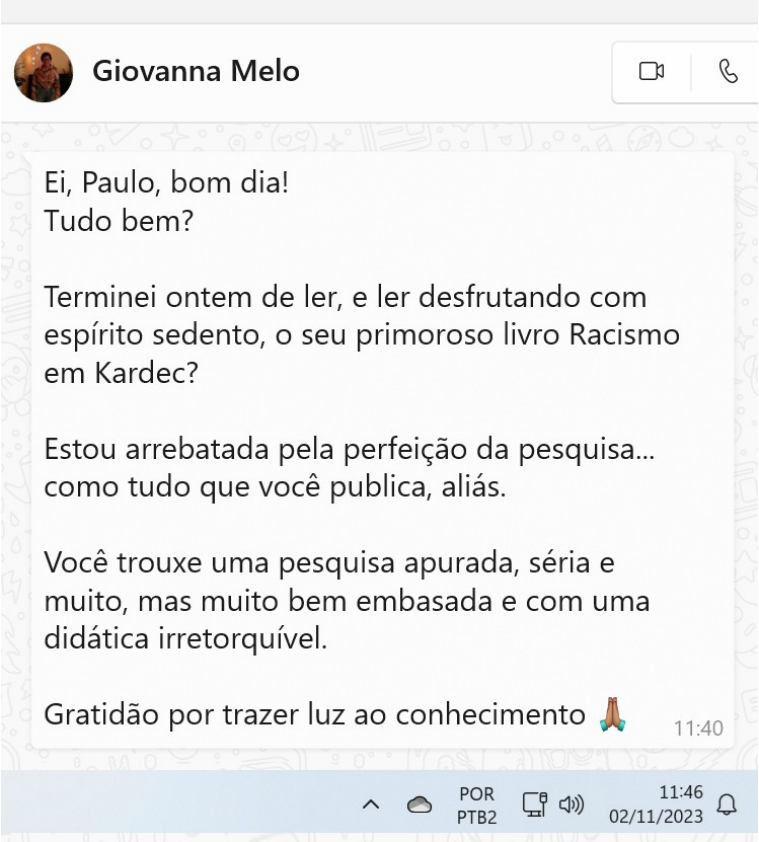
Conclusão.....553

Referências bibliográficas.....616

Anexo I – Termo de Ajustamento de Conduta (TAC).....628

Dados biográficos do autor.....638

Opinião espontânea de uma leitora



Prefácio

Não é de hoje que os Espíritos Superiores nos alertam sobre os ataques intestinos pelos quais o Espiritismo passaria, oriundos não somente de seus inimigos declarados, mas, também, da parte de indivíduos que, dizendo-se espíritas, passam a atacar a Doutrina e seu sistematizador Allan Kardec.

Munidos de petardos eivados de amargura e insatisfação, alimentados que são por ideologias que a tudo atacam e incriminam, tais grupos não pensam duas vezes antes de destilarem o veneno da impostura para solaparem a Doutrina com conteúdos peçonhentos da crítica mais vil, aquela que visa não a construção e o aperfeiçoamento, mas a destruição.

Décadas atrás, já se ensaiaram modificações e interpolações aos textos das obras fundamentais a título de atualizá-los ou modernizá-los. Nos dias de hoje, em vista da onda imposta por ideólogos revisionistas, novamente se volta à carga, desta feita com o objetivo de colar ao Codificador a pecha de racista, assim como a

escritores renomados como Monteiro Lobato, Roald Dahl, Agatha Christie, Mark Twain, entre outros.

Obviamente que nada disso é feito por acaso. De modo a atender certas agendas político-ideológicas, que lhes trarão mais controle sobre o pensamento das pessoas e, consequentemente, mais poder e votos, tais grupamentos apontam suas metralhadoras a quem quer que seja, mesmo que para isso tenham que pecar pelo mais profundo anacronismo, que consiste basicamente em utilizar os conceitos e ideias de uma época para analisar os fatos de outro tempo, equivocadamente tentando avaliar um determinado tempo histórico à luz de valores que não pertencem a esse mesmo tempo histórico.

Baseados num relativismo histórico-cultural, onde indivíduos isolados nos confins da Terra são posicionados em pé de igualdade com outros do porte intelecto-moral de um Newton, de um Fénelon ou de um Francisco de Assis, protestam que não se pode sequer aventar que tribos de canibais possam ser tidos como retardatários no progresso, seja do ponto de vista material quanto espiritual. Não admitem que os hotentotes, hoje chamados de coissãs, tomados por Kardec como exemplos de homens ainda muito primitivos e limitados em conhecimento devido à sua parca tecnologia e hábitos

muito próximos aos dos homens pré-históricos, pudessem receber o que chamam de “tratamento preconceituoso”. Aliás, estudos genéticos realizados em 2016 indicam que tal atraso tecnológico por parte dessa comunidade tribal se deve ao fato de ela ter se mantido isolada por 2000 anos, com pouca ou nenhuma miscigenação e contato com outros povos, o que colaborou para que se mantivesse estacionária intelectualmente. Daí realmente nos questionamos, tendo como base a reencarnação e seu objetivo precípuo, o que teria um espírito mais adiantado a aprender ao reencarnar junto a um povo assim, a não ser que tivesse como missão fazê-lo progredir.

Porém, o fanático político-ideológico não deseja pensar, nem analisar, pois seu objetivo é o de vestir uma capa de virtude, virtudes essas que está longe de possuir. Apela para o virtuosismo moral, ao mesmo tempo que incentiva cancelamentos, boicotes e difamações, onde adjetivações são usadas sem critério e proporção, tais como “racista”, “fascista”, “genocida”, “nazista”, etc., direcionados a todos aqueles que não pensam como eles.

Atento a essa realidade, Paulo Neto, pesquisador nato, procura, em **Racismo em Kardec?**, resgatar a sanidade ao movimento espírita, demonstrando, por a+b, que Allan Kardec jamais foi racista, mesmo que as

ciências da época tivessem sobre ele a influência que tinham, já que o Codificador era um homem de seu tempo e falava conforme aquilo que aprendeu com outros homens de saber.

O autor convida a todos, portanto, a uma análise objetiva e ampla dos escritos kardecianos sem o viés que se observa naqueles que se deixaram contaminar pelo discurso pseudocientífico, que nada mais é que mera militância alimentada por ideologias, tal qual nos referimos anteriormente.

Fiel ao Espiritismo em sua feição educadora, Paulo Neto nos brinda com mais um trabalho de esclarecimento que agradará a todos que honestamente analisarem seu texto. Nós, da mesma forma, só temos a aplaudir a mais essa louvável e oportuna iniciativa.

Artur Felipe Ferreira
Escritor e tradutor,
natural e residente em Niterói (RJ)

Introdução

Determinadas pessoas, por não terem como refutar os argumentos de uma outra, passam a atacá-la em seus valores morais, esperando, com isso, que os leitores fiquem convencidos de que os seus são superiores aos daqueles a quem objetivam injuriar.

A esses chamaremos de pobres coitados. Aos outros, que não têm nada de bom a oferecer, resta-lhes o consolo de atacar as outras crenças, na ilusão de que aquela que eles seguem é a melhor. Em relação aos desse grupo diremos: “não sabem o que falam”.

Uma coisa é certa: segundo os especialistas do psiquismo humano, é que sempre transferimos aos outros aquilo que intimamente somos; dessa maneira, satisfazemos o nosso ego, pois é difícil admitirmos os nossos próprios defeitos.

Os psicólogos explicam muito bem esse

processo. Talvez seja essa a razão principal desses acusadores buscarem, no caráter de Allan Kardec (1804-1869), alguma coisa para acusá-lo. Sobre esse tipo de ataque disse-nos ele na ***Revista Espírita 1863*** e na ***Revista Espírita 1864***, respectivamente:

> Nossos adversários não podiam fazer nada melhor para se desacreditarem a si mesmos, mostrando a que tristes expedientes se reduziram para nos atacar e a que ponto o êxito das novas ideias os assusta, poderíamos dizer, os faz perder a cabeça. ([1])

> O que está fora do direito de discussão são os ataques pessoais e, sobretudo, as alusões injuriosas e malevolentes; é quando, pelas necessidades da causa, um adversário desnatura os fatos e os princípios que quer combater, as palavras e os atos daqueles que os defendem. Semelhantes processos são sempre uma prova de fraqueza e dão testemunho da pouca confiança que têm nos argumentos tirados da coisa mesma. ([2])

Vamos fazer um estudo buscando descobrir se Allan Kardec foi realmente um racista, já que, só agora, quase atingindo cento e quarenta anos de sua

morte, esses dois grupos de pessoas de quem falamos resolveram começar a dizer que isso fazia parte da maneira de ser do Codificador do Espiritismo. Usam, como base de seus argumentos, de textos completamente fora do contexto histórico, científico e cultural da época em que ele viveu.

Transcrevemos de ***Contextualizando Kardec: do Século XIX ao XXI***, de autoria de Elias Moraes, o seguinte trecho:

> Numa perspectiva atualmente denominada de "eurocentrismo", **o chamado "mundo civilizado" era compreendido no século XIX como sendo somente a Europa**, que havia assumido a liderança das inovações e da produção cultural em relação ao Oriente. [...].
>
> Em um contexto marcado por forte preconceito racial, económico, social e cultural, **a África era percebida como um mundo selvagem e primitivo, ocupada por tribos indígenas, animais perigosos e regiões insalubres**. A escravidão aprisionava ali o contingente de escravos que eram levados principalmente para o Brasil e Estados Unidos, "'negócio" que vivia naquele momento o seu auge, e do qual a

> França de Kardec participava logo atrás de Portugal e Grã-Bretanha. [...]. ([3]) (grifo nosso, é o padrão que adotaremos, caso ocorra de não ser, avisaremos)

Teremos um capítulo específico para tratar da contextualização histórica, um ponto fundamental para se poder entender as falas de Allan Kardec. Além disso, fica demonstrado que nenhum conhecimento possuem da maneira de ser e de pensar daquele que acusam de racista, o que vem a ser algo totalmente antiético, coisa que, certamente, não os preocupa.

O objetivo dessa pesquisa é o de provar a incoerência dos principais acusadores de Allan Kardec, crentes ou céticos e deixar para os espíritas uma análise mais profunda do verdadeiro caráter do Codificador, exalado de suas obras.

Uma abordagem conceitual

Vamos transcrever a palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB – RJ, acontecido em 05 de novembro de 2003, pelo Dr. Kabengele Munanga ([4]), professor titular do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, intitulada ***Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia***. Autor de vários trabalhos na área de antropologia da população negra africana e afro-brasileira; entre outros, *Os Basanga de Shaba* (1986); *Negritude* (1988), *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial* (1996) e *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil* (1999), a sua intervenção nos dará uma boa ideia do assunto do ponto de vista conceitual. Vejamos:

UMA ABORDAGEM CONCEITUAL DAS NOÇÕES DE RAÇA, RACISMO, IDENTIDADE E ETNIA

Etimologicamente, o conceito de raça veio do italiano *razza*, que, por sua vez, veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie. Na história das ciências naturais, o conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. Foi neste sentido que o naturalista sueco Carl Von Linné, conhecido em Português como Lineu (1707-1778), o usou para classificar as plantas em 24 raças ou classes, classificação hoje inteiramente abandonada.

Como a maioria dos conceitos, o de raça tem seu campo semântico e uma dimensão temporal e especial. No latim medieval, o conceito de raça passou a designar a descendência, a linhagem, ou seja, um grupo de pessoas que têm um ancestral comum e que, *ipso facto*, possuem algumas características físicas em comum. Em 1684, o francês François Bernier empregou o termo no sentido moderno da palavra, para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças. **Nos séculos XVI-XVII, o conceito de raça passou efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época**, pois era utilizado pela nobreza local que se identificava com os

Francos, de origem germânica em oposição ao Gauleses, população local identificada com a Plebe. Não apenas os Francos se consideravam como uma raça distinta dos Gauleses, mais do que isso, eles se consideravam dotados de sangue “puro”, insinuando suas habilidades especiais e aptidões naturais para dirigir, administrar e dominar os Gauleses, que segundo pensavam, podiam até ser escravizados. Percebe-se como o conceito de raças “puras” foi transportado da botânica e da zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre classes sociais (nobreza e plebe), sem que houvesse diferenças morfobiológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes.

As descobertas do século XV colocaram em dúvida o conceito de humanidade até então conhecido nos limites da civilização ocidental. Que são esses recém-descobertos (ameríndios, negros, melanésios etc.)? São bestas ou são seres humanos como “nós”, europeus? Até o fim do século XVII, a explicação dos “outros” passava pela teologia e pela Escritura, que tinham o monopólio da razão e da explicação. Nos séculos XVI e XVII, a Península ibérica constitui o palco principal dos debates sobre esse assunto. Para aceitar a humanidade dos “outros”, era preciso provar que são também descendentes do Adão, prova

parcialmente fornecida pelo **mito dos Reis Magos, cuja imagem exibe personagens representantes das três raças, sendo Baltazar, o mais escuro de todos, considerado como representante da raça negra.** Mas o índio permanecia ainda um incógnito, pois não estava incluído entre os três personagens representando semitas, brancos e negros, até que os teólogos encontraram argumentos derivados da própria bíblia para demonstrar que ele também era descendente do Adão.

No século XVIII, batizado século das luzes, isto é, da racionalidade, os filósofos iluministas contestam o monopólio do conhecimento e da explicação concentrado nas mãos da Igreja e os poderes dos príncipes. Eles se recusam a aceitar uma explicação cíclica da história da humanidade fundamentada na idade de "ouro", para buscar uma explicação baseada na razão transparente e universal e na história cumulativa e linear. Eles recolocam em debate a questão de saber que eram esses outros, recém-descobertos. **Assim lançam mão do conceito de raça já existente nas ciências naturais para nomear esses outros que se integram à antiga humanidade como raças diferentes, abrindo o caminho ao nascimento de uma nova disciplina chamada História Natural da Humanidade, transformada**

mais tarde em Biologia e Antropologia Física.

Por que, então, classificar a diversidade humana em raças diferentes? A variabilidade humana é um fato empírico incontestável que, como tal, merece uma explicação científica. **Os conceitos e as classificações servem de ferramentas para operacionalizar o pensamento. É neste sentido que o conceito de raça e a classificação da diversidade humana em raças teriam servido. Infelizmente, desembocaram numa operação de hierarquização que pavimentou o caminho do racialismo**. A classificação é um dado da unidade do espírito humano. Todos nós já brincamos um dia, classificando nossos objetos em classes ou categorias, de acordo com alguns critérios de semelhança e diferença. Imagine o que aconteceria numa biblioteca do tamanho da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Sem classificação por autor e/ou por assunto, seria muito complicado a busca de um documento. Com a preocupação de facilitar a busca e a compreensão, parece que o ser humano desde que começou a observar desenvolveu a aptidão cognitiva de classificação. A primeira tentativa consiste em distinguir os seres animados dos inanimados; os minerais dos vegetais e os vegetais dos animais. Entre os animais, não há como confundir um elefante com um leopardo, uma cobra com

uma tartaruga. São todos animais, porém, diferentes.

Na história da ciência, a classificação dos seres vivos começa na zoologia e na botânica. Era importante encontrar categorias maiores por sua vez subdivididas em categorias menores e subcategorias e assim por adiante. Os termos usados para designar as categorias são, como todos os fenômenos linguísticos, convencionais e arbitrários. Assim, as principais categorias foram as divisões filo e subfilo, a classe, a ordem e a espécie. Como homens, pertencemos ao filo dos cordados, ao subfilo dos vertebrados (como os peixes), à classe dos mamíferos (como as baleias), à ordem dos primatas (como os grandes símios) e à espécie humana (homo sapiens) como todos os homens e todas as mulheres que habitam nossa galáxia. Somos espécie humana porque formamos um conjunto de seres, homens e mulheres, capazes de constituir casais fecundos, isto é, capazes de procriar, de gerar outros machos e outras fêmeas. Sem a classificação, não é possível falar de milhões de espécies de animais do universo conhecido. Apenas, no seio da espécie homo sapiens (homo sábio), a que pertencemos, somos hoje cerca de seis bilhões de indivíduos. Nessa enorme diversidade humana que somos, da mesma maneira que distinguimos o babuíno do orangotango, não podemos confundir o chinês com o pigmeu

da África, o norueguês com o senegalês, etc.

Em qualquer operação de classificação, é preciso primeiramente estabelecer alguns critérios objetivos com base na diferença e na semelhança. **No século XVIII, a cor da pele foi considerada como um critério fundamental e divisor de água entre as chamadas raças. Por isso, a espécie humana ficou dividida em três raças estanques que resistem até hoje no imaginário coletivo e na terminologia científica: raça branca, negra e amarela**. Ora, a cor da pele é definida pela concentração da melanina. É justamente o grau dessa concentração que define a cor da pele, dos olhos e do cabelo. A chamada raça branca tem menos concentração de melanina, o que define a sua cor branca, cabelos e olhos mais claros que a negra, que concentra mais melanina e por isso tem pele, cabelos e olhos mais escuros, e a amarela, numa posição intermediária, que define a sua cor de pele que, por aproximação, é dita amarela. Ora, a cor da pele resultante do grau de concentração da melanina, substância que possuímos todos, é um critério relativamente artificial. Apenas menos de 1% dos genes que constituem o patrimônio genético de um indivíduo são implicados na transmissão da cor da pele, dos olhos e cabelos. Os negros da África e os autóctones da Austrália possuem pele escura por causa da concentração da

melanina. Porém, nem por isso eles são geneticamente parentes próximos. Da mesma maneira que os pigmeus da África e da Ásia não constituem o mesmo grupo biológico, apesar da pequena estatura que eles têm em comum.

No século XIX, acrescentaram-se ao critério da cor outros critérios morfológicos como a forma do nariz, dos lábios, do queixo, do crânio, o ângulo facial etc. para aperfeiçoar a classificação. O crânio alongado, dito dolicocéfalo, por exemplo, era tido como característica dos brancos "nórdicos", enquanto o crânio arredondado, braquicéfalo, era considerado como característica física dos negros e amarelos. Porém, em 1912, o antropólogo Franz Boas observara nos Estados Unidos que o crânio dos filhos de imigrados não-brancos, por definição braquicéfalos, apresentava tendência em alongar-se. O que tornava a forma do crânio uma característica que dependia mais da influência do meio, do que dos fatores raciais.

No século XX, descobriu-se, graças aos progressos da Genética Humana, que haviam no sangue critérios químicos mais determinantes para consagrar definitivamente a divisão da humanidade em raças estanças. Grupos de sangue, certas doenças hereditárias e outros fatores na hemoglobina eram

encontrados com mais frequência e incidência em algumas raças do que em outras, podendo configurar o que os próprios geneticistas chamaram de marcadores genéticos. O cruzamento de todos os critérios possíveis (o critério da cor da pele, os critérios morfológicos e químicos) deu origem a dezenas de raças, sub-raças e sub-sub-raças. As pesquisas comparativas levaram também à conclusão de que os patrimônios genéticos de dois indivíduos pertencentes a uma mesma raça podem ser mais distantes que os pertencentes a raças diferentes; um marcador genético característico de uma raça, pode, embora com menos incidência, ser encontrado em outra raça. Assim, um senegalês pode, geneticamente, ser mais próximo de um norueguês e mais distante de um congolês, da mesma maneira que raros casos de anemia falciforme podem ser encontrados na Europa etc. **Combinando todos esses desencontros com os progressos realizados na própria ciência biológica (genética humana, biologia molecular, bioquímica), os estudiosos desse campo de conhecimento chegaram à conclusão de que a raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito, aliás, cientificamente inoperante, para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estanques. Ou seja, biológica e cientificamente, as raças**

não existem.

A invalidação científica do conceito de raça não significa que todos os indivíduos ou todas as populações sejam geneticamente semelhantes. Os patrimônios genéticos são diferentes, mas essas diferenças não são suficientes para classificá-las em raças. O maior problema não está nem na classificação como tal, nem na inoperacionalidade científica do conceito de raça. Se os naturalistas dos séculos XVIII-XIX tivessem limitado seus trabalhos somente à classificação dos grupos humanos em função das características físicas, eles não teriam certamente causado nenhum problema à humanidade. Suas classificações teriam sido mantidas ou rejeitadas como sempre aconteceu na história do conhecimento científico. **Infelizmente, desde o início, eles se deram o direito de hierarquizar, isto é, de estabelecer uma escala de valores entre as chamadas raças. E o fizeram erigindo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Assim, os indivíduos da raça "branca" foram decretados coletivamente superiores aos da raça "negra" e "amarela", em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da**

pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo etc. que, segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos etc. e consequentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra mais escura de todas e consequentemente considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e, portanto, a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação.

A classificação da humanidade em raças hierarquizadas desembocou numa teoria pseudocientífica – a raciologia – que ganhou muito espaço no início do século XX. Na realidade, apesar da máscara científica, a raciologia tinha um conteúdo mais doutrinário do que científico, pois seu discurso serviu mais para justificar e legitimar os sistemas de dominação racial do que como explicação da variabilidade humana. Gradativamente, os conteúdos dessa doutrina chamada ciência, começaram a sair dos círculos intelectuais e acadêmicos para se difundir no tecido social das populações ocidentais dominantes. Depois foram recuperados pelos nacionalismos nascentes como o nazismo para legitimar as exterminações que causaram à humanidade durante a Segunda

guerra mundial.

Podemos observar que o conceito de raça, tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois, assim como todas as ideologias, esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é, natural, é de fato uma categoria etnossemântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, Brasil, África do Sul, Inglaterra etc. Por isso, o conteúdo dessas palavras é etnossemântico, político-ideológico e não biológico. Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletivas de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. É a partir dessas raças fictícias ou "raças sociais" que se reproduzem e se mantêm os racismos populares.

Alguns biólogos antirracistas chegaram a sugerir que o conceito de raça fosse banido dos dicionários e dos textos científicos. **No**

entanto, o conceito persiste tanto no uso popular como em trabalhos e estudos produzidos na área das ciências sociais. Estes, embora concordem com as conclusões da atual Biologia Humana sobre a inexistência científica da raça e a inoperacionalidade do próprio conceito, justificam o uso do conceito como realidade social e política, considerando a raça como uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão.

A questão mais importante do ponto de vista científico não é apenas observar e estabelecer tipologias, mas sim principalmente encontrar a explicação da diversidade humana. Antes de Darwin e seus predecessores (Lamarck), a representação do mundo tido como criado era estática e imóvel. As variações entre os organismos tinham uma explicação metafísica. Mas Darwin demonstrou, a partir dos princípios da seleção natural (*A evolução da espécie,* 1859), que os organismos vivos evoluíram gradativamente a partir de uma origem comum e se diversificaram no tempo e no espaço, adaptando-se a meios hostis, diversos e em perpétua transformação. A variação dos caracteres genéticos, fisiológicos, morfológicos e comportamentais hoje observada, tanto entre as populações

vegetais e animais como entre as humanas, corresponde, em grande medida, a um fenômeno adaptativo. Por exemplo: **uma pele escura concentra mais melanina que uma pele clara, pois protege contra a infiltração dos raios ultravioletas nos países tropicais; uma pele clara é necessária nos países frios, pois auxilia na síntese da vitamina D.** Graças aos progressos da ciência e da tecnologia, a adaptação ao meio ambiente hoje não precisa mais das mutações genéticas necessárias no longínquo passado de nossos antepassados.

A diversidade genética é absolutamente indispensável à sobrevivência da espécie humana. Cada indivíduo humano é único e se distingue de todos os indivíduos passados, presentes e futuros, não apenas no plano morfológico, imunológico e fisiológico, mas também no plano dos comportamentos. É absurdo pensar que os caracteres adaptativos sejam absolutamente "melhores" ou "menos bons", "superiores" ou "inferiores" que outros. Uma sociedade que deseja maximizar as vantagens da diversidade genética de seus membros deve ser igualitária, isto é, oferecer aos diferentes indivíduos a possibilidade de escolher entre caminhos, meios e modos de vida diversos, de acordo com as disposições naturais de cada um. **A igualdade supõe também o**

respeito do indivíduo àquilo que tem de único, como a diversidade étnica e cultural e o reconhecimento do direito que tem toda pessoa e toda cultura de cultivar sua especificidade, pois, fazendo isso, elas contribuem para enriquecer a diversidade cultural geral da humanidade.

O CONCEITO DE RACISMO

Criado por volta de 1920, o racismo, enquanto conceito e realidade, já foi objeto de diversas leituras e interpretações. Já recebeu várias definições que nem sempre dizem a mesma coisa, nem sempre têm um denominador comum. Quando utilizamos esse conceito em nosso cotidiano, não lhe atribuímos os mesmos conteúdos e significados, daí a falta do consenso até na busca de soluções contra o racismo.

Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, **este seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas,**

morais, intelectuais e estéticas que se situam numa escala de valores desiguais. Visto desse ponto de vista, **o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural**. **O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça, em sua concepção, é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos etc. que ele considera naturalmente inferiores aos do grupo ao qual ele pertence**. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas.

Mas o racismo e as teorias que o justificam não caíram do céu, têm origens mítica e histórica conhecidas. A primeira origem do racismo deriva do mito bíblico de Noé do qual resulta a primeira classificação religiosa da diversidade humana entre os três filhos de Noé, ancestrais das três raças: Jafé (ancestral da raça branca), Sem (ancestral da raça amarela) e Cam (ancestral da raça negra). Segundo o nono capítulo da Gênese, o patriarca Noé, depois de conduzir por muito tempo sua arca nas

águas do dilúvio, encontrou finalmente um oásis. Estendeu sua tenda para descansar, com seus três filhos. Depois de tomar algumas taças de vinho, Noé deixou-se numa posição indecente. Cam, ao encontrar seu pai naquela postura, fez, junto aos seus irmãos Jafé e Sem, comentários desrespeitosos sobre o pai. Foi assim que Noé, ao ser informado pelos dois filhos descontentes da risada não-lisonjeira de Cam, amaldiçoou este último, dizendo: seus filhos serão os últimos a ser escravizados pelos filhos de seus irmãos. Os calvinistas baseiam-se nesse mito para justificar e legitimar o racismo antinegro. **A Segunda origem do racismo tem uma história conhecida e inventariada, ligada ao modernismo ocidental. Ela se origina na classificação dita científica derivada da observação dos caracteres físicos (cor da pele, traços morfológicos). Os caracteres físicos foram considerados irreversíveis na sua influência sobre os comportamentos dos povos.** Essa mudança de perspectiva foi considerada como um salto ideológico importante na construção da ideologia racista, pois se passou de um tipo de explicação na qual Deus e o livre arbítrio constituem o eixo central da divisão da história humana, para um novo tipo, no qual a Biologia (sob sua forma simbólica) se erige em determinismo racial e se torna a chave da história humana.

Insisto no fato de que o racismo nasce quando se faz intervir caracteres biológicos como justificativa de tal ou tal comportamento. É justamente o estabelecimento da relação intrínseca entre caracteres biológicos e qualidades morais, psicológicas, intelectuais e culturais que desemboca na hierarquização das chamadas raças em superiores e inferiores. **Carl Von Linné, o Lineu, o mesmo naturalista sueco que fez a primeira classificação racial das plantas, oferece, também no século XVIII, o melhor exemplo da classificação racial humana acompanhada de uma escala de valores que sugere a hierarquização**. Com efeito, na sua classificação da diversidade humana, Lineu divide *Homo Sapiens* em quatro raças:

- **Americano**, que o próprio classificador descreve como moreno, colérico, cabeçudo, amante da liberdade, governado pelo hábito, tem corpo pintado.

- **Asiático**: amarelo, melancólico, governado pela opinião e pelos preconceitos, usa roupas largas.

- **Africano**: negro, flegmático, astucioso, preguiçoso, negligente, governado pela vontade de seus chefes (despotismo), unta o corpo com óleo ou gordura, sua mulher tem vulva pendente e quando amamenta seus seios se tornam moles e alongados.

- **Europeu**: branco, sanguíneo,

musculoso, engenhoso, inventivo, governado pelas leis, usa roupas apertadas.

Como Lineu conseguiu relacionar a cor da pele com a inteligência, a cultura e as características psicológicas num esquema sem dúvida hierarquizante, construindo uma escala de valores nitidamente tendenciosa? **O pior é que os elementos dessa hierarquização sobreviveram ao tempo e aos progressos da ciência e se mantêm ainda intactos no imaginário coletivo das novas gerações.** No entanto, não foi, até o ponto atual dos conhecimentos, cientificamente comprovada a relação entre uma variável biológica e um caráter psicológico, entre raça e aptidões intelectuais, entre raça e cultura.

A concepção do racismo baseada na vertente biológica começa a mudar a partir dos anos 70, graças aos progressos realizados nas ciências biológicas (genética humana, bioquímica, biologia molecular) e que fizeram desacreditar na realidade científica da raça. Assiste-se então ao deslocamento do eixo central do racismo e ao surgimento de formas derivadas tais como racismo contra mulheres, contra jovens, contra homossexuais, contra pobres, contra burgueses, contra militares, etc. Trata-se aqui de um racismo por analogia ou metaforização, resultante da biologização de

um conjunto de indivíduos pertencendo a uma mesma categoria social. É como se essa categoria social racializada (biologizada) fosse portadora de um estigma corporal. **Temos nesse caso o uso popular do conceito de racismo, qualificando de racismo qualquer atitude ou comportamento de rejeição e de injustiça social.**

Esse uso generalizado do racismo pode constituir uma armadilha ideológica, na medida em que pode levar à banalização dos efeitos do racismo, ou seja, a um esvaziamento da importância ou da gravidade dos efeitos nefastos do racismo no mundo. Por que os negros se queixam tanto, já que não são as únicas vítimas do racismo, indagariam os indivíduos motivados por essa lógica de banalização. Em consequência, o racismo com seus múltiplos usos e suas numerosas lógicas se torna tão banal, que é usado para explicar tudo. Mas o deslocamento mais importante do eixo central do racismo pode ser observado bem antes dos anos 70, a partir de 1948, com a implantação do *apartheid* na África do sul. O *apartheid* (palavra do Afrikans) foi oficialmente definido como um projeto político de desenvolvimento separado, baseado no respeito das diferenças étnicas ou culturais dos povos sul-africanos. Um projeto certamente fundamentado no multiculturalismo político

e ideologicamente manipulado. Observa-se também que é em nome do respeito das diferenças e da identidade cultural de cada povo que o racismo se reformula e se mantém nos países da Europa ocidental contra os imigrantes dos países árabes, africanos e outros dos países do Terceiro mundo, a partir dos anos 80. **Já no fim do século passado e início deste século, o racismo não precisava mais do conceito de raça no sentido biológico para decretar a existência das diferenças insuperáveis entre grupos estereotipados**. Além da essencialização somático-biológica, o estudo sobre o racismo hoje deve integrar outros tipos de essencialização, em especial a essencialização histórico-cultural. Embora a raça não exista biologicamente, isto é insuficiente para fazer desaparecer as categorias mentais que a sustentam. O difícil é aniquilar as raças fictícias que rondam nossas representações e imaginários coletivos. Enquanto o racismo clássico se alimenta na noção de raça, o racismo novo se alimenta na noção de etnia definida como um grupo cultural, categoria que constituí um léxico mais aceitável que a raça (falar politicamente correto).

Estamos entrando no terceiro milênio carregando o saldo negativo de um racismo elaborado no fim do século XVIII aos meados do século XIX. A consciência política

reivindicativa das vítimas do racismo nas sociedades contemporâneas está cada vez mais crescente, o que comprova que as práticas racistas ainda não recuaram. Estamos também entrando no novo milênio com a nova forma de racismo: o racismo construído com base nas diferenças culturais e identitárias. Devemos, portanto, observar um grande paradoxo a partir dessa nova forma de racismo: racistas e antirracistas carregam a mesma bandeira baseada no respeito às diferenças culturais e na construção de uma política multiculturalista. Se, por um lado, os movimentos negros exigem o reconhecimento público de sua identidade para a construção de uma nova imagem positiva que possa lhe devolver, entre outros fatores, a sua autoestima rasgada pela alienação racial, os partidos e movimentos de extrema direita na Europa reivindicam o mesmo respeito à cultura "ocidental" local como pretexto para viverem separados dos imigrantes árabes, africanos e outros dos países não ocidentais.

Depois da supressão das leis do *apartheid* na África do sul, não existe mais, em nenhuma parte do mundo, um racismo institucionalizado e explícito. O que significa que os Estados Unidos, a África do Sul e os países da Europa ocidental se encontram todos hoje no mesmo pé de igualdade com o Brasil, caracterizado por um racismo de fato

e implícito, as vezes sutil (salvo a violência policial que nunca foi sutil). Os americanos evoluíram relativamente em relação ao Brasil, pois além da supressão das leis segregacionistas no Sul, eles implantaram e incrementaram as políticas de "ação afirmativa", cujos resultados na ascensão socio-econômica dos afro-americanos são inegáveis. Os sul-africanos evoluíram também, pois colocaram fim às leis do *apartheid* e estão hoje no caminho de construção de sua democracia, que eles definem como uma democracia "não racial". No Brasil, o mito de democracia racial bloqueou durante muitos anos o debate nacional sobre as políticas de "ação afirmativa" e, paralelamente, o mito do sincretismo cultural ou da cultura mestiça (nacional) atrasou também o debate nacional sobre a implantação do multiculturalismo no sistema educacional brasileiro.

CONCEITO DE ETNIA

O conteúdo da raça é morfo-biológico e o da etnia é sociocultural, histórico e psicológico. Um conjunto populacional dito raça "branca", "negra" e "amarela", pode conter em seu seio diversas etnias. Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram

geograficamente num mesmo território.

Algumas etnias constituíram sozinhas nações. Este é o caso de várias sociedades indígenas brasileiras, africanas, asiáticas, australianas, etc.. que são ou foram etnias-nações. Os territórios geográficos da quase totalidade das etnias nações africanas foram desfeitos e redistribuídos entre territórios coloniais durante a conferência de Berlim (1884-1885). É por isso que o mapa geopolítico da África atual difere totalmente do mapa geopolítico pré-colonial. Os antigos territórios étnicos, no sentido dos estados-nações são hoje divididos entre diversos países africanos herdados da colonização. O antigo território da etnia iorubá se encontra dividido hoje entre as Repúblicas de Nigéria, Togo e Benin; o antigo território da etnia Kongo é hoje dividido entre as Repúblicas de Angola, Congo Kinshasa e Congo Brazaville, etc. para citar apenas dois exemplos entre dezenas.

A maioria dos pesquisadores brasileiros que atuam na área das relações raciais e interétnicas recorrem com mais frequências ao conceito de raça. Eles empregam ainda este conceito, não mais para afirmar sua realidade biológica, mas sim para explicar o racismo, na medida em que este fenômeno continua a se basear em crença na existência das raças hierarquizadas, raças fictícias ainda resistentes nas representações mentais e no imaginário

coletivo de todos os povos e sociedades contemporâneas. Alguns, fogem do conceito de raça e o substituem pelo conceito de etnia considerado como um lexical mais cômodo que o de raça, em termos de “fala politicamente correta”. Essa substituição não muda nada a realidade do racismo, pois não destruiu a relação hierarquizada entre culturas diferentes que é um dos componentes do racismo. Ou seja, o racismo hoje praticado nas sociedades contemporâneas não precisa mais do conceito de raça ou da variante biológica, ele se reformula com base nos conceitos de etnia, diferença cultural ou identidade cultural, mas as vítimas de hoje são as mesmas de ontem e as raças de ontem são as etnias de hoje. O que mudou na realidade são os termos ou conceitos, mas o esquema ideológico que subentende a dominação e a exclusão ficou intato. É por isso que os conceitos de etnia, de identidade étnica ou cultural são de uso agradável para todos: racistas e antirracistas. Constituem uma bandeira carregada por todos, embora cada um a manipule e a direcione de acordo com seus interesses.

Em meus trabalhos, utilizo geralmente, no lugar dos conceitos de “raça negra” e “raça branca”, os conceitos de “Negros” e “Brancos”, no sentido político-ideológico anteriormente explicado, ou os conceitos de “População Negra” e “População Branca”,

emprestados do biólogo e geneticista Jean Hiernaux, que entende por população um conjunto de indivíduos que participam de um mesmo círculo de união ou de casamento e que, *ipso facto*, conservam em comum alguns traços do patrimônio genético hereditário.

Tanto o conceito de raça quanto o de etnia são hoje ideologicamente manipulados. É esse duplo uso que cria confusão na mente dos jovens pesquisadores ou iniciantes. A confusão está justamente no uso não claramente definido dos conceitos de raça e etnia que se reflete bem em expressões como “identidade racial negra”, “identidade étnica negra”, “identidade étnico-racial negra” etc.

Os povos que aqui se encontraram e construíram um país que podemos historicamente considerar como um encontro ou *carrefour* de culturas e civilizações, não podem mais, em nome da ciência biológica atual ou da genética humana, ser considerados como raças, mas sim como populações, na medida em que eles continuam pelas regras culturais de endogamia, a participar dos mesmos círculos de união ou casamento, embora esses círculos não estivessem totalmente fechados como ilustrado pelo crescimento da população mestiça. Por outro lado, todos esses povos foram oriundos de diversas etnias da Europa, da África, da Ásia, da

Arábia etc. Aqui encontraram outros mosaicos indígenas formados por milhões de indivíduos que foram dizimados pelo contato com a civilização ocidental e cujos sobreviventes formam as chamadas tribos indígenas de hoje.

Podemos, no plano empírico, afirmar que todas essas diversidades oriundas da Europa, da África, da Ásia, do Oriente Médio etc. se aculturaram para formar novas etnias “branca”, “negra”, “amarela” etc.? Não seria isto criar uma tremenda confusão, na medida em que o uso de tais conceitos remeteria a uma certa biologização da cultura? Isto não significaria que a etnia negra, branca ou amarela corresponderia a uma unidade cultural branca, negra e amarela? Os chamados negros, brancos e amarelos estariam assim como as laranjeiras, mangueiras, bananeiras – do mesmo modo que elas produzem respectivamente laranjas, mangas e bananas, eles produziriam culturas brancas, negras e amarelas? Sem dúvida, a etnia não é uma entidade estática. Ela tem uma história, isto é, uma origem e uma evolução no tempo e no espaço. Se olharmos atentamente a história de todos os povos, perceberemos que as etnias nascem e desaparecem na noite dos tempos. Visto deste ângulo, não seria errado falar de novas etnias ou etnias contemporâneas com a condição de que os que usam esses

conceitos tomem o cuidado de defini-los primeiramente para, entre outras coisas, evitar confusões com outros conceitos. Não é isso que geralmente acontece com os usos dos conceitos de cultura “negra” e “branca” ou de etnia “negra”. Os idealizadores desses conceitos poderiam, no mínimo, definir os novos componentes e conteúdos desses conceitos no contexto da dinâmica contemporânea das relações raciais e interétnicas.

Sem dúvida, por uma visão político-ideológica que colocou coletivamente os brancos no topo da pirâmide social, do comando e do poder, independentemente de suas raízes culturais de origem étnica, tem-se tendência, por vício da ideologia racista que estabelece uma relação intrínseca entre biologia e cultura ou raça e cultura, a considerar a população branca, independentemente de suas diferentes origens geográficas e culturais, como pertencente a uma mesma cultura ou mesma etnia, daí as expressões equívocas e equivocadas de “cultura branca” e “etnia branca”. Pelo mesmo raciocínio baseado na visão político-ideológica que colocou coletivamente os negros na base da pirâmide como grupo subalterno, tem-se a mesma tendência a considerar todos os negros como pertencentes a uma mesma etnia ou cultura, daí também as expressões equívocas e equivocadas de “cultura negra”

e “etnia” negra no singular. Do meu ponto de vista, a realidade etnográfica do Brasil contemporâneo não autoriza a falar de cultura “negra” e “branca”, de etnia “negra” e “branca” etc. no singular. Certamente, tem-se uma cultura de massa, produto da tecnologia, dos meios de comunicação e do consumo, que abarca todos os brasileiros brancos, negros, orientais e todos os povos do mundo dentro da chamada cultura globalizada. Felizmente, alguém teve o juízo de não utilizar o conceito de “cultura amarela” ou “etnia amarela”.

Há culturas particulares que escapam da cultura globalizada e se posicionam até como resistência ao processo de globalização. Essas culturas particulares se constroem diversamente tanto no conjunto da população negra como no da população branca e oriental. É a partir da tomada de consciência dessas culturas de resistência que se constroem as identidades culturais enquanto processos e jamais produtos acabados. Por exemplo, são essas identidades plurais que evocam as calorosas discussões sobre a identidade nacional e a introdução do multiculturalismo numa educação-cidadã. Olhando a distribuição geográfica do Brasil e sua realidade etnográfica, percebe-se que não existe uma única cultura branca e uma única cultura negra e que regionalmente podemos distinguir diversas culturas no Brasil. Nesse

sentido, os afro-baianos produzem no campo da religiosidade, da música, da culinária, da dança, das artes plásticas, uma cultura diferente dos afro-mineiros, dos afro-maranhenses e dos negros cariocas. As comunidades quilombolas ou remanescentes dos quilombos, apesar de terem alguns problemas comuns, apresentam também histórias, culturas e religiões diferentes. Os descendentes de italianos em todo o Brasil preservaram alguns hábitos alimentares que os aproximam da terra-mãe; os gaúchos no Rio Grande do Sul têm também peculiaridades culturais na sua dança, em seu traje e em seus hábitos alimentares e culinários que os diferenciam dos baianos etc. Assim como a identidade cultural se constrói com base na tomada de consciência das diferenças provenientes das particularidades históricas, culturais, religiosas, sociais, regionais etc., se delineiam no Brasil diversos processos de identidade cultural, revelando um certo pluralismo tanto entre negros, quanto entre brancos e entre amarelos, todos tomados como sujeitos históricos e culturais e não como sujeitos biológicos ou raciais.

Mas, no plano político, pode-se, a partir da tomada de consciência da exclusão fundamentada na discriminação racial (raça aqui entendida no sentido sociológico e político-ideológico), construir uma única identidade negra mobilizadora, pelo fato de

todos serem, apesar de oferecerem identidades regionais diferentes, coletivamente submetidos à dominação do segmento branco e constituírem o segmento social mais subalternizado da sociedade. Uma tal identidade, embora passe pela aceitação da negritude e das particularidades culturais negras, tem um conteúdo político e não cultural, pois alguns negros não vivem as peculiaridades culturais e religiosas do seu grupo histórico e não deixam de participar das identidades religiosas dominantes como o catolicismo, o protestantismo etc. É dentro dessa perspectiva política ou ideológica que devemos entender o discurso militante referente à "identidade racial negra", "identidade étnica negra" ou "identidade étnico-racial negra". A questão é saber se todos têm consciência do conteúdo político dessas expressões e evitam cair no biologismo, pensando que os negros produzem cultura e identidade negras como as laranjeiras produzem laranjas e as mangueiras as mangas. Esta identidade política é uma identidade unificadora em busca de propostas transformadoras da realidade do negro no Brasil. Ela se opõe a uma outra identidade unificadora proposta pela ideologia dominante, ou seja, a identidade mestiça, que, além de buscar a unidade nacional, visa também à legitimação da chamada democracia racial brasileira e à conservação do *status quo.* ([5])

A definição de racismo que o Dr. Kabengele Munanga dá, é um ponto que merece destaque: “*é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural*”.

Essa definição, de extrema importância, diga-se de passagem, logo no início desse nosso ebook servirá para um correto posicionamento dos que, porventura, terão a oportunidade de lê-lo. Ajudará, acreditamos, sobremaneira, a compreensão do problema e a percepção de que muito do que se fala por aí, em relação a ser racista, nada tem a ver com a verdade.

Origem e Definição

Encontramos, três fontes com a informação sobre o emprego da cor da pele para classificar fisicamente os grupos humanos:

a) Segundo o prof. Dr. Kabengele Munanga: “Em 1684, o francês **François Bernier** empregou o termo no sentido moderno da palavra” ([6]).

b) No artigo “***O polêmico texto de Kardec sobre a raça negra***”, o autor Paulo Henrique Figueiredo, editor da revista Universo Espírita, afirma que:

> Foi o naturalista francês **Georges Cuvier** (1769-1832), pesquisador produtivo e influente, que introduziu no meio científico o termo raça e a classificação dos negros como *raça inferior*. ([7]) (itálico do original)

c) De acordo com Lawrence Blum, o escritor **George Frederickson** (1934-2008), historiador e professor norte-americano, informa que o primeiro

uso do termo “racismo” ocorreu na década de 1920 ([8]).

Fora a questão da escravidão, a pior consequência do racismo registrada na história foi o nazismo, quando Adolf Hitler (1889-1945) pretendeu exterminar os que eram para ele totalmente insignificantes como, por exemplo, os judeus, os negros, os homossexuais, a par de, usando da eugenia, querer promover a raça pura.

Essa experiência funesta acabou por acordar-nos no sentido de que tomássemos medidas preventivas de tais coisas; daí foram necessárias mudanças significativas nas relações sociais, instituindo-se leis que garantissem a sociedade contra barbaridades de tais tipos ou se promovendo normas que se lhes assemelhassem. Esse clamor, é bom que se diga, é universal, pois o homem moderno não consegue mais ficar insensível a qualquer tipo de discriminação, seja ela de que fundo for.

Assim é que a sociedade contemporânea vem demonstrando uma grande preocupação com este assunto, de forma tal que, em 10 de dezembro de

1948, a Assembleia Geral das Nações Unidas, adotou e proclamou, pela Resolução 217A, a ***Declaração Universal dos Direitos Humanos***, de onde transcrevemos alguns comandos:

> Artigo 1º
>
> Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.
>
> Artigo 2º
>
> 1. **Todos seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamadas na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião**, de opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação. [...].
>
> Artigo 6º
>
> Todos os indivíduos têm direito ao reconhecimento, em todos os lugares, da sua personalidade jurídica.
>
> Artigo XVIII
>
> **Todo a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião**; este direito

> implica a liberdade de mudar de religião ou convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos. ([9])

Incluímos, aí, além dos artigos que tocam diretamente o objeto de nosso estudo, o artigo XVIII, que garante a todos o direito de seguir a religião que melhor lhes convier. Fosse ele posto em prática, ninguém se inquietaria com a religião que o outro segue, muito menos a combateria, uma vez que, ao fazer isso, consciente ou inconscientemente, tiraria aos outros o direito universal aqui garantido.

Verificaremos, agora, como esse assunto, dentre outros que lhes são correlatos, restou elencado na Constituição Federal do Brasil, promulgada em 05 de outubro de 1988. Transcrevemos da obra ***Constituição Federal. Coletânea de Legislação Administrativa***:

> TÍTULO I
>
> DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS
>
> **Art. 3º** Constituem objetivos

fundamentais da República Federativa do Brasil:

[...].

IV – promover o bem de todos, **sem preconceitos** de origem, **raça**, sexo, cor, idade e **quaisquer outras formas de discriminação**.

Art. 4º A República Federativa do Brasil rege-se nas suas relações internacionais pelos seguintes princípios:

[...].

VIII – **repúdio** ao terrorismo e ao **racismo**.

TÍTULO II

DOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS

CAPÍTULO I

DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, **garantindo-se** aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a **inviolabilidade do direito** à vida, **à liberdade, à igualdade**, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

[...].

VI – **é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos**

> **religiosos e garantida**, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias;
>
> [...].
>
> VIII – **ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa** ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;
>
> [...].
>
> XLII – **a prática de racismo constitui crime** inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei; ([10])

Segundo podemos depreender, a Carta Magna do Brasil tem como significado de racismo o da discriminação de pessoas por preconceito de raça ou de cor.

Em ***O Racismo e a leitura moral da Constituição***, Gustavo Binenbojm, professor de Direito Administrativo da Faculdade de Direito da UERJ e de Direito Constitucional da EMERJ, *Master of Laws,* Yale Law School (2002-2003), mestre em Direito Público pela UERJ, procurador do Estado e advogado no Rio de Janeiro, explica-nos o seguinte:

> O fato de o art. 5°, inciso XLII, da Constituição brasileira qualificar a prática do racismo como crime inafiançável e imprescritível convida, naturalmente, a uma reflexão sobre as noções de raça e racismo adotadas pelas comunidades brasileira e internacional. No ordenamento nacional, não se encontra um critério objetivo e científico que permita a definição de raça. No âmbito internacional, os documentos multilaterais, especialmente **a Declaração Universal dos Direitos do Homem, adotam conceito amplo de racismo, alcançando qualquer discriminação, exclusão e preferências fulcradas não apenas em características físicas, mas também em origem étnica e traços culturais que distingam determinado grupo humano.** Isso se deve à descrença numa conceituação científica de raça. Não há critérios científicos seguros que identifiquem alguém como pertencente a uma determinada raça. E ainda que houvesse, essa mesma noção seria um *construído* da ciência, não um dado da natureza. ([11]) (itálico do original)

Apenas para realçar, diremos que, à medida que a sociedade evolui, é igualmente progressivo o entendimento de determinadas coisas e, assim, o que era somente entendido por diferença de cor

passa dessa visão restrita para um "*conceito amplo de racismo, alcançando qualquer discriminação, exclusão e preferência*". Fatalmente, com isso, também passa a ser considerada racismo a questão da discriminação por motivo de religião, como agem os nossos detratores, sejam eles crentes religiosos ou não.

No ***Dicionário Aurélio*** encontramos o seguinte:

> **Racismo**
>
> 1. Tendência do pensamento, ou modo de pensar em que se dá grande importância à noção da existência de raças humanas distintas.
>
> 2. Qualquer teoria que afirma ou se baseia na hipótese da validade científica do conceito de raça e da pertinência deste para o estudo dos fenômenos humanos. [Cf. raça (1 e 2).]
>
> 3. Qualquer teoria ou doutrina que considera que as características culturais humanas são determinadas hereditariamente, pressupondo a existência de algum tipo de correlação entre as características ditas "raciais" (isto é, físicas e morfológicas) e aquelas culturais

(inclusive atributos mentais, morais, etc.) dos indivíduos, grupos sociais ou populações.

4. P. ext. **Qualquer doutrina que sustenta a superioridade biológica, cultural e/ou moral de determinada raça, ou de determinada população, povo ou grupo social considerado como raça.**

5. Qualidade ou sentimento de indivíduo racista; esp., atitude preconceituosa ou discriminatória em relação a indivíduo(s) considerado(s) de outra raça.

Buscando no ***Dicionário Houaiss***, lemos:

Racismo

1 conjunto de teorias e crenças que estabelecem uma hierarquia entre as raças, entre as etnias;

2 doutrina ou sistema político fundado sobre o direito de uma raça (considerada pura e superior) de dominar outras;

3 preconceito extremado contra indivíduos pertencentes a uma raça ou etnia diferente, ger. considerada inferior;

4 *p. ana.* atitude de hostilidade em relação a determinada categoria de pessoas

<r. Xenófobo>.

Considerando o disposto no art. 3º da Constituição Federal, entendemos que, s.m.j., somente poderá ser considerado racismo, no sentido de algo realmente deplorável que mereça ser combatido, o que estabelece discriminação ou preconceito em relação à raça ou à cor do indivíduo. Entretanto, o legislador, sabiamente, de igual forma não deixou de a ela referir-se, dentro deste rol de condenações, à discriminação por sexo, **por religião** ou por qualquer outro motivo.

É aqui que não compreendemos os acusadores de Allan Kardec, pois o que falam está tão impregnado de preconceito religioso que fica muito difícil entender como não percebem essa atitude deplorável que nutrem contra os outros. Como não os devemos ter por ingênuos, devem eles ser tidos por hipócritas, pois fazem exatamente aquilo que condenam no Codificador. Pior ainda, quando o apontam como racista, não levam em conta que, à sua época, até escravos existiam, o que ele notoriamente combateu, não admitindo essa

ignominiosa situação dos negros.

O IBGE ainda mantém disponível ([12]), na Internet, o resultado do Censo de 2000, no qual existe a separação da população brasileira por raça, segundo mapa da Composição Racial da População ([13]), provavelmente tendo como base na “Tabela 1.2.1 – População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio e os grupos de idade – Brasil” ([14]). Poderíamos classificar essa atitude como racista? Na nossa modesta maneira de pensar, não, porquanto, faltam os ingredientes do preconceito ou da discriminação para que se possa enquadrar a categorização como racismo, no sentido que a todos nós causa repulsa.

Então, julgamos que o simples fato de separar as pessoas por raça não significa necessariamente racismo, pois se assim for, qualquer outro tipo de classificação também seria discriminação, como, por exemplo, a de separar as pessoas por grau de instrução, por religião, por idade, por região etc.

Com a publicação de regulamentação posterior, a intenção do legislador, em relação a essa

hipótese, ficou mais clara. Em ***Preconceito e Discriminação***, vejamos:

> **LEI 7.716, de 05 de Janeiro de 1989.**
>
> **Define os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor.**
>
> **Art. 1º** – Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.
>
> [...]**.**
>
> **Art. 20** – Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. ([15])

Aqui não nos resta dúvida de que a nossa conclusão está correta, ou seja, só haverá crime se na ação que lhe der origem se contiver o sentido de discriminação ou de preconceito.

Por outro lado, é princípio consagrado no moderno direito penal o de que não há crime sem que uma lei anterior assim o defina, nem pena sem prévia determinação legal, já que são suportes fundamentais para a garantia do Estado de Direito (SZLAROWDSKY, 1997).

Uma coisa que os nossos acusadores não perceberam, insistimos, talvez porque não se olhem no espelho, é que a discriminação ou preconceito por motivo de religião também é crime, tanto quanto aquilo de que eles próprios acusam Allan Kardec. Mas as coisas invariavelmente acontecem assim, pois a cegueira que o ódio provoca não permite que eles se enxerguem a si mesmos.

Para um melhor entendimento desta Lei, trazemos parte do artigo ***Prática do Racismo e Aplicação da Lei: contribuição à análise da legislação antidiscriminatória*** de Rebeca Oliveira Duarte, escritora e educadora em Direito; é advogada do SOS Racismo e coordenadora-adjunta do Projeto Auta de Souza, ambos da ONG Djumbay, da qual é Conselheira Gestora:

> **1. O Conceito de Discriminação Racial.**
>
> Considerando que nem o texto constitucional nem a lei 7.716/89 definem ou ao menos conceituam o racismo e a sua manifestação comportamental, que é a DISCRIMINAÇÃO RACIAL, ou a PRÁTICA DO RACISMO considerada crime, muitas ações respaldadas na ideologia racista escorregam

para o campo do geral e do comum, acreditando-se protegidas pela habitualidade no descumprimento da norma. Trata-se de um aspecto, inclusive, a ser combatido pelo preceito constitucional de repúdio a todas as formas de discriminação, essa banalização do racismo, machismo e discriminações correlatas pela argumentação de que essa é a cultura brasileira, sendo bastante comum e aceitável, por consequência, as expressões discriminatórias, tal qual a famosa “negro/a safado/a”, que não extrapolaria a esfera jurídica do indivíduo referido, restringindo-se à dimensão da moral e honra pessoais.

Alerta-se, no entanto, que o direito brasileiro determinou, após ratificar em 1968 a **Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial**, adotada pela Resolução nº 2106 (A) da Assembleia Geral das Nações Unidas, que a expressão *discriminação racial* – **a prática do racismo – “significará toda *distinção, exclusão, restrição* ou *preferência* baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto ou resultado anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício em um mesmo plano (em igualdade de condição) de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social,**

cultural ou em qualquer outro campo da vida pública” (Art. 1º, 1, grifo nosso); ainda, “cada Estado-parte deverá tomar as medidas apropriadas, inclusive, se as circunstâncias o exigirem, medidas de natureza legislativa, para proibir e pôr fim à discriminação racial praticada por quaisquer pessoas, grupo ou organização” (Art. 2º, 1, d).

Não será, conseguintemente, apenas o ato de recusar, negar, impedir ou obstar a pessoa negra de frequentar um espaço ou ocupar um cargo ou realizar ação que configurará a discriminação racial, como pretendem algumas interpretações da lei 7.716/89. Esses seriam exemplos de *exclusão* ou *restrição*, duas das espécies da qual **discriminação racial** é gênero.

Com base no dispositivo supracitado, poderemos classificar a discriminação racial a partir dessas condutas que significam a violação dos Direitos Humanos da pessoa negra. A discriminação racial, portanto, tem como espécies:

a) A distinção;

b) A exclusão;

c) A restrição; e

d) A preferência.

1.1. Discriminação Racial por Distinção

Distinguir é definido em dicionário como *Diferençar; separar; discriminar; divisar;*

avistar; caracterizar; especificar; sentir; perceber; ouvir; tornar notável; mostrar preferência por, consideração especial a, dar ***distinção*** *(em exame) a;* ***rel****. fazer* ***distinção****;* ***p****. salientar-se, evidenciar-se, diferençar-se.* O evidenciamento ofensivo pelo famoso jargão preconceituoso "***negro safado***", entre outros, por exemplo, é distingui-lo, caracterizá-lo ofensivamente, não somente como indivíduo, mas como pertencente a um grupo racial determinado, restringindo a população negra do direito fundamental à sua identidade racial, livre de comparações e apelidos discriminatórios.

A discriminação racial por distinção, assim, tem como exemplos típicos essas ofensas raciais, que são as caracterizações negativas da pessoa negra: "**nêgo safado**", "**nêgo burro**", **"nêgo sujo**", "**suas negas**" (no sentido de prostitutas), etc.

1.2. Discriminação Racial por Exclusão

Excluir, por sua vez, significa *Ser incompatível com; afastar; desviar; eliminar; abandonar; pôr à margem; recusar; t.-rel. não admitir; omitir; pôr fora; expulsar; privar; p. isentar-se; privar-se; pôr-se ou lançar-se fora*. É a exclusão social do negro a melhor exemplificação dessa espécie de discriminação racial, quando este é posto à margem da sociedade por uma responsabilidade histórica do Estado que se omitiu de promover os Direitos Humanos,

Econômicos, Sociais e Culturais dos/as negros/as brasileiros/as.

A discriminação racial por exclusão é, atualmente, tornada visível por índices que demonstram a não-inserção da população negra nos campos da educação, saúde, habitação e acesso à justiça, por exemplo, e pode ser caracterizada na omissão dos poderes públicos enquanto estes não adotarem políticas públicas afirmativas capazes de romper com esse encadeamento histórico de privação e abandono.

Também está referenciada no rol exemplificativo da lei 7.716/89, em que o sujeito ativo é pessoa física, nos moldes verbais *recusar* ou *negar*.

1.3. Discriminação Racial por Restrição

A *restrição*, assim como a *exclusão*, é das espécies de discriminação mais admitidas pelos operadores de Direito como caracterizadora do tipo penal da lei 7.716/89, por causa do rol exemplificativo que esta abriga. Restringir aqui está no sentido de *limitar, delimitar, coibir*, sendo referenciada na lei supracitada pelos moldes verbais *impedir* ou *obstar*, porquanto as condutas discriminatórias coíbem (“*reprimir; impedir de fazer alguma coisa; reduzir, restringir, circunscrever*”) as pessoas no acesso a espaços, cargos e serviços, em razão de sua raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Assim, os artigos 3º a 14 comportam tão somente exemplos de discriminação por exclusão ou restrição.

1.4. Discriminação Racial por Preferência

Semelhantemente à discriminação racial por distinção, é uma forma sutil de prática racista a qual se especializou de forma tão competente o racismo brasileiro.

Preferência é a *anteposição, precedência, primazia*([16]), bem presente nas admissões de emprego e nomeação de postos de chefia, gerência ou presidência, no setor público ou privado, dada majoritariamente aos homens brancos ou não-negros. Esse é o tipo de discriminação ainda não reconhecida pelo Judiciário brasileiro, tornada prática nas relações econômicas, sociais e de trabalho. Pelo fato de não ocorrer um *impedimento* ou *obstáculo* propriamente dito, esconde-se sob o título de meritocracia e decisões subjetivas de escolhas e primazias que resultam, por fim, na sub-representatividade da pessoa negra em determinados espaços e cargos.

1.5. Discriminação Racial na Lei 7.716/89

Diante do analisado acima, verificamos que, antes da Lei nº 9.459/97 acrescentar o art. 20 da Lei 7.716/89, a exemplificação nos artigos anteriores apenas referenciavam casos modelos de discriminação racial por

> exclusão e restrição; com o advento do art. 20, que generaliza a *prática do racismo* enquanto tipo penal, não deve restar mais dúvidas da aplicação conceitual da Convenção Internacional recepcionada pelo Direito Brasileiro.
>
> Destarte, a discriminação racial de quaisquer espécies, seja por distinção, exclusão, restrição ou preferência, está referenciada amplamente no art. 20 da Lei 7.716/89. ([17]) (itálico e negrito do original)

Em nenhuma das situações, aqui abordadas, poderemos enquadrar Allan Kardec; já não acontece o mesmo em relação aos nossos contraditores, que visivelmente discriminam o Espiritismo, num preconceito religioso absurdo para os tempos atuais, nos quais o princípio da liberdade religiosa é consagrado, universalmente, em quase todos os pontos do globo.

Arnold M. Rose (1918-1968), Ph.D. em sociologia, no artigo ***A Origem dos preconceitos***, publicado em *Raça e Ciência II*, dá uma definição do que venha a constituir as ideias racistas:

> O racismo é um conjunto de crenças

populares onde entra os seguintes elementos:

1 – As diferenças de ordem física e de ordem intelectual que se constatam entre os grupos humanos explicam-se todas pela Biologia e pela hereditariedade, e **são imutáveis.** […].

2 – Nossos hábitos, nossas atitudes, nossas crenças, nosso comportamento, nossas reações aprendidas são determinadas antes do nosso nascimento. […].

3 – Todas as diferenças que se podem constatar entre uma minoria e a maioria são interpretadas como indícios de inferioridade.

4 – Em caso de mestiçagem, as crianças são biologicamente degeneradas em relação aos seus pais de um e de outro grupo. A civilização e especialmente a vida familiar, a religião e os costumes estão ameaçados de desaparecer e os homens voltar ao estado selvagem. Deixa-se vulgarmente ao público o cuidado de imaginar o que aconteceria se os “casamentos mistos” se multiplicassem; contenta-se em sugeri-lo falando do “abastardamento'. Também nada deve ser poupado para tornar as relações sociais tão difíceis quanto possível entre os dois grupos. […]. ([18])

O detalhe a mais aí é a questão de que as

diferenças, em cuja existência um racista acredita, sempre lhe parecem imutáveis.

Ora, Allan Kardec nunca teve uma posição semelhante, pois, para ele, tudo era transitório. Para o Mestre de Lyon, tanto no ponto inicial quanto no final, todos os seres humanos são iguais. Portanto, admite-se aí uma visão universalista em que não se inclui qualquer cunho discriminatório.

Contextualização histórica

Sem ter uma ideia, ainda que de forma dinâmica, do que se pensava no Século XIX, correremos o risco de avaliar equivocadamente o pensamento de Allan Kardec, como os detratores sempre fazem. Para que isso não ocorra aqui, trazemos algumas coisas que nos ajudarão a situar o Codificador do Espiritismo no pensamento daquela época, visando a entendê-lo de forma correta.

Podemos adiantar, como pontos principais do período, o seguinte: a frenologia, a teoria da evolução das espécies, a escravidão dos negros e o pouco conhecimento que se tinha sobre os habitantes de outros países.

Acreditamos valer a pena citar o início do item III – Racialismo não é racismo, do artigo "***Allan Kardec, a ciência e o racismo***" de autoria de Adolfo de Mendonça Junior, publicado no Jornal de Estudos Espíritas, em 04 de outubro de 2015:

Racismo ([19]) **designa comportamento discriminatório** de um indivíduo ou grupo de indivíduos contra um ou mais indivíduos pertencentes ao um grupo racial diferente, e **racialismo, ou "*racismo científico*", corresponde às diversas doutrinas sob a temática racial**.

O racialismo é uma filosofia biológica, cultural e social. É uma atitude e um sistema social que propôs, entre o final do século XVIII e meados do século XIX, a existência, o respeito e a preservação de todas as raças em voga. Ele é a "*teoria científica das raças humanas*", ou das diferenças raciais. Segundo essa teoria, existem diversas raças que constituem toda a espécie humana, nenhuma superior à outra, apenas diferentes umas das outras. Esta filosofia acredita que todas as raças possuem diferenças relevantes entre si que podem ser verificadas nas diferenças culturais, econômicas e políticas, e que essas diferenças devem ser mantidas para que cada raça não perca a sua identidade. O racialismo é a base considerada "*científica*" do racismo. ([20])

Adolfo de Mendonça deixa bem claro que:

O conceito de racismo surgiu na segunda década do século XX. Ele não tem fundamentos "científicos", diferente do

> racialismo, cuja teoria pode implicar ou não em comportamentos racistas. ([21])

Alerta para que não tomemos o racialismo com significado de racismo, tudo tem que ser visto no contexto de época, caso contrário, cairemos no anacronismo.

Vejamos o que diz Alexandre Castro Caldas, licenciado, doutor e agregado pela Faculdade de Medicina de Lisboa, na monta de professor catedrático de Neurologia da mesma Faculdade. Ele dirige o Laboratório de Estudos de Linguagem (Neurologia do Comportamento) do Centro de Estudos Egas Moniz (INIC), como Secretário; coordena o Centro de Neurociências de Lisboa e preside (1989/92) à Sociedade Portuguesa de Neurologia.

Membro de numerosas Sociedades e Associações Científicas, autor de múltiplos trabalhos sobre neurologia do comportamento, publicados na literatura internacional, pertence ao conselho editorial de quatro revistas internacionais e integra a direção de um projeto europeu de investigação em

Neuropsicologia, no qual colaboram oitenta equipes especializadas. Eis o que registra em seu trabalho intitulado ***Neurobiologia do comportamento humano***, publicado em *Revista de Cultura Científica nº 11*:

> Na cultura Europeia, o corpo começa a ser objecto de estudo só muito tarde, depois da Idade Média. O cérebro é então considerado como simples orgão de reserva e pulsão de humores líquidos armazenados em cavidades e libertados para o corpo quando necessário. As capacidades a que esses humores correspondiam eram bem distintas daquelas que a moderna Neuropsicologia considera. Diziam respeito a paixões e a estados de espírito e não a aptidões para a actividade cognitiva. Em culturas mais antigas, como as do período pré-colombiano da América do Sul é bem possível que existissem equivalentes a esta forma de pensar, pois foram encontrados crâneos humanos com sinais de terem sobrevivido a trepanações realizadas, provavelmente, com o intuito de libertar os maus espíritos. Porém, nessas culturas era também hábito moldar o crescimento das cabeças das crianças que estavam destinadas a ocupar posições importantes na sociedade. Admitia-se que o formato da cabeça era determinante para a forma de

pensar e, assim, se preparavam os sacerdotes e os chefes. Não se conhece, infelizmente, a formulação teórica que conduziu a estas práticas que constituem, afinal, os primórdios da manipulação biológica.

No início do Século XIX, desenvolveu-se na Europa uma escola que se fundamentou em princípios idênticos ao que era prática nos povos da América do Sul: **a Frenologia (do grego, espírito-discurso)**.

A Frenologia representa o nascimento da nova corrente de pensamento que nos trouxe até aos nossos dias. Vale, por isso, a pena determo-nos um pouco no relato do que foram esses trabalhos iniciais, assentes mais no gênio dos seus obreiros do que em trabalho experimental. Foi **em 1796** que o público conheceu pela primeira vez no continente Europeu os trabalhos de **François-Joseph Gall** que viriam a penetrar também em Inglaterra vinte anos mais tarde. Como acontece com a maioria do trabalho inovador, a reação da cultura estabelecida foi enorme e, em quase todos os textos da época, os autores sentem a necessidade de recorrer a exemplos históricos da inovação científica para justificarem o seu apoio à nova teoria. [...].

Como nasceu, então, a Frenologia? Geoge Combe relata, em 1825, esta história. *"Até*

aos nossos dias as teorias professadas pelas diferentes escolas sobre o estudo do cérebro, eram tão vagas, tão obscuras, tão inexactas, tão pouco satisfatórias, e os ensinamentos que delas recebiam os estudantes eram tão confusos e ininteligíveis que parecia que o sistema nervoso não podia ser considerado senão como uma amalgama inextricável, longe de se igualar às outras obras da Natureza. Estava reservada a Gall a introdução de um método de investigação diverso daquele seguido até então por fisiologistas e metafísicos. Para poder chegar à solução do problema, era necessário demonstrar as relações das diferentes partes do cérebro com as diferentes faculdades mentais. Ele adoptou, portanto, nas suas investigações, um método diferente e incontestavelmente mais racional..."

"O doutor François-Joseph Gall (nascido em Tiffenbrun em 9 de Março de 1757), médico em Viena, e mais tarde estabelecido em Paris, ***foi o fundador do sistema frenológico.*** *Dotado de um espírito essencialmente observador, reparou, desde a sua mais jovem infância, que cada um dos seus irmãos e irmãs, e dos seus companheiros de jogos e de estudos, se distinguia por algum talento ou aptidão particular. Alguns dos seus companheiros de escola salientavam-se pela beleza da escrita, outros tinham grande facilidade*

para a aritmética, outros ainda eram brilhantes nos estudos de história natural e finalmente outros distinguiam-se pela grande facilidade na aprendizagem de línguas... Enfim, cada indivíduo apresentava algum traço de carácter que lhe era particular. Gall observou, por outro lado, que aqueles que revelavam, de início, disposição para o egoísmo e para a astúcia não viriam a ser nunca amigos bons e fiéis".

"O seu espírito observador fê-lo, ainda, constatar que os estudantes que eram os seus mais temíveis rivais eram aqueles que facilmente decoravam os assuntos. Estes indivíduos suplantavam-no frequentemente por causa desta capacidade, retirando-lhe posições que ele tinha adquirido por mérito das suas composições originais".

"Alguns anos mais tarde, tendo mudado de residência, teve, ainda, ocasião de encontrar indivíduos dotados do talento de decorar e de repetir com facilidade tudo o que tinham aprendido. Foi nesta época que reparou que os estudantes com esta capacidade tinham os olhos proeminentes e recorda-se que os seus primeiros companheiros de estudo se distinguiam pela mesma particularidade. Entrando na Universidade, observa os estudantes com os olhos salientes e reconhece que eram todos excepcionais a aprender de cor as matérias e a repeti-las correctamente, embora a maioria deles não fosse de forma nenhuma

*excepcional na inteligência... embora a conexão entre a faculdade de decorar e aquele sinal exterior não fosse, na época, estabelecida como evidência suficiente para que dela se pudesse tirar uma conclusão filosófica, Gall não pode deixar de considerar que esta coincidência não era acidental... À força de reflectir sobre este assunto, compreendeu que se a memória das palavras podia ser indicada por um sinal exterior, podia acontecer o mesmo com as outras faculdades intelectuais; todos os indivíduos que se distinguiam por uma capacidade mental se tornaram objecto da sua atenção. Acabou, a pouco e pouco, por se convencer que podia, a partir de certos sinais exteriores, reconhecer nos indivíduos a aptidão para a pintura, para a música e para as artes mecânicas. Tendo conhecido algumas pessoas notáveis pela energia do seu carácter, constatou que certas regiões das suas cabeças estavam particularmente desenvolvidas: este novo facto sugeriu-lhe a idéia de procurar no crâneo sinais que indicassem a predominância das faculdades afectivas, mas nunca lhe veio ao espírito acreditar, como erradamente se afirmou, que se deviam atribuir à forma do crâneo as propensões características dos indivíduos ou os seus talentos, mas sim ao cérebro. Prosseguindo as suas observações sobre um assu*nto *que a sorte lhe tinha fornecido não tardou a encontrar enormes dificuldades. Ignorando, na época, as opiniões dos*

fisiologistas sobre o cérebro e dos metafísicos sobre as faculdades mentais ele contentava-se, simplesmente, com a observação da natureza. Quando quis aumentar os seus conhecimentos através da leitura, encontrou nos livros o mais desesperante conflito entre as opiniões então em voga e, durante algum tempo duvidou das suas próprias observações: a maior parte dos afectos e das paixões eram atribuídos às vísceras abdominais e torácicas e, enquanto Pitágoras, Aristóteles, Platão, Galeno, Haller e alguns outros fisiologistas localizavam a alma, ou as suas faculdades intelectuais, no cérebro, Van Helmont localizava-a no estômago, Descartes e os seus discípulos na glândula pineal, Drelincourt e alguns outros, no cerebelo".

Podíamos continuar a interessante narrativa de Combe sobre este marco histórico das ciências do Sistema Nervoso, porém, o essencial julgamos que ficou explicitado na citação que respingamos do seu tratado de Frenologia. A obra de Gall cresceu e foi continuada, em particular, por Jean Gaspar Spurzheim, seu aluno em Viena em 1786 e que viria a falecer em Boston em 1832 (quatro anos depois de Gall). Feitas as observações empíricas da natureza, os frenologistas preocuparam-se depois em dar corpo científico às suas concepções voltando-se para o estudo do cérebro, tendo

sempre como pano de fundo o ambiente crítico, e tantas vezes mordaz, dos cultores da ciência fisiológica da época. Como ficou dito acima, nunca o crâneo foi considerado o elemento fundamental determinante da actividade cognitiva, pelo contrário, o crâneo desenvolvia-se moldando o cérebro e os seus acidentes anatómicos externos não eram mais do que o reflexo do desenvolvimento dos diversos "órgãos" que, na concepção frenologista, o constituíam. A primeira preocupação foi, assim, provar que havia uma completa aderência entre o cérebro e as suas membranas envolventes e a calote craneana, para validar o método de medida exterior da cabeça e da sua configuração como medida do próprio cérebro. Isso foi conseguido com base em inúmeros estudos anatómicos em que havia sempre a preocupação de procurar o caso particular de indivíduos que, tendo uma particular aptidão em vida, eram também portadores de uma configuração particular da caixa craneana. Não era raro o próprio Gall solicitar autorização às famílias para estudar o cérebro de indivíduos falecidos que em vida tinham demonstrado aptidões especiais para uma qualquer actividade, o que decerto não terá deixado de lhe trazer alguns dissabores de carácter social e motivo de crítica dos seus delatores ([22]).

Interessante é ainda relatar outros factos que constituíram argumento para relacionar

o cérebro com a função. Observando, durante o sono, doentes que por traumatismo grave do crâneo tinham exposta a superfície cortical, estes autores verificaram que o cérebro pulsava mais se o indivíduo sonhasse e mais ainda quando tinha pesadelos. Face a estes dados de observação os autores concluíram que quando existe actividade cognitiva é chamado mais sangue ao cérebro. É bem claro que a base experimental que permitiu estas conclusões está longe de obedecer aos requisitos exigidos na ciência de hoje, porém, mais de um século depois, as técnicas de imagem do cérebro, de que falaremos adiante, vieram demonstrar a pertinência das observações feitas no início do século XIX.

A Frenologia constituiu na realidade uma verdadeira revolução nos conceitos até então estabelecidos e ensinados nas Universidades. Curioso é notar a popularidade que teve junto da opinião pública onde passou a ser conhecida como a teoria das bossas. Não era raro, nos salões elegantes fazerem-se medidas das cabeças com os compassos especialmente criados para o efeito. A própria linguagem assimilou a teoria, sendo frequente a utilização da expressão “ter a bossa para…” que significava “ter aptidão para…”. Esta expressão correu o mundo e encontra-se escrita por alguns romancistas da época

como Balzac e Camilo Castelo Branco.

Como acontece com muitas das descobertas científicas, também neste caso houve exageros de descrição na tentativa de levar o mais possível a virtude do modelo e os mapas de frenologia atingiram minúcias a todos os títulos inaceitáveis. Este exagero, bem longe da cuidadosa observação que se impunha, aumentou a contestação à teoria por parte dos acadêmicos. Estava, todavia, dado o passo importante que permitia atribuir funções psicológicas a regiões específicas do cérebro. Feita a correlação entre aptidões e localizações cerebrais era necessário encontrar mais argumentos que viessem consolidar os modelos propostos.

É de novo em França que se acende a centelha que iluminará o capítulo seguinte desta história. Boquilavado, acérrimo defensor da teoria de Gall, estava particularmente empenhado em demonstrar que o centro responsável pela memória das palavras se encontrava no lobo frontal. Tinha presente a observação de Gall sobre a proeminência dos olhos daqueles que tinham grande facilidade em decorar informação verbal. Essa proeminência corresponderia a um maior desenvolvimento do lobo frontal que se encontra situado sobre as órbitas, e que dessa forma empurraria os olhos para fora. Trabalhava, então, com Bouillaud um jovem médico chamado Paul Broca que, com base neste

> pressuposto, com ele colaborou na criação de um novo modelo experimental. O raciocínio que hoje nos parece tão simples, capaz de comprovar estas ideias estudando doentes com lesões cerebrais localizadas surge, assim, como uma novidade quando era já decorrido mais de meio século sobre as primeiras publicações frenologistas. ([23]) (itálico do original)

Allan Kardec comentará sobre essa teoria científica, verdade daquela época, conforme iremos ver mais à frente.

Foi nessa época que Charles Darwin, naturalista britânico, publicou o seu livro intitulado *A Origem das Espécies*, o que ocorreu mais precisamente em outubro de 1859.

Edgar Francisco de Jesus, no artigo ***Ciência em Evolução***, citado no livro *Em Torno de Rivail*, descreve sobre o que ocorria a essa época:

> Se, por um lado, as teorias evolucionistas serviram para quebrar a hegemonia da Igreja no pensamento científico ocidental, serviram também para justificar o domínio dos povos europeus sobre os demais países, numa política de expansão colonialista sem

> precedentes, com a justificativa de que eles eram os mais inteligentes e mais capazes, por isso deveriam dominar os mais fracos e ignorantes. O “darwinismo social” chegou ao extremo de servir de justificativa para programas de eutanásia, em que os mais fracos e doentes deveriam ser eliminados para que a sociedade pudesse evoluir sem doenças, mais forte e mais inteligente. Um dos defensores dessas ideias foi Francis Galton, primo de Darwin, que, apesar de suas importantes contribuições referentes à aplicação da estatística aos estudos sociais, era também um ferrenho defensor da eugenia. ([24])

Transcrevemos do artigo ***Darwin – o racismo e o Brasil***, de José Osvaldo de Meira Penna (1917-2017), diplomata, escritor, jornalista e pensador liberal, o seguinte:

> O mesmo ponto de vista é acentuado por John Haller, num livro de 1971 (Outcasts of Evolution: Scientific attitudes of Racial Inferiority, 1859-1900, Univ. Illinois). Haller afirma que, virtualmente, **todos os evolucionistas do século dezenove acreditavam na superioridade evolucionária do homem branco sobre as outras raças, particularmente sobre**

a africana. **O racismo sub-liminal** (sic) **era praticamente unânime entre os cientistas americanos do século dezenove e, bem adiantadamente, no século vinte**. O período victoriano foi darwinista e foi racista. Fazer de Darwin um pobre mártir da ciência, perseguido pela incompreensão, é uma atitude tão falsa quanto aquela que também pretende colocar Freud como uma espécie de moderno Galileu, tratando de persuadir a humanidade de uma verdade científica que ela não queria aceitar. Na realidade, esses sábios foram todos bafejados muito cedo, em suas respectivas carreiras, pelo Zeitgeist de sua época. O Espírito dos Tempos acolhia com entusiasmo suas teorias originais porque correspondiam aos mais secretos anseios dos povos europeus. **Num artigo em Science de Fevereiro de 1972, afirma John Burnham que o africano era então considerado inferior simplesmente porque representava o elo perdido (missing link) entre o macaco e o teutão...**

[...].

Nos séculos XVIII e XIX, as primeiras pesquisas de antropologia e os progressos da ciência biológica coincidiram com a exploração da África, Ásia sul-oriental e Oceano Pacífico, dando nascimento às teses que justificam o Racismo. De uma maneira

grandemente esquemática podemos atribuir a teoria da desigualdade inata das raças em termos de inteligência a três fatores sucessivos, todos presentes em maior ou menor grau relativo nas diversas formas modernas de ideologia.

Em primeiro lugar, o substrato religioso, oriundo da concepção judaica de Povo Escolhido. A raça superior corresponderia ao povo predestinado, sendo as inferiores de cor marcadas pela mancha de Cam e Canaan. Os textos bíblicos sobre Cam, filho de Noé, e seu filho Canaan, amaldiçoado pelo patriarca seu avô, legitimaram a escravidão com beneplácito religioso após a conquista da África – sobretudo sob a ação dos Calvinistas mais fundamentalistas. **A inferioridade do Negro e sua susceptibilidade ao processo de escravatura foram deduzidos e sacramentados por essas crenças**. Na versão calvinista puritana, *os natives* refletem em sua cor, em suas superstições, em seu erotismo e em sua preguiça e atraso – os vícios do homem condenado à danação eterna. O preconceito oriundo da exegese vetero-testamentária era tão forte que alguns santos padres da Igreja, como Ambrosius e Orígenes, se referem à hereditariedade da falta de Cam. **Paulinus Nolanus ou São Paulino de Nola, poeta e bispo cristão do quinto século, afirmou que os etíopes não são**

queimados pelo sol mas enegrecidos por seus vícios e crimes, sombrios como a noite (*non sole perustus sed vitiis nigros et crimine nocti colores*). Refletia assim o que se poderia considerar um arquétipo universal que identifica a cor negra com o mal. O preto seria a cor favorita do demônio. Rebatia Santo Agostinho, contudo, em *Ennarationes in psalmos*, que mesmo a *nigra gentilitas*, o que quer dizer a raça negra gentílica ou pagã, seria chamada à fé – pois não são os Reis Magos considerados oriundos do Oriente e não é um deles tido como preto? Aliás, a tradição do Prestes João etíope perduraria na Europa. A presença de um reino cristão na África, influenciaria o caminho trilhado por Vasco da Gama em direção ao Oriente.

Em segundo lugar, **numa fase da história da humanidade em que todas as raças não haviam ainda entrado em contacto, a expressão do velho tribalismo consiste em menosprezar, inferiorizar ou agredir o estrangeiro, o estranho, o homem simplesmente diferente pelo aspecto, língua, cor da pele, traje e costumes**. O estranho é um ser inferior, um bárbaro, um pagão, um *goy* – como para os velhos hebreus eram todos os incircuncisos. Entre tribos primitivas da Amazônia é comum encontrarmos expressões idiomáticas que associam o termo “homem” com a própria identidade

tribal, sendo os membros de outras tribos tidos como semelhantes a animais. Para os Munducurus a mesma palavra designa o estrangeiro estranho e a caça. O racismo constitui, nesse sentido, uma forma primitiva exacerbada do tribalismo, com o qual está intimamente associado.

Finalmente, **a transformação desses sentimentos naturais de exclusivismo de grupo em teorias "científicas" evoluiu, na época moderna, pela inclusão das pesquisas de antropologia e do conceito darwiniano de seleção natural do mais apto, para uma sofisticação do exclusivismo de grupo em generalizada xenofobia**. Xenofobia significa, literalmente, ódio ao estranho. O racismo, nesse contexto, é um corolário do Darwinismo social numa perspectiva científica, assim como do nacionalismo, numa perspectiva ideológica.

[...].

Raça e Inteligência Humana

O racismo tomaria um sentido bem mais grave e, potencialmente, desastrado quando os pesquisadores entraram, com franqueza e audácia, na discussão da variabilidade da inteligência do homem – em função de sua linhagem genética. **Todos nós reconhecemos, no fundo de nós mesmos, que existe uma desigualdade entre os talentos com que fomos**

aquinhoados ao nascer. Chegamos a admitir que uns são menos inteligentes do que outros. Normalmente, contudo, nos sentimos agraciados com certa superioridade mental acima da média. Podemos aceitar, nós os homens, não havermos sido galardoados pela Natureza com beleza física, ou com saúde, ou com um destino generoso, ou com a sorte de havermos nascido nesta ou naquela região do mundo que esteja mais próxima da civilização e da riqueza. Concordamos mesmo, ainda que com forte dose de ressentimentos, ser o destino; e não a estrutura social de nosso grupo o que determinou o nascimento numa família em que "se toma chá em criança". Mas quem a si-mesmo confessa ser burro? A consciência da nossa própria dignidade é o que exige sejamos todos iguais em termos de agudeza intelectual. Ou seja, para usar uma terminologia "politicamente correta", todos nós nos avaliamos como providos da mesma "capacidade cognitiva"... O problema é o seguinte: é a inteligência um dom inato de cada um? Ou é ela o produto da cultura e da educação? Em inglês se coloca a alternativa do seguinte modo: ***nature or nurture***?

A expansão da raça branca em fins do século XVIII, atingindo praticamente todo o globo, coincidiu com o desenvolvimento da biologia e da antropologia. **Coloca-se em paralelo a raça e a inteligência, já que**

a superioridade cultural e técnica do europeu parece indiscutível. Esse perigoso confronto teve graves consequências. Determinou também, por influência da extensão universal dos pressupostos da democracia igualitária, o tabu que hoje recai sobre a matéria.

Inicialmente, quando pela primeira vez os europeus tomaram conhecimento e racionalizaram cientificamente a observação das raças africanas – observação que coincidiu com a descoberta dos grandes macacos antropoides – associou-se o africano ao macaco. Uma **"Vênus Hotentote" de imensa esteatopigia foi apresentada na Europa como um animal desconhecido**. **Considerava-se que os africanos pertenciam a uma espécie diferente da humana**, muito embora já houvessem os portugueses demonstrado, empiricamente, que era possível com eles reproduzir... Na época, pesquisadores americanos mostravam três gravuras, de face e de perfil, de um Apolo, um negro e um orangotango. Eles estavam procurando demonstrar que o africano estaria a meio caminho entre o homem e o primata, seria o elo perdido – e afirmavam: o focinho do negro avança como que para ir ao encontro do alimento – uma tese lamarckista. Em "A Descoberta do Homem", assevera Darwin numa sentença ambígua, seu termo que o

desaparecimento dos Hotentotes tornasse ainda mais larga a distância entre o Caucasiano e um Negro ou Australiano, próximos do gorila... Seu amigo, o geólogo Charles Lyell, acreditava, do mesmo modo, que o cérebro do Bushman conduz ao cérebro dos símios. O craniologista holandês P. Camper determinou, em 1791, os ângulos faciais e os índices cranianos, e nessa base "científica" inspirada pelas normas estéticas de Phidias e Praxíteles, fixou os critérios necessários de inteligência. Quem tem focinho de macaco deve ser pouco inteligente. Só o ângulo facial reto revela alta civilização. A teoria não é comprovada pela incontestável inteligência de tipos como Voltaire, por exemplo, que tinha o aspecto de um chimpanzé – um chimpanzé genial sem dúvida, como proclamaria Victor Hugo, porque pelo diabo enviado para nossa edificação e divertimento:

Voltaire alors régnait, ce singe de génie

Chez l'homme en mission par le diable envoyé

Mas não só Voltaire desafiava a teoria, Sócrates também, que tinha a cara de um burro e era tão feio que o próprio Platão, seu discípulo fiel, o comparou a Silenos. Ou a mulatice de Pushkin, que foi o maior poeta russo e era, pela mãe, descendente de um escravo africano de Pedro, o Grande.

Em seguida, Blumenbach (†1840),

anatomista alemão, classificaria as cinco grandes famílias humanas (Caucasiana, ou branca; Mongólica, ou amarela; Malaia ou marrom; Etíope ou negra; e Americana, ou vermelha), **classificação de raças hoje inteiramente superada pelo reconhecimento de um quadro extremamente mais complexo mas que, no entanto, continua a ser ensinada no currículo de muitas escolas e a fazer parte do vocabulário diário**. Um biólogo inglês, Richard Owen (†1892), contribuiu para algumas dessas concepções que perduraram por quase um século.

O quadro sociológico e, em última análise, político, foi influenciado por circunstâncias históricas e influenciou, por sua vez, as teorias científicas que surgiram para justificar "ideologicamente" aquelas. O índio americano valeu-se, originariamente, do mito renascentista de um Paraíso terrestre que, na pena de Montaigne e posteriormente de Rousseau, veio a criar a atraente e perene imagem romântica do Bom Selvagem.

Ambivalentemente, o canibalismo dos indígenas cobria as fábulas sobre monstros horrorosos nas terras recém-descobertas, colaborando para justificar, posteriormente, a destruição das sociedades ameríndias. Nesse caso, também, certas extensões injustificadas de preconceitos religiosos enriqueciam o racismo. Lembremo-nos que,

nos primórdios da colonização e da catequese na América, o problema de se saber se os índios possuíam ou não uma alma foi seriamente debatido pelos clérigos interessados, tendo Las Casas tomado uma postura rigorosa em sua defesa.

Os mongóis ou amarelos sofreram ou valeram-se, por outro lado, de velhos traumas da história da Europa. Para a criação do mito do "perigo amarelo" contribuiu a lembrança atávica das terríveis invasões de hunos, ávaros, magyares, e dos mongóis de Genghiz-khan, dos tártaros de Tamerlão e dos turcos otomanos. A postura do Ocidente em relação à Ásia foi, de início, mais colorida de temor do que de sentimento de superioridade. Todo oriental, de olhos amendoados, se tornou uma espécie de Fu Manchú. A ambivalência característica induziu também, no século XVIII, a uma admiração incoercível dos *philosophes* pela civilização da velha China.

Mas sob influência do evolucionismo darwiniano, em pleno apogeu do imperialismo colonial europeu, autores como L. H. Morgan (†1881), antropólogo americano que influenciou Marx e estudou os princípios de parentesco entre os primitivos; Maine de Biran (†1824), filósofo e típico *ideólogue* francês; E. B. Tylor (†1917), antropólogo inglês interessado na história primitiva da humanidade e proponente do

evolucionismo cultural – **introduziram uma concepção linear hierárquica, racial e sócio-cultural na qual o branco europeu passou a tronear acima do amarelo, do castanho e do negro**. Foi a época em que Kipling começou a falar no *white man's burden*, no "fardo do homem branco". A teoria da evolução imposta à sociologia e à filosofia da cultura coincidia com o período de domínio colonial imperialista das potências europeias. Essas teorias foram sendo, em meados do século, progressivamente substituídas pelo estruturalismo dos pobres, sustentado por Claude Levi-Strauss e apoiado pelos círculos "liberais" anglo-saxões, os *gauchistes* franceses e a claque terceiro-mundista interesseira. A luta pelos direitos civis nos Estados Unidos daria um golpe de morte a esse tipo de racismo, depois que o trauma do holocausto o houvesse desmoralizado.

O tamanho do Crânio

Gobineau, Lapouge, o antropólogo alemão Otto Ammon e muitos outros discutiram, interminavelmente, sobre a superioridade ou inferioridade de determinados traços morfológicos, especialmente da cabeça. A dolicocefalia e a braquicefalia, os índices cranianos, o prognatismo ou índices facial, a pigmentação dos olhos, da pele e dos cabelos – tudo foi pesquisado com uma intensidade frenética e minuciosa que hoje

nos parece grotesca. O crânio francês defendido pelo célebre neurólogo e antropólogo que se especializara no estudo do cérebro, Paul Broca, era tão grande e tão complexo quanto o crânio teutônico. A raça francesa, retorquiam os alemães, estava sendo corrompida na cama pelos negros de suas colônias. Broca andou medindo a capacidade craniana dos cadáveres nos cemitérios de Paris. Aparentemente descobriu que os crânios dos europeus (92 polegadas) são maiores do que os dos asiáticos e dos australianos, e que são também maiores do que os crânios do século XII. Conclusão: o homem progride, estimulado pelos europeus! Mas aconteceu que, pouco tempo depois, se descobriu o crânio dos Neanderthal, um homem primitivo que foi um beco sem saída na evolução de *Homo Sapiens* – e a capacidade craniana dos Neanderthal era ainda maior do que a nossa... O elefante e a baleia também possuem cérebros bem maiores do que os nossos mas tenho dúvidas que sejam mais inteligentes que nós.

Em seu livro "*Broca's Brain* – reflexões sobre o romance da Ciência" (N.Y. 1974), observa Carl Sagan, após visitar o *Musée de l'Homme* no Palais de Chaillot em Paris, que se podia atribuir a Broca um sexismo, racismo e jingoísmo palpável e uma profunda resistência à ideia do parentesco entre todos os seres humanos e os outros

primatas. O “espírito dos tempos” propunha posições desse tipo. No Musée de l'Homme estão colecionados uma série enorme de crânios, inclusive o crânio genial do próprio Broca. Ao que consta, o cérebro humano cresceu desmesuradamente em complexidade há dois milhões de anos, no crânio do *Homo habilis*, nosso antepassado que vivia nas savanas e planaltos da África oriental onde Leakey hoje investiga seus restos fósseis. Mas quer seja o de um branco, um preto ou um asiático, o crânio de um *homo sapiens* é sempre igual. Não se pode perceber, pelo tamanho, se é o crânio do homem-macaco da Indonésia, de um australiano atual, de Platão, de sir Isaac Newton ou de um vereador de Roraima ou prefeito de Juiz de Fora…

O Arianismo misturava ciência e política: foi isso o motivo do desastre. Uma anedota que circulou durante a Segunda Guerra Mundial afirmava que o tipo ideal ariano devia ser louro como Hitler, alto como Goebbels, magro como Goering, belo como Himmler e dolicocéfalo como Rosenberg. Ou ainda: magro, louro, belo e dolicocéfalo como Mussolini…

Mas a doutrina diversificou-se. Sir Francis Galton, o eugenista genro de Darwin, aplicou os princípios darwinianos ao que ele considerava a hereditariedade dos gênios. O próprio Darwin encampou a idéia. Os gênios seriam mais numerosos entre determinados

povos. A Grã-Bretanha figura, naturalmente, no alto da coluna desse privilégio. Mas o faraó Shabaka, um núbio da 25ª dinastia que reinou por volta do sétimo século antes de Cristo, teria ficado extremamente surpreso se lhe tivesse sido então informado que os bárbaros louros, da idade da pedra, habitantes das ilhas britânicas, se consideravam mais inteligentes do que os egípcios... Entretanto, ninguém até hoje tentou estabelecer um índice de superioridade racial entre as nacionalidades na base do número de prêmios Nobel que detêm. O Brasil, naturalmente, sairia perdendo. Outro antropólogo, Karl Pearson, pretendeu dar um fundamento matemático à teoria da evolução na base dos testes de correlação da inteligência (Q.I.), **assim fixando cientificamente o postulado da desigualdade das raças. Hereditariedade, variabilidade, desigualdade genética, seleção natural e sobrevivência do mais apto serviram a esses ilustres cavalheiros para sustentar, sobre falsas premissas sociobiológicas, os princípios ideológicos do nacionalismo racista.**

Mas pondo de parte os pensadores da linhagem de Gobineau, Chamberlain e Lapouge, que exerceram influência sobre o nazismo, vale lembrar os ingleses e americanos cujos nomes estão associados ao esplendor do Império britânico, à

doutrina do “Destino Manifesto” e à tradição de discriminação contra as minorias de cor na área meridional dos Estados Unidos. Na primeira metade deste século, cabe citar *The Rising Tide of Colour* (Londres 1920) e *Racial Realities in Europe* (1924) de Lothrop Stodard, assim como *The Passing of the Great Race* (1916) de Madison Grant. Grant afirmava existir, hoje, “uma crença generalizada e insensata no poder do meio ambiente para alterar a hereditariedade, crença essa proveniente do dogma da irmandade do homem... Tais convicções têm produzido muitos danos... O fato de trajar boas roupas e ir à escola ou à igreja não transforma um negro num homem branco... Os norte-americanos terão problemas semelhantes com o judeu polonês cuja estatura anã, mentalidade peculiar e insensível concentração no interesse próprio, estão sendo enxertados na linhagem da nação... Que se queira ou não admitir, o resultado a longo prazo da mistura de duas raças é que a mistura retorna ao tipo mais remoto, generalizado e inferior. O fruto do cruzamento entre um branco e um indígena é um indígena; o cruzamento entre um branco e um negro produz um negro... e o fruto do cruzamento entre qualquer das três raças europeias e um judeu é um judeu”.

O interessante nessa tese de Grant é que ela é diametralmente oposta à que vigorou

no Brasil onde cientistas sempre se dedicaram a provar que, na mistura do branco, do negro e do índio, era a "raça superior", isto é, a branca, aquela que domina – de modo que a tendência da população brasileira seria no sentido do embranquecimento. Nenhuma das duas teorias, evidentemente, é correta. Isso me faz lembrar a conhecida observação de que, nos EUA, quem tem uma gota de sangue negro é negro, enquanto no Brasil quem tem uma gota de sangue branco é branco. Mais recentemente, por influência do movimento de "consciência preta" nos EUA, também no Brasil se está identificando os mulatos com os negros. Antigamente, todo mulato claro desejava se fazer passar por branco e quase sempre conseguia. Já tivemos dois presidentes mulatos cuja persona era integralmente branca. Mas agora, presumivelmente por demagogia, o Presidente F.H. Cardoso não hesita em sugerir que ele próprio é mulato.

Os racistas anglo-saxões foram seguidos pelo apocaliptismo da "Decadência do Ocidente", de Spengler, e pela "Revolução mundial do proletariado externo", isto é, do proletariado de cor do Terceiro-Mundo, de Toynbee. A partir de uma postura mais ou menos racista e idealizadora da superioridade da raça nórdica, alta, loura e de olhos azuis, nasceu, por reação diametralmente oposta, a concepção do

Terceiro Mundo mestiço, oprimido, portador das esperanças espirituais da Humanidade, talentoso nas artes e inimigo vitorioso do Ocidente branco. Essa última teoria foi encampada pela esquerda marxista desde quando Lênine declarou a Zinoviev, seu companheiro bolchevista no congresso de Bakú: "A verdadeira Revolução se implantará quando as centenas de milhões de seres humanos que povoam a Ásia vierem a nós"... Foi o que fez o sucesso do Tio Zeca Stálin... O racismo às avessas é hoje P.C., "politicamente correto" nas Universidades americanas. Por imitação, também nas nossas.

Havia, curiosamente, uma vocação apocalíptica nas criações desses professores rabugentos. **Quase todos diagnosticavam uma decadência irremediável do Ocidente em consequência da mestiçagem reinante nos nossos países de origem europeia. Profetizavam um fim catastrófico**. Diante da evidência da explosão demográfica, que deixou totalmente de antecipar, Gobineau antecipava, por exemplo, o fim da raça branca pela queda da natalidade. As esperanças supremas da raça ariana na verdade se foram em cinzas em meio ao cataclismo de 1945, sob as ruínas fumegantes de Berlim bombardeada por aviões americanos e por canhões russos.

[...].

O perigo da acusação de racismo reside em fazer deduções apressadas de quocientes de inteligência (Q.I.) na base da cor do indivíduo examinado.

Diz-se que a inteligência é o único dom da natureza com o qual todos os homens, sem exceção, se consideram generosamente aquinhoados. Cada um de nós pode reconhecer sua inferioridade física, sua falta de saúde, sua feiura, sua pobreza, sua pouca sorte ou humildade de origem social. Mas ninguém se reconhece, facilmente, menos inteligente do que próximo: é uma questão de pundonor! Ninguém deseja passar por burro. Qualquer tentativa de estabelecer padrões ou coeficientes de inteligência em bases genéticas desperta a repulsa enérgica, ardente e às vezes furiosa da opinião pública. É assim, com surpresa, que ouvimos falar em alguns “Novos Filósofos”, da “Nova Direita” em França, como Alain de Benoist por exemplo, que estão procurando recolocar o tema na ordem do dia, avançando a questão das desigualdades hereditárias de dons e talentos. Esperemos que o façam com mais bom-senso, mais tolerância e seriedade do que os racistas do passado.

Se o critério fosse mais alto e não houvesse uma posição preconcebida em favor do intelecto e contra, por exemplo, a afetividade ou a intuição artística, verificar-

se-ia que membros de certas “raças” podem ser, em média, intelectualmente mais desprovidos enquanto revelem sua superioridade no calor de seus sentimentos, em sua criatividade estética ou em vocação musical. **A superioridade física do negro sobre o branco** me parece, por outro lado, bastante provável – ilustrada nos jogos olímpicos, por exemplo. E já que os racistas germânicos tanto insistiam nas supostas excelências físicas do Ariano, é divertido recordar o embaraço causado a Hitler pela vitória do boxeador negro americano Joe Louis sobre o alemão Max Schmelling; e o triunfo atlético de Jesse Owens nas Olimpíadas de Berlim, em 1936. Quanto aos preconceitos contra o mestiço, tão salientes nas doutrinas racistas, não se pode esquecer que nosso maior artista, o Aleijadinho, era mulato e mulato também nosso maior escritor, Machado de Assis.

Escreve Marvin Bressler, com razão: “Uma ideologia que apela tacitamente para a igualdade biológica como condição de emancipação humana corrompe a ideia de liberdade. Além disso, encoraja homens decentes a tremer diante da perspectiva de descobertas ‘inconvenientes’ que poderiam emergir em futuras pesquisas científicas”. A reação contra o racismo, que por excesso tomou um caráter obscurantista, está ainda contaminada pelo Lamarckismo marxista de Lusenko a que nos referimos em seções

> anteriores. Uma das alternativas favorecidas pelos intelectuais da Esquerda é de que a gama de variabilidade determinada pela evolução genética do homem se esgotou. O homem seria hoje “uma espécie uniforme, de genótipos absolutamente iguais”. Ora é isso cientificamente absurdo. Dotado de linguagem, *homo sapiens* é uma espécie determinada exclusivamente pelo meio social e somente uma evolução política pode hoje ocorrer. A determinação das características comportamentais da espécie pelo meio social configuraria a tarefa dos cientistas sociais, o que quer dizer, dos estruturalistas e behavioristas. Contra essa triste postura primária não nos devemos cansar de combater. Pois **a igualdade entre os homens não reside em sua capacidade cognitiva inata, mas em suas igual dignidade e abertura ao imperativo ético.** ([25]) (itálico do original)

Assim, podemos ver que a questão de superioridade do homem branco sobre as outras raças era uma questão cultural; por isso, se quisermos encontrar racistas naquela época, fatalmente teremos que incluir todo mundo, visto a ideia que se fazia do negro. A coisa era tão drástica que consideravam o africano não propriamente um ser humano, mas como o representante do elo

perdido entre o macaco e o homem. Além disso, a cor negra sempre se mostrou associada ao mal, histórica e biblicamente falando.

Convém ressaltar que nos séculos XVIII e XIX se iniciava a exploração da África, o que vem demonstrar o pouco conhecimento que possuíam dos povos africanos, a ponto de um representante deles haver podido assim, àquela fase histórica, ser motivo de exposição pública, como no caso da “Vênus Negra”, um “exemplar” da mulher hotentote; falamos sobre isso na sequência.

Era aceito sem maiores questionamentos, inclusive, que os homens de cor branca eram mais inteligentes do que os de cor negra; obviamente, tais elementos distintivos faziam recrudescer a inferiorização já existente em relação à questão da cor da pele.

No portal *Cidade do Conhecimento*, o artigo ***Vênus negra – um objeto social,*** de Arlene Felício Graciano nos dá uma ideia mais precisa sobre o que se pensava do negro, no início do século XIX:

Vênus negra – um objeto social

Em 1810, chegou a Europa, trazida pelos colonizadores uma jovem negra, nascida no sul da África (povo Hotentotes). Por possuir baixa estatura e nádegas volumosas, Sarah Bartmann[26] recebeu o adjetivo de **Vênus Negra. Esse título foi o chamariz para o público pagante ver a exposição dessa aberração. No "show", ela era apresentada em uma jaula, expondo sua sexualidade, e por outro lado, realçando a natureza perigosa e selvagem que essa imagem provocava**.

Uma sexualidade desejada e perigosa para a época. Anne Fausto Sterling, acredita que seu sucesso, **na época, aconteceu pela existência de poucos negros na Grã-Bretanha e portanto, tratava-se de uma visão incomum**.

Tamanha notoriedade chamou a atenção dos cientistas da época que a examinaram em vida e mantiveram o seu corpo mesmo após sua morte, que se deu aos 26 anos de idade.

Essa investigação científica foi o foco da

atenção: tiraram-lhe o molde das suas genitais e dissecaram seu cadáver. O seu corpo já não lhe pertencia em vida e na morte seus órgãos passaram a integrar a coleção do Museu de História Natural, e mais tarde do Museu do Homem, ambos em Paris.

Os exames *post morten* foram o recomeço da notoriedade de Sarah Bartmann. Durante muitos anos seus restos mortais ficaram expostos à visitação pública nos museus, e por volta de 1990 foram guardados.

Ainda, nessa época surgiram grandes questionamentos quanto à exposição de seu corpo. Na coleção do museu, frascos com genitais de mulheres do terceiro mundo foram expostos, mas não se encontrava nenhum genital masculino, nem tampouco cérebro de mulher, o que reafirma a visão racista e de preconceito de gênero. **Chegavam a afirmar, entre os viajantes, missionários e antropólogos da época, que o povo Hotentotes estava muito próximo dos animais inferiores, sendo as mulheres ainda mais repulsivas ao olhar da época**.

As investigações científicas de Georges Cuvier salientavam o lugar e a imagem que a mulher ocupava. Ele observou **que os ossos nasais dessa Vênus eram muito similar a dos**

macacos e que seu cérebro pequeno era a de um ser "estúpido", esquecendo-se de sua baixa estatura (1,35 m). Stephen Jay Gould chama a atenção a dois pontos: suas grandes nádegas e o aspecto de seus genitais, pois não há na história natural nada mais famoso que o tablier das Hotentotes (nome dado a uma espécie de aba genital, designada avental em português), que chegavam a medir de 8 a 10 cm.

Cuvier deriva daí uma absurda teoria de que o tablier das mulheres de outros povos africanos tornar-se-iam menor à medida que se distanciassem da obscuridade do Sul da África.

Gould acredita que o contexto histórico e os preconceitos da época levaram Cuvier a cometer tamanhos disparates a partir das observações científicas. Outros cientistas levantam a questão se a mulher estaria na "cadeia do ser", teoria de raça do século XVIII, pois ela não possuía lugar na hierarquia social – como fêmeas eram compreendidas somente a partir de suas partes íntimas: seios e genitália.

Na visão dos colonizadores e escravizadores, os Africanos estavam mais próximos aos macacos e outros sugeriam que a raça negra teria se originado da cópula de brancos com macacos.

Thomas Laqueur olhando para a cultura europeia, já tentava tirar mulheres e homens da competição entre si ou da hierarquia definindo-os como opostos, que pensam e são diferentes e por isso são destinados a esferas sociais separadas, não podendo assim fazer parte de uma única cadeia de seres. Mesmo quando as mulheres também eram estudadas em suas características sexuais, nunca se igualariam ao status simbólico do crânio masculino em qualquer cultura.

O que permitiu a inclusão da mulher na cadeia do ser foram as pesquisas comparativas da pelve entre as raças para o parto. De forma deturpada esses estudos valorizavam a mulher europeia como superior à africana, pois os nascituros africanos nasciam mais facilmente. Pela **curiosidade em torno da mulher africana,** Cuvier dedicou nove das dezesseis páginas de sua monografia aos seios, nádegas, pelve e genitália, e apenas um parágrafo sobre o cérebro.

Nesse contexto cultural de interesses político-econômicos de estudos raciais que estavam a serviço do homem branco, não só pela tradição científica, mas também a fim de fornecer justificativas para a escravidão e a privação de direitos que esses povos viviam. Essa exploração do corpo da mulher se espalha na atualidade

em várias outras culturas e mobiliza várias reivindicações de povos colonizados e ex-colonizadores para que devolvam sua produção cultural, espalhada por vários museus do Primeiro mundo.

No caso específico da Vênus Hotentote, surge uma dimensão peculiar e inquietante, pois se trata da disputa de duas nações pelo cadáver humano. De um lado a África do Sul alega querer dar a Sarah um funeral digno, corrigindo injustiças do passado e resgatando a história do povo sul-africano. Por outro lado, a França acredita defender interesses culturais ao mantê-la nos depósitos de um museu, pois reconhecem a normalidade de Sarah e reviram as representações fantasistas e racistas da época, produzidas pela antropologia.

Na década de 70 assistimos ao ingresso das mulheres no mercado de trabalho, e consequentemente uma mudança no olhar sobre essas mulheres, que passaram de objeto para uma nova força de trabalho. O uso do conceito de gênero tem contribuído para demolir a ambiguidade da cultura patriarcal em relação ao uso e aos valores dos termos gênero e sexo. O gênero portanto, é uma construção cultural e social e, como tal representa um processo contínuo e descontínuo da produção dos lugares de poder do homem e da mulher em cada cultura e sociedade. ([27])

Assim, toda uma sociedade, por ignorância, estava nitidamente tendo uma visão pouco louvável do negro, mas talvez não lhe restasse alternativa, porque se apoiava nos conceitos científicos da época, o que podemos confirmar com o que foi aqui dito por Graciano: "*Nesse contexto cultural de interesses político-econômicos de estudos raciais que estavam a serviço do homem branco, não só pela tradição científica, mas também a fim de fornecer justificativas para a escravidão e a privação de direitos que esses povos viviam*".

Kenneth L. Little (1908-1991), citando Edward Long Papers (1734-1813), transcreve da obra intitulada *História da Jamaica*, o seguinte pensamento desse autor: "*Não penso que seria desonroso para uma mulher hotentote ter como marido um orangotango*" ([28]).

Lázaro Curvêlo Chaves, sociólogo e escritor, no seu artigo ***De raças e racismo***, publicado no site *Cultura Brasil*, deixa-nos também clara a questão do conceito de época:

> A espécie ou raça humana tem como

características principais o cérebro mais desenvolvido, a capacidade de simbolizar e de comunicar-se através da fala. **As diferenças exteriores, aparentes, segundo estudos antropológicos exaustivos, não caracterizam "raças" distintas como a sociologia considerava até o início do século XX.** Após o Imperialismo, o Neocolonialismo e, particularmente, o Nazismo, percebemos o equívoco grosseiro daquelas primeiras tentativas de apreender o humano em sua diversidade.

[...].

Na sociologia e na antropologia contemporâneas não há mais espaço para considerar, entre seres humanos, uma "raça superior" ou outra "inferior", como o faziam os nazistas em relação aos judeus ou mesmo os caucasianos em relação aos nativos da África ou da América. As diferenças são miseravelmente aparentes: cor de pele devido à maior incidência de raios solares em certos pontos do planeta, fazer com que a seleção natural beneficiasse os melhor adaptados, aqueles que têm uma quantidade maior de melanina na pele; aqueles que vivem em regiões com maior incidência de tempestades e ventos fortes viram os melhor adaptados, com olhos mais fortes e resistentes, tivessem melhor sucesso em sua adaptação e assim por

diante – a força física e a capacidade intelectual é rigorosamente a mesma em toda a espécie humana.

Etnocentrismo

A definição clássica de etnocentrismo é considerar a própria cultura ou civilização como superior ou, no limite, a única válida. Assim vimos o massacre dos índios americanos, a escravização dos negros, o neocolonialismo e mesmo as guerras deste século contra os muçulmanos do Afeganistão e do Iraque.

Como vimos, não se pode mais falar em "raças" quando nos referimos à espécie humana. Deve-se preferir o termo "cultura", sendo "etnia" um termo técnico a ser usado com muito cuidado. Já ouvi erros grosseiros de expressão, como "etnia negra" ou "etnia japonesa", uma forma mal disfarçada de racismo...

[...]**.**

Ainda na virada do século XIX para o XX a sociologia, então tateando no escuro, considerava a existência de "raças" diferentes entre seres humanos e informava que "a degeneração está na mistura, na mestiçagem". "Toda a raça pura pode ser forte, somente a mestiçagem causa o enfraquecimento da espécie", era o cerne de suas argumentações. Quem

> **pensasse diferente desapareceria do cenário acadêmico e ponto final.** ([29])

Aqui, Chaves, mestre em ciências políticas, informa-nos de como se via a questão das raças, o que nos dá, certamente, meios de avaliação, havendo mesmo isentado, pelo menos não tão apaixonadamente quanto o fazem os nossos detratores.

Não poupando o esclarecimento, já que existe possibilidade de contraditores questionarem algumas dessas opiniões, vamos ainda trazendo mais uma, para que eles percebam que a coisa é generalizada; portanto, se de bom senso se valarem, hão eles de aceitá-las como verdadeiras:

> As teorias racistas pseudo-científicas (sic) do século XIX, preconizavam uma rígida hierarquia das raças (os brancos no topo, com a responsabilidade de dominar e de "civilizar" as raças "inferiores") e condenavam veementemente a miscigenação como um fator de degeneração, fatal para o processo "civilizatório" e o "avanço" dos povos. [...]. ([30])

Para completar as informações do pensamento da época, não podemos deixar de citar Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), que, no seu ***Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens***, também menciona os homens selvagens e os hotentotes:

> Discurso – As transformações que um longo hábito de caminhar sobre dois pés pode produzir na conformação do homem, as relações que ainda se observam entre os seus braços e as pernas anteriores dos quadrúpedes e a indução tirada de sua maneira de andar, puderam fazer nascer dúvidas sobre a que nos devia ser mais natural. Todas as crianças começam a andar de quatro pés e têm necessidade do nosso exemplo e das nossas lições para aprender a manter de pé. **Há mesmo nações selvagens, tais como os hotentotes, que descuidam muito das crianças e as deixam caminhar com as mãos tanto tempo que depois têm muita dificuldade em se levantar**. **Assim também acontece com os filhos dos caraíbas**, nas Antilhas. **Há diversos exemplos de homens quadrúpedes**, e eu poderia citar, entre outros, o da criança que foi encontrada em 1344, perto de Hesse, onde havia sido nutrida por lobos, e que

dizia depois, na corte do príncipe Henrique, que, se não fosse este, teria preferido voltar para junto deles a viver entre os homens. Adquirira de tal modo o hábito de andar como esses animais que foi preciso lhe amarrarem peças de maneira que a forçassem a se manter de pé e equilibrando nos dois pés. Aconteceu o mesmo com a criança que foi encontrada em 1694 nas florestas da Lituânia, e que vivia entre ursos. Não dava, diz Condillac, nenhum sinal de razão, caminhava com pés e mãos, não possuía nenhuma linguagem e formava sons que em nada se assemelhavam aos do homem. O pequeno selvagem de Hanovre, que foi conduzido há muitos anos para a corte da Inglaterra, teve todos os sofrimentos do mundo ao se sujeitar a caminhar sobre os dois pés; e encontraram-se, em 1719, dois outros selvagens nos Pireneus, que corriam pelas montanhas à maneira de quadrúpedes. Quanto ao que se poderia objetar, que é privar-se do uso das mãos do que tiramos tantas vantagens, além do exemplo dos macacos que nos mostra que a mão pode muito bem ser empregada das duas maneiras, isso provaria somente que o homem pode dar a seus membros um destino mais cômodo do que o da natureza, e não que a natureza destinou o homem a andar de modo diferente do que ensina.

Mas, há, ao que me parece, muito

melhores razões para sustentar que o homem é um bípede. [...]. ([31])

As narrativas dos viajantes estão cheias de exemplos da força e do vigor dos homens nas nações bárbaras e selvagens; não gabam menos sua destreza e agilidade; e, como basta ter olhos para observar essas coisas, nada impede que nos mereça fé o que é certificado por testemunhas oculares. Tiro, ao acaso, alguns exemplos dos primeiros livros que me vêm às mãos.

"Os **hotentotes**, diz Kolben, conhecem melhor a pesca do que os europeus do Cabo. Sua habilidade é igual na rede, no anzol e no dardo, nas enseadas como nos rios. Não apanham menos habilmente o peixe com a mão. São de destreza incomparável para nadar. Sua maneira de nadar tem qualquer coisa de surpreendente e que lhes é totalmente própria. Nadam com o corpo direito e as mãos estendidas para fora d'água, de sorte que parecem andar na terra. Na maior agitação do mar e quando as ondas formam montanhas, eles dançam de certo modo sobre o dorso das vagas, subindo e descendo como um pedaço de cortiça". "Os **hotentotes**, diz ainda, o mesmo autor, são de uma destreza surpreendente na caça, e a ligeireza de sua carreira ultrapassa a imaginação". Admira que não façam mais frequentemente um mau uso de sua agilidade, o que contudo

acontece algumas vezes, como se pode julgar pelo exemplo que dá.

"Um marinheiro holandês, desembarcando no Cabo, encarregou, diz ele, um hotentote de o acompanhar à cidade com um rolo de tabaco de cerca de vinte libras. Quando os dois estavam a alguma distância da multidão, o **hotentote** perguntou ao marinheiro se ele sabia correr. 'Correr? – responde o holandês, – sim, e muito bem'. – 'Vejamos', respondeu o africano, e, fugindo, com o tabaco, desapareceu quase imediatamente. O marinheiro, confundido com essa maravilhosa rapidez, nem pensou em segui-lo, e nunca mais viu o tabaco nem o seu portador.

Têm eles a vista tão pronta e a mão tão certa que os europeus nem se aproximam. A cem passos, acertam, com uma pedrada, em um alvo do tamanho de meio soldo. E o que há de mais espantoso é que, em vez de fixar como nós os olhos no alvo, fazem movimentos e contorções contínuas. Parece que sua pedra é arremessada por uma mão invisível."

O padre Du Tertre diz, sobre os selvagens das Antilhas, mais ou menos as mesmas coisas que se acabam de ler sobre os hotentotes do Cabo da Boa Esperança. Exalta, sobretudo, a sua precisão em atirar com suas flechas em

pássaros voando e em peixes na água, que agarram, em seguida, mergulhando. Os selvagens da América setentrional não são menos célebres pela força e destreza, e eis um exemplo que poderá servir para avaliar a dos índios da América meridional. ([32])

Entre os homens que conhecemos, ou por nós mesmos, ou pelos historiadores, ou pelos viajantes, uns são negros, outros brancos, outros vermelhos; uns têm cabelos longos, outros apenas uma lã frisada; uns são quase completamente peludos, outros nem mesmo têm barba. Houve, e há ainda, talvez, nações de homens de altura gigantesca; e, pondo à parte a fábula dos pigmeus, que bem podem não passar de exagero, sabe-se que os lapões, e principalmente os groenlandeses, estão muito abaixo do talhe do médio dos homens. Pretende-se mesmo que há povos inteiros com caudas, como os quadrúpedes. E, sem acreditar cegamente nas narrativas de Heródoto e de Ctésias, pode-se pelo menos deduzir a opinião muito de que, se se tivessem podido fazer boas observações nos tempos em que os diversos povos seguiram maneiras de viver diferentes entre si do que hoje, ter-se-iam também notado, no rosto e na compleição do corpo, variedades muito mais impressionantes. **Todos esses fatos, de que é fácil fornecer provas incontestáveis, só podem surpreender**

os que estão acostumados a olhar somente os objetos que os rodeiam, ignorando os poderosos efeitos da diversidade dos climas, do ar, dos elementos, da maneira de viver, dos hábitos em geral, e principalmente a força espantosa das mesmas causas, quando atuam continuamente sobre longas séries de gerações. Hoje, que o comércio, as viagens e as conquistas reúnem mais os diversos povos, e que suas maneiras de viver se aproximam sem cessar pela frequente comunicação, percebe-se que certas diferenças nacionais diminuíram; e, por exemplo, cada qual pode observar que os franceses de hoje não são mais aqueles grandes corpos brancos e louros descritos pelos historiadores latinos, embora o tempo, com a fusão dos francos e normandos, brancos e louros, também devesse restabelecer o que a frequentação dos romanos tivesse podido tirar à influência do clima, na constituição natural e cor dos habitantes. Todas essas observações, sobre as variedades que milhares de causas podem produzir e efetivamente produziram na espécie humana, **me fazem duvidar se diversos animais semelhantes aos homens, que os viajantes sem mais exame tomaram como animais, ou por causa de algumas diferenças que haviam notado na conformação exterior, ou somente porque esses animais não falavam, não seriam de**

fato verdadeiros homens selvagens, cuja raça, dispersa remotamente nos bosques, não tivera ocasião de desenvolver nenhuma de suas faculdades virtuais, nem adquirira nenhum grau de perfeição, achando-se ainda no estado primitivo de natureza. Demos um exemplo do que quero dizer.

"Encontra-se, diz o tradutor da *Histórias das Viagens*, no (*sic*) veem-se duas espécies de monstros, sendo os maiores chamados *orangotangos* nas Índias orientais **que constituem como que o meio termo entre a espécie humana e os babuínos**". Battel conta que, nas florestas de Maiomba no reino de Loango, veem-se duas espécies de monstros sendo os maiores chamados *pongos* e os outros *enjocos*. Os primeiros assemelham-se exatamente ao homem, mas são muito mais corpulentos e de talhe muito alto. Com rosto humano, têm olhos muito fundos. As mãos, faces e orelhas não têm pelo, à exceção das sobrancelhas, que a têm muito longas. Embora tenham o resto do corpo muito peludo, o pelo não é muito espesso, e sua cor é castanha. Enfim, a única parte que os distingue dos homens é a perna, que não tem barriga. Andam direitos, segurando com a mão o pelo do pescoço; seu esconderijo é nos bosques; dormem acima das árvores e fazem para si uma espécie de teto que os resguarda da chuva. Alimentam-se de frutas e nozes silvestres.

Jamais comem carne. Os negros que atravessam as florestas costumam acender fogos durante a noite; notam que de manhã, quando partem, os pongos tomam-lhes o lugar em torno do fogo, só se retirando quando o fogo se extingue; porque, embora tenham muita habilidade, não têm bastante senso para o entreter pondo nele a lenha.

"Andam algumas vezes em rebanho, e matam os negros que atravessam as florestas. Atacam até os elefantes que vão pastar nos lugares por eles habitados, e os maltratam tanto com murros e pauladas que os forçam a fugir soltando gritos. Jamais se pegam pongos vivos, porque são tão robustos que dez homens não seriam bastantes para os segurar; mas, os negros apanham muitos dos mais novos, depois de matar-lhes a mãe, ao corpo da qual o menorzinho se agarra fortemente. Quando um desses animais morre, os outros lhe cobrem o corpo com uma porção dos ramos e folhagens". Purchass acrescenta que, conversando com Battel, dele soubera que um pongo lhe roubara um negrinho, o qual passou um mês inteiro na sociedade desses animais; porque não fazem nenhum mal aos homens que surpreendem, pelo menos quando estes não os olham, como o negrinho observou. Battel não descreveu a segunda espécie de monstros.

"Drapper confirma que o reino do Congo está cheio desses animais conhecidos nas

Índias pelo nome de orangotangos, isto é, habitantes dos bosques, o que os africanos chamam de *quojas morros*. Esse animal, diz ele, **é tão semelhante ao homem que alguns viajantes se convenceram de que poderia ser filho de uma mulher e de um macaco**: quimera que os próprios negros rejeitam. Um desses animais foi transportado do Congo para a Holanda e apresentado ao príncipe de Orange, Frederico Henrique. Era da altura de **uma criança de três anos**, de gordura medíocre, mas quadrado e bem proporcionado, muito ágil e muito vivo, as pernas carnudas e robustas, **toda a frente do corpo sem pelos, mas com as costas cobertas de pelos negros**. A primeira vista, seu rosto assemelhava-se ao de um homem, mas tinha o nariz chato e recurvado; as orelhas eram também as da espécie humana; o seio, pois era uma fêmea, era carnudo, o umbigo profundo, os ombros bem juntos, as mãos divididas em dedos e com polegar, a barriga da perna e os calcanhares gordos e carnudos. Caminhava, muitas vezes, direito, sobre as pernas, e era capaz de levantar e carregar fardos muito pesados. Quando queria beber, pegava com uma das mãos a tampa do vaso e com a outra o fundo, e em seguida enxugava graciosamente os lábios. Para dormir, deitava a cabeça em um travesseiro cobrindo-se tão bem que podia ser tomado por um homem no leito. Os negros contam

estranhas histórias desse animal; asseguram não somente que ele força as mulheres e as raparigas, mas que ousa atacar homens armados. Em uma palavra, há muita aparência de que seja o sátiro dos antigos. Merolla só fala talvez desses animais quando conta que os negros, nas suas caçadas, pegam algumas vezes homens e mulheres selvagens". No terceiro tomo da mesma História das Viagens, fala-se ainda dessa espécie de animais antropomorfos, sob o nome de *beggos* e *mandrillis* mas, atendo-nos às narrativas precedentes, encontram-se, na descrição desses pretensos monstros, conformidades impressionantes com a espécie humana e diferenças menores do que as que se poderiam assinalar de homem para homem. Não se veem, nessas passagens, as razões nas quais os autores se fundam para recusar aos animais em questão o nome de homens selvagens; mas, é fácil conjecturar que é por serem estúpidos e por não falarem; são razões fracas para os que sabem que, embora o órgão da palavra seja natural ao homem, a própria palavra não lhe é contudo natural, e para os que sabem até que ponto sua perfectibilidade pode ter elevado o homem civilizado acima do seu estado original. O pequeno número de linhas que contêm essas descrições nos pode fazer julgar como esses animais foram mal observados e com que preconceitos foram vistos. Por exemplo, são qualificados de

monstros, e entretanto concorda-se que reproduzem. Em um lugar, Battel diz que os pongos matam os negros que atravessam as florestas; em outro, Purchass acrescenta que não fazem nenhum mal, mesmo quando os surpreendem pelo menos quando os negros não se ponham a olhá-los. Os pongos reúnem-se em torno de fogos acesos pelos negros quando estes se retiram, e se retiram por sua vez quando o fogo se extingue; eis aí o fato; e agora, eis o comentário do observador: porque têm muita habilidade; mas não têm bastante senso para o entreter pondo nele a lenha. Eu desejaria adivinhar como Battel, ou Purchass, seu compilador, pode saber que a retirada dos pongos era um efeito de sua estupidez e não de sua vontade. Em um clima como o de Loango, o fogo não é coisa muito necessária aos animais; e, se os negros o acendem, é menos contra o frio do que para espantar os animais ferozes: é, pois, muito simples que, depois de se divertirem um pouco com as chamas, ou de se aquecerem, os pongos se aborreçam de ficar sempre no mesmo lugar e saiam para pastar, o que exige mais tempo do que se comessem carne. Aliás, sabe-se que a maior parte dos animais, sem excetuar o homem, são naturalmente preguiçosos e se recusam a toda sorte de cuidados que não sejam de absoluta necessidade. Enfim, parece muito estranho que os pongos, cuja habilidade e força se exaltam, os pongos, que sabem enterrar os

mortos e fazer tetos de ramagens, não saibam pôr lenha no fogo. Lembro-me de ter visto um macaco fazer essa mesma manobra que se pretende que os pongos não possam fazer; é verdade que, não se tendo minhas ideias voltado para esse lado, cometo também a falta que censuro nos viajantes e me descuidei de examinar se a intenção do macaco era com efeito entreter o fogo, ou simplesmente, como creio, imitar a ação do homem. Seja como for, está bem demonstrado que o macaco não é uma variedade do homem, não somente porque é privado da faculdade de falar, mas principalmente porque é certo que sua espécie não tem a de se aperfeiçoar, que é o caráter específico da espécie do homem; essas experiências parecem não ter sido feitas sobre o pongo e o orangotango com bastante cuidado para se poder tirar a mesma conclusão. Haveria, contudo, um meio pelo qual, se o orangotango ou outros fossem da espécie humana, os observadores mais grosseiros poderiam certificar-se disso, mesmo com demonstração; mas, além de que uma só geração não bastaria para essa experiência, ela deve passar por impraticável, porque seria preciso que aquilo que é apenas uma suposição fosse demonstrado como verdadeiro, antes que a prova que deveria constatar o fato pudesse ser tentada inocentemente.

Os julgamentos precipitados, que não são

o fruto de uma razão esclarecida, estão sujeitos a cair no exagero. Nossos viajantes fazem, sem cerimônia, animais sob o nome de *pongos*, *mandrillis*, *orangotangos*, desses mesmos seres dos quais, sob o nome de *sátiros*, *faunos*, *silvanos*, os antigos faziam divindades. É possível que, depois de muitas pesquisas, se descubra que não são nem animais nem deuses, mas homens. Enquanto se espera, parece-me haver tanta razão em recorrer a Merolla, religioso letrado, testemunha ocular, e que, com toda a sua ingenuidade, não deixava de ser homem de espírito, como ao negociante Battel, a Drapper, a Purchass e outros compiladores. ([33]) (itálico do original)

[...] Excetuadas essas narrativas, não conhecemos os povos das Índias orientais, frequentados unicamente por europeus mais curiosos de encher as suas boinas do que cabeças. **A África inteira e os seus numerosos habitantes, tão singulares pelo caráter como pela cor, estão ainda por examinar; toda a terra está coberta de nações das quais só conhecemos os nomes, e nos metemos a julgar o gênero Humano!** Suponhamos um Montesquieu, um Buffon, um Diderot, um Duclos, um d'Alembert, um Condiflac ou homens dessa têmpera viajando para instruir seus compatriotas, observando e descrevendo, como sabem fazer, a Turquia, o Egito, a Barbaria, o império de Marrocos, a

> Guiné, – o país dos cafres, o interior da África e suas costas orientais, o malabares, a Mongólia, as margens do Ganges, os reinos do Sião, de Pegú, e de Ava, a China, a Tartária e, principalmente, o Japão; depois, no outro hemisfério, o México, o Peru, o Chile, as terras magelânicas, sem esquecer os patagões verdadeiros ou falsos, o Tucumã, o Paraguai, **se possível, o Brasil**; **enfim**, os caraíbas, a Flórida, e **todas as regiões selvagens** (seria a mais importante de todas as viagens, e a que deveria ser feita com mais cuidado). Suponhamos que esses novos Hércules, de volta dessas carreiras memoráveis, terminassem em seguida, com vagar, a história natural, moral e política do que tivessem visto; veríamos sair um novo mundo de baixo de sua pena, e aprenderíamos assim a conhecer o nosso. Repito que, quando semelhantes observadores afirmassem que tal animal é um homem e um outro uma besta, seria preciso crer; mas, seria grande ingenuidade proceder do mesmo modo com viajantes grosseiros, sobre os quais se é tentado, às vezes, a colocar a mesma questão que eles se metem a resolver sobre outros animais. ([34])

Temos aí um quadro dos “conhecimentos” da época, embora saibamos que este livro de Rousseau

tenha sido publicado em 1755, portanto um século e pouco antes de *O Livro dos Espíritos*; mas, como as informações daquele tempo andavam a passos de tartaruga, esse período é pequeno para que se mudasse uma ideia quanto aos povos que viviam em outros países, especialmente sobre os selvagens e hotentotes.

Já que citamos Rousseau, vamos antecipar um ponto que poderia ser colocado no tópico seguinte, mas achamos por bem demonstrar que muito da maneira de ser de Allan Kardec tem a ver com o referido filósofo e escritor suíço. Sabemos que o seu mestre foi Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), que, por sua vez, foi discípulo de Jean-Jacques Rousseau ([35]).

Assim, por tabela, podemos dizer que Allan Kardec também tem ligação com Rousseau. Isto é importante, porquanto estamos demonstrando aos nossos contraditores que as suas insinuações, além de inócuas, são completamente desprovidas de sentido. Transcrevemos de ***Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens***, obra já citada, os seguintes

trechos:

> […] Tenho tido a felicidade de nascer entre vós, como poderia eu meditar sobre a igualdade que a natureza pôs entre os homens e sobre a desigualdade que eles instituíram, […]. ([36])

> […] E como chegará o homem a se ver tal **como o formou a natureza, através de todas essas transformações que a sucessão dos tempos e das coisas teve de produzir na sua constituição original**, e a separar o que está no seu próprio natural do que as circunstâncias e o progresso acrescentaram ou modificaram em seu estado primitivo? Semelhante à estátua de Glauco, que o tempo, o mar e as tempestades tinham desfigurado tanto que se assemelhava menos a um deus do que a um animal feroz, **a alma humana, alterada no seio da sociedade por mil causas sempre renascentes, pela aquisição de uma multidão de reconhecimentos e de erros, pelas mudanças verificadas na constituição dos corpos, e pelo choque contínuo das paixões, mudou por assim dizer de aparência, a ponto de ser quase irreconhecível**, […]. ([37])

> **É fácil ver que é nessas mudanças sucessivas da constituição humana que**

é preciso procurar a primeira origem das diferenças, que distinguem os homens, os quais, de comum acordo, são naturalmente tão iguais entre si quanto o eram os animais de cada espécie antes de diversas causas físicas terem introduzido em alguns as variedades que notamos. Efetivamente **não é concebível que essas primeiras mudanças,** por quaisquer meios que se tenham realizado **tenham alterado, ao mesmo tempo, e da mesma maneira, todos os indivíduos da espécie**; mas, tendo uns se aperfeiçoado ou deteriorado e adquirido diversas qualidades boas ou más, que não eram inerentes à sua natureza, permaneceram os outros mais tempo em seu estado original; e tal foi, **entre os homens, a primeira fonte da desigualdade**, mais fácil de demonstrar assim, em geral, do que assinalar com precisão as suas verdadeiras causas. ([38])

Dessa maneira, não se é obrigado a fazer do homem um filósofo, em lugar de fazer dele um homem; seus deveres para com outrem não lhe são ditados unicamente pelas tardias lições da sabedoria; e, enquanto não resistir ao impulso interior da comiseração, jamais fará mal a outro homem, nem mesmo a nenhum ser sensível, exceto no caso legítimo em que, achando-se a conservação interessada, é obrigado a dar preferência a si mesmo. Por esse meio,

terminam também as antigas disputas sobre a participação dos animais na lei natural; porque é claro que, desprovidos de luz e de liberdade, não podem reconhecer essa lei; mas, unidos de algum modo à nossa natureza pela sensibilidade de que são dotados, julgar-se-á que devem também participar do direito natural e que o homem está obrigado, para com eles a certa espécie de deveres. **Parece, com efeito, que, se sou obrigado a não fazer nenhum mal a meu semelhante, é menos porque ele é um ser racional do que porque é um ser sensível, qualidade que, sendo comum ao animal e ao homem deve ao menos dar a um o direito de não ser maltratado inutilmente pelo outro**.

Esse mesmo estudo do homem original, de suas verdadeiras necessidades e dos princípios fundamentais dos seus deveres, é ainda o único bom meio que pode ser empregado para levantar essas multidões de dificuldades que se apresentam sobre a origem da desigualdade moral, sobre os verdadeiros fundamentos do corpo político, sobre os direitos recíprocos dos seus membros e sobre mil outras questões semelhantes, tão importantes quanto mal esclarecidas.

Considerando a sociedade humana com visão tranquila e desinteressada, ela parece, a princípio, só mostrar a violência dos homens poderosos e a opressão dos fracos:

o espírito se revolta contra a dureza de uns ou é levado a deplorar a cegueira dos outros; e, como nada é menos estável entre os homens do que essas relações exteriores que o acaso produz mais frequentemente do que a sabedoria, e que se chama fraqueza ou poder, riqueza ou pobreza, o que estabelecem os homens parece fundado, à primeira vista, sobre montículos de areia movediça: é só examinando-os de perto, só depois de haver tirado o pó e a areia que rodeiam o edifício, que se percebe a base inabalável sobre a qual foi elevado, e que se aprende a respeitar os seus fundamentos. Ora, **sem o estudo sério do homem, de suas faculdades naturais e dos seus desenvolvimentos sucessivos não se chegará nunca ao ponto de fazer essas distinções e de separar, na atual constituição das coisas, o que fez a vontade divina e o que a arte humana pretendeu fazer**. As pesquisas políticas e morais, às quais dá lugar a importante questão que examino, são, pois, úteis de todas as maneiras, e a história hipotética dos governos é para o homem uma lição instrutiva a todos os respeitos. Considerando o que teríamos sido abandonados a nós mesmos, devemos aprender a abençoar aquele cuja mão benfazeja, corrigindo as nossas instituições e dando-lhes uma situação inabalável, preveniu as desordens que deveriam resultar e fez nascer a nossa felicidade dos

meios que parecia deverem cumular a nossa miséria. ([39])

Concebo na espécie humana duas espécies de desigualdade: uma, que chamo de natural ou física, porque é estabelecida pela natureza, e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e **das qualidades do espírito, ou da alma;** a outra, que se pode chamar de desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção, e que é estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens. Consiste esta nos diferentes privilégios de que gozam alguns com prejuízo dos outros, como ser mais ricos, mais honrados, mais poderosos do que os outros, ou mesmo fazerem-se obedecer por eles. ([40])

Os filósofos que examinaram os fundamentos da sociedade sentiram a necessidade de remontar até ao estado de natureza, mas nenhum deles aí chegou. Uns não vacilaram em supor no homem desse estado a noção do justo e do injusto, sem se inquietar de mostrar que ele devia ter essa noção, nem mesmo que ela lhe fosse útil. Outros falaram do direito natural que cada qual tem de conservar o que lhe pertence, sem explicar o que entendiam por pertencer. Outros, dando primeiro ao mais forte autoridade sobre o mais fraco, fizeram logo

nascer o governo, sem pensar no tempo que se devia ter escoado antes que o sentido das palavras autoridade e governo pudesse existir entre os homens. Enfim, todos, falando sem cessar de necessidade, de avidez, de opressão, de desejos e de orgulho, transportaram ao estado de natureza ideias que tomaram na sociedade: falavam do homem selvagem e pintavam o homem civil. Não ocorreu mesmo ao espírito da maior parte dos nossos duvidar que **o estado de natureza tivesse existido, quando é evidente pela leitura dos livros sagrados, que o primeiro homem, tendo recebido imediatamente de Deus luzes e preceitos, não estava também nesse estado**, e que, acrescentando aos escritos de Moisés a fé que lhes deve toda filosofia cristã, é preciso negar que, mesmo antes do dilúvio, os homens jamais se encontrassem no puro estado de natureza, a menos que, não tenham nele caído de novo por algum acontecimento extraordinário: paradoxo muito embaraçante para ser defendido e absolutamente impossível de ser provado.

Comecemos, pois, por afastar todos os fatos, pois não se ligam à questão. É preciso não considerar as pesquisas, nas quais se pode entrar sobre este assunto, como verdades históricas, mas, somente como raciocínios hipotéticos e condicionais, mais próprios, para esclarecer a natureza das

coisas do que para mostrar a sua verdadeira origem, e semelhantes aos que todos os dias fazem os nossos físicos sobre a formação do mundo. **A religião nos ordena a crer que o próprio Deus, tendo tirado os homens do estado de natureza imediatamente depois da criação, os fez desiguais porque Ele quis que assim o fossem; proíbe-nos, porém, de formar conjecturas, tiradas somente da natureza do homem e dos seres que o rodeiam, sobre o que poderia ter acontecido ao gênero humano se tivesse ficado abandonado a si mesmo**. Eis o que me perguntam e o que me proponho a examinar neste discurso. Como o meu assunto interessa o homem em geral, procurarei uma linguagem que convenha a todas as nações; ou antes, esquecendo o tempo e os lugares, para só pensar nos homens a quem falo, suponho-me no liceu de Atenas, repetindo as lições dos meus mestres, tendo os Platão e os Xenócrates como juízes e o gênero humano como ouvinte.

Oh! Homem, de qualquer região que sejas, quaisquer que sejam as tuas opiniões, escuta: eis a tua história, tal como julguei lê-la, não nos livros dos teus semelhantes, que são mentirosos, mas na natureza, que não mente nunca. Tudo o que partir dela será verdadeiro; de falso só haverá o que eu

acrescentar de meu sem o querer. **Os tempos de que vou falar são bem remotos como estás diferente do que eras!** E, por assim dizer, a vida de tua espécie que te vou descrever segundo as qualidades que recebeste, que tua educação e teus hábitos puderam depravar, mas que não puderam destruir. Há, eu o sinto, uma idade na qual o homem individual desejaria parar: tu procurarás a idade na qual desejarias que a tua espécie parasse. Descontente do teu estado presente pelas razões que anunciam à tua posteridade infeliz maiores descontentamentos ainda, talvez quisesses retrogradar; e esse sentimento deve constituir o elogio dos teus primeiros ancestrais, a crítica dos teus contemporâneos e o espanto dos que tiverem a desgraça de viver depois de ti. ([41])

Por mais importantes que sejam, para bem julgar do estado natural do homem, considerá-lo desde a sua origem e o examinar, por assim dizer, no primeiro embrião da espécie, não seguirei sua organização através dos seus desenvolvimentos sucessivos: não me deterei a rebuscar no sistema animal o que teria podido ser no começo para se tornar enfim o que é. Não examinarei, como o supõe Aristóteles, se suas unhas alongadas não foram primeiro garras aduncas; se não era peludo como um urso; e se, ao andar de quatro patas, (c) o seu olhar dirigido para a

terra e limitado a um horizonte de alguns passos não marcaria ao mesmo tempo o caráter e o limite de suas ideias. Eu só poderia formar sobre isso conjecturas vagas e quase imaginárias. A anatomia comparada fez ainda muito poucos progressos, e as observações dos naturalistas são ainda muito incertas, para que se possa estabelecer sobre tais fundamentos a base de um raciocínio sólido: assim, sem recorrer aos conhecimentos sobrenaturais que temos sobre esse ponto, e sem considerar as mudanças que deveriam sobrevir na conformação tanto interior como exterior do homem, à medida que ele aplicava seus membros em novos misteres e que se nutria de novos alimentos, hei de supô-lo sempre tal como o vejo hoje, andando com dois pés, servindo-se de suas mãos como fazemos com as nossas, dirigindo o olhar para toda a natureza e medindo com os olhos a vasta extensão do céu. ([42])

Acostumados desde a infância às intempéries do ar e ao rigor das estações, exercitados no trabalho e forçados a defender, nus e sem armas, a sua vida e a sua presa contra os outros animais ferozes, ou a escapar da sua perseguição, **os homens adquirem um temperamento robusto e quase inalterável:** os filhos, trazendo ao mundo a excelente constituição dos pais e fortificando-a com os mesmos exercícios que a produziram, adquirem

assim todo o vigor de que a espécie humana é capaz. **A natureza faz precisamente com eles** o que a lei de Esparta fazia com os filhos dos cidadãos: **torna forte e robustos os que são bem constituídos e faz morrer todos os outros,** divergindo nisso das nossas sociedades, em que o Estado, tornando os filhos onerosos aos pais, os mata indistintamente antes do nascimento.

Sendo o corpo do homem selvagem o único instrumento que conhece, emprega-o em diversos usos, para os quais, por falta de exercício, os nossos são incapazes; e é nossa indústria que nos tira a força e a agilidade que a necessidade o obriga a adquirir. Se tivesse um machado, seu pulso quebraria tão fortes galhos? Se tivesse uma funda, lançaria com a mão uma pedra com tanta força? Se tivesse uma escada, treparia tão ligeiro em uma árvore? Se tivesse um cavalo, seria tão rápido na carreira? Deixai ao homem civilizado tempo para reunir todas essas máquinas em torno de si, e não se pode duvidar que ultrapasse facilmente o homem selvagem mas quereis ver um combate ainda mais desigual, ponde-os nus e desarmados um diante do outro, e reconhecereis logo, qual é a vantagem de ter sempre todas as suas forças à disposição, de estar sempre pronto para toda eventualidade e de se trazer sempre, por assim dizer, tudo consigo (f).

Hobbes pretende que o homem é naturalmente intrépido e não procura senão atacar e combater. Um filósofo ilustre pensa, ao contrário, e Cumberland e Pufendorf também o afirmam, que nada é tão tímido como o homem em estado de natureza, sempre trêmulo e prestes a fugir ao menor ruído que o impressione, ao menor movimento que perceba. Pode ser assim em relação aos objetos que não conhece; e não duvido que ele não se impressione com todos os novos espetáculos que se lhe ofereçam, todas as vezes que não pode distinguir o bem do mal físicos que deve esperar, nem comparar suas forças com os perigos que deve correr, circunstâncias raras no estado de natureza, em que todas as coisas marcham de maneira tão uniforme, e em que a face da terra não está sujeita a essas mudanças bruscas e contínuas que causam as paixões e a inconstância dos povos reunidos. Mas, **o homem selvagem**, vivendo disperso entre os animais e encontrando-se desde cedo na contingência de se medir com eles, estabelece logo a comparação; é sentindo que os supera mais em agilidade do que eles o superam em força, aprende a não os temer. Ponde um urso ou um lobo em luta com **um selvagem robusto, ágil, corajoso, como são todos**, armado de pedras e de um pau, e vereis que o perigo será pelo menos recíproco e que, depois de muitas experiências semelhantes, os

animais ferozes, que não gostam de se atacar entre si, atacarão de má vontade o homem, no qual encontraram tanta ferocidade como em si mesmos. Quanto aos animais que têm realmente mais força do que o homem agilidade, ele está, em relação a eles, no caso das outras espécies mais fracas, que não deixam de subsistir; com a vantagem, para o homem, de que, não menos disposto a correr do que eles e encontrando nas árvores um refúgio quase seguro por toda parte, pode ele optar entre aceitar ou abandonar a luta, tendo a escolha da fuga ou do combate. Acrescentemos que não parece que, naturalmente, algum animal faça guerra ao homem fora do caso da sua própria defesa ou de fome extrema, nem testemunhe contra ele essas violentas antipatias que parece anunciarem que uma espécie está destinada pela natureza a servir de pasto à outra.

Eis sem dúvida, as razões por que os negros e os selvagens fazem tão pouco caso dos animais ferozes que o podem encontrar nas selvas. Os caraíbas, da Venezuela, vivem, entre outros, a esse respeito, na mais profunda segurança e sem o menor inconveniente. Embora quase nus, diz François Corréal, não deixam de se expor com ousadia nos bosques, armados somente de flecha e arco; mas nunca se ouviu dizer que algum deles fosse devorado pelas feras. ([43])

Tenhamos, pois, cuidado em não confundir o homem selvagem com os homens que temos sob os olhos. A natureza trata todos os animais abandonados aos seus cuidados com uma predileção que parece mostrar quanto é ciosa desse direito. O cavalo, o gato, o touro, o próprio burro, têm, em geral, um talhe mais alto, todos uma constituição mais robusta, mais vigor, força e coragem nas florestas do que nas nossas casas: perdem a metade dessas vantagens ao se tornarem domésticos, e dir-se-ia que todos os nossos cuidados em tratar bem e nutrir esses animais só conseguem abastardá-los. O mesmo acontece com o homem: tornando-se sociável e escravo, torna-se fraco, medroso, submisso; e sua maneira de viver mole e efeminada acaba de debilitar, ao mesmo tempo, a sua força e a coragem. Acrescentemos que, entre as condições selvagem e doméstica, a diferença de homem para homem deve ser maior ainda que de animal para animal: porque, tendo o animal e o homem sido tratados igualmente pela natureza, todas as comodidades que o homem se proporciona mais do que aos animais por ele amansados são outras tantas causas particulares que o fazem degenerar mais sensivelmente.

Assim, não constituem tão grande desgraça para **esses primeiros homens,** nem principalmente tão grande obstáculo à

sua conservação, a nudez, a falta de habitação e a privação de todas essas inutilidades que julgamos tão necessárias. **Se não têm a pele cabeluda, disso não têm nenhuma necessidade nos países quentes; e sabem logo apropriar-se, nos países frios; das peles dos animais por eles subjugados:** se têm somente dois pés para correr, possuem dois braços para prover à sua defesa e às suas necessidades. Seus filhos andam, talvez, tarde e com dificuldade, mas suas mães os conduzem com facilidade; vantagem que falta às outras espécies, nas quais a mãe, sendo perseguida, se vê constrangida a abandonar os filhos ou a regular seus passos pelos deles. Enfim, a menos que se suponham os concursos singulares e fortuitos de circunstâncias de que falarei em seguida, e que poderiam muito bem não ocorrer nunca, é claro, em todo estado de causa, que o primeiro que fez roupas ou uma habitação criou para si coisas desnecessárias, pois que passara sem isso até então, não se vendo a razão pela qual, já homem feito, não poderia suportar um gênero de vida que suportava desde a infância.

Só, ocioso, e sempre vizinho do perigo, **o homem selvagem** deve gostar de dormir, e ter o sono leve, como os animais, que, pensando pouco, dormem, por assim dizer, durante todo o tempo que não pensam. **Constituindo a própria conservação**

quase, o seu único cuidado, as suas faculdades mais exercitadas devem ser as que têm por objeto principal o ataque e a defesa, seja para subjugar a presa, seja para se preservarem de ser a de outro animal; ao contrário, os órgãos que não se aperfeiçoam senão pela moleza e a sensualidade **devem ficar em um estado de grosseria que exclui em si toda espécie de delicadeza** e como os sentidos participam disso, tato e o gosto extremamente rudes, a vista, o ouvido e o olfato mais sensíveis. **Tal é o estado animal em geral, e é também, segundo as narrativas dos viajantes, o estado da maior parte dos povos selvagens**. Assim, não é de admirar que os hotentotes do Cabo da Boa Esperança descubram a olho nu navios em alto-mar de tão longe quanto os holandeses com binóculos; nem que os selvagens da América sintam os espanhóis na sua pista como o sentiriam os melhores cães; nem que todas essas nações bárbaras suportem facilmente a nudez, agucem seu gosto à força de pimenta e bebam licores europeus como água. Até aqui, só considerei o homem físico; tratemos de o examinar agora pelo lado metafísico e moral. ([44])

Todo animal tem ideias, pois tem sentidos; combina mesmo as ideias até certo ponto: e, sob esse aspecto, o homem só difere do animal do mais ao menos; alguns filósofos chegaram a

avançar que há mais diferença entre um homem e outro do que entre um homem e um animal. Não é, pois, tanto o entendimento que estabelece entre os animais a distinção específica do homem como sua qualidade de agente livre. A natureza manda em todo animal, e a besta obedece. O homem experimenta a mesma impressão, mas se reconhece livre de aquiescer ou de resistir; e é sobretudo, na consciência dessa liberdade que se mostra a espiritualidade de sua alma; porque física explica de certa maneira o mecanismo dos sentidos e a formação das ideias; mas, no poder de querer, ou melhor, de escolher, e no sentimento desse poder, só se encontram atos puramente espirituais, dos quais nada se pode explicar pelas leis da mecânica.

Mas, quando as dificuldades que envolvem todas essas questões deixassem algum motivo de discutir sobre essa diferença do homem e do animal, há uma outra qualidade muito específica que os distingue, sobre a qual não pode haver contestação: **é a faculdade de aperfeiçoar, a qual, com o auxílio das circunstâncias, desenvolve sucessivamente todas as outras e reside, entre nós, tanto na espécie como no indivíduo**, ao passo que um animal é, no fim de alguns meses, o que será toda a vida, e sua espécie, ao cabo de

mil anos, o que era no primeiro desses mil anos. **Porque só o homem está sujeito a se tornar imbecil**? Não será porque **volta assim ao seu estado primitivo** e, enquanto o animal que nada adquiriu e nada tão pouco tem que perder, fica sempre com o seu instinto, ele, perdendo de novo, com a velhice ou outros acidentes, **tudo o que sua *perfectibilidade* lhe fizera adquirir torna a cair assim mais baixo** do que a própria besta? Tristes de nós se fôssemos forçados a convir que essa faculdade distintiva e quase ilimitada é a fonte de todas as desgraças do homem; que é ela que o tira à força de tempo dessa condição originária na qual ele passaria dias tranquilos e inocentes: que é ela que, fazendo desabrochar com os séculos suas luzes e seus erros, seus vícios e suas virtudes o torna, com o tempo, o tirano de si mesmo e da natureza(j). Seria horrível ser obrigado a louvar como um ser benfeitor aquele que primeiro sugeriu ao habitante das margens do Orenoco o uso dessas tábuas que ele adapta às fontes de seus filhos e que lhes asseguram pelo menos uma parte de sua imbecilidade e de sua felicidade original.

O homem selvagem, entregue pela natureza exclusivamente ao seu instinto, ou antes, indenizado do que talvez lhe falte por faculdades capazes, primeiro, de o suprir, e, em seguida, de

o elevar muito acima dela, começará, pois, pelas funções puramente animais(j). Perceber e sentir será seu primeiro estado, que lhe será comum com todos os animais; querer e não querer, desejar e temer, serão as primeiras e quase únicas operações de sua alma, até que novas circunstâncias lhe causem novos desenvolvimentos.

Mau grado o que dizem os moralistas, o entendimento humano deve muito às paixões, que, de comum acordo, também lhe devem muito: é pela sua atividade que **a nossa razão se aperfeiçoa** só procuramos conhecer porque desejamos gozar; e não é possível conceber porque aquele que não tivesse desejos nem temores se desse ao trabalho de raciocinar. As paixões, por sua vez, se originam das nossas necessidades, e o seu progresso dos nossos conhecimentos; porque só podemos desejar ou temer coisas segundo as ideias que temos delas, ou pelo simples impulso da natureza; **e o homem selvagem, privado de toda sorte de luzes, só experimenta as paixões dessa última espécie; seus desejos não passam pelas suas necessidades físicas; (k) os únicos bens que conhece no universo são a sua nutrição, uma fêmea e o repouso; os únicos males que teme são a dor e a fome**. Digo a dor, e não a morte; porque jamais o animal saberá o que é morrer; e o conhecimento da

morte e dos seus terrores foi uma das primeiras aquisições que o homem fez afastando-se da condição animal.

Ser-me-ia fácil, se me fosse necessário, apoiar esse sentimento em fatos, e fazer ver que **em todas as nações do mundo os progressos do espírito são precisamente proporcionais às necessidades que os povos receberam da natureza, ou às quais as circunstâncias os sujeitaram e, por conseguinte, às paixões que os obrigavam a prover às suas necessidades**. Eu mostraria, no Egito, as artes nascendo e se estendendo com o desdobramento do Nilo; seguiria o seu progresso entre os gregos, onde as vimos germinar, crescer e se elevar até aos céus por entre as areias e os rochedos da Ática, sem poder criar raízes nas margens férteis do Eurotas; notaria que, em geral, os povos do Norte são mais industriosos que os do meio-dia; porque podem menos deixar de o ser; como se a natureza, assim, quisesse igualar as coisas dando aos espíritos a fertilidade que recusa à terra.

Mas, sem recorrer aos testemunhos incertos da história, quem não vê que tudo parece afastar do **homem selvagem** a tentação e os meios de cessar de o ser? Sua imaginação nada lhe pinta; seu coração nada lhe pede. **Suas módicas necessidades encontram-se tão**

facilmente à mão, e ele está tão longe do grau de conhecimento necessário para desejar adquirir maiores, que não pode ter nem previdência nem curiosidade O espetáculo da natureza tornar-se-ia indiferente à força de se lhe tornar familiar: é sempre a mesma ordem, são sempre as mesmas revoluções; não tem o espírito de se admirar das maiores maravilhas; e não é nele que se deve procurar a filosofia de que o homem tem necessidade para saber observar, uma vez, o que viu todos os dias. **Sua alma, que coisa alguma agita entrega-se ao sentimento único de sua existência atual sem nenhuma ideia do futuro, por mais próximo que possa estar; e seus projetos limitados como suas vistas, estende-se apenas até o fim do dia. Tal é, ainda hoje, o grau de previdência do caraíba**: vende de manhã sua cama de algodão, e vem chorar, à noite, para comprá-la novamente, por não ter previsto que precisaria dela na noite próxima. ([45]) (itálico do original)

Quando quiséssemos supor um homem selvagem tão hábil na arte de pensar quanto no-lo fazem os nossos filósofos; quando fizéssemos dele, a seu exemplo, também um filósofo, descobrindo sozinho as mais sublimes verdades, deduzindo de raciocínios muito abstratos máximas de justiça e de razão tiradas do amor da ordem em geral,

ou da vontade conhecida do seu Criador; em uma palavra, quando supuséssemos no seu espírito tanta inteligência e luzes quanto ele deve ter e de fato nele achamos de pesado e de estúpido, que utilidade tiraria a espécie de toda essa metafísica, que não poderia se comunicar e que pereceria com o indivíduo que a tivesse inventado? **Que progresso poderia fazer o gênero humano esparso nas florestas entre os animais?** E até que ponto poderiam aperfeiçoar-se e esclarecer-se mutuamente homens que, não tendo domicílio fixo, nem nenhuma necessidade um do outro, se encontrariam, talvez, apenas duas vezes na vida, sem se conhecerem e sem se falarem? ([46])

Quaisquer que sejam essas origens, vê-se, pelo menos, no pouco de cuidado que tomou a natureza de aproximar os homens por necessidades mútuas e de lhes facilitar o uso da palavra, como preparou pouco a sua sociabilidade, e como pôs pouco de seu em tudo que eles fizeram para estabelecer esses limites. Efetivamente, é impossível imaginar porque, nesse estado primitivo um homem teria mais necessidade de outro homem do que um macaco ou um lobo do seu semelhante; e, supondo essa necessidade, que motivo poderia levar o outro a provê-la; ou, nesse último caso, de que modo poderiam convir entre eles as condições. Sei que nos repetem sem cessar que nada foi tão miserável como o homem

nesse estado; e, se é verdade, como creio haver provado, que só depois de muitos séculos pode ele ter o desejo e a ocasião de sair dele, isso seria um processo que fazer à natureza e não àquele que ela assim tivesse constituído. Mas, se entendo bem o termo miserável, trata-se de uma palavra que não tem nenhum sentido, ou que significa apenas uma provação dolorosa, o sofrimento do corpo ou da alma: ora, eu só desejaria que me explicassem qual pode ser o gênero de miséria de um ser livre cujo coração está em paz e o corpo com saúde. Pergunto qual, a vida civil ou a natural, está mais sujeita a se tornar insuportável para os que a gozam? Em torno de nós, quase que só vemos pessoas que se lastimam de sua existência, e muitas mesmo que se privam dela tanto quanto o podem; e a reunião das leis divina e humana mal basta para deter essa desordem. Pergunto se jamais se ouviu dizer que um selvagem em liberdade tenha somente pensado em se lastimar da vida e em se suicidar. Que se julgue, pois, com menos orgulho, de que lado está a verdadeira miséria. Ninguém, ao contrário, foi mais miserável do que o **homem selvagem** deslumbrado pelas luzes, atormentado pelas paixões, e raciocinando sobre um estado diferente do seu. Foi por uma providência muito sábia **que as faculdades que ele tinha em potência só deviam desenvolver-se com as ocasiões de as exercer**, a fim de que não

lhe fossem nem supérfluas e cometidas antes do tempo, nem tardias e inúteis às suas necessidades. **Só no instinto tinha ele tudo o de que necessitava para viver em estado de natureza; em uma razão cultivada, tem apenas o que lhe é preciso para viver em sociedade**.

Parece, à primeira vista, que os homens nesse estado não tendo entre si nenhuma espécie de relação moral nem de deveres conhecidos, não podiam ser bons nem maus nem tinham vícios nem virtudes, a menos que, tomando essas palavras em um sentido físico, se chamem vícios, no indivíduo, as qualidades que podem prejudicar a sua própria conservação, e virtudes as que podem contribuir para essa conservação. Nesse caso, seria preciso chamar de mais virtuoso aquele que menos resistisse aos simples impulsos da natureza. Mas, sem nos desviarmos do sentido comum, vem a propósito suspender o juízo que poderíamos fazer de tal situação e desconfiar dos nossos preconceitos até que, balança na mão, se tenha examinado se há mais virtudes do que vícios entre os homens civilizados ou se suas virtudes são mais vantajosas do que os seus vícios funestos, ou se o progresso dos seus conhecimentos é uma compensação suficiente dos males que se fazem mutuamente à medida que se instruem sobre o bem que se deveriam fazer ou se não estariam, afinal de contas, em uma

situação mais feliz não tendo nem mal que temer nem bem que esperar de ninguém do que estando submetidos a uma dependência universal e obrigados a tudo receber daqueles que não se obrigam a lhes dar coisa alguma. ([47])

É, pois, bem certo que a piedade é um sentimento natural que, moderando em cada indivíduo a atividade do amor de si mesmo, concorre para a conservação mútua de toda a espécie. É ela que nos leva sem reflexão em socorro daqueles que vemos sofrer; é ela que, no estado de natureza, faz as vezes de lei, de costume e de virtude, com a vantagem de que ninguém é tentado a desobedecer à sua doce voz; é ela que impede todo selvagem robusto de arrebatar a uma criança fraca ou a um velho enfermo sua subsistência adquirida com sacrifício, se ele mesmo espera poder encontrar a sua alhures; é ela que, em vez desta máxima sublime de justiça raciocinada: ***Faze a outrem o que queres que te façam***, inspira a todos os homens esta outra máxima de bondade natural, bem menos perfeita, porém mais útil, talvez, do que a precedente: Faze o teu bem com o menor mal possível a outrem. Em uma palavra, é nesse sentimento natural, mais do que em argumentos sutis, que é preciso buscar a causa da repugnância que todo homem experimentaria em fazer mal, mesmo independentemente das máximas da

educação. Embora possa competir a Sócrates e aos espíritos da sua têmpera adquirir a virtude pela razão, há muito tempo que o gênero humano não mais existiria se a sua conservação tivesse dependido exclusivamente dos raciocínios dos que o compõem. ([48]) (itálico do original)

Concluamos, que errando nas florestas, sem indústria, sem palavra, sem domicílio, sem guerra e sem ligação, sem nenhuma necessidade dos seus semelhantes, assim como sem nenhum desejo de os prejudicar, talvez mesmo sem jamais se reconhecerem individualmente, o homem selvagem, sujeito a poucas paixões e bastando-se a si mesmo, tinha somente os sentimentos e as luzes próprias desse estado; que não sentia senão as suas verdadeiras necessidades, não olhava senão o que acreditava ter interesse de ver; e que sua **inteligência não fazia mais progressos do que a sua vaidade**. Se, por acaso, fazia alguma descoberta, podia tanto menos comunicá-la do que nem mesmo reconhecia seus filhos. A arte perecia com o inventor. Não havia educação nem progresso; as gerações se multiplicavam inutilmente; e, partindo cada uma sempre do mesmo ponto, os séculos se escoavam em toda a **grosseria das primeiras idades**; a espécie já estava velha, e o homem conservava-se sempre criança. ([49])

Depois de haver provado que a desigualdade é apenas sensível no estado de natureza, sendo a sua influência quase nula, resta-me mostrar sua origem e seus progressos nos **desenvolvimentos sucessivos do espírito humano**. **Depois de haver mostrado que a perfectibilidade, as virtudes sociais e as outras faculdades que o homem natural recebera em potencial, jamais podiam desenvolver-se por si mesmas,** que para isso tinham necessidade do concurso fortuito de muitas causas estranhas, que poderiam não nascer nunca, e sem as quais é preciso ficar eternamente na sua condição primitiva, resta-me considerar e aproximar os diversos acasos que puderam aperfeiçoar a razão humana deteriorando a espécie, tomar um ser mau fazendo-o social e, de um termo tão distante, conduzir enfim o homem e o mundo ao ponto em que os vemos. ([50])

O primeiro sentimento do homem foi o de sua existência; o seu primeiro cuidado, o de sua conservação. As produções da terra lhe forneciam todos os socorros necessários; o instinto o levou a fazer uso delas. A fome, outros apetites, fazendo-o experimentar, alternativamente, diversas maneiras de existir, houve uma que o convidou a perpetuar a sua espécie; e esse pendor cego, **desprovido de todo sentimento de coração, não produzia**

senão um ato puramente animal: satisfeita a necessidade, os dois sexos nunca mais se reconheciam o próprio filho nada mais representava para a mãe logo que podia passar sem ela.

Tal foi a condição do homem ao nascer; tal foi a vida de um animal, limitada primeiro às puras sensações e aproveitando apenas os dons que lhe oferecia a natureza, longe de pensar em lhe arrancar alguma coisa. Mas, logo, surgiram dificuldades; foi preciso aprender a vencê-las: a altura das árvores que o impedia de alcançar frutos, a concorrência dos animais que também procuravam nutrir-se, a ferocidade dos que queriam a sua própria vida, tudo o obrigou a aplicar-se aos exercícios do corpo; foi preciso tornar-se ágil, rápido na carreira, vigoroso no combate. As armas naturais, que são os galhos das árvores e as pedras, em breve estavam nas suas mãos. Aprendeu a vencer os obstáculos da natureza, a combater quando necessário os outros animais, a disputar sua subsistência aos próprios homens, ou a se compensar do que era preciso ceder ao mais forte. ([51])

Da extrema desigualdade das condições e das fortunas, da diversidade das paixões e **dos talentos** das artes inúteis, das artes perniciosas, das ciências frívolas, **saíram multidões de preconceitos**

igualmente contrários à razão, à felicidade e à virtude ver-se-ia fomentar pelos chefes tudo o que pode enfraquecer homens reunidos desunindo-os, tudo o que pode dar à sociedade um ar de concórdia aparente e nela semear um germe de divisão real, tudo o que pode inspirar às diferentes ordens uma desconfiança e um ódio mútuo pela oposição dos seus direitos e dos seus interesses, e fortificar, por conseguinte, o poder que os contém a todos. E do seio dessa desordem e dessas revoluções que o despotismo, levantando gradativamente a cabeça hedionda, e devorando tudo o que teria percebido de bom e de são em todas as partes do Estado, conseguiria finalmente calcar aos pés as leis e o povo, e se estabelecer sobre as ruínas da república. Os tempos que precederiam essa última mudança seriam tempos de perturbações e calamidades; mas, por fim, tudo seria engolido pelo monstro, e os povos não teriam mais chefes nem leis, porém tiranos exclusivamente. Desde esse instante, também não se trataria de costumes e virtudes: porquanto por toda parte onde reina, *cui ex honesto nulla est spes*([52]) o despotismo não suporta nenhum outro senhor; desde que ele fala, não há probidade nem dever que consultar, e a mais cega obediência é a única virtude que resta aos escravos. ([53])

Numa abordagem surpreendente, pois leva em conta a alma humana e as modificações que ela produziu no corpo físico, Rousseau vai ao encontro do que se prega no Espiritismo, valendo a pena repetir a sua inferência:

> [...] a alma humana, alterada no seio da sociedade por mil causas sempre renascentes, pela aquisição de uma multidão de reconhecimentos e de erros, pelas mudanças verificadas na constituição dos corpos, e pelo choque contínuo das paixões, mudou por assim dizer de aparência, a ponto de ser quase irreconhecível. ([54])

Além disso, Rousseau defendia que deveríamos ter respeito aos animais, o que é também incentivado na Doutrina Espírita, conforme vimos na resposta à questão 607-a de ***O Livro dos Espíritos*** em relação aos seres inferiores da Criação:

> "[...] Acreditar que Deus haja feito, seja o que for, sem um fim, e criado seres inteligentes sem futuro, fora blasfemar da Sua bondade, que se estende por sobre todas as suas criaturas." ([55])

É Rousseau que vemos falando primeiramente na perfectibilidade do homem, admitindo, portanto, a faculdade humana de se aperfeiçoar. Alegou que "*em todas as nações do mundo os progressos do espírito são precisamente proporcionais às necessidades que os povos receberam da natureza, ou às quais as circunstâncias os sujeitaram e, por conseguinte, às paixões que os obrigavam a prover às suas necessidades*". Então, para Rousseau, o homem sairia do estado selvagem para o civilizado, dentro de critério idêntico.

Allan Kardec falou do mesmo assunto, havendo defendido que todos os homens se tornariam perfeitos, uma vez que os Espíritos, naquilo que são em essência, estão sujeitos à lei de progresso. Contrariamente às ideias então vigentes, ele admitiu essa evolução também para as pessoas negras. É daqui que deveremos tomar o significado para "*homem selvagem*" ou "*primitivo*" e, desse modo, compreender tais expressões, quando o Codificador as estiver usando.

Rousseau disse "*máxima sublime de justiça raciocinada: Faze a outrem o que queres que te*

façam”; interessante é que os Espíritos disseram a Allan Kardec algo bem semelhante: “*O primeiro princípio de justiça é esse: Não façais aos outros o que não gostaríeis que vos fizessem*”, o que prova que não há divergência naquilo que deveria ser a forma de tratar os outros, sejam eles brancos, sejam eles pretos, amarelos, vermelhos ou até mesmo “cores-de-rosa” (caso existam), pois pouco importa qual o colorido da vestimenta de que se serve o Espírito.

No homem primitivo Rousseau via um ser desprovido de todo sentimento de coração, que vivia mais para satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência; portanto, algo a ser burilado com o tempo e na experiência, através das relações sociais, no escoar contínuo da areia na ampulheta.

A escritora Lilia Moritz Schwarcz, professora livre docente no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, dentre vários outros livros, publicou ***O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930***, cujo teor achamos bem oportuno para a demonstração do que ocorria em

nosso País, mesmo depois da morte de Allan Kardec, acontecida em 1869, ficando evidente que aí, nesse período, não houve grandes transformações da questão, pelo menos no que podemos chamar de nosso lado. Interessante que ela cita Rousseau, pessoa de quem acabamos de falar. Vejamos:

> A época das grandes viagens inaugura um momento específico na história ocidental, quando a percepção da diferença entre os homens torna-se tema constante de debate e reflexão; a conquista de terras desconhecidas levava a novas concepções e posturas, já que, se era bom observar, era ainda mais fácil ouvir do que ver. Nas narrativas de viagem, que aliavam fantasia a realidade, esses "novos homens" eram frequentemente descritos como estranhos em seus costumes, diversos em sua natureza (Mielo e Souza, 1986; Holanda, s. d.; Todorov, 1983; Gerbi, 1982).
>
> Pode-se dizer, no entanto, que é no século XVIII que os **"povos, selvagens passam a ser entendidos e caracterizados como primitivos"** (Clastres, 1983:188). **Primitivos porque primeiros, no começo do gênero humano**; os homens americanos transformam-se em objetos privilegiados para a nova percepção que **reduzia a**

humanidade a uma espécie, uma única evolução e uma possível "perfectibilidade".

Conceito-chave na teoria humanista de Rousseau, a "perfectibilidade" resumia – conjuntamente com a "liberdade" de resistir aos ditames da natureza ou acordar neles – **uma especificidade propriamente humana** (1775/1978:243). Longe da concepção que será utilizada pelos evolucionistas no decorrer do século XIX, **a visão humanista discorria, a partir dessa noção, sobre a capacidade singular e inerente a todos os homens de sempre se superarem**. Afirmava o que distingue os homens, a respeito da qual não pode haver contestação – é a faculdade de aperfeiçoar-se". Via de mão dupla, "a perfectibilidade" não supunha, porém, o acesso obrigatório ao "estado de civilização" e à virtude, como supunham os teóricos do século XIX. "Será triste para nós vermo-nos forçados a convir que seja essa faculdade distintiva e quase ilimitada, a fonte de todos os males do homem, que seja ela que, fazendo com que através de séculos desabrochem suas luzes e erros, seus vícios e virtudes, o torna com o tempo o tirano de si mesmo e da natureza" (op. cit.:243). Marca de uma humanidade una, mas diversa em seus caminhos, a "perfectibilidade humana" anunciava para Rousseau os "vícios" da civilização, a origem

da desigualdade entre os homens. ([56])

Duas grandes vertentes aglutinavam os diferentes autores que na época enfrentaram o desafio de pensar a origem do homem. De um lado, **a visão *monogenista*, dominante até meados do século XIX, congregou a maior parte dos pensadores que, conformes às escrituras bíblicas, acreditavam que a humanidade era una**. O homem, segundo essa versão, teria se originado de uma fonte comum, sendo os diferentes tipos humanos apenas um produto "da maior degeneração ou perfeição do Éden" (Quatrefage, 1857 apud Stocking, 1968). Nesse tipo de argumentação vinha embutida, por outro lado, a noção de virtualidade, pois a origem uniforme garantiria um desenvolvimento (mais ou menos) retardado, mas de toda forma semelhante. Pensava-se na humanidade como um gradiente – que iria do mais perfeito (mais próximo do Éden) ao menos perfeito (mediante a degeneração) –, sem pressupor, num primeiro momento, uma noção única de evolução. ([57]) (itálico do original)

Esse mesmo contexto propicia o surgimento de uma interpretação divergente. **A partir de meados do século XIX a hipótese *poligenista*** transforma em uma alternativa plausível, em vista da crescente sofisticação das ciências

biológicas e sobretudo diante da contestação ao dogma monogenista da Igreja. **Partiam esses autores da crença na existência de vários centros de criação, que corresponderiam, por sua vez, às diferenças raciais observadas.**

A versão poligenista permitiria, por outro lado, o fortalecimento de uma interpretação biológica na análise dos comportamentos humanos, que passam a ser crescentemente encarados como resultado imediato de leis biológicas e naturais. **Esse tipo de viés foi encorajado sobretudo pelo nascimento simultâneo da *frenologia* e da *antropometria*, teorias que passavam a interpretar a capacidade humana tomando em conta o tamanho e proporção do cérebro dos diferentes povos.** Simultaneamente, uma nova *craniologia técnica*, que incluía a medição do índice cefálico (desenvolvida pelo antropólogo suíço Andrés Ratzius em meados do século XIX), facilitou o desenvolvimento de estudos quantitativos sobre as variedades do cérebro humano. Recrudescia, portanto, uma linha de análise que cada vez mais se afastava dos modelos humanistas, estabelecendo rígidas correlações entre conhecimento exterior e interior, entre a superfície do corpo e a profundeza de seu espírito. ([58]) (itálico do original)

Sociedades rivais então surgiram, reiterando essa divisão teórica. Esse é o caso da "Sociedade Anthropologica de Paris", fundada em 1859 por Paul Broca, famoso anatomista e craniologista, estudioso da biologia humana e defensor das teorias poligenistas. O postulado de Broca era de que **as diversidades humanas observáveis eram um produto direto das diferenças na estrutura racial.** Para esse cientista, o principal elemento de análise era o crânio, a partir do qual se poderia comprovar a inter-relação entre inferioridade física e mental. O objetivo era, dessa maneira, chegar à reconstrução de "tipos", "raças puras", já que se condenava a hibridação humana, em função de uma suposta esterilidade das "espécies miscigenadas". Broca e seus colegas da "Escola Craniológica Francesa" (como Gall e Topinambor), adeptos da interpretação poligenista, **acreditavam na tese da "imutabilidade das raças"** traçando, inclusive, paralelos entre o exemplo da não-fertilidade da mula e uma possível esterilidade do mulato (Broca, 1864).

[...].

A divisão institucional explicitava, portanto, diversidades fundamentais na definição e compreensão da humanidade. Enquanto as "sociedades antropológicas" pregavam a noção da

“imutabilidade dos tipos humanos” – e no limite das próprias sociedades –, os estabelecimentos “etnológicos” mantinham-se fiéis à hipótese do “aprimoramento evolutivo das raças”. ([59]) ([60])

Questão fundamental, a mistura de raças na versão poligenista apontava para um fenômeno recente. Os mestiços exemplificavam, segundo essa última interpretação, a diferença fundamental entre as raças e personificavam a “degeneração” que poderia advir do cruzamento de “espécies diversas”. Com respeito a essa noção, conviviam, inclusive, argumentos variados. Enquanto Broca defendia a ideia de que o mestiço, à semelhança da mula, não era fértil, teóricos deterministas como Gobineau e Le Bon advogavam interpretações opostas, lastimando a extrema fertilidade dessas populações que herdavam sempre as características mais negativas das raças em cruzamento. **O certo, porém, é que a miscigenação, com a sua novidade, parecia fortalecer a tese poligenista, revelando novos desdobramentos da reflexão. As raças humanas, enquanto “espécies diversas” deveriam ver na hibridação um fenômeno a ser evitado**. ([61])

Em oposição à noção humanista e às

conclusões das escolas etnológicas, partiam os teóricos da raça de **três proposições básicas**, respaldadas nos ensinamentos de uma antropologia de modelo biológico.([62]) A **primeira** tese afirmava a realidade das raças, estabelecendo que **existiria entre as raças humanas a mesma distância encontrada entre o cavalo e o asno**, o que pressupunha também uma condenação ao cruzamento racial. **A segunda** máxima instituía uma continuidade entre caracteres físicos e morais, determinando que **a divisão do mundo entre raças corresponderia a uma divisão entre culturas**. Um **terceiro** aspecto desse mesmo pensamento determinista **aponta para a preponderância do grupo "rácio-cultural" ou étnico no comportamento do sujeito**, conformando-se enquanto uma doutrina de psicologia coletiva, hostil à ideia do arbítrio do indivíduo.

Esse saber sobre as raças implicou, por sua vez, um "ideal político", um diagnóstico sobre a submissão ou mesmo a possível eliminação das raças inferiores, que se converteu em uma espécie de prática avançada do darwinismo social – a eugenia –, cuja meta era intervir na reprodução das populações. O termo "eugenia" – eu: boa; genus: geração – foi criado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton. Galton, na época conhecido por seu trabalho como naturalista e como geógrafo especializado

em estatística, escreveu seu primeiro ensaio na área da hereditariedade humana em 1865, após ter lido *A origem das espécies*. Em 1869 era publicado *Hereditary genius*, até hoje considerado o texto fundador da eugenia. [...]. ([63])

A antiga noção de "perfectibilidade" do século XVIII continua presente no século XIX, mas ganha uma acepção diversa. Nesse caso, implica pensar não em uma qualidade intrínseca ao homem, mas em um atributo próprio das "raças civilizadas" que tendem à civilização Por outro lado, o conceito ganha um sentido único e direcionado, já que parece existir só uma "perfectibilidade" possível, e da outra parte apenas a degeneração.

Outros conceitos são nesse momento redefinidos. Desigualdade e diferença – termos que o senso comum pode tomar como sinônimos – passam a representar posturas e princípios diversos de análise. A noção de desigualdade implicaria a continuidade da concepção humanista de uma unidade humana indivisível, somente marcada por dissimilitudes acidentais e contingentes. As **diversidades** existentes entre os homens seriam apenas transitórias e remediáveis pela ação do tempo ou modificáveis mediante o contato cultural. Já **o conceito de diferença levaria à**

sugestão de que existiriam espécies humanas ontologicamente diversas, as quais não compartilhariam de uma única linha de desenvolvimento. As diferenças observadas na humanidade seriam, portanto, definitivas e irreparáveis, transformando-se a igualdade em um problema ilusório. ([64])

Para **E. Renan** (1823-92) existiriam três grandes raças – branca, negra e amarela – específicas em sua origem e desenvolvimento. Segundo esse autor, os grupos negros, amarelos e miscigenados "seriam povos inferiores não por serem incivilizados, mas por serem incivilizáveis, não perfectíveis e não suscetíveis ao progresso" (Renan, 1872/1961). **Utilizando a noção de "raças não perfectíveis", Renan apoiava o argumento poligenista, tendo como pano de fundo a crítica ao ideal humanista da unidade e ao conceito de "perfectibilidade" em Rousseau.** A radicalidade dessa concepção chegava à própria negação do darwinismo, na medida em que duvidava não só de uma origem comum dos homens, como da possibilidade de se prever um destino conciliável. ([65])

Antropologia e etnologia são disciplinas que assumem importância crescente dentro da *Revista do IHGB*[66], passando inclusive a constituir um campo separado de atuação.

Quanto à questão racial, difunde-se uma postura dúbia, na medida em que um projeto de centralização nacional implicava também pensar naqueles que ficariam excluídos desse processo, ou seja, negros e indígenas.

As posições acerca desses dois grupos não eram, no entanto, idênticas. **Com relação à população negra vigorava uma visão evolucionista mas determinista no que se refere ao "potencial civilizatório dessa raça": "Os negros representam um exemplo de grupo incivilizável", afirmava um artigo publicado em 1891; "As populações negras vivem no estado mais baixo de civilização humana", ponderava um ensaio de 1884.**

Porém, se imperava uma percepção fatalista quanto à integração dos negros, os indígenas provocavam opiniões variadas, tanto que era possível acomodar no interior do IHGB, seja uma perspectiva positiva e evolucionista, seja um discurso religioso católico, seja uma visão romântica, em que o indígena surgia representado enquanto símbolo da identidade nacional. ([67])

Ainda no volume de 1908 era publicado um terceiro artigo que, apesar de não buscar reformular a história nacional – como pretendia Euclides da Cunha – e nem ao menos traçar considerações sobre nossa

conformação racial, apontava, no entanto, para uma grande revisão na historiografia atual. Com o título "A história antes e após Bucle: reflexões sobre o conceito de história", Pedro A. Carneiro Lessa elaborava um vasto panorama da historiografia mundial até chegar ao modelo determinista de história, considerado pelo autor como "o único científico". Segundo esse jurista da escola paulista de direito, a relevância de Buckle estaria em "elevar o importante ramo das investigações históricas ao nível das sciencias que se ocupam da natureza", dando a essa disciplina a certeza de que seus rumos seriam "governados por leis fixas" (RIHGB, 1908:195-285). Lessa introduzia no IHGB as interpretações do famoso historiador inglês autor de *History of the English civilization*, conhecido na época por sua defesa do predomínio dos fatores geográficos sobre a história, e de suas conclusões sobre as deficiências do Brasil e de sua população: "O factor preponderante é a natureza: mil annos de disciplina não modificariam o caracter do negro, ou do chim. Não fariam o primeiro attenuar suas paixões grosseiras e violentas nem o segundo libertar-se da tradição e dos hábitos" (RIHGB, 1908:216). ([68])

A antropologia, enquanto disciplina, recebia tratamento especial – era por meio desta ciência, assim como da arqueologia, que se buscava determinar a existência de

uma “raça pernambucana”:

> Á varios viajantes parecia que Pernambuco já fora occupada por uma nação mais adiantada em civilização do que todas as outras localidades do Brasil. Que maravilha causaria se avançassemos que esta América já tão desfigurada já houvera tempo em que, como agora celebraram-se feitos heróicos (RIAGp, 1898:172).

Mas nem todos os artigos de antropologia limitavam-se a procurar uma “raça local”. Boa parte deles teorizava sobre as diferenças entre os homens, ora exaltando a superioridade branca ora fazendo condenações às populações indígena e negra residentes no local:

> O selvagem quanto à cultura interna occupa o lugar do mendigo, quanto à cultura externa a do escravo que geme debaixo das superstições de suas paixões. Assim como é da obrigação do botânico estudar não só as plantas alimentícias mas ainda as que são toxicas, assim o ethnologo deve abordar o estudo das aberrações e dos crimes dos selvagens (RIAGP, 1922:194).

É possível dizer que o IAGP ([69]) talvez tenha sido, entre os institutos, o único a apontar soluções mais diretas, apostando no “branqueamento” como recurso para o desenvolvimento da região:

> Deste modo sem o influxo branco, toda a extensão do território do norte está

> condemnada a estagnação e a rotina porque é sabido em philosophia biológica que o patrimonio commum hereditário entre as raças, sem o influxo rejuvenesce do cruzamento acabará por força de hábito n'um estado de immutabilidade senão de decadência fatal (RIAGp, 1869:187).

No entanto, apesar do radicalismo das análises, os historiadores do IAGP ainda encontravam espaço para enaltecer o modelo bíblico monogenista: "a bella ideia do autor da gênese Philosophia Quaerit, Religio possidet, Veritatem" (RIAGp, 1869:189). Reproduzia-se, portanto, a partir desses e de outros artigos sobre o tema, a saída já encontrada pelo instituto carioca, que aliava de forma original "o moderno pensamento científico-racial da época" com as máximas das escrituras bíblicas e do monogenismo, O resultado é a aceitação de uma "boa miscigenação", em vista da "decadência racial" da região.

A mestiçagem era vista de forma ambígua: apesar de temida, nela se encontrava a saída controlada e compatível com a representação ordeira que essa elite pernambucana possuía da sociedade. Assim, apesar do manejo com os modelos poligenistas de análise, era sempre a aceitação do monogenismo e a ideia de evolução que acabavam predominando quando se tratava de pensar a situação local. ([70])

[...] Era na condição de médicos peritos, especializados no estudo da mente do criminoso, que esses profissionais defenderão a criação de uma prática diversa. Afinal, estava em jogo a supremacia e autonomia no reconhecimento do crime e na qualificação do criminoso.

Por outro lado, convencidos de que os trabalhos anteriormente feitos nessa área eram arbitrários e pouco científicos, tais peritos procurarão novos modelos teóricos para a análise do delito e explicação da delinquência. **Os estudos de frenologia ou craniologia foram os primeiros a serem aplicados.** Modelo de sucesso em outras instituições brasileiras, na escola baiana tais análises cumprirão um papel delimitado, qual seja, identificar as raças refletir sobre o atraso, ponderar sobre a fragilidade dos cruzamentos. “Para um povo de população heterogênea como o brasileiro, a identificação craniológica das raças adquire em medicina legal uma importância máxima” dizia o artigo da *Gazeta Medica da Bahia* publicado em 1902 e escrito pelo prof. Nina Rodrigues.

Mas, se na identificação das raças e na análise de suas responsabilidades a frenologia se apresentava, na época, como um método de análise apropriado, o mesmo não pode ser dito quando estava em questão o estudo do criminoso. Nesse caso, enquanto os ensaios de craniologia

demarcavam “o estágio mental evolutivo” do delinquente, era só por meio das lições da “escola moderna de criminologia italiana” que se entendia o perfil do criminoso, as características de seus hábitos. Ou seja, no âmbito da escola italiana, a frenologia passa a receber um uso original; não estuda a conformação das raças, e sim auxilia na identificação do delinquente. ([71])

A revista [*Gazeta Medica da Bahia*] entrava nos anos 20 alardeando um pessimismo atroz, demonstrando a total inviabilidade de qualquer projeto futuro para a nação. De fato, tendo como base os modelos poligenistas do darwinismo social, pouco se poderia esperar de uma nação composta por **“raças pouco desenvolvidas como a negra e a indígena”** isso sem falar dos mestiços, maioria absoluta em nossa população.

A situação pareceria sem saída não fora o uso inesperado que essas teorias europeias começaram a receber desde finais dos anos 20, quando os mestiços passaram a ser divididos em “maus” ou “bons”, assim como a **“degenerescência obtida através da hibridação”** deixará de ser pensada enquanto fenômeno irreversível. As raças, por outro lado, serão entendidas como passíveis de mutação, sujeitas a um processo contínuo de saneamento. É o discurso da eugenia que ganha novos

adeptos até mesmo nas radicais fileiras da Faculdade de Medicina da Bahia. ([72])

Pela primeira vez, em 1923, artigos de apoio a projetos eugênicos são encontrados na revista em questão. Nessa ocasião, o prof. Mario Pontes de Miranda em edição comemorativa ao centenário da Independência do Brasil, **referia-se à importância de uma luta "pela regeneração somática de nossa Raça como condição indeclinável de nossa sobrevivência politica entre as nações"** (GMB, 1923:31). Apresentando seu programa como a única forma de combater o pessimismo e a passividade que se haviam instalado, o estudioso propunha o ataque imediato à "miséria somática" (GMB, 1923:32) que reinava no país. ([73])

Também os trabalhos na área de "medicina legal" e "alienação" seguiam de perto os modelos e conclusões apresentados pela *Gazeta Medica*, ainda que fossem pouco frequentes (5%), dispersos e na maioria das vezes nada originais.

As ponderações de Nina Rodrigues são reproduzidas sem crítica ou comentários:

A concepção espiritualista de uma alma da mesma natureza em todos os povos, tendo como consequência uma intelligencia da mesma capacidade em todas as raças, apenas variável em

grao de cultura e passivel, portanto, de attingir mesmo nos representantes das raças inferiores o elevado grao de cultura mental das raças superiores, é uma concepção condenada em face dos conhecimentos scientificos modernos (BM, 1894:421).

Assim como são referendadas sem discussão as máximas da criminologia moderna que estabeleciam a correlação entre "delinquencia e debilidade", entre o criminoso e certos estigmas a ele associados (BM, 1898:192). A medicina legal parecia ser, nesse momento, uma especialidade baiana cuja soberania não era contestada.

O mesmo pode ser dito acerca dos estudos de alienação. Atualizando os critérios e modelos evolucionistas empregados pelos docentes da Faculdade de Medicina da Bahia, os médicos cariocas faziam suas as conclusões dos colegas de profissão: "O individuo alienado não é simplesmente uma ameaça perene á tranquilidade publica. É também uma pessoa que attenta contra a propria existencia. É um atrasado entre nós e para si. Um hommem tão pervertido deve ficar sobre a tutela do medico..." (BM, 1898:374). Defendendo a autonomia médica no tratamento desses pacientes, a revista carioca referendava a discussão desenvolvida paralelamente na Bahia. Fiéis

aos supostos poligenistas, traçavam paralelos entre os casos de loucura e sua incidência nas “raças inferiores”:

> Claro está que um branco imbecil será inferior a um preto inteligente. Não é porém, com excepções que se argumenta. Quando nos referimos a uma raça, não individuallisamos typos della, tomamol-a em sua accepção mais lata. E assim procedendo vemos que a casta negra é o atraso; a branca o progresso a evolução... A demencia, é a forma em que mais avulta os negros. Póde-se dizer que tornam-se elles dementes com muito mais frequência, por sua constituição, que os brancos... (BM, 1904:178).

Apesar da aceitação, o apego aos modelos social-darwinistas não parecia tão disseminado no *Brazil Medico* como o era na *Gazeta*. Introduzidas apenas nos artigos sobre medicina legal e mental, essas teorias não inspiravam, no momento, maiores interesses. Na verdade, nesse período a atenção centrou-se sobretudo na clínica médica e na divulgação da própria profissão. ([74])

Em 1918 era publicado no *Brazil Medico* o artigo “Do conceito de eugenia no habitat brasileiro”, escrito pelo prof. dr. João Henrique. Neste, o autor elucidava o público médico sobre as aplicações e vantagens da eugenia.

Nova ciencia a eugenia consiste no conhecer as causas explicativas da decadencia ou levantamento das raças, **visando a perfectibilidade da especie humana** não só no que respeita o phisico como o intellectual. Os métodos têm por objetivo o cruzamento dos sãos, procurando educar o instinto sexual. Impedir a reprodução dos defeituosos que transmitem taras aos descendentes. Fazer exames preventivos pelos quais se determina a siphilis, a tuberculose e o alcoolismo, trindade provocadora da degeneração. Nesses termos a eugenia não é outra cousa sinão o esforço para obter uma raça pura e forte. Os nossos males provieram do povoamento, para tanto basta sanear o que não nos pertence (BM: 118-9).

O texto não se limitava, porém, a resumir as noções básicas da eugenia. Existe, mesmo que de forma breve, uma tentativa de adaptação dessas noções à realidade local: nesse caso, aponta-se a correlação entre imigração e a entrada de moléstias estranhas a nosso hábitat. Tema de debate que opunha, de um lado, médicos que defendiam a noção de contágio, e, de outro, aqueles que advogavam a idéia de infecção, o certo é que começava a ficar mais evidente uma certa concepção que vinculava a doença a determinadas raças imigrantes (Chalhoub, 1993).

Interpretação até então pouco arriscada

nesses meios, ela se casa com uma reivindicação política engrossada por acadêmicos da Faculdade de Direito de São Paulo, que buscavam impedir sobretudo a entrada de imigrantes asiáticos e africanos no país. Nesse local, contudo, a explicação antes de ser jurídica é médica e eugênica. Era preciso orientar os políticos na seleção das “boas raças”: “Si a sociedade tem o dever de proteger o fracco, tem também ella o dever de colocal-o na impossibilidade de ser nocivo a fim de proteger-se em sua evolução e de defender-se contra a propagação da degeneração”, dizia o paraninfo, prof. Cypriano Freitas. “Trata-se neste caso da defesa da raça, da eugenia, e por conseguinte da sociedade.” O artigo em questão continuava elogiando os exemplos norte-americano e sul-africano, que só admittem os immigrantes que apresentem certas garantias economicas, sociais e raciais... A South African Colonisation Society pede criados do sexo feminino mas só acceita individuos physica e moralmente sãos, exigindo delles um exame medico minucioso. Isto porque a maior parte dessas mulheres se casarão lá, e querem assim estabelecer uma raça sadia e vigorosa de colonos, e a primeira condição para o conseguir é fechar as portas ás escorias, aos mediocres de corpo e de intelligencia. Em um paiz novo como o nosso, que necessita de immigração, devemos curar, como na Africa do Sul... Não é com leis que se

corrigirá o povo... Só o médico pelo conhecimento que tem do homem, pode influenciar na decisão... (BM, 1912:24-5).

Coerentes com os autoritários modelos de atuação então empregados, os médicos cariocas inovavam ao advogar a seleção eugênica da imigração e impor seus serviços no comando de uma missão, sob essa ótica, tão estratégica.

Mas não basta repetir as conclusões desses textos, tão explícitas em seu racismo. Na verdade, por detrás da condenação à entrada de determinadas raças no país, repousava um suposto teórico partilhado por esses profissionais. Orgulhosos de sua atuação diante das grandes epidemias, pretendiam agora "curar as raças". Ora, assim como as doenças não eram mais compreendidas como fenômenos finais, da mesma maneira deviam ser analisadas as raças. A população brasileira era entendida como uma "raça em formação", cujo bom resultado dependia de um aprimoramento biológico: "Somos um paiz novo", dizia Miguel Pereira, diretor da faculdade, "em via de formação... Nossa gente mui longe está ainda de possuir o cunho particular e definitivo da raça que ha de caracterizal-a no futuro" (BM, 1918:189). ([75])

A entrada dos anos 30 conhecerá, nessa revista, mais o esforço formal de mudança e

modernização do que o empenho teórico e real de aceitação dos novos modelos de análise social. A revista fica ainda maior, o "Z" de *Brazil Medico* é abolido em 1929, a publicação se torna mais técnica e distante dos problemas de cunho social. Cresce o número de ensaios na mesma proporção em que aumentam os textos sobre medicina clínica, cada vez mais divididos por diferentes especializações.

Não se pode dizer, no entanto, que essa interpretação médica da sociedade tenha desaparecido, assim como certa atitude altiva e auto-suficiente, descendente das vitórias do início do século. Ainda em 1929, Miguel Couto – presidente da Academia Nacional de Medicina e professor emérito da escola carioca – defendia no primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia a tese de que a mistura racial levaria à degeneração nacional. Seriam também os cientistas dessa faculdade que, aliados aos profissionais de saúde da escola baiana, em 1933, já na era Vargas, fundariam na capital federal o primeiro instituto de identificação nacional, sob a responsabilidade do perito Alveonídio Ribeiro.

Dessa forma, se de um lado é possível perceber – assim como nos demais estabelecimentos – a crítica aos modelos raciais e deterministas de análise social que "de há muito não fazem mais fiéis entre os profissionais médicos" (BM, 1930:102), de

outro lado permanece certa postura intervencionista, herdeira dos modelos científicos da virada do século. ([76])

[…] Falar da adoção das teorias raciais no Brasil implica pensar sobre um modelo que incorporou o que serviu e esqueceu o que não se ajustava. No Brasil, evolucionismo combina com darwinismo social, como se fosse possível falar em "evolução humana", porém diferenciando as raças; negar a civilização aos negros e mestiços, sem citar os efeitos da miscigenação já avançada. Expulsar "a parte gangrenada" e garantir que o futuro da nação era "branco e ocidental".

É o próprio modelo que se redefine em função da matriz que o origina, velhos nomes com novos significados, "o evento que se transforma quando apropriado" (Sahlinita, 1990:15). A noção de "perfectibilidade", por exemplo, do modelo do século XVIII só conservou o nome, tendo sido destituída de seu conteúdo original. Não se falava mais da concepção humanista de Rousseau que entendia tal conceito como característica intrínseca a todo e qualquer homem, que carregava consigo a possibilidade de superar-se sempre. Na leitura do século XIX, e em especial no Brasil, a *perfectibilidade* seria um atributo de poucos, um sinal da superioridade de alguns grupos em detrimento de outros que,

> como os mestiços, teriam perdido essa qualidade própria da humanidade: “É triste a constatação de que entre nós, as populações mestiças não seriam perfectiveis, presas como estão a um avançado estagio de degeneração” (GMB, 1886). Como afirma Gerbi, “em meio às teorias historiográficas, aos argumentos jurídicos, às investigações científicas, à curiosidade leiga ou às hipóteses biológicas, vemos como é complexa a vida de uma idéia” (1982:721).
>
> Raça é um dado científico e comparativo para os museus; transforma-se em fala oficial nos institutos históricos de finais do século; é um conceito que define a particularidade da nação para os homens de lei; um índice tenebroso na visão dos médicos, O que se percebe é como em determinados contextos reelaboram-se símbolos disponíveis dando-lhes um uso original. Se a diferença já existia, é nesse momento que é adjetivada. ([77]) (itálico do original)

Apesar de constar alguma coisa no que transcrevemos, anteriormente à data de 1870, destacamos especialmente o que acontecia no Brasil, que não fugia muito do que se pensava mundo afora, fato a reforçar aquilo que estamos

colocando sobre a época de Allan Kardec. Os pontos principais que destacamos, caro leitor, e aos quais lhes pedimos uma atenção especial, estão em negrito.

Pierre F. A. Booth Mabilde (1806?-1892), engenheiro belga naturalizado brasileiro, esteve durante dois anos prisioneiro dos Coroados (1836-1838). Neste período, ele faz apontamentos em que se relata o modo de vida daquela “sociedade primitiva”.

Vale a pena ver alguns tópicos de ***Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul*** que vêm comprovar a realidade que estamos querendo demonstrar em relação à época de Allan Kardec. Vejamos:

> A riqueza do dialeto dos coroados limita-se a poderem identificar os poucos objetos que, diariamente, veem ao redor de si e fazerem-se entender, entre eles, para as poucas precisões que têm.
>
> Todas essas circunstâncias me fazem supor, às vezes, que os selvagens de que tratamos sejam diferentes, ainda que

tenham o mesmo caráter físico ou aparência dos indígenas coroados das províncias de Mato Grosso, São Paulo, Santa Catarina e Paraná e, tanto uns como outros, o mesmo distintivo do cabelo tonsurado. Os coroados desta província diferem, tanto na linguagem, como nos usos e costumes, **sendo ainda muito menos inteligentes e inferiores, em tudo, aos demais selvagens da mesma denominação que habitam as províncias acima mencionadas.**

Assemelham-se, porém, todos os indígenas coroados, sem distinção alguma, **no caráter feroz e sanguinário**. Quanto ao mais, em tudo diferem entre si e até se perseguem, mutuamente, fazendo guerra e se exterminando, quando acham ocasião. ([78])

03.01 – ESTUDO COMPARATIVO DO ÂNGULO FACIAL

Entre os coroados, como entre os demais seres da espécie humana, é bastante diferente o ângulo facial ou frontal que, entre aqueles selvagens, varia entre 74 e 77 graus, como extremos.

(Nota n.° 22) Apesar de ser opinião, geralmente admitida, de que os indígenas do Brasil pertencem à raça mongólica, cujo ângulo facial ou frontal é conhecido (75 graus), faço menção ao ângulo facial, porque ele difere entre as nações ou tribos

que habitam os nossos sertões. Os dois extremos de maior e menor abertura do ângulo facial (74 e 77 graus) é o resultado obtido, medindo onze crânios de indígenas coroados, das várias tribos que habitam as matas do Rio Grande do Sul.

Os onze crânios deram as seguintes medidas:

7 crânios, um ângulo de 74 graus

1 crânio, idem, 75 "

2 crânios, idem, 76 "

1 crânio, idem, 77 "

Se multiplicarmos cada número de crânios pelo respectivo número de graus dos ângulos observados teremos, como produto daquelas quatro multiplicações, 822 graus que, divididos por 11, número de crânios, nos dão um quociente de 74°43'38", que representa a abertura média daqueles ângulos faciais. Desprezando os minutos e segundos desse ângulo, o que é bastante justo, pois a medida de nenhum dos 11 crânios pôde ser tomada com extrema minuciosidade, fica-nos, como abertura média do ângulo facial dos coroados, 74 graus. Para uma simples comparação nos será suficiente, pois que, para determinar dessa forma um ângulo médio, era preciso medir-se muito mais de 11 crânios – o que não tive oportunidade de fazer – para poder ser mais preciso o termo médio dos ângulos.

Na espécie humana o ângulo facial varia. Do europeu é de 80 a 83 graus (encontram-se alguns com 80 graus, mas são poucos); do mongol é de 75 graus; dos etíopes ou negros africanos é de 70 a 72 graus; dos negros da Oceania é de 61 a 75 graus. **Entre estes últimos, como se vê, alguns têm o ângulo facial menor do que o do orangotango** (Cercopithecus satyrus), que é de 67 graus.

A influência do tamanho do cérebro sobre a inteligência do homem não é fato ainda bastante verificado, para que se possa ter nele inteira confiança, para uma apreciação justa. Muitos entendem que pouca influência exerce, para o moral comparativo do indivíduo, o ângulo facial, sob o qual é medido o volume de seu cérebro.

Este, segundo o Dr. Gall, é o órgão das faculdades intelectuais, o verdadeiro sítio da inteligência do homem. Segundo a opinião de Camper, tanto maior seria a inteligência do homem, quanto mais volumoso for o cérebro e, por conseguinte, quanto maior for o ângulo facial. **O negro africano, em relação ao ângulo facial, pouco mais inteligente seria que o orangotango e incomparavelmente inferior ao homem europeu.** Entretanto, na própria África, encontram-se fatos para contestá-la e, aqui no Brasil, aqueles mesmos negros africanos – mesmo na sua triste condição de escravos

– nos apresentam fatos que provam o contrário.

Se, com efeito, segundo a opinião do célebre médico e naturalista holandês, Pedro Camper, a abertura do ângulo facial pode determinar, até certo ponto, pela sua maior ou menor abertura, o maior ou menor grau de inteligência do homem e, se tomarmos para os coroados a abertura média do ângulo facial que obtivemos pelo cálculo acima, isto é, o ângulo de 74 graus, **temos que os coroados, em geral, têm mais inteligência que o negro africano** que tem o ângulo entre 70 e 72 graus, e são pouco menos inteligentes que o mongol, que tem o ângulo facial de 75 graus.

Porém se, em lugar do termo médio daqueles ângulos (74°), tomarmos para comparação os vários ângulos faciais que os 11 diferentes crânios nos ofereceram, temos que os sete de 74° se acham colocados na escala da inteligência entre o negro africano e o mongol; um de 75°, de inteligência igual ao mongol; dois de 76° têm mais inteligência que o mongol; um de 77° tem mais inteligência que o mongol e, quase nas mesmas proporções, é pouco menos inteligente que o menos inteligente dos europeus, que têm o ângulo facial de 80° a 85°.

Como a inteligência é sujeita a uma cultura e, por conseguinte, a

desenvolver-se cada vez mais, a comparação que acabamos de fazer não deve fazer desesperar das faculdades intelectuais dos nossos desgraçados indígenas que em geral e de fato, são mais inteligentes que os negros africanos. Só esperam, nos seus aldeamentos, que se lhes deem educação e instrução mais adequada, para entrarem no grêmio social e para nos provarem que a doutrina do ângulo facial, que os condena, é sujeita à exceção que todas as regras têm. E que o tamanho de seu cérebro, medido por aquele ângulo facial, é volumoso bastante para que as faculdades intelectuais neles achem espaço suficiente para desenvolver-se e achem um abrigo que a ciência de Camper lhes nega ali existir.

As depressões e protuberâncias que observei sobre alguns crânios, dos quais medi os ângulos faciais, teriam dado, aos partidários da doutrina de Gall, matéria vasta para discussões frenológicas. Um, principalmente, daqueles onze crânios, tinha protuberâncias que, pelo seu tamanho e formas singulares, tornavam-se notáveis, mesmo para aqueles que menos crânios humanos tinham visto. Muito senti a impossibilidade de poder levá-lo comigo, visto a grande distância que ainda tínhamos de percorrer para sair da mata e, ainda, por estarmos muito carregados com os mantimentos que levávamos às costas. ([79])

03.02 – GRAU DE INTELIGÊNCIA

(Nota n.° 8) Tive ocasião, mais de uma vez, de convencer-me de que entre os coroados encontram-se alguns bastante inteligentes. O mesmo asseverou-me haver observado nos aldeamentos o Reverendo Padre Bernardo ..., superior dos padres da Companhia de Jesus, em Porto Alegre, em 1850. Prova isto o fato de que, não possuindo escrita alguma, têm uma memória excelente, de que se valem para passar, de pai para filho, suas reminiscências, a tradição oral, o ódio e o sentimento de vingança que nutrem contra seus inimigos. A cada instante renovam aquela tradição oral, de modo que nunca os coroados se esquecem nem perdem aquele ódio, uma vez adquirido.

Sou de opinião que, antes da conquista, aqueles selvagens, em geral, eram mais inteligentes e de caráter bem diferente daquele que (obrigados pelos fatos) hoje lhes reconhecemos. As perseguições e a vida errante que foram obrigados a ter – em virtude das contínuas perseguições que lhes moviam os conquistadores e as bandeiras paulistanas que penetravam nas matas à caça deles para os escravizar, obrigando-os, durante séculos, a não terem alojamento permanente, vivendo sempre sobressaltados e alertas – devem ter contribuído muito para aquelas mudanças. Esta falta de segurança deve ter influído para a degeneração do

moral daquele povo e ter obstado o desenvolvimento e a conservação das faculdades intelectuais de que eram dotados seus antepassados.

Podemos apurar esse suposto fato pelo que nos foi dado observar quanto à inteligência dos selvagens que ainda hoje habitam ao norte do Brasil, em lugares que só recentemente têm sido explorados por homens que, não obstante a cor e o sangue daqueles selvagens, souberam tratá-los como irmãos.

Assim sempre tenho tratado os coroados dos nossos sertões, quando tenho a felicidade de aproximar-me deles, sem ser agredido. Nesse caso era preciso ter a alma sumamente depravada para tratar de outra maneira – ou decretar, pela força brutal, a proscrição – na sua própria terra, aqueles últimos descendentes de povo vencido pelas circunstâncias da sua triste posição. **Nossa civilização nos impõe o dever sagrado de tratá-los com toda a benevolência, pelo único título que têm, como qualquer outro homem, isto é, de serem nossos irmãos.** No meio do imenso sertão, onde hoje ainda se acham embrenhados, devem ser, mais do que nunca, respeitados e aquilatados por aqueles que penetram até o centro de seus alojamentos. ([80])

Os kalmuks são de estatura mediana,

magros, feios, têm a cabeça larga e chata, os olhos estreitos, os lábios grossos, o nariz chato, os cabelos pretos e a cor da pele morena. São de um caráter muito doce, afáveis e hospitaleiros, qualidades que, por certo, o Sr. Berthier não encontrou – pelas minhas notas – no caráter descrito dos coroados, nem tão pouco encontrou aqueles traços de fisionomia. Os kalmuks são muito preguiçosos e astuciosos, únicas qualidades que se encontram identificadas nos coroados que, entretanto, não andam sujos como os kalmuks. Estes, ainda, como os mongóis, são nômades e os coroados selváticos, costumes que, aliás, não servem de comparação alguma para identificar raças.

Ignoro, pois, em que o Sr. Berthier se baseia para achar – depois de um exame atento e uma comparação de tipos fisionômicos, como assevera – aquela identidade que o fizesse presumir serem os coroados descendentes da "raça dos kalmuks" que pertencem à família dos mongóis – e jamais servirão de tipo distintivo de uma "raça especial".

Raça, sim, é a asiática que, considerada a segunda na grande divisão das raças humanas, se divide em três ramais que são: o chinês, o mongol e o hiper-borneano.

Ora, pertencendo o kalmuk à família

mongólica, segundo ramal dessa raça, é claro que o kalmuk pertence à raça asiática e não forma “raça especial” que pudesse servir de tipo. Creio, conscienciosamente, que houve, da parte do Sr. Berthier, erro naquela apreciação que fez, tomando o kalmuk como de raça diferente da do mongol, do mesmo modo como muitas vezes se tem confundido, em razão, o mongol com o tártaro.

Tanto o caráter físico, que serve de base para identificação das raças, como o moral dos coroados é identificado demais com mongol para, ainda, poder-se duvidar que não sejam da mesma raça. ([81])

13.04 – ÍNDOLE. TRATAMENTO DADO AOS PRISIONEIROS

A índole feroz dos coroados faz com que, nos combates entre si ou com outra nação selvagem, se comportem com **uma crueldade sem limites**, sendo naquelas ocasiões dominados por **uma paixão tão sanguinária** que, esquecendo os motivos que os induzem a brigar – e os que os deveriam dissuadir, entre a vingança e a razão – **não lhes ocorre senão a ideia de extermínio, sem piedade alguma das vítimas que caírem em seu poder**.

Não dão nunca quartel a prisioneiros ou inimigos vencidos que sempre são mortos com golpes de varapau, concedendo a vida

às mulheres e às crianças que, pela sua idade, estejam em condições de acompanhá-los na sua marcha. Desde que essas crianças, sendo rapazes, não tenham mais de seis ou sete anos pois, do contrário, são mortas a golpes de varapau, também. **As crianças de peito, sem distinção do sexo, são mortas para evitar que o choro e gritos delas**, durante suas correrias pelas matas, mostrem a seus inimigos o lugar onde estão acampados ou onde caminham. As crianças que, pela pouca idade, não podem acompanhar a turma em sua marcha pelas matas também são mortas. **Muitas vezes, após os combates, regozijam-se matando as crianças de peito, pegando-as por uma perna e esmigalhando-lhes as cabeças, que batem com ímpeto contra a primeira árvore que encontrarem perto de si.**

Estas mesmas crueldades praticam com a gente civilizada que, nas suas incursões ou correrias, conseguem assaltar de improviso. As mulheres moças, brancas ou de cor, que conseguem aprisionar nas suas correrias, são trazidas para o mato, despidas de suas roupas que são repartidas, aos pedaços, entre as mulheres da tribo, às quais são entregues as prisioneiras. Desde aquele momento vão servir de escravas, fazendo todo o serviço de carregar frutas, água e lenha para o acampamento, serviço

que cabe às mulheres da tribo. Passam a fazer o serviço debaixo da mais rigorosa vigilância das selvagens a quem ficam obrigadas a servir. As crianças são, também, igualmente despidas e, logo que chegam à tribo, têm os cabelos cortados à moda dos coroados e arrancados todos os cabelos do corpo. **Os homens são todos mortos, sem piedade alguma**. ([82])

24 – CATEQUESE – MATÉRIA ESPINHOSA E INGRATA

24.01 – O ESTADO DO HOMEM SELVAGEM ERA SUPERIOR AO DO CIVILIZADO – PARA OS COROADOS

(Nota n.° 39) É certo que, pelo costume da vida selvática, tornou-se para os indígenas coroados (como talvez para todos os demais selvagens que ainda habitam as matas do Brasil) uma verdade aquilo que para nós é um paradoxo, isto é, que a vida selvática é preferível à vida civilizada. Isso mesmo nos foi afirmado, em 1856, por muitos indígenas coroados, aldeados há mais de dez anos.

Se João Jacques Rousseau (*sic*), o verdadeiro amigo dos paradoxos, tivesse tido conhecimento pessoal dos nossos indígenas coroados, com seus sentimentos e maneira de encarar nossa civilização, teria tido motivo exemplar para, sobre semelhantes bases, estabelecer a verdade

de sua proposição. Poderia melhor provar que o estado do homem selvático é superior ao do civilizado ou, em outros termos – que o estado selvagem para o homem é preferível e superior ao estado de civilização.

Seja como for, é preciso muita paciência, tino e constância para aquele que se encarrega de catequizar e educar os indígenas adultos, a fim de que consigam transformar, na imaginação dos coroados, uma ideia fixa como é aquela, da qual homens sábios e amigos dos paradoxos são calorosos partidários.

Sendo difícil de conseguir-se (ainda que muito progressivamente) o desenvolvimento das faculdades do homem, com o fim de melhorar sua condição física e moral, num **povo no estado de barbárie – verdadeira escala entre o estado do selvagem e o do civilizado** – fácil será compreender-se quanto deve ser difícil conseguir-se isso de um povo selvagem, nas condições dos nossos indígenas coroados, com o seu caráter tão excepcional! ([83])

24.02 – RESULTADOS INSATISFATÓRIOS

(Nota n.° 16) Ao darmos nossa franca opinião, fundamentada em fatos incontestáveis e que diariamente se reproduzem entre os coroados, provando o caráter simulado destes selvagens, longe de

nós está a ideia ou intenção de ver nisto um motivo de condenar ao ostracismo aqueles desgraçados, dignos de melhor sorte, ou abandoná-los a seu próprio destino e persegui-los nas matas – como infelizmente em algum tempo se tem praticado.

O que poderia acontecer, aos olhos dos princípios humanitários, se tal opinião prevalecesse?

O nosso comportamento no meio dos sertões, onde tantas vezes tivemos ocasião de encontrar aqueles indígenas, desmentiria *ipso facto* semelhante opinião, se com tal fim fosse interpretada. Apenas tivemos por finalidade fazer compreender que **o sistema de catequese até hoje seguido nos aldeamentos daqueles indígenas (ao menos nesta província do Rio Grande) é um sistema que nunca produzirá os efeitos, nem o resultado desejado, tanto para aqueles mesmos coroados como para a sociedade**, e que bem longe está de satisfazer à Solicitude do Governo e à segurança individual da população, em cujas imediações tais alojamentos se encontram. ([84])

24.04 – MEIOS EMPREGADOS COM GUARANIS NUNCA SERVIRAM PARA OS CORAÇÕES INDOMÁVEIS DOS COROADOS

Para a catequese e civilização dos indígenas guaranis – naturalmente bons e

humildes, **dotados de uma inteligência que os coroados não possuem** – nunca os padres da Companhia de Jesus viram-se obrigados a ter à sua disposição uma força armada para manter o respeito. **Os padres** reconheciam serem os coroados incapazes de se catequizar com o mesmo proveito obtido com os selvagens guaranis e sem perigo da própria vida. **Excitavam o ódio dos seus neófitos guaranis, contra os coroados – que reputam de corações indomáveis – os quais, até hoje e por tradição, conservam igual ódio aos selvagens guaranis**.

A história das antigas Missões do Uruguai nem uma só palavra diz a esse respeito. Mas é sabido, por tradição e por mais de um daqueles antigos guaranis (encontrados por nós, em 1834, nos povos das Missões desta Província) que nos afirmaram o seguinte: **em todos os tempos os índios guaranis, por ordem dos *padres santos* – como eles os chamavam – repeliam com força armada e evitavam a aproximação dos coroados, com os quais nunca simpatizaram os primeiros padres jesuítas** e, por sua vez, os coroados com eles. Poucos dos atuais padres missionários se têm prestado – ainda que sempre contra vontade e por momentos – à catequese dos indígenas coroados, aldeados nesta província do Rio Grande do Sul, ou por estarem convencidos de que pelos seus

limitados conhecimentos nenhuma influência, jamais, poderiam ter sobre aqueles selvagens, ou por saberem de sua má índole. ([85])

24.05 – OPINIÃO DO AUTOR SOBRE A CATEQUESE FEITA POR JESUÍTAS ESTRANGEIROS

Até agora é opinião quase geral que a catequese e civilização dos indígenas coroados só pode ser confiada aos padres da Companhia de Jesus, como únicos homens capazes de levar a efeito aquela espinhosa tarefa. Somos, porém, de opinião muito contrária e francamente consideramos, nas circunstâncias atuais e em relação ao estado das instituições do nosso país: **os padres jesuítas são os menos habilitados** para conseguir um resultado benéfico na catequese desses selvagens.

[…].

Na época das primeiras catequeses dos indígenas selvagens, hoje conhecidos por guaranis (na parte oriental desta Província, desde aquele tempo chamada Missões), os padres jesuítas sobrepujaram infinitamente – e até eclipsaram – tudo quanto fizeram os padres de outras congregações religiosas, na mesma empresa. **Isto porque, no desempenho daquela tarefa de fazer passar aqueles indígenas de uma vida selvática para o estado social,**

existiam, por último, para a Companhia de Jesus, interesses ocultos, e estes, como é sabido – menos nobres e menos puros. Aqueles interesses existiam neles, bem como desejo vivo e diligência para exceder o que o mais faziam tão honesta e generosamente. **A catequese dos indígenas selvagens, para os padres jesuítas, tornou-se uma carreira de torpezas**. **Assim, para aqueles padres, nada era impossível para alcançar o seu desideratum.** Aproveitavam-se da influência e preponderância que souberam adquirir sobre aqueles selvagens para, à sombra deles, lançarem o germe de seu domínio, **fundando um excepcional sistema de ambição e de soberania, em detrimento das mais bem fundadas bases sociais. Procuraram, dessa forma, um meio seguro de aumentar o poder e a riqueza**, desprezando, para isso, não somente o bem da humanidade, mas a própria glória do cristianismo que, incontestavelmente, aqueles padres jesuítas menos tinham na mente. **Só tinham em vista, sim, a sua opulência e seu futuro esplendor e, para isso, abusavam sem pejo algum de tudo aquilo que a virtude e a probidade têm de mais sagrado**. Pervertiam os princípios de equidade natural com máximas depravadas – prevalecendo-se da natural disposição à credulidade, da ignorância, da inocência, do suor e do sangue de seus neófitos –

verdadeiros escravos daqueles padres jesuítas. Com o fanatismo que inspiravam aos indígenas humildes, estes se sacrificavam por aqueles que se diziam seus benfeitores e que, na realidade, eram seus verdadeiros verdugos. Por escárnio da religião do Cristo se intitulavam “padres santos” e, como tais, eram venerados por aqueles indígenas guaranis. Além disso, para melhor conseguirem o seu fim, aqueles “santos padres” abusavam, sem pejo, da boa fé e da confiança do Monarca, em cujos domínios, mansamente, tinham penetrado. A facilidade com que anteviam conseguir o seu intento fazia com que todos os meios empregassem para manter e reduzir a uma verdadeira escravidão, sob o título de catequese, os indígenas selvagens – aliás, dotados de um caráter que melhor se deixava moldar e persuadir, do que o dos nossos indígenas coroados.

Não queremos, com isso, negar alguns prodígios de civilização que desempenharam aqueles padres jesuítas. Somos justos bastante para convir nessa verdade. É inegável que, no meio daqueles seus planos ocultos, sobressaía, na aparência, um certo heroísmo cristão que encobria aquele interesse que os movia e que seria, talvez, difícil de encontrar-se hoje, com tanta afoiteza, nos atuais padres da mesma Companhia de Jesus. O interesse que guiava aqueles padres lhes tinha feito

> adquirir um alto grau de perfeição, na difícil arte de falar aos corações e ao espírito inculto daqueles indígenas selvagens. O que era fácil conseguir-se com os indígenas guaranis hoje ainda seria difícil com os coroados, cujo caráter temos bastante descrito, para que se possa traçar um paralelo entre aqueles e estes indígenas. Já no tempo das primeiras catequeses, os jesuítas não consideravam os coroados capazes de serem "domados" (Vide a parte relativa a este assunto na nota n.° 16) ou, talvez, incapazes de sujeitarem-se, como os guaranis, a um cativeiro como aquele em que os indígenas eram tidos e sendo forçados a obedecer. **Os "padres santos", como se inculcavam, não eram instrutores e conselheiros, mas despóticos senhores para aqueles indígenas guaranis.** ([86])

Estes apontamentos de Mabilde foram transformados num livro, com o apoio do Instituto Nacional do Livro – INL, o que demonstra a sua importância histórica, além do detalhe de que não há como não os ter como sendo um retrato fiel daquilo que ele, pessoalmente viveu entre aqueles índios.

Destaca-se, dentre os registros, a questão na crença de serem os homens uns mais inteligentes

que os outros, mediante várias comparações não só entre os próprios indígenas, senão também entre eles e o homem civilizado, em função da crença na superioridade dos brancos europeus.

Não podemos deixar de ressaltar que algumas das coisas demonstram aquilo em que acreditavam à época; e é isso o que mais importa no presente trabalho, para resgatar a verdade dos fatos, ora deturpada pelos contraditores, enceguecidos pelo veneno do ódio que nutrem àqueles que não pensam como eles.

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910) foi um político, diplomata, historiador, jurista e jornalista brasileiro formado pela Faculdade de Direito do Recife. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras ou, simplesmente, Joaquim Nabuco, assim como Mabilde, não viu com bons olhos a ação de catequese dos indígenas promovida pelos padres católicos, é que vemos em ***A Escravidão***:

> "**Talvez fosse admirável o zelo dos missionários**; a história pátria, que ainda

> está em seu período ingênuo, guarda veneração a José de Anchieta e a Manuel da Nóbrega; **o certo, porém, é que jamais missão apresentou mais tristes resultados que a da catequese dos índios entre nós**”. ([87])

E por falar em Pe. Manuel da Nóbrega (1517-1570), no livro ***Cartas do Brasil***, há registro de uma carta que escreveu a D. João III, na qual disse:

> [...] mande dar alguns escravos de Guiné à casa para fazerem mantimentos, porque a terra é tão fértil que facilmente se manterão e vestirão muitos meninos, se tiverem alguns escravos que façam roças de mantimentos e algodoais [...]. ([88])

Fantástico: veste-se um santo, desvestindo-se outro!

Para finalizar esse item, não podemos ignorar afirmativa do escritor espírita Gabriel Delanne (1857-1926), que, em 1897, disse em ***A Evolução Anímica***:

Os selvagens

Ao lado da civilização, vegetam seres degradados que mal poderemos chamar de homens ([89]). Entre essas tribos caracterizadas por inferioridade inaudita, costuma dar-se preeminência aos **Diggers (Pau-Entaw), índios repelentes, de uma selvajaria extrema, que habitam cavernas da Serra Nevada e são julgados pelos naturalistas mais fidedignos como inferiores, de alguns graus, ao orangotango**. O missionário A.-L. Krapf, que viu de perto **os Dokos do Sul de Kafa e Qurage, na Abissínia**, conta ([90]) que **estes selvagens têm todos os traços físicos de grande inferioridade**.

Não sabem fazer fogo nem cultivar o solo. Sementes e raízes, arrancadas à unha, constituem a alimentação usual, e felizes se consideram quando podem pilhar um rato, um lagarto, uma serpente. Assim, erram pelas florestas, incapazes de construir uma choça, abrigando-se sob o arvoredo. Ignoram, mais ou menos, o pudor e apenas toleram efêmeros laços familiares, tão certo como as mães abandonarem o filho, ao termo da lactação.([91])

Os Tarungares (Papuas da Costa Oriental) visitados pelo Dr. Meyer, **são de um selvagismo inaudito. Completamente nus e privados de todo sentimento moral, antropófagos inveterados, chegam, por vezes, a exumar cadáveres a fim de os devorar**.

Que diríamos nós se os macacos assim procedessem?

Os Weddas do Ceilão são de pequena estatura, de um tipo abjeto, **a fisionomia repulsiva**, **bestial. A conformação craniana apresenta traços que a aproximam da dos macacos: - nariz chato, prognatismo agudo, à feição de focinho, dentadura saliente**. Vivem como animais e mal se abrigam em furnas rupestres, quando faz mau tempo. Tal como **os Boschimans**, também constroem uma espécie de ninho. O missionário Moffat informa que esses ninhos se assemelham aos dos Antropoides. De fato, sabemos que o orangotango de Sumatra e de Bornéu agasalha-se, em noites frias, construindo um ninho de folhagem.

O sábio e consciencioso naturalista Burmeister opina que muitos selvagens do Brasil se comportam como animais, privados de qualquer inteligência superior.

O doutor Avé-Lallement, que, na sua viagem ao norte do Brasil, em 1859, teve ocasião de observar várias tribos ameríndias, compara esses selvagens aos macacos domesticados. "Adquiri – afirma ele – a convicção de existirem também macacos bímanos."

Esta comparação, talvez um tanto exagerada, ressalta, nada obstante, de

quase todas as narrativas dos viajantes. O célebre" explorador W. Baker diz **dos Kytches e dos Latoukas, (africanos) que eles mal se diferenciam dos brutos. Verdadeiros macacos – acrescent**a. La Gironnière, ao percorrer as montanhas de Luçon (uma das Filipinas), ficou impressionado com o **caráter simiesco dos Aetas, cuja voz e gestos dir-se-iam de perfeitos macacos**. Darwin, na viagem do "Beagle", chegou a espantar-se quando avistou os Fueguinos.

"Ao contemplar tais seres – escreve –, é difícil acreditar sejam nossos semelhantes e conterrâneos... À noite, cinco ou seis criaturas dessa espécie, nuas e mal protegidas das intempéries de um clima horrível, deitam-se no solo úmido, encolhidas sobre si mesmas e confundidas como verdadeiros brutos."

Aí temos como é insignificante a diferença do homem para o macaco. Distingue-se o nosso ramo por qualquer coisa de verdadeiramente especial? A história natural e a filosofia demonstram que, nem do ponto de vista físico, nem do intelectual, não há diferença essencial. Que, entre o mais inteligente dos animais – o macaco, e o mais embrutecido dos homens haja diferenças, ninguém o negaria, ou o macaco seria um homem.

Tais diferenças, contudo, não passam de

> graduações ascendentes de um mesmo princípio, que vai progredindo à proporção que anima organismos mais desenvolvidos.
>
> Estabeleçamos claramente, com exemplos, essa grande verdade. ([92]) ([93])

Fácil observar que, tudo quanto foi dito aqui está consoante o que os outros autores disseram, demonstrando-se que, àquela época, pouca informação se tinha dos selvagens, além de as poucas que existiam não lhes serem favoráveis em nada.

Uma coisa que julgamos importante ressaltar é que a referência aos hotentotes não é por conta da negritude da sua pele, mas porque os homens eram classificamos em civilizados e selvagens e eles pertencerem ao último grupo.

Allan Kardec: conhecendo o homem e sua obra

O bispo João Evangelista Martins Terra nos brinda com uma frase bem oportuna: "*O primeiro critério para se julgar uma pessoa, um missionário, não é através de uma frase sua mas de sua vida, de sua atuação*" ([94]). Apliquem o mesmo a Allan Kardec os que querem infamá-lo.

Evidentemente que, para se falar bem ou mal de uma pessoa, é necessário que tenhamos um mínimo de conhecimento de sua maneira de pensar ou agir. Caso contrário, estamos correndo o risco de condenar um inocente, pior ainda quando a pessoa enfocada não tem a mínima chance de se defender, o que é antiético. Além disso, quase sempre é imprescindível separar o homem de sua obra, para não se cometer injustiça.

Nascia em 03 de outubro de 1804, com o nome de Denisard, Hypolite Leon Rivail ([95]), de família católica, aquele que seria mundialmente conhecido

como Allan Kardec. André Moreil (?-?), um dos seus biógrafos, dividiu sua vida em dois períodos: o primeiro vai até o ano de 1854, assim denominado “a vida do homem laico”, e o segundo, depois dessa data até a sua morte, que se deu em 31 de março de 1869, período em que o Codificador se dedicou à Doutrina dos Espíritos.

Inicialmente, vamos ver o primeiro período, pois é nele que Allan Kardec se forma como educador e homem universalista. Escreve Moreil, em ***Vida e Obra de Allan Kardec***:

> No período compreendido entre o aprendizado educativo, como aluno do pedagogo Pestalozzi, até o momento em que, em 1854, **se transforma em homem universal**, Rivail mostrou-se como obreiro dos mais assíduos da ciência e da educação do gênero humano.
>
> Os pais de Denizard Hippolyte Léon mandam então o filho para Yverdon, porque essa escola já tinha granjeado fama na Europa.
>
> Yverdon foi decisivo para o jovem Rivail. Toda a sua atividade futura, sua vida de diretor de estabelecimento escolar e de autor de livros didáticos – que se estende

sobre um período de trinta anos (1824-1854) – tem suas raízes nos anos passados em Yverdon. Ali havia um pequeno universo humano que o marcou para sempre e a figura do mestre tornou-se para ele a própria imagem do chefe que dirige e educa os homens.

Yverdon é um ponto de reunião para as crianças do mundo inteiro. **É a escola do universalismo, da fraternidade** das crianças que se tornarão, por sua vez, homens cheios de responsabilidade. Pestalozzi é o tipo de Educador atento, o Mestre severo e suave ao mesmo tempo, justo e caridoso. Em sua doutrina e seu exemplo, Rivail encontrou o modelo do homem íntegro que ele mesmo foi e que se tornou, também, o ideal da moral espírita.

Com efeito, foi em Yverdon e graças a Pestalozzi que Kardec aprendeu o justo sentido da educação, que deve ser ao mesmo tempo paternal e liberal. Já se disse, muito justamente, que a doutrina espírita é de suave severidade. É também esse o caráter do método de ensino ideado por Pestalozzi. As crianças formam ali uma grande família. **Essa família torna-se assim o modelo dos espíritas, pois é universal.**

De fato, **a escola de Pestalozzi abre as portas aos alunos do mundo inteiro, por cima das diferenças de língua, de**

> **civilização, de raça ou de crença**. Recebe crianças vindas da França, como Rivail, dos cantões suíços, mas também da Alemanha, do Hanôver, de Saxe, da Prússia, da Rússia, do reino de Nápoles, da Espanha e da América. **Percebe-se assim a vantagem dessa educação, que inculca à criança o sentimento da igualdade humana, da fraternidade e da tolerância**. É aí que Allan Kardec, nessa família do coração, aprende os principais princípios morais do Espiritismo. ([96])

Citando o período em que Allan Kardec se torna pedagogo (1824-1848), continua Moreil:

> Nessa etapa de sua vida, parece que Rivail encontra a sua vocação. Empenha-se a fundo, não poupando esforços ou conselhos. Publica numerosos livros didáticos, apresenta planos, métodos e projetos aos deputados, aos governos e às universidades, referentes à eterna *Reforma* do ensino francês, desenvolve, em suma, atividade tal que não lhe deixa tempo para levar uma vida privada. De fato, nunca houve vida privada, nem para Rivail, nem para Kardec, pois, como pedagogo ou como fundador do espiritismo, era homem de *vocação*.
>
> De 1835 a 1848, está Rivail aferrado ao

> trabalho escolar. Além disso **organiza, em casa, cursos gratuitos de química, da física, de astronomia, de anatomia comparada**, de tudo, enfim, que não pudera ensinar em seu Instituto Técnico. ([97]) itálico do original)

O período de 1848-1854, Moreil o denomina de O homem universal:

> A força de escrever obras de aritmética, de geometria, de química, de física, de história, de literatura, etc., Rivail tinha se tornado homem muito instruído. Nada lhe era desconhecido. Sua curiosidade baseava-se em sólido método de pesquisas.
>
> No entanto, o verdadeiro retrato de Rivail, aquele de que necessitamos antes de penetrar no período espírita, não estaria completo se não falássemos do seu aspecto de *homem universal*. Embora trabalhando para a educação das crianças do seu país **não cessa de transformar-se em homem sem pátria, sem ligações particulares.** As ciências, o estudo das humanidades, ensinaram-lhe que o homem, para ser verdadeiramente livre, deve tomar consciência do seu universalismo. **O espírito de tolerância, de caridade, deve ser mais forte que o de clã, de seita ou de igreja, de grupo limitado no**

tempo e no espaço. ([98]) (itálico do original)

Será que, por uma destas ironias do destino, o Espiritismo veio a lume pelas mãos de um católico educado num estabelecimento de ensino de cunho protestante? Muito interessante isso!

Por outro lado, é certo que o seu caráter foi formado neste período. Portanto, se o acusam de alguma coisa, via indireta estarão também apontando o dedo para todos os que participaram dessa sua formação, inclusive, bem no meio, os que lhe deram formação religiosa.

Em ***Evolução espiritual do homem (na perspectiva da doutrina espírita)***, veremos algo do mestre Pestalozzi que ajudará a entender em que fonte Allan Kardec foi beber suas ideias universalistas.

> A moralidade, que Pestalozzi considerava com a única religião verdadeira, colocando-a como o fim supremo da educação, representa o acabamento do homem como um ser humano, o cidadão universal. Esse homem formado para universalidade não tem pátria nem raça, mas é um apátrida,

> porque todas as noções lhe servem de pátria. **Não aceita nenhuma discriminação humana, pois a Humanidade é a sua família a sua raça.** Ele vê nos seus irmãos humanos, de todas as condições, criaturas que avançam para a divindade, esse delta espiritual em que deságuam todos os rios que se decantam nas corredeiras existenciais para atingirem o verdadeiro Mar da Serenidade, que não está na Lua, mas aqui mesmo na Terra dos Homens. [...]. ([99])

Um excelente mestre, com essas características, certamente, não deixaria de instruir seus alunos com a mesma visão universalista que possuía e, por outro lado, um aluno aplicado, como era o caso de Allan Kardec, não assimilaria tal visão.

Apenas para registro, diremos que, além da vocação para educador, ele tinha, vamos dizer, os pés bem no chão. Quando do lançamento de *O Livro dos Espíritos*, não querendo que o seu nome de batismo influenciasse a propagação da Doutrina Espírita, já que pensava que, se ela tivesse algum mérito, deveria sobreviver por si mesma, adota o codinome de Allan Kardec, nome que, segundo

informações do plano espiritual, ele teria usado numa encarnação anterior, quando viveu entre os druidas, segundo nos conta Henri Sausse (1851-1928).

Assim, o seu nome não foi emprestado à Doutrina para que ela fosse aceita pelas pessoas; inclusive, com isso, ele demonstra humildade, pois poucos fariam isso.

Henri Sausse, outro biógrafo de Allan Kardec, já *retro* citado, em ***Biografia de Allan Kardec***, disse o seguinte sobre ele, em março de 1869:

> Todos sabeis que a nossa cidade se pode honrar, a justo título, de ter visto nascer entre seus muros esse pensador tão arrojado quão metódico, esse filósofo sábio, clarividente e profundo, esse trabalhador obstinado cujo labor sacudiu o edifício do Velho Mundo e **preparou os novos fundamentos que deveriam servir de base à evolução e à renovação da nossa sociedade caduca,** impelindo-a para um ideal mais são, mais elevado, para um adiantamento intelectual e moral seguros. ([100])

Um destaque, citado na obra ***Allan Kardec: o educador e o Codificador – Vol. 1*** por Zêus Wantuil (1924-2011) e Francisco Thiesen (1927-1990) a respeito de uma fala de Allan Kardec, merece, de nossa parte, ser citado:

> A unidade de crença será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da **fraternidade universal,** obstada, desde todos os tempos, pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem sejam uns, os dissidentes, vistos, pelos outros, como inimigos a serem evitados, combatidos, exterminados, em vez de irmãos a serem amados. ([101])

E, agora falando a respeito do Codificador, afirmaram eles:

> Com o “Curso Prático e Teórico de Aritmética”, Hippolyte Léon Denizard Rivail iniciou em França a sua grande missão patriótica e humanitária de educador e pedagogo emérito. Ali ele se afirmou como **uma das maiores autoridades na aplicação do método de Pestalozzi,** bastando dizer que a mencionada obra teve, até 1876, sucessivas reedições, sendo que a

> segunda edição nada mais foi que uma nova tiragem com a mesma composição e os mesmos clichês da primeira, inclusive com o mesmo frontispício, igualmente datado de 1824, o que leva a crer que saíra a lume ainda nesse ano. ([102])

A não ser por parte dos detratores, até hoje não vimos ninguém falar algo que viesse a desabonar a vida de Allan Kardec, sejam biógrafos ou aqueles que, seriamente, estudaram obras de mão própria. Aliás, nelas é que também vemos que o seu pensamento foi, sem dúvida alguma, universalista.

Com José Herculano Pires (1914-1979), reconhecidamente um estudioso das obras de Allan Kardec, temos no livro ***Curso Dinâmico de Espiritismo*** uma visão resumida sobre sua vida e personalidade:

> A posição de Kardec no século XIX foi a de intelectual europeu bem integrado na cultura da época, preocupado com a solução dos problemas do mundo através da Educação. Embora pertencesse a uma família tradicional de Lyon, formada de

advogados e magistrados, sua vocação o levou para os estudos científicos e educacionais. Feitos os estudos iniciais em sua cidade natal, os pais o enviaram à Suíça para completar sua formação no Colégio de Yverdun, com Pestalozzi. **Integrou-se na linha do pensamento pestaloziano, de um humanismo aberto e universalista que tinha suas raízes em Rousseau**. Aprofundou-se no estudo das ciências médicas e clinicou em Paris, como atesta o seu amigo Henri Sausse, confirmado pelas pesquisas recentes de André Moreil, mas voltou-se em definitivo para a Pedagogia, dando continuidade aos trabalhos de Pestalozzi. **Teve suas obras adotadas pela Universidade de França** e exerceu nela o cargo de diretor de estudos. Viveu pobre e solitário num modesto apartamento da Rua dos Martyres, em Paris, tendo-se casado com a professora Amellie Soudet, da qual não teve filhos. Vida de trabalho, tranquila e morigerada, **bem conceituado nos meios culturais da França por sua cultura, seu bom senso, sua seriedade e dedicação ao trabalho**. Escritor de ideias amplas e mente arejada, possuía o estilo didático que se pode apreciar em suas obras. Nunca pretendeu ser um messias ou fundador de religião, segundo informam até hoje alguns dicionários enciclopédicos mundiais. Seu nome civil era Léon Hyppolyte Denizard Rivail, com que assinou suas obras universitárias e o famoso estudo que fez

> para uma remodelação do Ensino na França. Ao entregar-se à pesquisa dos fenômenos espíritas e organizar *O Livro dos Espíritos*, adotou o pseudônimo de Allan Kardec, para estabelecer a necessária distinção entre suas obras pedagógicas e seus livros espíritas. O pseudônimo lhe foi sugerido por seu espírito orientador, que lhe disse haver sido o seu nome na encarnação anterior, como druida, ou seja, sacerdote celta na Gália. Fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, para pesquisas, a *Revista Espírita* para divulgação e sustentação do Espiritismo, e no espaço de quinze anos codificou a Doutrina Espírita e universalizou o movimento doutrinário. Começou as investigações espíritas em 1854 e faleceu subitamente em 1869, deixando concluída suas obras fundamentais da doutrina, que exerceram a função de uma introdução geral a toda a problemática do Século XX. ([103])

Em 1828, Allan Kardec publica o *Plano proposto para a melhoria da Educação Pública*; portanto, contava apenas 24 anos, mas já lhe sobressaía o caráter de educador. Em ***Kardec Educador – Textos pedagógicos***, vejamos a nota constante do seguinte trecho da citada obra:

> Ora, que se examine o interior das

famílias e que se calcule a multidão de lamentáveis impressões que as crianças estão em condições de receber, frequentemente desde o berço, seja por fraqueza materna, seja por maus exemplos e por maus conselhos de domésticos, seja por uma infinidade de circunstâncias; que se examine em seguida a organização da maior parte das casas de educação e a quantidade infinita de impressões perniciosas, que resultam ou da própria organização, ou da imperícia, da ignorância, da brutalidade das pessoas que se empregam para colaborar na educação; desta multidão de empregados subalternos que saindo de suas aldeias[*] creem saber educar os homens e fazer deles notáveis cidadãos, porque sabem um pouco de latim; sem contar as frequências perigosas e sobretudo os costumes depravados que são, comumente nessas casas, o resultado da negligência ou da imprevidência e que fazem os estragos mais terríveis. […].

———

[*] **Certamente, não está no meu pensamento, nem nos meus princípios, desprezar ninguém, e menos ainda de rebaixar o nascimento de quem quer que seja, pois nenhuma classe tem o privilégio exclusivo de dar à sociedade homens estimáveis**; minha observação não aponta pois para a condição em si mesma, mas para o vazio que esta condição pode

> deixar no professor, se este não puder preenchê-lo por si mesmo. (N.A.). ([104])

Allan Kardec, em nota, esclarece o seu pensamento, de forma que é fácil perceber que a sua formação não lhe permitia discriminar as pessoas, por motivo nenhum, fato não levado em conta pelos detratores do Espiritismo, uma vez que pouco ou nada sabem sobre ele.

Na obra ***Viagem Espírita em 1862***, encontramos esta fala de Allan Kardec:

> O Espiritismo apoia-se sobre fatos. Os fatos, de acordo com o raciocínio e uma lógica rigorosos, dão ao Espiritismo o caráter de positivismo que convém à nossa época. ([105])

O positivismo, como sabemos, teve como precursor o francês Auguste Comte (1789-1857) e se caracterizava, sobretudo, pela orientação antimetafísica e antiteológica que pretendia imprimir à filosofia, e por preconizar como válida unicamente a admissão de conhecimentos baseados em fatos e dados da experiência. Teve uma grande repercussão

na segunda metade do século XIX, mas perdeu influência no século seguinte.

Desta forma, podemos dizer que Allan Kardec sempre buscava se apoiar nos fatos ou então nos conhecimentos científicos da sua época, razão pela qual, sua visão do negro estava desta forma condicionada.

Por oportunas, valem as considerações do escritor Jorge Luiz Hessen no artigo ***Kardec, racismo e Espiritismo – uma reflexão***:

> Para a investigação kardequiana, a respeito do negro, torna necessário ser considerado o contexto histórico em que foi discutida a temática. **Incidiria em erro, sob o ponto de vista histórico, considerar Allan Kardec contaminado de preconceitos ou de índole racista.** Essa palavra detém uma carga semântica muito forte, inadequada para definir os ideais do mestre lionês. Não há nenhum indício de que ele tenha discriminado algum indivíduo ou grupo de origem negra ou quaisquer indivíduos, sejam no movimento espírita ou fora dele.
>
> [...].
>
> Entretanto, apesar da atitude (para

> alguns preconceituosa) atribuída a Kardec em relação ao negro, fruto do contexto em que viveu (repetimos) sobre discriminação e preconceito a determinada etnia, **sua obra sai indene de todas as críticas no sentido ético**. Até porque para abordagem do tema é imprescindível contextualizá-lo de acordo com teorias de superioridade racial muito em voga na época. A frenologia, por exemplo, advogava uma relação entre a inteligência e a força dos instintos em um indivíduo com suas proporções cranianas. Uma espécie de "desdobramento" pseudocientífico da fisiognomonia. ([106])

Vejamos nas obras da codificação, se nelas encontramos algo que venha a justificar os ataques lançados contra a pessoa de Allan Kardec.

1 – O que podemos ver em suas obras

Transcrevemos de ***O Livro dos Espíritos***, primeiro livro publicado por Allan Kardec:

> 52. *De onde vêm as diferenças físicas e morais que distinguem as variedades de raças humanas na Terra?*
>
> "Do clima, da vida e dos costumes. Dá-se o mesmo com dois filhos de uma mesma

mãe que, educados longe um do outro e de modos diferentes, em nada se assemelharão, quanto ao moral.”

53. *O homem surgiu em vários pontos do globo?*

“Sim, e em diversas épocas, e essa é também uma das causas da diversidade das raças. Mais tarde os homens, dispersando-se nos diferentes climas e aliando-se a outras raças, formaram novos tipos.”

53-a. *Essas diferenças constituem espécies distintas?*

“Certamente que não; todos são da mesma família. Porventura as múltiplas variedades de um mesmo fruto o impedem de pertencer à mesma espécie?”

54. *Se, pois, a espécie humana não procede de um só indivíduo, os homens devem deixar, por isso, de se considerarem irmãos?*

“Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e tendem para o mesmo fim. Quereis sempre tomar as palavras ao pé da letra.”

96. *Os Espíritos são iguais ou existe entre eles uma hierarquia qualquer?*

“São de diferentes ordens, conforme o

grau de perfeição a que chegaram.”

97. *Há um número determinado de ordens ou de graus de perfeição entre os Espíritos?*

“Seu número é ilimitado, porque não há entre essas ordens uma linha de demarcação traçada como uma barreira, de modo que se podem multiplicar ou restringir as divisões à vontade. No entanto, considerando-se as características gerais dos Espíritos, pode-se reduzi-las a três ordens principais.

“Na primeira ordem colocar-se-ão os que atingiram a perfeição: os Espíritos puros. Na segunda ordem encontram-se os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é a sua preocupação. Na terceira, os que ainda se acham na parte inferior da escala: os Espíritos imperfeitos, que se caracterizam pela ignorância, pelo desejo do mal e por todas as paixões más que retardam o seu progresso.”

116. *Há espíritos que permanecerão para sempre nas ordens inferiores?*

“Não; todos se tornarão perfeitos. Eles mudam de ordem, mais isso demora, porque, como já dissemos de outra vez, um pai justo e misericordioso não pode banir eternamente seus filhos. Pretenderíeis que Deus, tão grande, tão bom, tão justo, fosse

pior do que vós mesmos?”

127. *Os Espíritos são criados iguais quanto às faculdades intelectuais?*

“São criados iguais, mas, não sabendo de onde vêm, é preciso que o livre-arbítrio siga seu curso. Eles progridem mais ou menos rapidamente em inteligência como em moralidade.”

189. *O Espírito goza de plenitude de suas faculdades desde o início de sua formação?*

“Não, porque o Espírito, como o homem, também tem sua infância. Em sua origem os Espíritos têm apenas uma existência instintiva e mal têm consciência de si mesmos e de seus atos. Só pouco a pouco a inteligência se desenvolve.”

191. *As almas dos nossos selvagens são almas no estado de infância?*

“Infância relativa, mas já são almas desenvolvidas, pois nutrem paixões.”

191-a. *Então, as paixões são um sinal de desenvolvimento?*

“De desenvolvimento, sim, mas não de perfeição. São sinal de atividade e de consciência do *eu*, ao passo que, na alma primitiva, a inteligência e a vida se acham no estado de gérmen.”

Comentário de Allan Kardec: A vida do Espírito, em seu conjunto, apresenta as mesmas fases que observamos na vida corporal. Ele passa gradualmente do estado de embrião ao de infância, para chegar, através de uma sucessão de períodos, ao estado de adulto, que é o da perfeição, com a diferença de não haver, para o Espírito, nem declínio nem decrepitude, como na vida corporal; que a sua vida, que teve começo, não terá fim; que lhe é necessário, do nosso ponto de vista, um tempo imenso para passar da infância espiritual ao completo desenvolvimento; e que o seu progresso se realiza, não numa única esfera, mas passando por diversos mundos. A vida do Espírito, pois, se compõe de uma série de existências corporais, cada uma das quais representa para ele uma oportunidade de progresso, do mesmo modo que cada existência corporal se compõe de uma série de dias, em cada um dos quais o homem adquire mais experiência e instrução. Mas, assim como na vida do homem há dias que não produzem nenhum fruto, na do Espírito há existências corporais de que nenhum resultado, porque não as soube aproveitar.

196-a. *É o corpo que influi sobre o Espírito para que este se melhore, ou é o Espírito que influi sobre o corpo?*

“Teu Espírito é tudo; teu corpo é uma veste que apodrece: eis tudo.”

199-a. (1º § do Comentário de Allan Kardec)

> Se o homem só tivesse uma existência, e se após essa existência sua sorte futura ficasse decidida para sempre, qual seria o mérito de metade da espécie humana, que morre em tenra idade, para gozar, sem esforços, da felicidade eterna e com que direito se acharia isenta das condições, frequentemente tão duras, impostas à outra metade? Semelhante ordem de coisas não se harmonizaria com a Justiça de Deus. Com a reencarnação, a igualdade é para todos; o futuro pertence a todos sem exceção e sem favor para quem quer que seja, e os que chegarem por último só poderão queixar-se de si mesmos. O homem deve ter o mérito de seus atos, como tem deles a responsabilidade.

205. *Na opinião de certas pessoas, a doutrina da reencarnação parece destruir os laços de família, ao fazê-los recuar às existências anteriores.*

“Ela os amplia; não os destrói. Baseando-se o parentesco em afeições anteriores, os laços que unem os membros de uma mesma família são menos precários. A doutrina da

reencarnação aumenta os deveres da fraternidade, pois no vosso vizinho, ou no vosso empregado pode encontrar-se um Espírito que esteve ligado a vós por laços consanguíneos."

205-a. *No entanto, essa doutrina diminui a importância que alguns atribuem à sua dão à genealogia, visto que cada um pode ter tido por pai um Espírito que haja pertencido a outra raça ou que tenha vivido em condição muito diversa.*

"É verdade, mas essa importância se baseia no orgulho. O que a maioria das pessoas venera em seus antepassados são os títulos, a posição, a fortuna. Um, que se envergonharia de ser, como ascendente, honrado sapateiro, se gabaria de descender de um nobre devasso. Mas, digam ou façam o que quiserem, não impedirão que as coisas sejam como são, pois Deus não regulou as leis da Natureza segundo a vontade deles."

272. *Espíritos vindos de um mundo inferior à Terra, ou de um povo muito atrasado, como os canibais, poderiam nascer entre nossos povos civilizados?*

"Sim. Há os que extraviam, por quererem subir muito alto; mas, nesse caso, ficam deslocados entre vós, porque têm costumes e instintos que não condizem com os

vossos.”

273. *Um homem que pertence a uma raça civilizada poderia, por expiação, reencarnar numa raça selvagem?*

“Sim, mas depende do gênero da expiação. Um senhor que tenha sido cruel com seus escravos poderá, por sua vez, tornar-se escravo e sofrer os maus-tratos que infligiu a outros. Aquele que exerceu o mando em certa época, pode, em nova existência, obedecer aos que se curvavam ante a sua vontade. É uma expiação que Deus lhe impõe, se ele abusou do seu poder. Um bom Espírito também pode querer encarnar no seio daquelas raças, ocupando posição influente, para fazê-las progredir. Trata-se, então, de uma missão.”

688. *Há, neste momento, raças humanas que evidentemente diminuem. Chegará o momento em que terão desaparecido da Terra?*

“Isto é verdade. É que outras tomaram o seu lugar, assim como outras raças um dia tomarão o lugar da vossa.”

689. *Os homens atuais formam uma nova criação ou são descendentes aperfeiçoados dos seres primitivos?*

“São os mesmos Espíritos que voltaram, para se aperfeiçoar em novos corpos, mas

que ainda estão longe da perfeição. Assim, a atual raça humana que, pelo seu crescimento, tende a invadir toda a Terra e substituir as raças que se extinguem, terá sua fase de decréscimo e de desaparição. Será substituída por outras raças mais aperfeiçoadas, que descenderão da atual, como os homens civilizados de hoje descendem dos seres brutos e selvagens dos tempos primitivos."

690. *Do ponto de vista puramente físico, os corpos da raça atual são de criação especial, ou procedem dos corpos primitivos, por meio da reprodução?*

"A origem das raças se perde na noite dos tempos. Mas, como **pertencem todas à grande família humana**, qualquer que tenha sido o tronco primitivo de cada uma, elas puderam aliar-se entre si e produzir tipos novos."

691. *Qual é, do ponto de vista físico, o caráter distintivo e dominante das raças primitivas?*

"Desenvolvimento da força bruta, à custa da força intelectual. Agora, dá-se o contrário: o homem faz mais pela inteligência do que pela força física e, não obstante, faz cem vezes mais, porque soube tirar proveito das forças na Natureza, o que não conseguem os animais."

787-b. *Assim, os homens mais civilizados podem ter sido selvagens e antropófagos?*

“Tu mesmo o foste mais de uma vez, antes de seres o que és.”

789. *Um dia o progresso reunirá todos os povos da Terra numa só nação?*

“Em uma só nação, não; isto é impossível, pois da diversidade dos climas se originam costumes e necessidades diferentes, que constituem as nacionalidades, razão por que sempre será preciso que haja leis apropriadas a esses costumes e necessidades. A caridade, porém, não leva em conta as latitudes, nem distingue os homens pela cor da pele. Quando, por toda a parte, a lei de Deus servir de base à lei humana, os povos, como os indivíduos, praticarão entre si a caridade; então, viverão felizes e em paz, porque ninguém fará mal ao vizinho, nem viverá à sua custa.”

793. *Por que sinais se pode reconhecer uma civilização completa?*

“Reconhecê-la-eis pelo desenvolvimento moral. Credes que estais muito adiantados, porque fizestes grandes descobertas e invenções maravilhosas; porque vos alojais e vos vestis melhor do que os selvagens. Contudo, não tereis verdadeiramente o direito de dizer-vos civilizados, senão

quando houverdes banido de vossa sociedade os vícios que a desonram e quando viveres como irmãos, praticando a caridade cristã. Até então, sereis apenas povos esclarecidos, que só percorrem a primeira fase da civilização.”

Comentário de Allan Kardec: A civilização, como todas as coisas, apresenta gradações. Uma civilização incompleta é um estado transitório, que gera males especiais, desconhecidos do homem no estado primitivo; mas nem por isso deixa de constituir um progresso natural, necessário, que traz consigo o remédio para o mal que causa. À medida que a civilização se aperfeiçoa, faz cessar alguns dos males que gerou, e esses males desaparecerão com o progresso moral.

De dois povos que tenham chegado ao mais alto grau da escala social, somente pode considerar-se o mais civilizado, na verdadeira acepção do termo, aquele onde exista menos egoísmo, menos cobiça e menos orgulho; onde os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; onde a inteligência possa desenvolver-se com maior liberdade; onde os preconceitos de casta e de nascimento sejam menos arraigados, porque tais preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor do próximo; onde as leis não consagram

nenhum privilégio e sejam as mesmas para todos, tanto para o último, como para o primeiro; onde a justiça se exerça com menos parcialidade; onde o fraco encontre sempre amparo contra o forte; onde a vida do homem, suas crenças e opiniões sejam mais bem respeitadas; onde haja menos infelizes; enfim, onde todo homem de boa vontade esteja certo de não lhe faltar o necessário.

803. *Todos os homens são iguais perante Deus?*

"Sim, todos tendem para o mesmo fim e Deus fez suas leis para todos. Frequentemente dizeis; O Sol brilha para todos, e com isso enunciais uma verdade maior e mais geral do que pensais."

Comentário de Allan Kardec: Todos os homens estão submetidos às mesmas leis da Natureza. Todos nascem igualmente fracos, acham-se sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Portanto, Deus não concedeu superioridade natural a nenhum homem, nem pelo nascimento, nem pela morte; diante dele, todos são iguais.

804. *Por que Deus não concedeu as mesmas aptidões a todos os homens?*

"Deus criou iguais todos os Espíritos. Cada um deles, porém, viveu mais ou menos

tempo e, por conseguinte, obteve maior ou menor soma de aquisições. A diferença entre eles está na diversidade da experiência alcançada e da vontade com que procedem, vontade que é o livre-arbítrio. É por isso que uns se aperfeiçoam mais rapidamente do que outros, o que lhes dá aptidões diversas. A variedade de aptidões é necessária, a fim de que cada um possa concorrer para a execução dos desígnios da Providência, no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais: o que um não faz, o outro faz. Assim, cada um tem seu papel útil a desempenhar. Além disso, como todos os mundos são *solidários entre si*, importa que os habitantes dos mundos superiores, que, na sua maioria, foram criados antes do vosso, venham habitá-lo, para vos dar o exemplo."

806. *A desigualdade das condições sociais é uma lei da Natureza?*

"Não; é obra do homem e não de Deus".

822. *Sendo os homens iguais perante a lei de Deus, devem sê-lo igualmente perante as leis humanas?*

"O primeiro princípio de justiça é esse: Não façais aos outros o que não gostaríeis que vos fizessem."

829. *Haverá homens que estejam,*

naturalmente, destinados a ser propriedade de outros homens?

"Toda sujeição absoluta de um homem a outro homem é contrária à lei de Deus. A escravidão é um abuso da força e desaparecerá com o progresso, como desaparecerão pouco a pouco todos os abusos."

830. *Quando a escravidão faz parte dos costumes de um povo, os que dela se aproveitam merecem ser condenados, embora apenas se sujeitem a um hábito que lhes parece natural?*

"O mal é sempre o mal e nenhum dos vossos sofismas fará que uma má ação se torne boa. Mas a responsabilidade do mal é relativa aos meios de que o homem disponha para compreendê-lo. Aquele que tira proveito da lei da escravidão é sempre culpado de violação da lei da Natureza. Mas aí, como em tudo, a culpabilidade é relativa. Como a escravidão tem feito parte dos costumes de certos povos, foi possível ao homem aproveitar-se dela, ainda que de boa-fé, como de uma coisa que lhe parecia natural. Desde, porém, que sua razão, mais desenvolvida e, sobretudo, esclarecida pelas luzes do Cristianismo, lhe mostrou que o escravo era um seu igual perante Deus, ele não tem mais nenhuma desculpa;"

831. *A desigualdade natural das aptidões não coloca certas raças humanas sob a dependência de raças mais inteligentes?*

"Sim, para as elevar, e não para embrutecê-las ainda mais pela servidão. **Durante muito tempo os homens consideraram certas raças humanas como animais de trabalho, munidos de braços e mãos, e se julgavam no direito de vendê-las como bestas de carga**. Acreditavam ter o sangue mais puro. Insensatos! Nada veem além da matéria! Não é o sangue que deve ser mais ou menos puro, mas o Espírito."

832. *Há homens que tratam seus escravos com humanidade, não lhes deixam faltar coisa alguma e acreditam que a liberdade os exporia a maiores privações. Que dizeis disso?*

"Digo que esses compreendem melhor os seus interesses. Eles também dispensam muito cuidado aos seus bois e cavalos, para que obtenham bom preço no mercado. **Não são tão culpados como os que maltratam os escravos**, mas, nem por isso, deixam de dispor deles como de uma mercadoria, privando-os do direito de serem donos de si mesmos."

918. *Por que sinais se pode reconhecer num homem o progresso real que deve*

elevar o Espírito na hierarquia espírita?

"O Espírito prova a sua elevação quando todos os atos de sua vida corporal representam a prática da lei de Deus e quando compreende antecipadamente a vida espiritual."

Comentário de Allan Kardec: O verdadeiro homem de bem é o que pratica a lei de justiça, amor e caridade na sua maior pureza. Se interroga a própria consciência sobre os atos que praticou, perguntará se não violou essa lei, se não fez o mal, se fez todo o bem *que podia*, se ninguém tem motivos para se queixar dele, enfim, se fez aos outros o que desejara que lhe fizessem.

Imbuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar recompensa, e sacrifica seus interesses à justiça.

É bondoso, humanitário e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem distinção de raças, nem de crenças.

Se Deus lhe concedeu o poder e a riqueza, considera essas coisas como *um depósito*, de que deve usar para o bem, e disso não se envaidece, por saber que Deus, que lhe deu tudo isso, também poderá retirá-los.

Se a ordem social colocou outros

> homens sob a sua dependência, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus. Usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para os esmagar com seu orgulho.
>
> É indulgente para com as fraquezas alheias, porque sabe que ele mesmo precisa da indulgência dos outros e se lembra destas palavras do Cristo: *Aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra.*
>
> Não é vingativo; a exemplo de Jesus, perdoa as ofensas, para só se lembrar dos benefícios, pois não sabe que *será perdoado na medida em que houver perdoado.*
>
> Respeita, enfim, em seus semelhantes, todos os direitos que as leis da Natureza lhes concedem, como gostaria que respeitassem os seus. ([107]) (itálico do original)

Embora as questões que acabamos de relacionar sejam perguntas aos Espíritos Superiores, com as suas respectivas respostas, é fácil verificar-se que, entremeio a uma e outra, aparecem comentários de Allan Kardec. Por elas pode-se ver que os Espíritos Superiores “pregavam” a igualdade dos homens em todos os sentidos, com o que ele

concordou, não fazendo objeção alguma, fato muito estranho, caso fosse mesmo um racista, como os fanáticos querem nos fazer crer.

Relembrando: "***A caridade, porém, não leva em conta as latitudes, nem distingue os homens pela cor da pele***. *Quando, por toda a parte, a lei de Deus servir de base à lei humana, os povos, como os indivíduos, praticarão entre si a caridade; então, viverão felizes e em paz, porque ninguém fará mal ao vizinho, nem viverá à sua custa*", o que também evidencia, que não devemos separar ninguém pela cor da pele, demonstrando, claramente, uma ideia contrária ao racismo.

Em ***O Livro dos Espíritos***, Livro Segundo, capítulo "V – Considerações sobre a pluralidade das existências", destacamos do comentário de Allan Kardec no item 222, o seguinte trecho que se inicia no 7º §:

> Se não há reencarnação, só há uma existência corporal; isto é evidente. **Se a nossa atual existência corpórea é única, a alma de cada homem foi criada por ocasião do seu nascimento**, a menos

que se admita a anterioridade da alma, caso em que caberia perguntar o que era ela antes do nascimento e se o estado em que se achava não constituía uma existência sob uma forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia, ou não existia antes do corpo. Se existia, qual a sua situação? Tinha, ou não, consciência de si mesma? Se não tinha, era mais ou menos como se não existisse. Se tinha individualidade, era progressiva ou estacionária? Em ambos os casos, a que grau chegaria no corpo? **Admitindo, segundo a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo**, ou, o que vem a ser o mesmo, que antes de encarnar ela só dispõe de faculdades negativas, **formulamos as seguintes questões**:

1. Por que mostra a alma aptidões tão diversas e independentes das ideias adquiridas pela educação?

2. De onde vem a aptidão extranormal de algumas crianças de tenra idade para esta arte ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida inteira?

3. De onde vêm, para uns, as ideias inatas ou intuitivas, que não existem em outros?

4. De onde vêm, em certas crianças, os instintos precoces para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixeza, contrastando com o meio em

que elas nasceram?

5. Por que certos homens, independentemente da educação, são mais adiantados do que outros?

6. Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes uma criança **hotentote** recém-nascida e a educardes nos nossos melhores liceus, fareis dela algum dia um Laplace ou um Newton?

Perguntamos: qual a filosofia ou a teosofia capaz de resolver estes problemas? **É fora de dúvida que, ou as almas são iguais ao nascerem, ou são desiguais**. Se são iguais, por que, entre elas, tão grande diversidade de aptidões? **Dir-se-á que isso depende do organismo**. Mas, então, **estaríamos diante da mais monstruosa e imoral das doutrinas**. O homem seria simples máquina, joguete da matéria; deixaria de ter a responsabilidade de seus atos, já que poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se almas são desiguais, é que Deus as criou assim. **Nesse caso, por que essa superioridade inata concedida a algumas? Esta parcialidade estaria conforme à justiça de Deus e ao amor que Ele consagra igualmente a todas suas criaturas?**

Admitamos, ao contrário, uma série de existências progressivas anteriores e tudo se explica. **Os homens** trazem, ao nascerem, a intuição do que aprenderam antes; **são**

mais ou menos adiantados, conforme o número de existências por que passaram, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida, exatamente como, numa reunião de indivíduos de todas as idades, cada um terá desenvolvimento proporcionado ao número de anos que tenha vivido. As existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a do corpo. Reuni, em certo dia, um milheiro de indivíduos de um a oitenta anos; suponde que um véu tenha sido lançado sobre todos os dias anteriores e que, na vossa ignorância, acreditais que todos nasceram no mesmo dia. Perguntareis naturalmente como é que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e outros jovens, uns instruídos e outros ainda ignorantes. Porém, se a nuvem que vos oculta o passado vier a dissipar-se; se souberdes que todos viveram mais ou menos tempo tudo estará explicado. **Deus, em sua justiça, não pode ter criado almas mais perfeitas e outras menos perfeitas; mas, com a pluralidade das existências, a desigualdade que vemos nada tem que contraria a mais rigorosa equidade**: é que apenas vemos o presente e não o passado. Este raciocínio baseia-se nalgum sistema, nalguma suposição gratuita? Não. Partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral, e verificamos que nenhuma das teorias

correntes o explica, ao passo que uma outra teoria o explica, de maneira simples, natural e lógica. Será racional preferir-se as que não explicam àquela que explica?

Em relação à sexta questão, dirão naturalmente que o hotentote é uma raça inferior. Perguntaremos, então, se o hotentote é um homem ou não. **Se é um homem, por que Deus o deserdou, a ele e à sua raça, dos privilégios concedidos à raça caucásica?** Se não é homem, por que tentar fazê-lo cristão? **A Doutrina Espírita tem mais amplitude do que tudo isso. Segundo ela, não há muitas espécies de homens, mas apenas homens cujos espíritos estão mais ou menos atrasados, mas todos suscetíveis de progredir. Este princípio não é mais conforme à justiça de Deus?** ([108])

Qualquer pessoa sensata verá que Allan Kardec não estava defendendo uma hierarquia racial. Pelo contrário, ele usou os hotentotes – termo usado no Século XIX para designar povos nômades da África Austral – para refutar a ideia de que haveria “raças inferiores” e mostrar que, segundo a Doutrina Espírita, todos os Espíritos são igualmente criados para o progresso.

O raciocínio do Codificador é: se alguém afirma que um hotentote não pode alcançar o mesmo nível de desenvolvimento de um europeu, isso seria injusto e incompatível com a justiça divina. A resposta espírita é que não existem “espécies diferentes de homens”, mas sim Espíritos em diferentes graus de evolução, todos com potencial de crescimento.

Portanto, o seu comentário deve ser lido como uma crítica às teorias raciais da época. Allan Kardec se valeu da linguagem corrente de seu tempo, mas o objetivo era **desconstruir** a ideia de desigualdade essencial entre os povos.

A sexta questão citada por Allan Kardec é a seguinte: “*Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes uma criança hotentote recém-nascida e a educardes nos nossos melhores liceus, fareis dela algum dia um Laplace ou um Newton?*”. Esse trecho, por vezes, é interpretado de forma equivocada por alguns indivíduos que, desconhecendo o pensamento do Codificador, o utilizam indevidamente para acusá-lo de racismo.

Na realidade, sua linha argumentativa parte do

pressuposto de que os Espíritos que aninam os chamados “selvagens” estariam em uma etapa anterior de desenvolvimento em relação aos homens civilizados. Por isso, não faria sentido encarnar entre eles Espíritos já portadores de grande bagagem intelectual. Certamente, que nada ou muito pouco aprenderiam nesse meio. A não ser, por óbvio, em casos de missão, quando poderiam fazê-lo.

É importante compreender que Allan Kardec, ao empregar termos e exemplos comuns em sua época, não endossa preconceitos racistas, mas os utiliza como contraponto para afirmar a justiça divina e a igualdade espiritual. O Espiritismo, nesse sentido, se coloca como uma doutrina que transcende as limitações culturais do Século XIV e reafirma que todos os Espíritos, independentemente de origem ou condição, têm o mesmo destino: o progresso.

Por puro exercício de lógica, ao citar o exemplo do hotentote, Allan Kardec não reproduz um viés racista, como querem seus adversários e espíritas mal-informados, mas dialoga com as concepções científicas e sociais vigentes no Século XIX para demonstrar que o Espiritismo se opõe à noção de

raças inferiores. Sua intenção é afirmar que todos os Espíritos, pouco importa a origem que tenham, são igualmente suscetíveis de progresso e que a diversidade observada resulta apenas do grau evolutivo, nunca de uma desigualdade essencial criada por Deus.

E por falar em caridade, lembramo-nos que, em ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, cap. XVII – Sede Perfeitos, ao definir o homem de bem, Allan Kardec disse:

> **O homem de bem** é bom, humano e benevolente para com todos, **sem distinção de raças, nem de crenças**, porque em todos os homens vê irmãos seus. ([109])

E, ainda ressaltando suas qualidades, arrematou categórico: “Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema aos que como ele não pensam.” ([110])

Num outro ponto do que transcrevemos, dos comentários de Allan Kardec, em ***O Livro dos Espíritos***, da resposta à pergunta 793, podemos

reler para melhor evidenciar o seu pensamento:

> De dois povos que tenham chegado ao mais alto grau da escala social, somente pode considerar-se o mais civilizado, na verdadeira acepção do termo, aquele onde exista menos egoísmo, menos cobiça e menos orgulho; onde os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; onde a inteligência possa desenvolver-se com maior liberdade; **onde os preconceitos de casta e de nascimento sejam menos arraigados, porque tais preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor do próximo**; **onde as leis não consagram nenhum privilégio e sejam as mesmas para todos**, tanto para o último, como para o primeiro; onde a justiça se exerça com menos parcialidade; onde o fraco encontre sempre amparo contra o forte; onde a vida do homem, suas crenças e opiniões sejam mais bem respeitadas; onde haja menos infelizes; enfim, onde todo homem de boa vontade esteja certo de não lhe faltar o necessário. ([111])

Isso vem reforçar, conforme informamos pela enésima vez, a opinião dele contrária a preconceitos, evidenciando ideias e conceitos totalmente antirracistas, estabelecendo, como meta da

humanidade, a igualdade entre todos, uma vez que, perante Deus todos nós somos completamente iguais.

As desigualdades ainda existentes na sociedade, afirma ele, são criação do homem, que um dia, finalmente, compreenderá que todos devem ser tratados de igual modo, sem nenhum tipo de privilégio e totalmente livre dos preconceitos de qualquer espécie.

Ele, Allan Kardec, como se diz, nunca arredou pé daquilo que lhe ensinavam os Espíritos, como, por exemplo, o que consta numa mensagem recebida em setembro de 1861, registrada na ***Revista Espírita 1861***:

> **Compreendei bem que todos os homens são irmãos, sejam eles negros ou brancos, ricos ou pobres, muçulmanos, judeus ou cristãos**. Como devem, para progredir, renascer várias vezes, segundo a revelação que disso fez o Cristo, Deus permite que aqueles que os laços do sangue ou da amizade uniram, em existências anteriores, se reencontrem de novo sobre a Terra, sem se reconhecerem, mas em posições relativas às expiações que

> têm para suportar pelas suas faltas passadas; de sorte que aquele que é vosso servidor pode ter sido vosso senhor, em uma outra existência; o infeliz a quem recusastes assistência, talvez seja um de vossos antepassados do qual teríeis vaidade, ou um amigo que vos foi caro. Compreendei agora a importância deste mandamento do decálogo: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” Eis, meus amigos, **a revelação que deve vos levar à fraternidade universal, quando for compreendida por todos**. Eis porque não deveis permanecer imutáveis em vossos princípios, mas seguir a marcha do progresso, traçada por Deus, sem jamais vos deter; eis porque vos exortei a tomar nas mãos a bandeira do Espiritismo. Sim, sede Espíritas, porque é a lei de Deus, e lembrai-vos de que neste caminho está a felicidade, porque é o que conduz à perfeição. Eu vos sustentarei, eu e todos aqueles que conhecestes, que, como eu, agem no mesmo sentido. Edouard PEREYRE. ([112])

Bom, como se vê, até aqui nada poderá ser usado como base para se acusar Allan Kardec de racista; ao contrário, tudo quanto está colocado converge para demonstrar o seu caráter de homem universalista, admitindo direitos iguais a todos

indistintamente, sem qualquer tipo de discriminação, seja por raça, por cor, etc.

Inclusive, é completamente estranho alguém que defende peremptoriamente a não servidão de uns para com os outros, numa época em que ainda existia a escravidão dos negros, ser considerada, ao mesmo tempo, uma pessoa racista.

Isso somente é possível de acontecer aos indivíduos de mentalidade doentia, cujo ódio lhes cega o entendimento. Certamente, que é por esse motivo que alguns apontam este trecho, do item 222 de ***O Livro dos Espíritos*** que citamos um pouco atrás, como de cunho racista:

> Em relação à sexta questão, **dirão** naturalmente que o hotentote é uma raça inferior. Perguntaremos, então, **se o hotentote é um homem ou não**. Se é um homem, por que Deus o deserdou, a ele e à sua raça, dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é homem, por que tentar fazê-lo cristão? A Doutrina Espírita tem mais amplitude do que tudo isso. Segundo ela, **não há muitas espécies de homens, mas apenas homens cujos espíritos estão mais ou menos atrasados, mas**

> **todos suscetíveis de progredir**. Este princípio não é mais conforme à justiça de Deus? ([113])

Querem colocar como sendo de Allan Kardec a expressão "***dirão*** *naturalmente o hotentote é uma raça inferior*", quando, na verdade, não é uma fala dele. Ele, em função da expressão antecedente "*dirão naturalmente*", está afirmando que, em razão do que ele disse anteriormente, pessoas poderão dizer que o hotentote é uma faça inferior; ou seja, é apenas uma hipótese de trabalho, para daí tirar suas conclusões.

Apenas, para que fique claro o pensamento de Allan Kardec, ressaltamos de suas conclusões: "*não há muitas espécies de homens, mas apenas homens cujos espíritos estão mais ou menos atrasados, mas todos suscetíveis de progredir*", o que comprova o seu notório espírito universalista e humanitário, deixando-nos atônitos, quando daí tiram outra conclusão.

Corroborando isso vemos que até as pessoas mais simples mereciam atenção do Codificador, pois

fez questão em divulgar o desencarne delas, conforme registrado na ***Revista Espírita 1863*** e na ***Revista Espírita 1867***, respectivamente:

ENTERRO DE UM ESPÍRITA NA VALA COMUM

Um dos nossos irmãos em Espiritismo, membro da Sociedade de Paris, Sr. Costeau, acaba de morrer; foi inumado em 12 de setembro de 1863, no cemitério de Montemartre. Era um homem de coração, que o Espiritismo levou a Deus; sua fé no futuro era completa, sincera e profunda; era **um simples operário calceteiro**, praticando a caridade em pensamentos, em palavras *e* em ações, segundo seus fracos recursos, porque procurava ainda meio de assistir aqueles que tinham menos do que ele.

Estar-se-ia em erro considerando-se a Sociedade de Paris como uma reunião exclusivamente aristocrática, porque ela conta mais de um proletário em seu seio; acolhe todos os devotamentos à causa que sustenta, que venham do alto ou do baixo da escala social; o grande senhor e o artesão se dão a mão fraternalmente. Há algum tempo, ao casamento de um de nossos colegas, trabalhador também, assistiam um alto dignatário estrangeiro e a princesa sua

mulher, ambos membros da Sociedade, que não tinham acreditado derrogar vindo sentar-se lado a lado com os outros assistentes, embora o luxo da cerimônia, celebrada numa capela obscura de uma opulenta paróquia, estivesse reduzida à sua mais simples expressão. É que o **Espiritismo**, sem cogitar uma igualdade quimérica, sem confundir as classes, sem pretender fazer passar todos os homens sob o mesmo nível social impossível, **fá-los apreciar de um outro ponto de vista do que o prisma fascinante do mundo; ensina que o pequeno pode ter sido grande sobre a Terra, que o grande pode tornar-se pequeno**, e que no reino celeste as classes terrestres não são contadas por nada. Assim é que, **destruindo logicamente os preconceitos sociais de castas e de cor, conduz à verdadeira fraternidade**.

Nosso irmão Costeau era pobre; deixa uma viúva na necessidade, também foi colocado na vala comum, porta que também conduz ao céu tão bem quanto o suntuoso mausoléu. O Sr. d'Ambel, vice-presidente, e o Sr. Canu, secretário da Sociedade, conduziram o féretro; um e outro pronunciaram sobre o túmulo palavras que causaram uma viva impressão sobre o auditório e sobre os próprios coveiros, visivelmente emocionados, embora insensíveis a essas espécies de cerimônias.

([114])

NECROLOGIA

SR. LECLERC

A Sociedade Espírita de Paris vem de ter uma nova perda na pessoa do Sr. Charles-Julien Leclerc, **antigo mecânico**, com a idade de cinquenta e sete anos, morto subitamente de um ataque de apoplexia fulminante, em 2 de dezembro, no momento em que entrava na Ópera. Ele morou muito tempo no Brasil, e foi aí que hauriu as primeiras noções do Espiritismo, ao qual o tinha preparado a doutrina de Fourrier, da qual era um zeloso partidário. Retornando à França, depois de ter feito uma posição independente por seu trabalho, se devotou à causa do Espiritismo, do qual facilmente entreviu a alta importância humanitária e moralizadora para a classe operária. Era um homem de bem, amado, estimado e lamentado por todos os que o conheceram, um Espírita, de coração, se esforçando para pôr em prática, em proveito de seu adiantamento moral, os ensinos da Doutrina, um desses homens que honram a crença que professam.

A pedido de sua família, dissemos sobre o seu túmulo a prece para as almas que acabam de deixar a Terra (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*), e que fizemos seguir das palavras seguintes: [...]. ([115])

Na sequência da primeira citação, Allan Kardec coloca várias alocuções feitas em homenagem ao Sr. Costeau. Assim, podemos ver que ele, na prática, não fazia discriminação de pessoas por conta de posição social, profissão, ou qualquer outra situação.

Inclusive, como presidente da Sociedade Espírita de Paris, disse o seguinte: "*Mas o Espiritismo não é exclusivista;* ***para ele todos os homens são irmãos e se devem um mútuo apoio****, sem exceção de crenças*". ([116])

Evidentemente, que, na pressa de achar algo contra a Doutrina, não perceberam dois pontos importantes em relação ao que Allan Kardec pensava: primeiro, que ele apenas classificava a humanidade em homens civilizados e selvagens; segundo, que, ao citar estes dois ícones, falava da genialidade desses notáveis cientistas, como produto da evolução anterior deles, enquanto o espírito encarnado como um hotentote é considerado um espírito no início de sua escalada evolutiva, sem que isso seja um demérito, pois é algo pelo qual todos nós, como espíritos que somos, provavelmente já passamos.

É assim que Allan Kardec entendia o gênio, conforme se vê na ***Revista Espírita 1866***:

> [...] **O homem de gênio é um Espírito que viveu por muito mais tempo, que tem, consequentemente, mais adquirido e mais progredido do que aqueles menos avançados**. Em se encarnando, traz o que sabe, e como ele sabe muito mais que os outros, sem ter necessidade de aprender, é o que se chama homem de gênio. Mas o que ele sabe não é menos o fruto de um trabalho anterior e **não o resultado de um privilégio. Antes de nascer, era, pois, Espírito avançado**; ele se reencarna seja para fazer os outros aproveitarem do que sabe, seja para adquirir mais. ([117])

E como a genialidade não é privilégio, todos nós um dia a teremos, a reencarnação é o fator que fará com que todos os espíritos, indistintamente, cheguem a esse patamar evolutivo no campo do conhecimento e uso da inteligência.

Será que Allan Kardec usa o termo raça para identificar um conjunto de indivíduos com origem étnica, linguística ou social comum, ou estaria ele

estabelecendo, entre os homens, espécies distintas? Na resposta à questão 53a, é que entenderemos em que baseava o seu pensamento. Sua pergunta aos espíritos foi: "*Estas diferenças constituem espécies distintas?*", que, de imediato, lhe responderam: "*Certamente que não;* ***todos são da mesma família****. Porventura as múltiplas variedades de um mesmo fruto são motivo para elas deixarem de formar uma só espécie?*", ou seja, podemos dizer que há uma só espécie ou uma só raça, até mesmo porque, em continuando suas perguntas, Allan Kardec usa o termo "*espécie humana*". Será que Laplace e Newton ou qualquer um de nós tem vergonha de ter passado pelo período de alfabetização? Da mesma forma, é o que se deve entender do posicionamento do Codificador.

Vale relembrar um pouco da biografia dos personagens citados:

> **Laplace**, Pierre-Simone
>
> Físico, matemático e astrônomo francês, Laplace pesquisou mecânica celeste, eletromagnetismo e probabilidade, e ficou mais conhecido por sua hipótese da origem

do mundo, que leva seu nome.

Pierre-Simon, marquês de Laplace, nasceu em 23 de março de 1749, em Beaumont-en-Auge, na Normandia. De origem modesta, destacou-se quando estudante por sua inteligência. Por recomendação do matemático e enciclopedista Jean Le Rond d'Alembert, tornou-se professor da Escola Militar de Paris, em 1769.

Em 1773, iniciou a compilação das pesquisas e teorias astronômicas de Isaac Newton, Edmundo Halley e outros célebres cientistas, cujas obras encontravam-se dispersas, e buscou explicar as aparentes anomalias das órbitas planetárias. Após uma breve incursão na biologia química, em que, com a colaboração de Lavoisier, demonstrou que a respiração dos seres vivos é uma forma de combustão produzida pela reação das substâncias orgânicas com o oxigênio inspirado, retomou seus estudos celestes. Nesse campo, realizou cálculos minuciosos sobre os efeitos gravitacionais recíprocos de todos os corpos do sistema solar e descobriu que as órbitas ideais propostas por Newton apresentavam desvios periódicos. Nessa época, concluiu também brilhante análise sobre eletromagnetismo.

Em *Exposition du système du monde* (1796; Exposição do sistema do mundo) Laplace explicou a origem do Sol e dos

planetas a partir de uma nebulosa. Em *Traité de mécanique céleste* (1798-1827; Tratado de mecânica celeste), em cinco volumes, fez uma completa interpretação da dinâmica do sistema solar, apoiada em teses matemáticas. Seus trabalhos sobre a teoria da probabilidade tornaram-se amplamente conhecidos e respeitados nos círculos científicos. Ministro do Interior de Napoleão Bonaparte durante seis semanas, foi nomeado marquês e par de França por Luís XVIII, em reconhecimento a sua importante atividade científica e política. Laplace morreu em 5 de março de 1827, em Paris. ([118])

Newton, Isaac

Importante cientista e físico inglês, suas descobertas e estudos, iluminismo e ciência nos séculos XVII e XVIII. Um dos grandes nomes da história da Física.

Isaac Newton nasceu em Londres, no ano de 1643, e viveu até o ano de 1727. Cientista, químico, físico, mecânico e matemático, trabalhou junto com Leibniz na elaboração do cálculo infinitesimal. Durante sua trajetória, ele descobriu várias leis da física, entre elas, a lei da gravidade.

Este cientista inglês, que foi um dos principais precursores do Iluminismo, criou o binômio de Newton, e, fez ainda, outras descobertas importantes para a ciência.

Quatro de suas principais descobertas foram realizadas em sua casa, isto ocorreu no ano de 1665, período em que a Universidade de Cambridge foi obrigada a fechar suas portas por causa da peste que se alastrava por toda a Europa. Na fazenda onde morava, o jovem e brilhante estudante realizou descobertas que mudaram o rumo da ciência: o teorema binomial, o cálculo, a lei da gravitação e a natureza das cores.

Dentre muitas de suas realizações escreveu e publicou obras que contribuíram significativamente com a matemática e com a física. Além disso, escreveu também sobre química, alquimia, cronologia e teologia.

Newton sempre esteve envolvido com questões filosóficas, religiosas e teológicas e também com a alquimia e suas obras mostravam claramente seu conhecimento a respeito destes assuntos. Devido a sua modéstia, não foi fácil convencê-lo a escrever o livro *Principia*, considerado uma das obras científicas mais importantes do mundo.

Newton tinha um temperamento tranquilo e era uma pessoa bastante modesta. Ele se dedicava muito ao seu trabalho e muitas vezes deixava até de se alimentar e também de dormir por causa disso. Além de todas as descobertas que ele fez, acredita-se que ocorreram muitas outras que não foram anotadas.

> Diante de todas as suas descobertas, que, sem sombra de dúvida, contribuíram e também ampliaram os horizontes da ciência, este cientista brilhante acreditava que ainda havia muito a se descobrir. E, em 1727, morreu após uma vida de grandes descobertas e realizações. ([119])

Na comparação, Allan Kardec procura colocar um ser que estaria no início da sua escalada evolutiva, que poderemos ampliar para o grosso dos indivíduos, que, mesmo nas melhores escolas do mundo, não conseguiriam ter uma produção intelectual igual à dos dois cientistas citados, porquanto, eles, certamente, espíritos mais antigos, devem sua genialidade às aquisições pretéritas, quando reencarnados em outros tempos, ocasião em que desenvolveram, paulatinamente, sua capacidade cognitiva.

O que Allan Kardec quer dizer com a comparação é que seria alguma coisa como mandar uma pessoa com de título de doutorado frequentar, novamente, o jardim da infância, pelo fato dela ter mudado de uma cidade para outra.

Até este ponto, também já deu para perceber

que pouco valor é dado ao corpo físico, pois, na visão do Espiritismo, o que realmente importa é o Espírito; este, sim, é o que somos em essência. Os materialistas não entendem essa posição; e, por não perceberem esse importantíssimo detalhe, acabam dizendo bobagens, quando não absurdos sobre a Doutrina Espírita ou sobre o próprio Codificador.

Allan Kardec publicou uma obra com as noções elementares de Espiritismo, intitulada ***O que é o Espiritismo***, de forma a dar um resumo de seus princípios, da qual transcrevemos:

> *112 – Criou Deus as almas iguais moral e intelectualmente, ou fê-las mais perfeitas e inteligentes umas que as outras?*
>
> Se Deus as houvesse feito umas mais perfeitas que as outras, não conciliaria essa preferência com a justiça.
>
> *Sendo todas as criaturas obra sua, por que dispensaria ele do trabalho umas, quando o impõe a outras para alcançarem a felicidade eterna?*
>
> A desigualdade das almas em sua origem seria a negação da justiça de Deus.
>
> *113 – Se as almas são criadas iguais,*

como explicar a diversidade de aptidões e predisposições naturais que notamos entre os homens sobre a Terra?

Essa diversidade é a consequência do progresso feito pela alma, antes da sua união ao corpo.

As almas mais adiantadas, em inteligência e moralidade, são aquelas que têm vivido mais e mais progredido antes da sua encarnação.

114 – Qual é o estado da alma em sua origem?

As almas são criadas simples e ignorantes, isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, mas com uma igual aptidão para tudo. A princípio, encontram-se numa espécie de infância, sem vontade própria e sem consciência perfeita da sua existência. Pouco a pouco o livre-arbítrio se desenvolve, ao mesmo tempo que as ideias.

115 – Fez a alma esse progresso anterior, no estado da alma propriamente dita, ou em precedente existência corporal?

Além do ensino dos Espíritos sobre esse ponto, o estudo dos diferentes graus de adiantamento do homem, na Terra, prova que **o progresso anterior da alma deve fazer-se em uma série de existências corporais**, mais ou menos numerosas,

segundo o grau a que ele alcançou; a prova disto está na observação dos fatos que diariamente estão sob os nossos olhos.

119 – Como se podem revelar gênios nas classes da sociedade inteiramente privadas de cultura intelectual?

É um fato que prova serem as ideias inatas independentes do meio em que o homem foi educado. **O ambiente e a educação desenvolvem as ideias inatas, mas não no-las podem dar. O homem de gênio é a encarnação de um Espírito adiantado que muito houvera já progredido**. A educação pode fornecer a instrução que falta, mas não o gênio, quando este não exista.

139 – Por que há na Terra selvagens e homens civilizados?

Sem a preexistência da alma, esta questão é insolúvel, a menos que admitamos tenha Deus criado almas selvagens e almas civilizadas, o que seria a negação da sua justiça. Além disso, a razão recusa admitir que, depois da morte, a alma do selvagem fique perpetuamente em estado de inferioridade, bem como se ache na mesma elevação que a do homem esclarecido.

Admitindo para as almas um mesmo ponto de partida – única doutrina compatível

> com a justiça de Deus –, **a presença simultânea da selvageria e da civilização, na Terra, é um fato material que prova o progresso que uns já fizeram e que outros têm de fazer**.
>
> **A alma do selvagem atingirá, pois, com o tempo, o mesmo grau de alma esclarecida**; mas, como todos os dias morrem selvagens, essa alma não pode atingir esse grau senão em encarnações sucessivas, cada vez mais aperfeiçoadas e apropriadas ao seu adiantamento, seguindo todos os graus intermediários a esses dois extremos. ([120]) (itálico do original)

Não comentaremos, porquanto, de uma forma ou de outra, tudo isso consta na obra anterior; apenas que aqui as explicações, feitas com simplicidade, podem ser úteis ao entendimento dos pontos.

Continuando a análise de suas obras, vamos ver, em ***O Livro dos Médiuns*****,** um trecho de uma mensagem espiritual que é bem oportuna:

> Cumpre, além disso, se tenha em conta a prudência de que, em geral, os Espíritos usam na promulgação da verdade: uma luz muito viva e muito subitânea ofusca, não

esclarece. Podem eles, pois, em certos casos, julgar conveniente não a espalharem senão gradativamente, de acordo com os tempos, os lugares e as pessoas. Moisés não ensinou tudo o que o Cristo ensinou e o próprio Cristo muitas coisas disse, cuja inteligência ficou reservada às gerações futuras. Falais da reencarnação e vos admirais de que este princípio não tenha sido ensinado em alguns países. Lembrai-vos, porém, de que **num país onde o preconceito da cor impera soberanamente, onde a escravidão criou raízes nos costumes, o Espiritismo teria sido repelido só por proclamar a reencarnação**, pois que monstruosa pareceria, ao que é senhor, a ideia de vir a ser escravo e reciprocamente. Não era melhor tomar aceito primeiro o princípio geral, para mais tarde se lhe tirarem as consequências? Oh! homens! como é curta a vossa vista, para apreciar os desígnios de Deus! Sabei que nada se faz sem a sua permissão e sem um fim que as mais das vezes não podeis penetrar. Tenho-vos dito que **a unidade se fará na crença espírita**; ficai certos de que assim será; que as dissidências, já menos profundas, se apagarão pouco a pouco, à medida que os homens se esclarecerem e que acabarão por desaparecer completamente. Essa é a vontade de Deus, contra a qual não pode prevalecer o erro. – O Espírito de Verdade. ([121])

Revela a dificuldade da penetração do Espiritismo em países onde o preconceito de cor impera e a escravidão fincou raízes, justamente porque um de seus princípios fundamentais acaba derrubando este tipo de coisa, já que, pela reencarnação, qualquer um de nós poderá reencarnar num corpo semelhante ao que tenha sido objeto de nossa discriminação, ou numa situação que concorreu para tal. Corroborando isso, leiamos na ***Revista Espírita 1858***:

> O **Espiritismo**, com efeito, é um laço fraternal que deve conduzir à prática da caridade cristã *todos aqueles que o compreendam em sua essência,* porque tende a **fazer desaparecer os sentimentos de ódio, de inveja, de ciúme que dividem os homens**; mas essa fraternidade não é a de uma seita; para ser segundo os divinos preceitos do Cristo**, ela deve abraçar a Humanidade toda, porque todos os homens são os filhos de Deus**; se alguns estão afastados, ele manda lamentá-los; proíbe odiá-los. Amai-vos uns aos outros, disse Jesus; não disse: Amai aqueles que pensam como vós; por isso, quando os nossos adversários nos atiram pedras, não devemos nunca lhes devolver as maldições: esses princípios

> serão sempre daqueles que os professam, de homens que não procurarão nunca na desordem e no mal do seu próximo, a satisfação de seus interesses ou de suas paixões. ([122]) (itálico do original)

Vemos, portanto, que a nossa Doutrina tem todos os homens como filhos de Deus, porquanto pertencem a uma só humanidade. Destacamos nessa fala, por oportuno: "*quando os nossos adversários nos atiram pedras, não devemos nunca lhes devolver as maldições*".

Em ***O Espiritismo em sua expressão mais simples***, Allan Kardec, discorrendo sobre as máximas extraídas do ensinamento dos Espíritos, coloca entre elas:

> 59. **Homens de todas as castas, de todas as seitas, de todas as cores, sois todos irmãos, porque Deus vos chama a todos para Ele**. **Dai-vos, pois, as mãos**, seja qual for a vossa maneira de adorá-lo. Não vos lanceis anátemas, porque o anátema é a violação da lei da caridade proclamada pelo Cristo. ([123])

Uma posição claríssima, que, infelizmente, diremos, não é conhecida dos que se lançam a combater o Espiritismo, numa atitude totalmente antiética.

Esse mesmo sentimento de igualdade nós poderemos ver em ***A Gênese***:

> **Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas**, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a **injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte**, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da **igualdade dos direitos sociais** e, por conseguinte, o da liberdade. ([124])
>
> Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, refreando as paixões más; somente esse progresso pode fazer **que entre os homens reinem a concórdia, a paz, a fraternidade**. Será ele que deitará por terra as barreiras que separam os povos, que

> **fará caiam os preconceitos de casta e se calem os antagonismos de seitas**, ensinando **os homens** a se considerarem irmãos que **têm por dever auxiliarem-se mutuamente** e não destinados a viver à custa uns dos outros.
>
> Será ainda o progresso moral que, secundado então pelo da inteligência, confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, em consequência, aceitáveis por todos. ([125])

Quem defende o desaparecimento dos preconceitos de raças e de castas, e considera a escravidão uma injustiça e além disso prega a igualdade dos direitos sociais, jamais, em tempo algum, e em sã consciência, poderá ser considerado um racista, coisa só admitida pelos que se deixaram cegar pelo ódio do fanatismo religioso ou ideológico; tanto faz.

No período de 1858 a 1869, Allan Kardec publicou mensalmente a *Revista Espírita*, a fim de divulgar a Doutrina Espírita e nela ele colocava pontos para análise.

Vamos agora ver o que podemos encontrar

neste periódico para somar a este nosso estudo.

Na ***Revista Espírita 1858***, ao falar das diferentes ordens de Espíritos, ele fez as seguintes considerações:

> **Um ponto capital, na Doutrina Espírita, é o das diferenças que existem, entre os Espíritos, sob o duplo intercâmbio intelectual e moral**; seu ensinamento, a esse respeito, jamais variou; mas, não é menos essencial saber que não pertencem, perpetuamente, à mesma ordem, e que, consequentemente, **essas ordens não se constituem em *espécies distintas***: são diferentes graus de desenvolvimento. **Os Espíritos seguem a marcha progressiva da Natureza; os das ordens inferiores são ainda imperfeitos; alcançam os graus superiores depois de estarem depurados; avançam na hierarquia à medida que adquirem as qualidades, as experiências que lhes faltam**. A criança, no berço, não se parece ao que será na idade madura, e, todavia, é sempre o mesmo ser.
>
> **A classificação dos Espíritos está baseada no grau do seu adiantamento**, **nas qualidades que adquiriram, e nas imperfeições das quais, ainda, não se**

despojaram. Essa classificação, de resto, nada tem de absoluta; cada categoria não apresenta um caráter distinto senão no seu conjunto; mas, de um grau ao outro a transição é imperceptível, e, sobre os limites, a nuança se apaga como nos reinos da Natureza, como nas cores do arco-íris, ou, ainda, como nos diferentes períodos da vida do homem. Pode-se, pois, formar um maior ou menor número de classes segundo o ponto de vista sob o qual se considera a questão. Ocorre aqui como em todos os sistemas de classificações científicas; os sistemas podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos cômodos para a inteligência, porém, quaisquer que sejam, não mudam nada no fundo da ciência. Os Espíritos, interrogados sobre esse ponto, puderam, pois, variar no número das categorias, sem que isso tivesse consequências sérias. Serviu-se dessa aparente contradição, sem refletir que eles não ligam nenhuma importância ao que é puramente convencional; para eles, o pensamento é tudo; nos deixam a forma, a escolha das palavras, as classificações, em uma palavra, os sistemas.

Acrescentemos, ainda, esta consideração de que não se deve, jamais, perder de vista, que, entre os Espíritos, como entre os homens, há os muito ignorantes, e que não seria demais se colocar em guarda contra a

tendência a crer que todos devem tudo saber porque são Espíritos. Toda classificação exige método, análise e conhecimento profundo do assunto. Ora, no mundo dos Espíritos, os que têm conhecimentos limitados são, como aqui os ignorantes, inabilitados a abarcar um conjunto, a formular um sistema; aqueles mesmo que disso são capazes, podem variar nos detalhes, segundo seu ponto de vista, sobretudo quando uma divisão nada tem de absoluta. Linnée, Jussieu, Tournefort, têm, cada um, o seu método, e a Botânica não mudou por isso; é que não inventaram nem as plantas e nem os seus caracteres; observaram as analogias segundo as quais formaram os grupos ou classes. Foi assim que procedemos; não inventamos nem os Espíritos e nem os seus caracteres; vimos e observamos, julgamo-los por suas palavras e atos, depois foram classificados por semelhanças; é o que cada um teria feito em nosso lugar.

Não podemos, entretanto, reivindicar a totalidade desse trabalho como sendo obra nossa. Se o quadro, que damos em seguida, não foi textualmente traçado pelos Espíritos, e se dele tivemos a iniciativa, todos os elementos dos quais se compõe foram tomados dos seus ensinamentos; não nos restou mais do que formular-lhe a disposição material.

Os Espíritos admitem, geralmente, três

categorias principais ou três grandes divisões. Na última, a que está na base da escala, estão os **Espíritos imperfeitos**, que têm, ainda, todos ou quase todos os degraus a percorrer; caracterizam-se pela predominância da matéria sobre o Espírito e pela propensão ao mal. Os da segunda, caracterizam-se pela predominância do Espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os **bons Espíritos**. A primeira, enfim, compreende os **Puros Espíritos**, aqueles que alcançaram o supremo grau de perfeição.

Essa divisão nos parece perfeitamente racional e nos apresenta caracteres bem definidos; não nos restou mais do que fazer ressaltar, por um número suficiente de sub-divisões, as nuanças principais do conjunto; foi isso o que fizemos com o concurso dos Espíritos, cujas instruções benevolentes jamais nos faltaram.

Com a ajuda desse quadro, será fácil determinar a classe e o grau de superioridade, ou inferioridade, dos Espíritos com os quais possamos entrar em intercâmbio, e, consequentemente, o grau de confiança e de estima que merecem. De outra parte, nos interessa pessoalmente, porque, como pertencemos, por nossa alma, ao mundo espírita, no qual reentraremos deixando nosso envoltório mortal, nos mostra o que nos resta a fazer para chegarmos à perfeição e ao bem

> supremo. Faremos observar, todavia, que os Espíritos não pertencem sempre, exclusivamente, a tal ou tal classe; seu progresso, não se cumprindo senão gradualmente, e, frequentemente, mais num sentido do que num outro, podem reunir os caracteres de várias categorias, o que é fácil de apreciar por sua linguagem e por seus atos. ([126]) (itálico do original)

A partir deste ponto, Allan Kardec especifica cada uma dessas classes ([127]), que pela extensão, não iremos transcrevê-las; mas as relacionaremos para dar uma ideia delas. Podemos resumi-las, graficamente ([128]):

ESCALA ESPÍRITA			
Ordem	Classe	Espíritos	Observação
1ª ordem	1ª classe	Puros Espíritos	Sem reencarnação
2ª ordem Bons Espíritos	2ª classe	Espíritos superiores	Depuram-se e se elevam pelas provas da reencarnação.
	3ª classe	Espíritos sábios	
	4ª classe	Espíritos cultos	
	5ª classe	Espíritos benevolentes	
3ª classe Espíritos Imperfeitos	6ª classe	Espíritos neutros	
	7ª classe	Espíritos pseudossábios	
	8ª classe	Espíritos levianos	
	9ª classe	Espíritos impuros	

É bom observar que essa classificação nada tem de discriminatória, pois foi feita apenas para que se pudesse ter uma ideia das várias classes de espíritos, reunidos segundo "*o grau do seu adiantamento, nas qualidades que adquiriram, e nas imperfeições das quais, ainda, não se despojaram*". Não tem nenhum sentido de colocar nenhum espírito melhor do que o outro, pois qualquer posição que possa um espírito se encontrar, está nela apenas temporariamente.

Portanto, não se deve deixar de se considerar que

todas as vezes que Allan Kardec usa os termos “inferior” e “superior”, relacionando-os aos espíritos, estará usando-os dentro deste critério de classificação.

Seria o mesmo que, observando um determinado grupo de pessoas dentro de um estabelecimento educacional, dizer que um aluno do primário está abaixo de um que tenha o terceiro grau. Isso nada tem de discriminação, apenas classifica-os por um determinado parâmetro.

No entanto, essa mesma situação poderá ser preconceituosa se isso fosse feito visando denegrir, desvalorizar ou prejudicar o que se encontra na retaguarda. Então, devemos ter cuidado em não interpretar o uso destes termos sempre tenha uma conotação segregacionista.

Na ***Revista Espírita 1859***, no artigo “Os Canibais”, entre os comentários de Allan Kardec há um trecho importante, que podemos ver como um complemento da transcrição anterior, que é o seguinte:

> **É evidente que um Espírito já elevado, o de um Europeu esclarecido, por exemplo, não pode escolher como via de progresso, uma existência de selvagem**: em lugar de avançar, isso seria

retrogradar. Mas sabemos que mesmo **os nossos antropófagos não estão no último grau da escala**, e que **há mundos onde a brutalidade e a ferocidade não têm analogias na Terra. Esses Espíritos são, pois, ainda inferiores aos mais inferiores de nosso mundo, e vir entre os nossos selvagens, para eles, é um progresso**. Se não visam mais alto, é porque **sua inferioridade moral** não lhes permite compreender um progresso mais completo. **O Espírito não pode avançar senão gradualmente; deve passar, sucessivamente, por todos os graus, de modo que cada passo adiante seja uma base para assentar um novo progresso. Ele não transpõe, de um pulo, a distância que separa a barbárie da civilização**, como um escolar não pode transpor, sem transição, do ABC à Retórica, e **é nisso que vemos uma das necessidades da reencarnação, que está, verdadeiramente, segundo a justiça de Deus**; de outro modo, em que se tornariam esses milhões de seres que morrem no último estado de degradação se não tivessem os meios para alcançar a superioridade? Por que Deus tê-los-ia deserdado dos favores concedidos a outros homens? Nós o repetimos, porque é um ponto essencial, em razão de sua inteligência limitada, não compreendem o melhor senão num limite estreito, e sob seu ponto de vista. Há, todavia, os que se

> enganam querendo subir muito alto, e que nos dão o triste espetáculo da ferocidade no meio da civilização; estes, retornando entre os canibais, ainda ganharão. ([129])

Então, a questão da designação “Espíritos inferiores” usada por Allan Kardec se prende exclusivamente ao aspecto de sua evolução moral. Para ele não fazia sentido algum um Espírito de uma certa moralidade reencarnar em meio a um grupo social, cujos membros ainda careciam possuir moralidade, seria algo como mandar alguém que tenha completado a Universidade voltar a frequentar o jardim de infância.

Da ***Revista Espírita 1861***, vamos transcrever o discurso de Allan Kardec feito, em outubro de 1861, num banquete na cidade de Lyon:

> Senhoras e senhores, todos vós, meus caros e bons irmãos em Espiritismo.
>
> Se há circunstâncias em que se possa lamentar a insuficiência de nossa pobre linguagem humana, é quando se trata de exprimir certos sentimentos, e tal é, neste momento, a minha posição. O que eu sinto, ao mesmo tempo, é uma surpresa bem

agradável quando vejo o terreno imenso que a Doutrina Espírita ganhou entre vós, há um ano, e admiro a Providência; uma alegria indizível pela visão do bem que ela aqui produz, de consolações que ela derrama sobre tantas dores, ostensivas ou ocultas, e disso deduzo o futuro que a espera; é uma felicidade inexprimível reencontrar-me no meio desta família, tornada tão numerosa em tão pouco tempo, e que aumenta todos os dias; é, enfim, e acima de tudo, uma profunda e sincera gratidão pelos tocantes testemunhos de simpatia que recebo de vós.

Esta reunião tem caráter particular. Graças a Deus! Estamos todos aqui, muitos bons Espíritas penso, para termos o prazer de nos acharmos juntos, e não o de nos encontrar à mesa; e, seja dito de passagem, creio mesmo que um festim de Espíritas seria uma contradição. Presumo também que, me convidando tão graciosamente e com tantas instâncias, a vir ao vosso meio, não acreditastes que a questão de um banquete fosse motivo de atração para mim; foi o que me apressei a escrever aos meus bons amigos Rey e Dijoud, quando se escusaram sobre *a* simplicidade da recepção; porque, ficai bem convencidos de que o que mais me honra nesta circunstância, o de que, com razão, posso estar orgulhoso, é a cordialidade e a sinceridade da acolhida, o que se encontra muito raramente nas recepções pomposas,

porque aqui não há máscaras sobre os rostos.

Se uma coisa pudesse atenuar a felicidade que tenho por me encontrar em vosso meio, seria não poder permanecer senão tão pouco tempo; ser-me-ia muito agradável prolongar minha estada num dos centros mais numerosos e mais zelosos do Espiritismo; mas, uma vez que desejais receber algumas instruções de minha parte, não achareis mau, sem dúvida, que, a fim de utilizar todos os instantes, eu saia um pouco das banalidades muito comuns em semelhantes circunstâncias, e que minha alocução empreste alguma gravidade à própria gravidade do assunto que nos reuniu. Certamente, se estivéssemos num repasto de bodas ou de batismo, seria intempestivo falar das almas, da morte, e da vida futura; mas, eu o repito, estamos aqui para nos instruir, antes que para comer, e, em todo caso, não é para nos divertir.

Não creiais, senhores, que esta espontaneidade que vos levou a vos reunir aqui seja um fato puramente pessoal; esta reunião, disso não duvideis, tem um caráter pessoal e providencial; uma vontade superior a provocou; mãos invisíveis a isso vos impeliram, com o vosso desconhecimento e talvez um dia ela marcará nos fatos do Espiritismo. Possam nossos irmãos futuros se lembrarem deste dia memorável em que os Espíritas lioneses,

dando o exemplo de união e de concórdia, colocaram, nesses novos banquetes o primeiro passo da aliança que deve existir entre os Espíritas de todos os países do mundo; porque o **Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, apaga naturalmente todas as distinções estabelecidas entre os homens segundo as vantagens corpóreas e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou castas e os estúpidos preconceitos da cor**. O Espiritismo, alargando o círculo da família pela pluralidade das existências**, estabelece entre os homens uma fraternidade mais racional do que aquela que não tem por base senão os frágeis laços da matéria, porque esses laços são perecíveis, ao passo que os do Espírito são eternos.** Esses laços, uma vez bem compreendidos, influirão pela força das coisas, sobre as relações sociais, e mais tarde sobre a legislação social, que tomará por base as leis imutáveis do amor e da caridade; **então ver-se-á desaparecem essas anomalias que chocam os homens de bom senso, como as leis da Idade Média chocam os homens de hoje**. Mas isto é obra do tempo, deixemos a Deus o cuidado de fazer chegar cada coisa à sua hora; esperemos tudo de sua sabedoria e agradeçamo-lo somente por nos ter

permitido assistir à aurora que se eleva para a Humanidade, e de nos ter escolhido como os primeiros pioneiros da grande obra que se prepara. Que ele se digne derramar a sua bênção sobre esta assembleia, a primeira onde os adeptos do Espiritismo estão reunidos em tão grande número, num sentimento de verdadeira confraternização.

Digo verdadeira confraternização, porque tenho a íntima convicção de que todos aqui presentes, não trazem nenhuma outra; mas não duvideis que numerosas coortes de Espíritos estão aqui entre nós, que nos escutam neste momento, espiam todas as nossas ações, e sondam os pensamentos de cada um, investigando sua força ou sua fraqueza moral. Os sentimentos que os animam são bem diferentes; se uns estão felizes com esta união, outros, crede-o bem, estão horrivelmente enciumados com ela; saindo daqui, vão tentar semear a discórdia e a desunião; cabe-vos a todos vós, bons e sinceros Espíritas, provar-lhes que perdem seu tempo, e que se enganam crendo encontrar aqui corações acessíveis às suas pérfidas sugestões. Invocai, pois, com fervor a assistência de vossos anjos guardiães, a fim de que afastem de vós todo pensamento que não seria para o bem; ora, como o mal não pode ter a sua fonte no bem, o simples bom senso nos diz que todo pensamento mau não pode vir de um bom Espírito, e **um pensamento é necessariamente mau**

quando é contrário à lei de amor e de caridade; quando ele tem por móvel a inveja e o ciúme, o orgulho ferido, ou mesmo uma pueril suscetibilidade de amor-próprio melindrado, irmão gêmeo do orgulho, que levaria a olhar seus irmãos com desdém. *Amor e caridade para todos,* disse o Espiritismo; *amarás a teu próximo como a ti mesmo,* disse o Cristo: isto não é sinônimo?

Eu vos felicitei, meus amigos, pelo progresso que o Espiritismo fez entre vós, e estou mais feliz por constatá-lo. Felicitai-vos, de vosso lado, daquilo que esse progresso é por toda parte; sim, este último ano viu, em todos os países, o Espiritismo crescer numa proporção que excedeu todas as esperanças; ele está no ar, nas aspirações de todos, e por toda a parte onde encontra eco, bocas que repetem: Eis o que eu esperava, o que uma voz secreta me fazia pressentir. Mas o progresso se manifesta ainda sob uma nova fase: é a coragem de sua opinião, que não existia ainda há pouco tempo. Não era senão em segredo, às escondidas que dele se falava; hoje confessa-se Espírita tão claramente quanto se confessa católico, judeu ou protestante; afronta-se a zombaria, e essa ousadia impõe aos zombadores, que são como esses cãezinhos que correm depois daqueles que fogem, e fogem se são perseguidos; ela dá coragem aos tímidos, e revela, em muitas

localidades, numerosos Espíritas que *se* ignoravam mutuamente. Pode deter-se esse movimento? Pode-se detê-lo? Eu o digo claramente: Não; lançou-se mão de tudo para isso: sarcasmos, zombadas, ciência, anátema, e ele tudo suplantou sem retardar a sua marcha num segundo; cego, pois, quem não veja aí o dedo de Deus. Pode-se entravá-lo; detê-lo jamais, porque se não correr à direita, ele correrá à esquerda.

Vendo os benefícios morais que proporciona, as consolações que dá, os crimes mesmo que já impediu, pergunta-se quem pode ter interesse em combatê-lo. Ele tem contra si primeiro os incrédulos que o injuriam: estes não são de se temer, uma vez que se viram seus dardos afiados quebrar-se contra a sua couraça; **os ignorantes que o combatem sem conhecê-lo: estes são os mais numerosos; mas a verdade, combatida pela ignorância, jamais teve a temer, porque os ignorantes se refutam eles mesmos sem o querer**, testemunha o Sr. Louis Figuier em sua *Historie du merveilleux.* A terceira categoria de adversários é a mais perigosa, porque é tenaz e pérfida; ela se compõe de todos aqueles cujos interesses materiais podem ser feridos; combatem na sombra, **e as setas envenenadas da calúnia não lhes faltam.** Eis os verdadeiros inimigos do Espiritismo, como tiveram todas as ideias de progresso em

todos os tempos, e os encontrareis em todas as fileiras em todas as classes da sociedade. Vencerão? Não; porque não é dado ao homem se opor à marcha da Natureza, e o Espiritismo está na ordem das coisas naturais; será preciso, pois, que cedo ou tarde tomem o seu partido, e que aceitem o que será aceito por todo o mundo. Não, não o vencerão; serão eles que serão vencidos.

Um novo elemento vem se juntar à legião dos Espíritas: é o das classes trabalhadoras; e notai nisso a sabedoria da Providência. O Espiritismo, em primeiro lugar, propagou-se nas classes esclarecidas, nas sumidades sociais; isto era necessário, primeiro, para lhe dar mais crédito, segundo, porque foi elaborado e purgado das ideias supersticiosas que a falta de instrução teria podido nele introduzir, e com as quais o teria sido confundido. Apenas constituído, podendo-se falar assim de uma ciência tão nova, tocou a classe trabalhadora e nela se propagou com rapidez. Ah! É que lá há tanto de consolações a dar, tanto de coragem moral a levantar, tanto de lágrimas a secar, tanto de resignação a inspirar, que ele foi acolhido como uma âncora de salvação, como uma proteção contra as terríveis tentações da necessidade. Por toda a parte onde o vi penetrar na morada do trabalho, por toda a parte o vi ali produzir seus benfazejos efeitos moralizadores. Regozijai-vos, pois,

operários lioneses que me escutais, porque tendes em outras cidades, tais como Sens, Lille, Bordeaux, irmãos Espíritas que, como vós, abjuraram as culpáveis esperanças da desordem e os criminosos desejos da vingança. Continuai a provar, pelo vosso exemplo, os benfazejos resultados desta doutrina. Àqueles que perguntam para que ela pode servir? respondei-lhes: Em meu desespero eu queria me matar: o Espiritismo me deteve, porque sei o que poderia me custar abreviar voluntariamente as provas que apraz a Deus enviar aos homens; para me estontear eu me embriagava: compreendi que desprezível era por me tirar voluntariamente a razão e que me privava assim de ganhar meu pão e o de meus filhos; estava divorciado de todos os sentimentos religiosos: hoje eu oro a Deus e coloco a minha esperança em sua misericórdia; eu não cria em coisa alguma senão no nada como supremo remédio para as minhas misérias: meu pai se comunicou comigo e me disse: Meu filho, coragem! Deus te vê; ainda um esforço e serás salvo! coloquei-me de joelhos diante de Deus e lhe pedi perdão; vendo os ricos e os pobres, as pessoas que têm tudo e outras que não têm nada, eu acusava a Providência: hoje sei que Deus pesa tudo na balança de sua justiça e espero o seu julgamento; se está em seus decretos que eu deva sucumbir na miséria, pois bem! sucumbirei, mas com a

consciência pura, mas sem levar o remorso de ter roubado um óbolo àquele que poderia me salvar a vida. Dizei-lhe: Eis para que serve o Espiritismo, essa loucura, essa quimera, como o chamais. Sim, meus amigos, continuai a pregar pelo exemplo; fazei compreender o Espiritismo com as suas consequências salutares, e quando ele for compreendido, não se assustarão mais; bem mais, será acolhido como uma garantia da ordem social, e os próprios incrédulos serão forçados a falarem dele com respeito.

Falei do progresso do Espiritismo; com efeito, não se tem exemplo que uma doutrina, qualquer que ela seja, haja caminhado com tanta rapidez, sem excetuar mesmo o cristianismo. Isto quer dizer que lhe seja superior, que deve suplantá-lo? Não; mas é aqui o lugar de fixar-lhe o verdadeiro caráter, a fim de destruir uma prevenção, geralmente, bastante difundida entre aqueles que não o conhecem.

O cristianismo, em seu nascimento, tinha que lutar contra um poder terrível: o Paganismo, então universalmente difundido; não havia entre eles nenhuma aliança possível, não mais do que entre a luz e as trevas: em uma palavra, não podia se propagar senão destruindo o que existia; também a luta foi longa e terrível; as perseguições disso são a prova. **O Espiritismo, ao contrário, nada tem a destruir, porque se assenta sobre as**

próprias bases do cristianismo; sobre o Evangelho, do qual não é senão a aplicação. Concebeis a vantagem, não de sua superioridade, mas de sua posição. Não é, pois, assim como alguns o pretendem, sempre porque não o conhecem, uma religião nova, uma seita que se forma às expensas de suas irmãs mais velhas: **é uma doutrina puramente moral que não se ocupa, de nenhum modo, dos dogmas e deixa a cada um inteira liberdade de suas crenças, uma vez que não se impõe a ninguém**; e a prova disso é que tem adeptos em todas, entre os mais fervorosos católicos, como entre os protestantes, entre os judeus e os muçulmanos. O Espiritismo repousa sobre a possibilidade de se comunicar com o mundo invisível, quer dizer, com as almas; ora, como os judeus, os protestantes, os muçulmanos têm alma como nós, disso resulta que podem se comunicar com elas tão bem quanto conosco, e que, por conseguinte, podem ser Espíritas como nós.

Não é mais uma seita política, como não é uma seita religiosa; é a constatação de um fato que não pertence mais a um partido que a eletricidade e os caminhos de ferro; é, digo eu, uma doutrina moral, e a moral está em todas as religiões e em todos os partidos.

A moral que ele ensina é boa ou má? É subversiva? Aí está toda a questão. Que se

estude, e saber-se-á a que se agarrar. Ora, uma vez que é a moral do Evangelho desenvolvida e aplicada, condená-la seria condenar o Evangelho.

Fez o bem ou o mal? Estudai ainda e vereis. Que fez ele? Impediu inumeráveis suicídios; levou a paz e a concórdia a um grande número de famílias; tornou dóceis e pacientes os homens violentos e coléricos; deu resignação àqueles que não a tinham, consolações aos aflitos; levou a Deus aqueles que o desconheciam, destruindo as ideias materialistas, verdadeira praga social, que aniquila a responsabilidade moral do homem; eis o que fez, o que faz todos os dias, o que fará mais e mais à medida que estiver mais difundido. Está aí o resultado de uma doutrina má? Mas não sei que alguém tenha jamais atacado a moral do Espiritismo; somente diz-se que a religião pode produzir tudo isso. Convenho com isso perfeitamente; mas então por que não o produz sempre? É porque nem todo mundo a compreende; ora, o Espiritismo, tornando claro e inteligível para todos o que não o é, evidente o que é duvidoso, conduz à aplicação; ao passo que não se sente jamais a necessidade daquilo que não se compreende; portanto, o Espiritismo, longe de ser o antagonista da religião, dela é o auxiliar; e a prova é que reconduz às ideias religiosas aqueles que a haviam repelido. Em resumo, jamais aconselhou mudar de

religião, nem de sacrificar as suas crenças; não pertence em particular a nenhuma religião ou, para dizer melhor, ele está em todas as religiões.

Algumas palavras ainda, senhores, eu vos peço, sobre uma questão toda prática. O número crescente dos Espíritas, em Lyon, mostra a utilidade do conselho que vos dei no ano passado, relativamente à formação dos grupos. Reunir todos os adeptos em uma só sociedade, hoje já seria uma coisa materialmente impossível, e que o será bem mais ainda em algum tempo. Além do número, as distâncias a percorrer em razão da extensão da cidade, as diferenças de hábito segundo as posições sociais, acrescentam a essa impossibilidade. Por esse motivo, e por muitos outros que seria muito longo desenvolver aqui, uma única sociedade é uma quimera impraticável; multiplicai os grupos o mais possível; que haja dez deles, que haja cem, se for necessário, e ficai certos de que chegareis mais rápido e mais seguramente.

Haveria aqui coisas muito importante a dizer sobre a questão da unidade de princípios; sobre a divergência que poderia existir, entre eles, sobre alguns pontos; mas me detenho para não abusar da vossa paciência em me escutar, paciência que já coloquei a prova muito longa. Se o desejais, disso farei o objeto de uma instrução especial que vos remeterei proximamente.

> Eu termino, senhores, esta alocução, na qual me deixei arrastar pela própria raridade das ocasiões que tenho de ter a felicidade de estar em vosso meio. Levarei, de vossa benevolente acolhida, uma lembrança que não se apagará jamais, disso ficai bem persuadidos.
>
> Ainda uma vez, meus amigos, obrigado do fundo do coração pelas marcas de simpatia que consentistes me dar; obrigado pelas boas palavras que me dirigistes pelos vossos intérpretes, e das quais não aceito senão o dever que elas me impõem, por aquilo que me resta a fazer, e não os elogios. Possa esta solenidade ser a garantia da união que deve existir entre todos os verdadeiros Espíritas!
>
> Levo um brinde aos Espíritas lioneses, e a todos aqueles, dentre eles, que se distinguem por seu zelo, seu devotamento, sua abnegação, e que vós os enumereis, vós mesmos, sem que eu tenha a necessidade de fazê-lo.
>
> Aos Espíritas lioneses, sem distinção de opinião, estejam ou não presentes! ([130])

Desculpe-nos por transcrever todo o texto, mas julgamos necessário, para se aclarar a ideia de que se possa fazer de Allan Kardec e do seu pensamento, do qual destacamos:

> […] porque o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, apaga naturalmente todas as distinções estabelecidas entre os homens segundo as vantagens corpóreas e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou castas e **os estúpidos preconceitos da cor**. ([131])

Como se pode ver, essa sua colocação deita, literalmente, por terra qualquer tentativa, aliás inútil, de situá-lo como racista. A quem alimenta essa ideia, transcrevemos desse discurso de Allan Kardec: "*ora, como o mal não pode ter a sua fonte no bem, o simples bom senso nos diz que todo pensamento mau não pode vir de um bom Espírito, e um pensamento é necessariamente mau quando é contrário à lei de amor e de caridade; quando ele tem por móvel a inveja e o ciúme, o orgulho ferido, ou mesmo uma pueril suscetibilidade de amor-próprio melindrado, irmão gêmeo do orgulho, que levaria a olhar seus irmãos com desdém*".

E aos que, sem conhecimento, o guerreiam, responderemos com as próprias palavras usadas por Allan Kardec no discurso: "*os ignorantes que o*

combatem sem conhecê-lo: estes são os mais numerosos; mas a verdade, combatida pela ignorância, jamais teve a temer, porque os ignorantes se refutam eles mesmos sem o querer".

Uma outra questão ainda deve ser colocada: para o Espiritismo o espírito, que hoje habita um corpo humano, nada mais é que o princípio inteligente que, via processo evolutivo, saiu do reino animal, no qual estagiava. Portanto, ele vai muito mais além do que a crença geral, pois que essa apenas dá ao homem somente uma vida, sem qualquer antecedência a seu espírito.

Na ***Revista Espírita 1864***, há uma interessante observação de Allan Kardec sobre isso:

> **O segundo erro é admitir que as primeiras encarnações humanas têm lugar sobre a Terra**. A Terra foi, mas não é mais um mundo primitivo; os seres humanos mais atrasados que se acham sobre a sua superfície já despojaram os primeiros cueiros da encarnação, e nossos selvagens estão em progresso comparativamente ao que tinham antes de seu Espírito vir se encarnar sobre este globo. Que se julgue agora no número de existências que são

> necessárias a esses selvagens para transporem todos os graus que os separam da civilização mais avançada; todos esses graus intermediários se encontram sobre a Terra sem *solução de continuidade,* e pode-se segui-los observando-se as nuanças que distinguem os diferentes povos; não há senão o começo e o fim que aqui não se encontram; **o começo se perde para nós nas profundezas do passado, que não nos é dado penetrar**. Isto, de resto, pouco nos importa, uma vez que este conhecimento não nos adiantaria em nada. Nós não somos perfeitos, eis o que é positivo; sabemos que as nossas imperfeições são os nossos únicos obstáculos para a nossa felicidade futura, estudemo-nos, pois, a fim de nos aperfeiçoarmos. No ponto onde estamos, a inteligência está bastante desenvolvida para permitir ao homem julgar sadiamente o bem e o mal, e é neste ponto também que sua responsabilidade está mais empenhada; porque não se pode mais dizer dele o que disse Jesus: “Perdoai-lhes, Senhor, porque não sabem o que fazem.” ([132]) (itálico do original)

Portanto, o espírito vem progredindo, ao longo dos tempos, através da reencarnação. Alguns encarnaram aqui na Terra, quando ela ainda era um

planeta primitivo. Assim, é fácil ver que, no ponto em que nos encontramos hoje, em termos de evolução, foi um longo caminho percorrido para chegarmos até aqui.

Na ***Revista Espírita 1862***, Allan Kardec, falando sobre *A Reencarnação na América*, disse:

> Admira-se, frequentemente, que a doutrina da reencarnação não haja sido ensinada na América, e os incrédulos não deixaram de nisso se apoiar para acusar os Espíritos de contradição. Não repetiremos aqui as explicações que demos, e que publicamos, sobre esse assunto, nos limitaremos a lembrar que nisso os Espíritos mostraram a sua prudência habitual; quiseram que o Espiritismo nascesse num país de liberdade absoluta quanto à emissão das opiniões; o ponto essencial era a adoção do princípio, e para isso não quiseram estar embaraçados em nada; não ocorria o mesmo em todas as suas consequências, e sobretudo da **reencarnação, que se chocaria contra os preconceitos da escravidão e da cor.**
>
> **A ideia de que o negro poderia tornar-se um branco; que um branco poderia ter sido negro; que um senhor pudera ser escravo; pareceu de tal modo monstruosa que bastou para**

> **fazer rejeitar o todo**; os Espíritos, pois, preferiram sacrificar, momentaneamente, o acessório ao principal, e sempre dissemos que, mais tarde, a unidade se faria sobre este ponto como sobre todos os outros. Foi, com efeito, o que começou a ocorrer: várias pessoas do país nos disseram que essa doutrina encontra ali, agora, numerosos partidários; que certos Espíritos, depois de tê-la feito pressentir, vêm confirmá-la. [...]. ([133])

O aqui fica evidente é que somente os que possuem preconceitos, independentemente de serem religiosos ou não, não admitem a reencarnação, pois se julgam superiores para poderem voltar numa condição social pior do que aquela em que viviam; já que os materialistas, não a aceitam por não acreditarem na supremacia do espírito sobre a matéria.

Um pouco mais adiante, ainda na ***Revista Espírita 1864,*** Allan Kardec volta a este assunto:

> **Nos Estados Unidos, o dogma da reencarnação viria a se chocar contra os preconceitos de cor, tão profundamente enraizados nesse país**;

> o essencial era fazer aceitar o princípio fundamental da comunicação do mundo visível e do mundo invisível; as questões de detalhe deveriam vir em outro tempo. Ora, não é duvidoso que esse obstáculo acabará por desaparecer e que um dos resultados da guerra atual será o enfraquecimento gradual dos preconceitos que são uma anomalia numa nação tão liberal.
>
> Se a ideia da reencarnação não é ainda aceita nos Estados Unidos de maneira geral, o é individualmente por alguns, senão como princípio absoluto, ao menos com certas restrições, o que já é alguma coisa. ([134])

E sobre a escravidão, temos, numa mensagem, essa opinião, na qual Allan Kardec assinou, literalmente, embaixo: *"A escravidão! Quando se pronuncia este nome, o coração tem frio, porque vê, diante de si, o egoísmo e o orgulho"*. ([135]) E aqui cabe a pergunta: será que quem comunga com um pensamento desse poderia ter uma mente racista? Uma resposta positiva somente poderá vir de pessoas cujo fanatismo as cegou.

Na ***Revista Espírita 1863***, num artigo refutando o Sr. Burlet da acusação de que o Espiritismo é causa de loucura, escolhemos dos

argumentos de Allan Kardec este trecho:

> Nós, nós trabalhamos para dar a fé àqueles que não creem em nada; a **difundir uma crença que torna os homens melhores uns para com os outros**, que lhes ensina a perdoar seus inimigos, **a se olharem como irmãos sem distinção de raças, de castas, de seitas, de cor, de opinião política ou religiosa**; uma crença, em uma palavra, que faz nascer o verdadeiro sentimento da caridade, da fraternidade e dos deveres sociais. [...]. ([136])

Diante de tais argumentos causa-nos espécie ver pessoas querendo atribuir a Allan Kardec uma condição de racista, quando, na verdade, combatia todos, repetimos, todos os tipos de preconceito, incluindo, obviamente, o de raças, de castas, de seitas, de cor e de opinião política ou religiosa. Aliás essa última geralmente é a que mais falta a seus acusadores.

Na ***Revista Espírita 1865***, falando sobre o que o Espiritismo ensina, Allan Kardec, num certo ponto, disse:

> Pela lei da pluralidade das existências, abre um novo campo à filosofia; o homem sabe de onde vem, para onde vai, para que fim está sobre a Terra. Ele explica a causa de todas as misérias humanas, de todas as desigualdades sociais; **dá as próprias leis da Natureza por base dos princípios de solidariedade universal, de igualdade e de liberdade, que não estavam assentados senão sobre a teoria**. Enfim, lança luz sobre as questões mais difíceis da metafísica, da psicologia e da moral. ([137])

Como alguém que prega ou justifica os princípios de solidariedade universal, de igualdade e de liberdade, pode, ao mesmo tempo, ser alguém que discrimine os outros?

Na ***Revista Espírita 1866***, Allan Kardec publica o artigo “As mulheres têm uma alma?”, que abaixo transcrevemos:

> **AS MULHERES TÊM UMA ALMA?**
>
> As mulheres têm uma alma? **Sabe-se que a coisa não foi sempre tida por certa, uma vez que foi, diz-se, posta em deliberação num concílio**. A negação é ainda um princípio de fé em certos povos. Sabe-se a que grau de aviltamento essa

crença as reduziu na maioria dos países do Oriente. Se bem que hoje, entre os povos civilizados, a questão esteja resolvida em seu favor, **o preconceito de sua inferioridade moral se perpetuou** no ponto que um escritor do último século, cujo nome não nos vem à memória, definiu assim a mulher: “Instrumento dos prazeres do homem,” definição mais muçulmana do que cristã. Desse preconceito nasceu sua inferioridade legal, que não foi ainda apagada de nossos códigos. Por muito tempo elas aceitaram essa escravização como uma coisa natural, tanto é poderoso o império do hábito. Ocorre assim com aqueles que, devotados à escravização de pai a filhos, acabam por se crer de uma outra natureza que seus senhores.

No entanto, o progresso das luzes ergueu a mulher na opinião; ela é muitas vezes afirmada pela inteligência e pelo gênio, e a lei, embora considerando-a ainda como menor, pouco a pouco afrouxa os laços da tutela. Pode-se considerá-la como emancipada moralmente, se ela não o é legalmente; é a este último resultado ao qual ela chegará um dia, pela força das coisas.

[…].

A colocação em dúvida da alma da mulher seria hoje ridícula, mas uma questão muito de outro modo séria se apresenta

aqui, e cuja solução pode unicamente **estabelecer se a igualdade de posição social entre o homem e a mulher é de direito natural**, ou se é uma concessão feita pelo homem. Notamos de passagem que se essa igualdade não é senão uma outorga do homem por condescendência, o que lhe dá hoje pode lhe retirar amanhã, e que tendo para ele a força material, salvo algumas exceções individuais, no conjunto ele será sempre o superior; ao passo que se essa igualdade está na Natureza, seu reconhecimento é o resultado do progresso, e uma vez reconhecida, ela é imprescritível.

Deus criou almas machos e almas fêmeas, e fez estas inferiores às outras? Aí está toda a questão. Se ocorre assim, a inferioridade da mulher está nos decretos divinos, e nenhuma lei humana poderia transgredi-los. **Ao contrário, criou-as iguais e semelhantes, as desigualdades fundadas pela ignorância e pela força bruta, desaparecerão com o progresso e o reino da justiça.**

[...].

As almas ou Espíritos não têm sexo. As afeições que as une nada têm de carnal, e, por isto mesmo, são mais duráveis, porque são fundadas sobre uma simpatia real, e não são subordinadas às vicissitudes da matéria.

As almas se encarnam, quer dizer,

revestem temporariamente um envoltório carnal semelhante para elas a um pesado invólucro do qual a morte as desembaraça. **Esse envoltório material, pondo-as em relação com o mundo material, neste estado, elas concorrem para o progresso material do mundo que habitam**; a atividade que são obrigadas a desdobrar, seja para a conservação da vida, seja para se proporcionarem o bem-estar, ajuda seu adiantamento intelectual e moral. **A cada encarnação a alma chega mais desenvolvida; traz novas ideias e os conhecimentos adquiridos nas existências anteriores**; assim se efetua o progresso dos povos; **os homens civilizados de hoje são os mesmos que viveram na Idade Média e nos tempos de barbárie, e que progrediram; aqueles que viverão nos séculos futuros serão os de hoje, mas ainda mais avançados intelectualmente e moralmente**.

Os sexos não existem senão no organismo; são necessários à reprodução dos seres materiais; mas os Espíritos, sendo a criação de Deus, não se reproduzem uns pelos outros, é por isto que os sexos seriam inúteis no mundo espiritual.

Os Espíritos progridem pelo trabalho que realizam e as provas que têm que suportar, como o operário em sua arte pelo trabalho que faz. Essas provas e esses trabalhos

variam segundo a sua posição social. **Os Espíritos devendo progredir em tudo e adquirir todos os conhecimentos, cada um é chamado a concorrer aos diversos trabalhos e a suportar os diferentes gêneros de provas; é por isto que renascem alternativamente como ricos ou pobres, senhores ou servidores, operários do pensamento ou da matéria.**

Assim se encontra fundado, sobre as próprias leis da Natureza, o princípio da igualdade, uma vez que o grande da véspera pode ser o pequeno do dia de amanhã, e reciprocamente. Deste princípio decorre o da fraternidade, uma vez que, nas relações sociais, reencontramos antigos conhecimentos, e que no infeliz que nos estende a mão pode se encontrar um parente ou um amigo.

É no mesmo objetivo que os Espíritos se encarnam nos diferentes sexos; tal que foi homem poderá renascer mulher, e tal que foi mulher poderá renascer homem, a fim de cumprir os deveres de cada uma dessas posições, e delas suportar as provas.

A Natureza fez o sexo feminino mais frágil do que o outro, porque os deveres que lhe incumbem não exigem uma igual força muscular e seriam mesmo incompatíveis com a rudeza masculina. Nele a delicadeza das formas e a fineza das sensações são

admiravelmente apropriadas aos cuidados da maternidade. Aos homens e às mulheres são, pois, dados deveres especiais, igualmente importantes na ordem das coisas; são dois elementos que se completam um pelo outro.

O Espírito encarnado sofrendo a influência do organismo, seu caráter se modifica segundo as circunstâncias e se dobra às necessidades e aos cuidados que lhe impõem esse mesmo organismo. Essa influência não se apaga imediatamente depois da destruição do envoltório material, do mesmo modo que não se perdem instantaneamente os gostos e os hábitos terrestres; depois, pode ocorrer que o Espírito percorra uma série de existências num mesmo sexo, o que faz que, durante muito tempo, ele possa conservar, no estado de Espírito, o caráter de homem ou de mulher do qual a marca permaneceu nele. Não é senão o que ocorre a um certo grau de adiantamento e de desmaterialização que a influência da matéria se apaga completamente, e com ela o caráter dos sexos. Aqueles que se apresentam a nós como homens ou como mulheres, é para lembrar a existência na qual nós os conhecemos.

[...].

Não existe, pois, diferença entre o homem e *a* mulher senão no organismo

material que se aniquila na morte do corpo; mas quanto ao Espírito, à alma, ao ser essencial, imperecível, ela não existe uma vez que não há duas espécies de alma; assim o quis Deus, em sua justiça, para todas as suas criaturas; dando a todas um mesmo princípio, fundou a verdadeira igualdade; a desigualdade não existe senão temporariamente no grau de adiantamento; mas todas têm o direito ao mesmo destino, ao qual cada um chega pelo seu trabalho, porque Deus nisso não favoreceu ninguém às expensas dos outros.

A doutrina materialista coloca a mulher numa inferioridade natural da qual ela não é erguida senão pela boa vontade do homem. Com efeito, segundo essa doutrina, a alma não existe, ou, se existe, ela se extingue com a vida ou se perde no todo universal, o que vem a ser o mesmo. Não resta, pois, à mulher senão sua fraqueza corpórea que a coloca sob a dependência do mais forte. A superioridade de algumas não é senão uma exceção, uma bizarrice da Natureza, um funcionamento dos órgãos, e não poderia fazer bem, a doutrina espiritualista vulgar reconhece muito a existência da alma individual e imortal, mas é impotente para provar que não existe uma diferença entre a do homem e a da mulher, e portanto uma superioridade natural de uma sobre a outra.

Com a Doutrina Espírita, a igualdade da mulher não é mais uma simples

> **teoria especulativa; não é mais uma concessão da força à fraqueza, é um direito fundado sobre as próprias leis da Natureza. Fazendo reconhecer estas leis, o Espiritismo abre a era da emancipação legal da mulher, como abre a da igualdade e da fraternidade**. ([138])

Assim, muito antes de se reconhecer a dignidade da mulher em relação à sua igualdade para com o homem, Allan Kardec já defendia essa causa humanitária, provando que, em todas as questões, ele sempre agia com o sentimento de universalidade.

Em junho 1867, Allan Kardec fala exatamente da emancipação das mulheres nos Estados Unidos, citando que o estado de Wisconsin havia garantido o direito de voto às mulheres com a idade maior de vinte e um anos ([139]).

Nessa mesma época, ou mais precisamente em 20 de maio, na Inglaterra, a Câmara dos Comuns rejeitou por 196 votos contra 73 a emenda, proposta pelo Sr. Mill, que sugeria alterar a Cláusula 4: “que se retire a palavra *homem* e que se insira a de *pessoa*”,

e com isso se estenderia às mulheres o direito ao voto naquele país ([140]). Na ***Revista Espírita 1867,*** comentando esses dois episódios, Allan Kardec disse:

> Tratamos da questão da emancipação das mulheres no artigo intitulado: *As mulheres têm uma* alma? publicado na Revista de janeiro de 1866, e ao qual enviamos o leitor para não nos repetirmos aqui; as considerações seguintes servirão para complementá-lo.
>
> Não é duvidoso que numa época em que os privilégios, restos de uma outra época e de outros costumes, caem diante do princípio da **igualdade dos direitos de toda criatura humana, os da mulher não poderiam tardar a ser reconhecidos, e que, num futuro próximo, a lei não a tratará mais em minoridade**. Até o presente, o reconhecimento desses direitos é considerado como uma concessão da força à fraqueza, é porque ela é regateada com tanta parcimônia. Ora, como tudo o que é concedido benevolentemente pode ser retirado, esse reconhecimento não será definitivo e imprescritível senão quando não estiver mais subordinado ao capricho do mais forte, mas fundado sobre um princípio que ninguém possa contestar.
>
> **Os privilégios de raças têm sua**

origem na abstração que os homens fazem do princípio espiritual, para não considerar senão o ser material exterior. Da força ou a fraqueza constitucional em uns, uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou por uma inferioridade natural; foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista *circunscrito,* são consequentes consigo mesmos, porque, a não considerar senão a vida material, certas classes parecem pertencer e pertencem com efeito a raças diferentes.

Mas prendendo-se seu ponto de vista do ser espiritual, o ser essencial e progressivo, do Espírito, em uma palavra, preexistente e sobrevivente a tudo, cujo corpo não é senão um envoltório temporário, variando como a roupa de forma e de cor; se, além disto, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de uma natureza e de uma origem idênticas, que a sua destinação é a mesma, que todos partindo de um mesmo ponto tendem ao mesmo objetivo, que a vida corpórea não é senão um incidente, uma das fases da vida do Espírito,

necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse adiantamento o Espírito pode, sucessivamente, revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital de igualdade de natureza, e daí à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo.

Vós que negais a existência do Espírito para não considerar senão o homem corpóreo, a perpetuidade do ser inteligente para não considerar senão a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual está fundado em razão da igualdade dos direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes.

Aplicando este princípio à posição social da mulher, diremos que de todas as doutrinas filosóficas e religiosas, o Espiritismo é a única que estabelece esses direitos sobre a própria natureza, provando a identidade do ser espiritual nos dois sexos. Desde que a mulher não pertence a *uma criação distinta,* que o Espírito pode nascer, à vontade, homem ou mulher, segundo o gênero de provas a que quer se submeter para o seu adiantamento, que a diferença não está senão no envoltório exterior que modifica suas aptidões, da identidade na natureza do ser,

é preciso necessariamente concluir pela igualdade dos direitos. Isto decorre, não de uma simples teoria, mas da observação dos fatos, e do conhecimento das leis que regem o mundo espiritual. **Os direitos da mulher encontrando na Doutrina Espírita uma consagração fundada sobre as leis da Natureza, disto resulta que a propagação desta doutrina apressará a sua emancipação**, e lhe dará, de maneira estável, a posição social que lhe cabe. Se todas as mulheres compreendessem as consequências do Espiritismo, elas seriam todas espíritas, porque nele hauririam o mais poderoso argumento que podem invocar.

O pensamento da emancipação da mulher germina, neste momento, num grande número de cérebros, porque estamos numa época em que fermentam as ideias de renovação social, e onde as mulheres, tão bem quanto os homens, sofrem influência do sopro progressista que agita o mundo. Depois de estarem muito ocupados consigo mesmos, os homens começam a compreender que seria justo fazer alguma coisa por elas, de relaxar um pouco os laços da tutela sob a qual as mantêm. **Devemos tanto mais felicitar os Estados Unidos da iniciativa que tomam a este respeito quanto foram mais longe em conceder uma posição legal e direito comum a toda uma raça**

da Humanidade.

Mas da igualdade dos direitos seria abusivo concluir a igualdade das atribuições. Deus dotou cada ser de um organismo apropriado ao papel que deve cumprir na Natureza. O da mulher está traçado por seu organismo, e não é o menos importante. Há, pois, atribuições bem caracterizadas reconhecidas a cada sexo pela própria Natureza, e essas atribuições implicam deveres especiais que os sexos não poderiam cumprir eficazmente saindo do seu papel. Assim o é em cada sexo como de um sexo ao outro: a constituição física determina as aptidões especiais; qualquer que seja sua constituição, todos os homens têm certamente os mesmos direitos, mas é evidente que, por exemplo, aquele que não está organizado para o canto não poderia se fazer um cantor. Ninguém pode lhe tirar o direito de cantar, mas esse direito não pode lhe dar as qualidades que lhe faltam. Se, pois, a Natureza deu à mulher músculos mais fracos do que ao homem, é que ela não está chamada aos mesmos exercícios; se sua voz tem um outro timbre, é que não está destinado a produzir as mesmas impressões.

Ora, é de se temer que, e é o que ocorrerá, na febre de emancipação que a atormenta, a mulher não se crê apta a preencher todas as atribuições do homem e que, caindo num excesso contrário, depois

> de ter tido muito pouco. Esse resultado é inevitável, mas não é preciso de nenhum modo temê-lo; se as mulheres têm direitos incontestáveis, a Natureza tem os seus que ela não perde jamais; elas deixarão logo os papéis que não são os seus; deixai-as, pois, reconhecer pela experiência a sua insuficiência nas coisas nas quais a Providência não as chamou; as tentativas infrutíferas as levarão forçosamente ao caminho que lhes está traçado, caminho que pode e deve ser alargado, mas que não poderia ser desviado, sem prejuízo delas mesmas, pondo atenção na influência toda especial que elas devem exercer. Elas reconhecerão que não podem senão perder na troca, porque a mulher com maneiras muito viris não terá jamais a graça e o encanto que fazem o poder daquela que sabe permanecer mulher. Uma mulher que se faz homem abdica de sua própria realeza; consideram-na como um fenômeno. ([141]) (itálico do original)

Ressaltamos que Allan Kardec sempre estava afirmando sobre a questão do pouco valor que se deveria dar ao corpo físico, já que o Espírito é mais importante. Advoga, novamente, que, pela reencarnação, as coisas se tornam mais justas, pois, apesar da desigualdade da vida terrena, com ela se

estabelece a igualdade de direitos a todos de ter alguma coisa, ou passar por determinada experiência, sem qualquer tipo de privilégio, de que espécie for.

Voltando à ***Revista Espírita 1866***, um pouco mais à frente do que ressaltamos, Allan Kardec aborda um tema que muito nos ajudará a entender a questão da evolução do homem, tomando como ponto base o seu espírito. Transcrevemos:

> **Os antropófagos são homens:** disto ninguém jamais duvidou. Ora, o dogma católico não admitindo a preexistência da alma, mas a criação de uma alma nova no nascimento de cada corpo, disto resulta que Deus criou naquele lugar almas de comedores de homens, e aqui almas capazes de se tornarem santas. Por que esta diferença? É um problema do qual a Igreja jamais deu a solução, e, no entanto, é uma chave de abóbada essencial. Segundo sua doutrina, a recrudescência da antropofagia não pode explicar-se senão assim: foi que nesse momento agradou a Deus criar um maior número de almas antropófagas; solução pouco satisfatória e sobretudo pouco consequente com a bondade de Deus.

A dificuldade aumenta considerando-se o futuro dessas almas. Em que se tornam elas depois da morte? São tratadas do mesmo modo que aquelas que têm consciência do bem e do mal? Isto não seria nem justo nem racional. Com seu dogma, a Igreja, em lugar de explicar, está num impasse do qual ela não pode sair senão pelo constante fim de não admitir o mistério, que não é preciso procurar compreender, espécie de *non possumos* que interrompe as questões embaraçosas.

Pois bem! Esse problema que a Igreja não pode resolver, o Espiritismo encontra-lhe a solução mais simples e mais racional na lei da pluralidade das existências, à qual todos os seres estão submetidos, e em virtude da qual progridem. As almas dos antropófagos são assim almas próximas de sua origem, cujas faculdades intelectuais e morais são ainda obtusas e pouco desenvolvidas, e em quem, por isto mesmo, dominam os instintos animais.

Mas essas almas não estão destinadas a permanecer perpetuamente nesse estado inferior, que as privaria para sempre da felicidade das almas mais adiantadas; elas crescem em razão; se esclarecem, se depuram, se melhoram, se instruem em existências sucessivas. Revivem nas raças selvagens, enquanto elas não tenham ultrapassado os limites da selvageria.

Chegadas a um certo grau, elas deixam esse meio para se encarnar numa raça um pouco mais avançada; desta em uma outra, e assim por diante, sobem em grau em razão dos méritos que adquirem e das imperfeições das quais se despojam, **até que tenham alcançado o grau de perfeição do qual a criatura é suscetível.** O caminho do progresso não está fechado para ninguém; de tal sorte que a alma mais atrasada pode pretender a suprema felicidade. Mas umas, em virtude de seu livre arbítrio, que é o apanágio da Humanidade, trabalham com ardor para a sua depuração, para a sua instrução, para se despojarem dos instintos materiais e dos cueiros de sua origem, porque a cada passo que dão para a perfeição veem mais claro, compreendem melhor e são mais felizes; aquelas avançam mais prontamente, gozam mais cedo: aí está a sua recompensa. Outras, sempre em virtude de seu livre arbítrio se atrasam no caminho, como escolares preguiçosos e de má vontade, ou como obreiros negligentes; chegam mais tarde, sofrem por mais longo tempo: aí está a sua punição, ou, querendo-se, o seu inferno. Assim se confirma, pela pluralidade das existências progressivas, a admirável lei de unidade e de justiça que caracteriza todas as obras da criação. Comparei esta doutrina à da Igreja sobre o passado e o futuro das almas, e vede qual é a mais racional, a mais conforme à justiça divina, e

que melhor explica as desigualdades sociais.

A antropofagia, seguramente, é um dos mais baixos graus da escala humana sobre a Terra, porque o selvagem que não come seu semelhante já está em progresso. Mas de onde vem a recrudescência desse instinto bestial? Há que se notar primeiro que ela não é senão local, e que, em suma, o canibalismo desapareceu em grande parte da Terra. Ela é inexplicável sem o conhecimento do mundo invisível, e de suas relações com o mundo visível. Pelas mortes e pelos nascimentos, eles se alimentam um do outro, se derramam incessantemente um no outro. Ora, os homens imperfeitos não podem fornecer ao mundo invisível almas perfeitas, e as almas más, se encarnando, não podem fazer senão homens maus. Quando as catástrofes, os flagelos, levam ao mesmo tempo um grande número de homens, é uma chegada em massa de almas no mundo dos Espíritos. Essas mesmas almas devendo reviver, em virtude da lei da Natureza e para o seu adiantamento, as circunstâncias podem igualmente reconduzi-las em massa sobre a Terra.

O fenômeno de que se trata prende-se, pois, simplesmente da encarnação acidental, em meios ínfimos, de um maior número de almas atrasadas, e não à malícia de Satã, nem à palavra de ordem dada às

> populações da Oceania. Ajudando o desenvolvimento do sentido moral dessas almas, durante sua estada terrestre, e é a missão dos homens civilizados, elas melhoram; e quando retornarem em uma nova existência corpórea para avançarem ainda, farão homens menos maus do que eram, mais esclarecidos, com instintos menos ferozes, porque o progresso adquirido jamais se perde. É assim que se cumpre gradualmente o progresso da Humanidade. ([142])

Afirmou Allan Kardec que "*os antropófagos são homens*", não bichos como se pensava, apenas que estavam bem no início da escala evolutiva. De forma categórica, completou: "*mas essas almas não estão destinadas a permanecer perpetuamente nesse estado inferior*", pois, seguramente, elas alcançarão o grau de perfeição máximo do qual a criatura é suscetível; portanto, coloca-as no mesmo nível das outras, sem nenhuma discriminação.

Ainda na ***Revista Espírita 1866***, lemos os comentários de Allan Kardec sobre o escravo negro Tom, que, apesar de cego, se tornou um pianista célebre:

– *Tom, o cego,* não é um conto de fantasma, mas um fenômeno de inteligência estranho. Tom é um jovem negro de dezessete anos, cego de nascença, supostamente dotado de um instinto musical maravilhoso. O *Harpes Weekly,* jornal ilustrado de Nova Iorque, consagrou-lhe um longo artigo, do qual extraímos as passagens seguintes:

> "Não havia dois anos que ele traduzia, pelo canto, tudo o que feria seu ouvido, e tal era a justeza e a facilidade com a qual agarrava um motivo, que, ouvindo as primeiras notas de um canto, ele podia executar a sua parte. Logo começou a acompanhar fazendo os segundos, se bem que não tivesse jamais ouvido, mas um instinto natural lhe revelava que alguma coisa de semelhante deveria se cantar".
>
> "Com a idade de quatro anos ouviu pela primeira vez um piano. À chegada do instrumento, ele estava, segundo seu hábito, se divertindo no pátio; a primeira vibração dos toques atraiu-o ao parlatório (o salão). Foi-lhe permitido passear seus dedos sobre as teclas, simplesmente para satisfazer sua curiosidade, e não lhe foi recusado o inocente prazer de fazer um pouco de barulho. Uma vez, depois da meia-noite, pôde permanecer no parlatório onde tinha sabido penetrar. O piano não tinha sido fechado, e as jovens senhoritas da casa foram despertadas pelos sons do instrumento. Para seu grande espanto, elas

ouviram Tom tocando um de seus trechos, e, pela manhã elas o encontraram ainda ao piano. Foi-lhe permitido então tocar quanto lhe aprouvesse; ele fez progressos tão rápidos e tão espantosos que o piano se tornou o eco de tudo o que ele ouvia. Desenvolveu assim novas e prodigiosas faculdades, desconhecidas, até então, ao mundo musical, e das quais parece que Deus reservou o monopólio a Tom. Tinha menos de cinco anos quando, depois de uma tempestade, dela fez um que intitulou: *O que me dizem o vento, o trovão e a chuva".*

"Setenta professores de música, em Filadélfia, espontaneamente cobriram com sua assinatura uma declaração que termina assim: 'De fato, sob toda forma de exame musical, execução, composição e improvisação, ele mostrou um poder e uma capacidade que o classificam entre os mais espantosos fenômenos dos quais a história da música guardou a lembrança. Os abaixo-assinados pensam que é impossível explicar esses prodigiosos resultados por algumas das hipóteses que podem fornecer as leis da arte ou da ciência.'"

"Hoje ele toca a mais difícil música dos grandes autores com uma delicadeza de toque, um poder e uma expressão que foram raramente ouvidos. É na primavera próxima que ele deve ir para a Europa".

EBELMANN

Um tal prodígio, mesmo fazendo uma larga parte ao exagero, seria o mais eloquente discurso de **defesa em favor da reabilitação da raça negra**, **num país onde o preconceito da cor está tão enraizado**; e, se não pode ser explicado pelas leis conhecidas da ciência, o será de maneira mais clara e mais racional pela da reencarnação, não de um negro num negro, mas de um branco num negro, porque uma faculdade instintiva tão precoce não poderia ser senão a lembrança intuitiva de conhecimentos adquiridos numa existência anterior.

Mas, então, dir-se-á, isso seria uma queda do Espírito de passar da raça branca para a raça negra? Queda de posição social, sem dúvida, o que se vê todos os dias, quando, de rico se nasce pobre, ou de senhor servidor, mas não retrocesso do Espírito, uma vez que teria conservado suas aptidões e suas aquisições. Essa posição seria para ele uma prova ou uma expiação; talvez mesmo uma missão, a fim de provar que essa raça não está votada pela Natureza a uma inferioridade absoluta. Raciocinamos aqui na hipótese da realidade do fato, e pelos casos análogos que poderiam se apresentar. ([143]) (itálico do original)

Na ***Revista Espírita 1867,*** volta ao caso de Tom, comentando uma publicação no *Spiritual Magazine* de Londres, disse Allan Kardec:

> As reflexões que fizemos a propósito da menina de Toulon se aplicam naturalmente a Tom, o cego. Tom deve ser um grande músico ao qual basta ouvir para estar no caminho daquilo que soube. **O que torna o fenômeno mais extraordinário é que se apresenta num negro, escravo e cego, tríplice causa que se oporia à cultura de suas aptidões nativas, e apesar da qual elas se manifestaram na primeira ocasião favorável, como um grão germina aos raios do sol. Ora, como a raça negra, em geral e sobretudo no estado de escravidão, não brilha pela cultura das artes, disto é preciso concluir que o Espírito de Tom não pertence a essa raça; mas que nela se encarnou, seja como expiação, seja como meio providencial de reabilitação desta raça na opinião, mostrando do que ela é capaz.**
>
> **Muito se disse e muito se escreveu contra a escravidão e o preconceito de cor; tudo o que se disse é justo e moral; mas não era senão uma tese filosófica**. A lei de pluralidade das existências e da reencarnação vem

> acrescentar-lhe a irrefutável sanção de uma lei da Natureza que consagra a fraternidade de todos os homens. **Tom, o escravo, nascido e aclamado na América, é um pretexto vivo contra os preconceitos que reinam ainda naquele país.** ([144])

Mais uma vez, pode-se ver como é cristalina a posição de Allan Kardec contra a escravidão e o preconceito de cor: "*muito se disse e muito se escreveu contra a escravidão e o preconceito de cor; tudo o que se disse é justo e moral*". E, não perdendo isso de vista, explicamos que quando ele disse "*um branco reencarnando num negro*" é que, admitindo a preexistência do espírito, via-se a possibilidade de se aprender alguma coisa somente se a pessoa tivesse vivido numa região culturalmente mais desenvolvida.

Pensava-se que isso, via de regra, não poderia acontecer a um espírito que viveu numa região inóspita, em locais da África, por exemplo, na qual não poderia se desenvolver plenamente ou naqueles que se encontravam em escravidão.

Comparando com uma criança que chega a um

colégio, da qual não temos nenhuma informação: se ela se mostra capaz de resolver determinados problemas, concluiremos que ela não poderia ter vindo de um lugar em que a maioria das crianças é analfabeta, mas, sim, de uma localidade onde pôde desenvolver-se culturalmente.

Na ***Revista Espírita 1869***, do artigo “A carne é fraca”, destacamos o seguinte trecho:

> Se a atividade do Espírito reage sobre o cérebro, ela deve reagir igualmente sobre as outras partes do organismo. **O Espírito é, assim, o artífice de seu próprio corpo**, que ele configura, por assim dizer, a fim de apropriá-lo às suas necessidades e às manifestações de suas tendências. **Estando isto posto, a perfeição do corpo nas raças avançadas seria o trabalho do Espírito que aperfeiçoa o seu aparelhamento à medida que as suas faculdades aumentam**. [...]. ([145])

A lei vale para todos os Espíritos que são os artífices do seu próprio corpo. À medida de sua evolução provocam, por consequência, melhorias na sua vestimenta física.

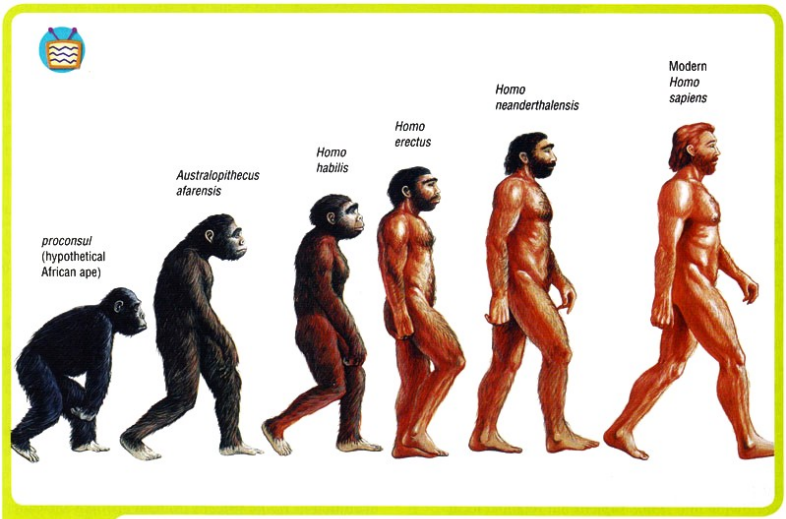


Fig 7.4.7 Human form during the stages of evolution

Esta imagem ([146]) é bem representativa da evolução do corpo físico e como vai se tornando cada vez mais delicado e belo.

Agora, teremos oportunidade de entender, com maior detalhe, a questão da importância do Espírito sobre o corpo físico, visando deixar as coisas o mais claro possível, a fim de se evitar os mal-entendidos de sempre. Na ***Revista Espírita 1865,*** leiamos:

DESTRUIÇÃO DOS SERES VIVOS UNS PELOS OUTROS.

A destruição recíproca dos seres vivos é

uma das leis da Natureza que, à primeira vista, parece o menos se conciliar com a bondade de Deus. Pergunta-se por que lhes fez uma necessidade de se entredestruírem para se nutrirem às expensas uns dos outros.

Para aquele que não vê senão a matéria, que limita sua visão à vida presente, isto parece, com efeito, uma imperfeição na obra divina; de onde esta conclusão que disso tiram os incrédulos, de que Deus não sendo perfeito, não há Deus. É que julgam a perfeição de Deus do seu ponto de vista; seu próprio julgamento é a medida de sua sabedoria, e pensam que Deus não poderia fazer melhor do que eles mesmos o fariam. Sua curta visão não lhes permitindo julgar o conjunto, não compreendem que um bem real pode sair de um mal aparente. **Somente o conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua essência verdadeira**, e da grande lei de unidade que constitui a harmonia da criação, podem dar ao homem a chave desse mistério, e mostrar-lhe a sabedoria providencial e a harmonia precisamente aí onde não via senão uma anomalia e uma contradição. Ocorre com esta verdade, como em uma multidão de outras; o homem não estará apto a sondar certas profundezas senão quando seu Espírito tiver chegado a um grau suficiente de maturidade.

A verdadeira vida, tanto do animal

quanto a do homem, não está mais no envoltório corpóreo que dela não é senão o vestuário; ela está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo. Este princípio tem necessidade do corpo para se desenvolver pelo trabalho que deve realizar sobre a matéria bruta; o corpo se desgasta nesse trabalho, mas o Espírito não se gasta, ao contrário: sai dele cada vez mais forte, mais lúcido e mais capaz. **Que importa, pois, que o Espírito mude mais ou menos vezes de envoltório; com isso não é menos Espírito**; é absolutamente como se um homem renovasse cem vezes seu vestuário no ano, com isso não seria menos o mesmo homem. **Pelo espetáculo incessante da destruição, Deus ensina aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material, e suscita entre eles a ideia da vida espiritual em lhes fazendo desejá-la como uma compensação**.

Deus, dir-se-á, poderia chegar ao mesmo resultado por outros meios, e sem constranger os seres vivos a se entredestruírem? Bem audacioso aquele que pretendesse penetrar os desígnios de Deus! Se tudo é sabedoria em sua obra, devemos supor que essa sabedoria não deva mais fazer falta sobre esse ponto do que sobre os outros; se não o compreendemos, é preciso atribui-lo ao nosso pouco adiantamento. No

entanto, podemos tentar procurar-lhe a razão, tomando por bússola este princípio: Deus *deve ser infinitamente justo e sábio;* procuremos, pois, em tudo sua justiça e sua sabedoria.

Uma primeira utilidade que se apresenta dessa destruição, utilidade puramente física, é verdade, é esta: os corpos orgânicos não se mantêm senão com ajuda das matérias orgânicas, só essas matérias contendo os elementos nutritivos necessários à sua transformação. **Os corpos, instrumentos de ação do princípio inteligente, tendo necessidade de serem incessantemente renovados, a Providência os faz servir à sua manutenção mútua; é por isso que os seres se nutrem uns dos outros; quer dizer que o corpo se nutre do corpo, mas o Espírito não é nem destruído, nem alterado; ele não é senão despojado de seu envoltório**.

Além disso há considerações morais de uma ordem mais elevada.

A luta é necessária ao desenvolvimento do Espírito; é na luta que ele exerce suas faculdades. Aquele que ataca para ter seu alimento, e aquele que se defende para conservar sua vida, se rivalizam em astúcia e em inteligência, e aumentam, por isso mesmo, suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe; mas o que é que o mais forte ou o mais hábil tirou ao mais fraco em

realidade? Sua veste de carne, não outra coisa; o Espírito, que não está morto, retomará um outro corpo mais tarde.

Nos seres inferiores da criação, naqueles em que o senso moral não existe, **em que a inteligência não está ainda senão no estado de instinto,** a luta não poderia ter por móvel senão a satisfação de uma necessidade material; ora, uma das necessidades materiais mais imperiosas é a da nutrição; eles lutam, pois, unicamente para viver, quer dizer, para tomar ou defender uma presa, porque não poderiam estar estimulados por um móvel mais elevado. **É neste primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida. Quando ela alcança o grau de maturidade necessária para sua transformação, recebe de Deus novas faculdades: o livre arbítrio e o senso moral, centelha divina em uma palavra**, que dão um novo curso às suas ideias, dotam-na de novas aptidões e de novas percepções. Mas as novas faculdades morais das quais está dotada não se desenvolvem senão gradualmente, porque nada é brusco na Natureza; **há um período de transição em que o homem *se* distingue com dificuldade do animal; nessas primeiras idades, o instinto animal domina, e a luta tem ainda por móvel a satisfação das necessidades materiais**; mais tarde, o instinto animal e o sentimento moral se

> contrabalançam; o homem então luta, não mais para se nutrir, mas para satisfazer sua ambição, seu orgulho, a necessidade de dominar: por isto, lhe é necessário ainda destruir. Mas, à medida que o senso moral domina, a sensibilidade se desenvolve, a necessidade da destruição diminui; acaba mesmo por se apagar e por se tornar odiosa: o homem tem horror ao sangue. No entanto, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, porque mesmo chegado a este ponto, que nos parece culminante, está longe de ser perfeito; não é senão ao preço de sua atividade que ele adquire conhecimentos, experiência, e que se despoja dos últimos vestígios da animalidade; mas então a luta, de sangrenta e brutal que era, se torna puramente intelectual; o homem luta contra as dificuldades e não mais contra *os* seus semelhantes. ([147]) (itálico do original)

Assim, podemos ver que o princípio inteligente, que habita em nós, veio, por progresso, de uma escala inferior, qual seja, a do reino animal e, em qualquer comparação feita citando o homem primitivo, deve-se levar isso em conta, sob pena de ser desvirtuado o pensamento do codificador, quanto à forma do princípio inteligente (sopro divino para os criacionistas) ter sido atribuído ao ser humano, nos

seus primórdios sobre a Terra.

Também não será improcedente, novamente, alertar para a questão da valorização do Espírito, que é o ser principal, em detrimento do corpo que, no fundo, não passa de uma veste que se desgasta com o tempo, motivo pelo qual o jogamos fora, pela morte, para usar um outro em nova existência.

Reforçando isso, destacamos da ***Revista Espírita 1864***, a seguinte fala de Allan Kardec:

> A vida do Espírito, considerada do ponto de vista do progresso, apresenta três períodos principais, a saber:
>
> 1º *O período material,* onde a influência da matéria domina a do Espírito; é o estado dos homens dados às paixões brutais e carnais, à sensualidade; cujas aspirações são exclusivamente terrestres, que são apegados aos bens temporais, ou refratários às ideias espiritualistas.
>
> 2º *O período de equilíbrio;* aquele em que as influências da matéria e do Espírito se exercem simultaneamente; onde o homem, embora submetido às necessidades materiais, pressente e compreende o estado espiritual; onde ele trabalha para sair do estado corpóreo.

> Nesses dois períodos o Espírito está submetido à reencarnação, que se cumpre nos mundos inferiores e medianos.
>
> 3º *O período espiritual,* aquele em que o Espírito, tendo dominado completamente a matéria, não tem mais necessidade da encarnação nem do trabalho material, seu trabalho é todo espiritual; é o estado dos Espíritos nos mundos superiores.
>
> A facilidade com a qual certas pessoas aceitam as ideias espíritas, das quais parecem ter a intuição, indica que pertencem ao segundo período; mas entre estas e as outras há uma multidão de graus que o Espírito atravessa tanto mais rapidamente quanto mais próximo estiver do período espiritual; é assim que, de um mundo material como a Terra, ele pode ir habitar um mundo superior, como Júpiter, por exemplo, se seu adiantamento moral e espiritual for suficiente para dispensá-lo de passar pelos graus intermediários. Depende, pois, do homem deixar a Terra sem retorno, como mundo de expiação e de prova para ele, ou não retornar a ela senão em missão. ([148]) (itálico do original)

Eis aí o que interessa à Doutrina: nossa vida como Espírito; o corpo de nada serve nessa ótica; é apenas um instrumento do qual o Espírito se serve para aquisição de conhecimento, visando ao seu

progresso intelectual e moral.

Mas aí entra o inevitável questionamento: por que não fomos criados perfeitos? Sobre isso, ainda na ***Revista Espírita 1864***, encontramos:

> **DA PERFEIÇÃO DOS SERES CRIADOS**
>
> Pergunta-se, por vezes, se Deus não poderia ter criado Espíritos perfeitos para poupar-lhes o mal e todas as suas consequências.
>
> Sem dúvida, Deus teria podido, uma vez que é todo-poderoso, e se não o fez, foi porque julgou, em sua soberana sabedoria, mais útil que isso fosse de outro modo. Não cabe ao homem escrutar os seus desígnios, e ainda menos julgar e condenar as suas obras. Uma vez que não pode se admitir Deus sem o infinito das perfeições, sem a soberana bondade e a soberana justiça, que se tem incessantemente sob os olhos as milhares de provas de sua solicitude por suas criaturas, deve-se pensar que essa solicitude não pôde fazer falta na criação dos Espíritos. **O homem, sobre a Terra, é como a criança, cuja visão limitada não se estende além do círculo estreito do presente, e não pode julgar da utilidade de certas coisas**. Ele deve, pois, se inclinar diante do que está ainda acima de sua capacidade. No entanto, tendo Deus

lhe dado a inteligência para se guiar, não lhe está proibido de procurar compreender, tudo em se detendo humildemente diante do limite que não pode transpor. Sobre todas as coisas ficadas no segredo de Deus, ele não pode senão estabelecer sistemas mais ou menos prováveis. Para julgar aquele desses sistemas que mais se aproxima da verdade, tem um critério seguro, que são os atributos essenciais da Divindade; toda teoria, toda doutrina filosófica ou religiosa que tendesse a destruir a mínima parte de um único desses atributos, pecaria pela base, e seria, por isso mesmo, maculada de erro; de onde se segue que o sistema mais verdadeiro seria aquele que concordasse melhor com esses atributos.

Sendo Deus todo sabedoria e todo bondade, não pôde criar o mal para fazer contrapeso ao bem; se tivesse feito do mal uma lei necessária, teria enfraquecido voluntariamente o poder do bem, porque o que é mal não pode senão alterar e não fortalecer o que é bem. Estabeleceu leis que são muito justas e boas; o homem seria perfeitamente feliz se as observasse escrupulosamente; mas a menor infração a essas leis causa uma perturbação da qual experimenta o contragolpe, daí todas as suas vicissitudes; é, pois, ele mesmo que é a causa do mal por sua desobediência às leis de Deus. Deus criou-o livre para escolher seu caminho; aquele que tomou o mau, fê-lo

por sua vontade, e não pode senão se acusar das consequências que disso lhe resulte. Pela destinação da Terra, não vemos senão os Espíritos dessa categoria, e é isso que faz crer na necessidade do mal; se pudéssemos *abarcar o* conjunto dos mundos, veríamos que os Espíritos que permaneceram no bom caminho percorrem as diferentes fases de sua existência em condições todas outras, e que desde que o mal não sendo geral, não saberia ser indispensável. Mas resta sempre a questão de saber porque Deus não criou os Espíritos perfeitos. Essa questão é análoga a esta: por que a criança não nasce toda desenvolvida, com todas as aptidões, toda a experiência e todos os conhecimentos da idade viril?

Há uma lei geral que rege todos os seres da criação, animados e inanimados: é **a lei do progresso; os Espíritos a ela estão submetidos pela força das coisas**, sem isso essa exceção perturbaria a harmonia geral, e Deus quis nisso dar um exemplo abreviando-o no progresso da infância. Mas o mal não existindo como necessidade na ordem das coisas, uma vez que não é senão o fato dos Espíritos prevaricadores, a lei do progresso não os obriga, de nenhum modo, a passarem por essa fieira para chegarem ao bem; ela **não os submete senão a passar pelo estado de inferioridade intelectual, dito de outro modo, pela**

infância espiritual. **Criados simples e ignorantes, e por isso mesmo imperfeitos, ou melhor, *incompletos,* eles devem adquirir por si mesmos e pela sua própria atividade a ciência e a experiência que não podem ter no início.** Se Deus os tivesse criado perfeitos, teria devido dotá-los, desde o instante de sua criação, da universalidade dos conhecimentos; tê-los-ia assim isentado de todo o trabalho intelectual; mas ao mesmo tempo ter-lhes-ia tirado a atividade que devem se desdobrar por adquirir, e pela qual concorrem, como encarnados e desencarnados, ao aperfeiçoamento material dos mundos, **trabalho que não incumbe mais aos Espíritos superiores encarregados somente de dirigir o aperfeiçoamento moral.** Por sua própria inferioridade eles tornam-se uma engrenagem essencial à obra geral da criação. De um outro lado, se os tivesse criado infalíveis, quer dizer, isentos da possibilidade de fazer mal, teriam sido fatalmente como máquinas bem montadas que cumprem maquinalmente as obras de precisão; mas então não mais de livre arbítrio, e, por consequência, não mais de independência; teriam se assemelhado a esses homens que nascem com a fortuna toda feita, e se creem dispensados de nada fazer. Submetendo-os à lei do progresso facultativo, Deus quis que tivessem o mérito de suas obras para terem direito à

recompensa e gozarem da satisfação de terem eles mesmos conquistando a sua posição.

Sem a lei universal do progresso aplicada a todos os seres, teria havido uma ordem de coisas diferentes a estabelecer. Deus, sem dúvida, disso tinha a possibilidade; por que não o fez? Teria feito melhor em agir de outro modo? Nesta hipótese teria, pois, se enganado! Ora, se Deus pôde se enganar, é que não era perfeito; se não é perfeito, é que não é Deus. Desde que não se pode concebê-lo sem a perfeição infinita, disso é preciso concluir que o que fez é pelo melhor; se não estamos ainda aptos para compreender seus motivos, sem dúvida, podê-lo-emos mais tarde, num estado mais avançado. À espera disso, se não podemos sondar as causas, podemos observar os efeitos, e reconhecer que tudo, no universo, é regido por leis harmônicas cuja sabedoria e a admirável previdência confundem nosso entendimento. Bem presunçoso seria, pois, aquele que pretendesse que Deus deveria reger o mundo de outro modo, porque isso significaria que, em seu lugar, teria feito melhor do que ele. Tais são os Espíritos dos quais Deus castiga o orgulho e a ingratidão, relegando-os aos mundos inferiores, de onde não sairão senão quando, curvando a cabeça sob a mão que o fere, reconhecerão o seu poder. Deus não lhes impõe esse reconhecimento; quer que ele seja

voluntário e o fruto de suas observações, é por isso que os deixa livres e espera que, vencidos pelo próprio mal que atraem, retornem a ele.

A isso responde-se: “Compreende-se que Deus não haja criado os Espíritos perfeitos, mas se julga a propósito de submetê-los todos à lei do progresso, não teria podido, pelo menos, criá-los felizes, sem sujeitá-los a todas as misérias da vida? A rigor, o sofrimento se compreende para o homem, porque pôde desmerecer, mas os animais sofrem também; comem-se entre si; os grandes devoram os menores. Há os que cuja vida não é senão um longo martírio; têm, como nós, seu livre arbítrio e desmereceram?”

Tal é ainda a objeção que se faz algumas vezes e à qual os argumentos acima podem servir de respostas; lhe acrescentaremos, no entanto, algumas considerações.

Sobre o primeiro ponto, diremos que a felicidade completa é o resultado da perfeição; uma vez que as vicissitudes são o produto da imperfeição, criar os Espíritos perfeitamente felizes, teria sido criá-los perfeitos.

A questão dos animais pede alguns desenvolvimentos. Eles têm um princípio inteligente, isto é incontestável. De que natureza é esse princípio? Que relações têm com o do homem? É estacionário em cada

espécie, ou progressivo passando de uma espécie à outra? Qual é para ele o limite do progresso? Caminha paralelamente ao homem, ou bem é o mesmo princípio que se elabora e ensaia a vida nas espécies inferiores, para receber mais tarde novas faculdades e sofrer a transformação humana? São tantas questões que ficaram insolúveis até este dia, e se o véu que cobre esse mistério não foi ainda levantado pelos Espíritos, é que isso teria sido prematuro: o homem não está ainda maduro para receber tanta luz. Vários Espíritos deram, isto é verdade, teorias a esse respeito, mas nenhuma tem um caráter bastante autêntico para ser aceita como verdade definitiva; não se podem, pois, considerá-las, até nova ordem, senão como sistemas individuais. Só a concordância pode dar-lhes uma consagração, porque aí está o único e verdadeiro controle do ensino dos Espíritos. É por isso que estamos longe de aceitar como verdades irrecusáveis tudo o que ensinam individualmente; um princípio, qualquer que seja, para nós não adquire autenticidade senão pela universalidade do ensinamento, quer dizer, pelas instruções idênticas dadas sobre todos os pontos por médiuns estranhos uns aos outros e não sofrendo as mesmas influências, notoriamente isentos de obsessões e **assistidos por Espíritos bons e esclarecidos, é preciso ouvir aqueles que provam a sua superioridade pela**

elevação de seus pensamentos, a alta importância de seus ensinos, não se contradizendo jamais, e não dizendo jamais nada que a lógica mais rigorosa não possa admitir. Foi assim que foram controladas as diversas partes da doutrina formulada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns.* Tal não é ainda o caso da questão dos animais, é porque não resolvemos o dilema; até constatação mais séria, não é preciso aceitar teorias que podem ser dadas a esse respeito senão em benefício de inventário, e à espera da confirmação ou da negação.

Em geral, não se poderia trazer muita prudência em fato de teorias novas sobre as quais pode-se iludir; também quantas delas se viram, desde a origem do Espiritismo, que, prematuramente entregues à publicidade, não tiveram senão uma existência efêmera! Assim o será com todas aquelas que não tiverem senão um caráter individual e não tiverem sofrido o controle da concordância. Em nossa posição, recebendo as comunicações de perto de mil centros Espíritas sérios, disseminados sobre os diversos pontos do globo, somos capazes de ver os princípios sobre os quais essa concordância se estabelece; foi essa observação que nos guiou até este dia, e será igualmente a que nos guiará nos novos campos que o Espiritismo está chamado a explorar. É assim que, há algum tempo,

notamos nas comunicações vindas de diversos lados, tanto da França quanto do exterior, uma tendência a entrar numa via nova, pelas revelações de uma natureza toda especial. Essas revelações, frequentemente feitas com palavras veladas, passaram desapercebidas para muitos daqueles que as obtiveram; muitos outros acreditaram só eles tê-las; tomadas isoladamente, seriam para nós sem valor, mas a sua coincidência lhes dá uma alta seriedade, da qual será capaz de julgar mais tarde, quando chegar o momento de entregá-las à luz da publicidade.

Sem essa concordância, quem poderia estar seguro de ter a verdade? A razão, a lógica, o julgamento, sem dúvida, são os primeiros meios de controle dos quais é preciso fazer uso; em muitos casos isto basta; mas quando se trata de um princípio importante, da emissão de uma ideia nova, seria preciso presunção em se crer infalível na apreciação das coisas; é, aliás, um dos caracteres distintivos da revelação nova, de ser feita sobre todos os pontos ao mesmo tempo; assim ocorreu em diversas partes da Doutrina. A experiência aí está para provar que todas as teorias arriscadas pelos Espíritos sistemáticos e pseudossábios sempre foram isoladas e localizadas; nenhuma se tornou geral e nem pôde suportar o controle da concordância; várias mesmo caíram sob o ridículo, prova evidente

de que elas não estavam na verdade. Esse controle universal é uma garantia para a unidade futura da Doutrina.

Esta digressão nos afastou um pouco de nosso assunto, mas era útil para nos fazer conhecer de que maneira procedemos em fato de teorias novas concernentes ao Espiritismo, que está longe de ter dito a sua última palavra sobre todas as coisas. Não emitimos jamais uma que não haja recebido a sanção da qual acabamos de falar, é por isso que algumas pessoas, um pouco impacientes, se espantam de nosso silêncio em certos casos. Como sabemos que cada coisa deve vir ao seu tempo, não cedemos a nenhuma pressão, de qualquer parte que ela venha, sabendo a sorte daqueles que querem ir muito depressa e têm em si mesmos, e em suas próprias luzes, uma confiança muito grande; não queremos colher um fruto antes de sua maturidade; mas pode-se estar seguro de que, quando estiver maduro, nós o deixaremos cair.

Estabelecido este ponto, nos resta pouca coisa a dizer sobre a questão proposta, não podendo ainda ser resolvido o ponto capital.

Está constatado que os animais sofrem; mas é racional imputar esses sofrimentos à imprevidência do Criador, ou uma falta de bondade de sua parte, porque a causa escapa à nossa inteligência, como a utilidade dos deveres e da disciplina escapa

ao escolar? Ao lado desse mal aparente não se veem manifestar-se suas solicitudes pelas mais ínfimas de suas criaturas? Os animais não são providos de meios de conservação apropriados ao meio em que devem viver? Não se veem seus pelos se proverem mais ou menos segundo o clima? Seu aparelho de nutrição, suas armas ofensivas e defensivas proporcionais aos obstáculos que têm a vencer e aos inimigos que têm a combater?

Em presença desses fatos tão multiplicados, e cujas consequências escapam ao olho do materialista, é-se fundado a dizer que não há Providência para eles? Não, certamente; tanto quanto que nossa visão é muito limitada para julgar a lei do conjunto. Nosso ponto de vista, restrito ao pequeno círculo que nos cerca, não nos deixa ver senão as irregularidades aparentes; mas quando nos elevamos pelo pensamento acima do horizonte terrestre, essas irregularidades se apagam diante da harmonia geral.

O que mais choca nessa observação localizada, é a destruição dos seres uns pelos outros. Uma vez que Deus prova sua sabedoria e sua bondade em tudo o que podemos compreender, é preciso também admitir que a mesma sabedoria preside ao que não compreendemos. De resto, não se exagere a importância dessa destruição senão pelo que se lhe liga à matéria, sempre em consequência do ponto de vista estreito

em que o homem se coloca. **Em definitivo, não há senão o envoltório físico a destruir, mas o princípio inteligente não é aniquilado; o Espírito é tão indiferente à perda de seu corpo, quanto o homem o é à de sua roupa.** Essa destruição dos envoltórios temporários é necessária à formação e à manutenção dos novos envoltórios que se constituem com os mesmos elementos, mas o princípio inteligente nisso não sofre nenhum prejuízo, não mais entre os animais do que entre os homens.

Resta o sofrimento que acarreta às vezes a destruição desse envoltório. O Espiritismo nos ensina *e* nos prova que o sofrimento, no homem, é útil para o seu adiantamento moral; quem nos diz que aqueles que suportam os animais não tem também a sua utilidade; que ele não é, em sua esfera e segundo uma certa ordem de coisas, uma causa de progresso? Isso não é senão uma hipótese, é verdade, mas que, ao menos, se apoia sobre os atributos de Deus: a justiça e a bondade, ao passo que os outros lhes são a negação.

A questão da criação dos seres perfeitos, tendo sido debatida numa sessão da Sociedade Espírita de Paris, o Espírito de Erasto ditou, *a* este respeito, a comunicação seguinte.

Sobre a não-perfeição dos seres criados

(Sociedade Espírita de Paris, 5 de fevereiro de 1864. - Médium, Sr. d'Ambel.)

Por que Deus não criou todos os seres perfeitos? Em virtude mesmo da lei do progresso. É fácil compreender a economia desta lei. Aquele que caminha está no movimento, quer dizer, na lei da atividade humana; aquele que não progride, que se acha por essência estacionário, incontestavelmente, não pertence à gradação ou hierarquia humanitária. Eu me explico, e compreendereis facilmente o meu raciocínio. O homem que nasce numa posição mais ou menos elevada encontra em sua situação ativa um estado de ser dado; pois bem! é certo que se toda sua vida inteira escoasse nessa condição de ser, sem que tivesse trazido modificações por seu feito ou pelo feito de outrem, ele declararia que sua existência é monótona, aborrecida, cansativa, insuportável, em uma palavra; acrescento que teria perfeitamente razão, tendo em vista que o bem não é bem senão relativamente àquilo que lhe é inferior. Isto é tão verdade, que, se colocardes o homem num paraíso terrestre, num paraíso onde não se progrida mais, ele achará, num tempo dado, a sua existência e essa morada um inferno impiedoso. Disso resulta, de maneira absoluta, que a lei imutável dos mundos é o progresso ou o movimento para a frente; quer dizer que todo Espírito que é criado está submetido

inevitavelmente a essa grande e sublime lei da vida; consequentemente, tal é a própria lei humana.

Não existe senão um único ser perfeito, e não pode dele existir senão um único: Deus! Ora, pedir ao Ser supremo para criar os Espíritos perfeitos, isso seria pedir-lhe para criar alguma coisa semelhante e igual a ele. Emitir uma semelhante proposição, não é condená-la antecipadamente? Ó homens! por que sempre pedir a razão de ser de certas questões insolúveis ou acima do entendimento humano? Lembrai-vos sempre de que só Deus pode permanecer e viver em sua imobilidade gigantesca. Ele é o *summum* e o *máximum* de todas as coisas, o *alfa e* o *ômega* de toda a vida. Ah! crede-me, meus filhos, não procureis jamais levantar o véu que cobre esse grandioso mistério, que os maiores Espíritos da criação não abordam senão tremendo. Quanto a mim, humilde pioneiro da iniciação, tudo o que posso vos afirmar é que a imobilidade é um dos atributos de Deus ou do Criador, e que o homem e tudo o que é criado têm, como atributo, a mobilidade. Compreendei se puderdes compreender, ou então esperai que seja chegada a hora de uma explicação mais inteligível, quer dizer, mais à altura de vosso entendimento.

Não trato senão desta parte da questão, tendo querido vos provar somente que não estava estranho à vossa discussão; sobre

> todo o resto refiro-me ao que foi dito, uma vez que todo o mundo me pareceu da mesma opinião. Dentro em pouco falarei de outros fatos que foram assinalados (os fatos de Poitiers). ERASTO. ([149]) (itálico do original)

A igualdade estabelecida na criação é aquela em que todos têm o mesmo ponto de partida, sendo, portanto, todos os homens criados simples e ignorantes. Com a reencarnação é que irão progredindo, coisa que acontece igualmente com todos os seres, não existindo nenhum privilégio. É o que podemos ler na ***Revista Espírita 1867***:

> Ele [o homem] sabe que **todas as almas tendo um mesmo ponto de partida, são criadas iguais**, com uma mesma aptidão de progredir em virtude de seu livre-arbítrio; **que todas são da mesma essência, e que não há entre elas senão a diferença do progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão o mesmo objetivo, mais ou menos prontamente segundo seu trabalho e sua boa vontade**.
>
> [...].
>
> **A pluralidade das existências,** da qual o Cristo colocou o princípio no Evangelho,

> mas sem mais defini-lo do que muitos outros, é uma das leis mais importantes reveladas pelo Espiritismo, no sentido que lhe demonstra a realidade e a necessidade para o progresso. Por esta lei, o homem **explica todas as aparentes anomalias que a vida humana apresenta**; as diferenças de posições sociais; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis para a alma as vidas abreviadas; **a desigualdade das aptidões intelectuais e morais, pela antiguidade do Espírito, que mais ou menos viveu, mais ou menos aprendeu e progrediu, e que traz, em renascendo, a aquisição de suas existências anteriores**.
>
> […].
>
> **Os homens não nascem inferiores e subordinados senão pelo corpo; pelo Espírito, eles são iguais e livres. Daí o dever de tratar os inferiores com bondade, benevolência e humanidade**, porque aquele que é nosso subordinado hoje, pode ter sido nosso igual ou nosso superior, talvez um parente ou um amigo, e que podemos nos tornar, por nossa vez, o subordinado daquele ao qual comandamos. ([150])

Aqui é notória a posição de Allan Kardec quanto ao tratamento igualitário que devemos

prodigalizar a todas as criaturas, pensamento que não se coaduna com qualquer ideia discriminatória ou preconceituosa.

Uma questão intimamente ligada à evolução é a não retrogradação dos Espíritos. Sobre esse tema, transcrevemos da ***Revista Espírita 1863***:

> **DO PRINCÍPIO DA NÃO-RETROGRADAÇÃO DOS ESPÍRITOS**
>
> Tendo sido levantadas, várias vezes, questões sobre o princípio da não-retrogradação dos Espíritos, princípio diversamente interpretado, iremos tentar resolvê-las. O Espiritismo quer ser claro para todo o mundo, e não deixar aos seus futuros filhos nenhum assunto de querelas de palavras, por isso todos os pontos suscetíveis de interpretação serão sucessivamente elucidados.
>
> Os Espíritos não retrogradam, nesse sentido de que não perdem nada do progresso realizado; podem ficar momentaneamente estacionados; mas de bons, não podem se tornar maus, nem de sábios, ignorantes. Tal é o princípio geral, que não se aplica senão ao estado moral, *e* não à situação material, que de boa pode se tornar má, se o Espírito a mereceu.
>
> **Citemos uma comparação.**

Suponhamos um homem do mundo, instruído, mas culpado de um crime que o conduziu às galés; certamente, há para ele uma grande queda como posição social e como bem-estar material; à estima e à consideração sucederam o desprezo e a abjeção; e, no entanto, nada perdeu quanto ao desenvolvimento da inteligência; levará à prisão suas faculdades, seus talentos, seus conhecimentos; é um homem caído, e é assim que é preciso entender os Espíritos decaídos. Deus pode, pois, ao cabo de um certo tempo de prova, retirar, de um mundo onde não terão progredido moralmente, aqueles que o terão *desconhecido,* que terão sido rebeldes às suas leis, para enviá-los para expiar seus erros e seu endurecimento num mundo inferior, entre os seres ainda menos avançados; lá serão o que eram antes, moral e intelectualmente, mas numa condição tornada infinitamente mais penosa, pela própria natureza do globo, e sobretudo pelo meio no qual se encontrarão; estarão, em uma palavra, **na posição de um homem civilizado forçado a viver entre os selvagens, ou de um homem bem-educado condenado à sociedade dos forçados. Perderam sua posição, suas vantagens, mas não retrogradaram ao seu estado primitivo; de homens adultos não se tornaram crianças; eis o que é preciso entender**

pela não-retrogradação. Não tendo aproveitado o tempo, é para eles um trabalho a recomeçar; Deus, em sua bondade, não quer deixá-los mais por muito tempo entre os bons, dos quais perturbariam a paz; por isso envia-os entre os homens que terão por missão fazer avançar, comunicando-lhes o que sabem; por esse trabalho eles mesmos poderão avançar e resgatar tudo, expiando suas faltas passadas, como o escravo que amontoa, pouco a pouco, o que comprar com a sua liberdade; mas, como o escravo, muitos não amontoam senão o dinheiro em lugar de amontoar as virtudes, as únicas que podem pagar seu resgate.

Tal é até este dia a situação de nossa Terra, mundo de expiação e de prova, onde a raça adâmica, raça inteligente, foi exilada entre as raças primitivas inferiores, que a habitavam antes dela. Tal é razão pela qual há tanta amargura neste mundo, amarguras que estão longe de sentirem no mesmo grau dos povos selvagens. Há certamente retrogradação do Espírito nesse sentido que recua seu adiantamento, mas não do ponto de vista de suas aquisições, em razão das quais e do desenvolvimento de sua inteligência, sua decaída social lhe é mais penosa; é assim que o homem do mundo sofre mais num meio abjeto do que aquele

que sempre viveu na lama.

Segundo um sistema, que tem alguma coisa de especial à primeira vista, os Espíritos não teriam sido criados para serem encarnados, e a encarnação não seria senão o resultado de suas faltas. Esse sistema cai por esta consideração de que, se nenhum Espírito tivesse falido, não haveria homens sobre a Terra nem sobre os outros mundos; ora, como a presença do homem é necessária para a melhoria material dos mundos; que ele concorre pela sua inteligência e sua atividade à obra geral, é um dos órgãos essenciais da criação. Deus não podia subordinar o cumprimento dessa parte de sua obra à queda eventual de suas criaturas, a menos que não contasse para isso sobre um número sempre suficiente de culpados para alimentar de obreiros os mundos criados e a criar. O bom senso repele tal pensamento.

A encarnação é, pois, uma necessidade para o Espírito que, para cumprir sua missão providencial, trabalha em seu próprio adiantamento pela atividade e a inteligência que lhe é preciso empregar para prover à sua vida e ao seu bem-estar; mas a encarnação se torna uma punição quando o Espírito, não tendo feito o que deve, é constrangido a recomeçar sua tarefa e multiplica suas existências corpóreas penosas pela sua própria falta. **Um escolar não chega a colar seus graus senão**

depois de ter passado pela fieira de todas as classes; são essas classes uma punição? Não: são uma necessidade, uma condição indispensável de seu adiantamento; mas se, por sua preguiça, é obrigado a repeti-las, aí está a punição; poder passar algumas delas é um mérito. Portanto, o que é verdade é que a encarnação sobre a Terra é uma punição para muitos daqueles que a habitam, porque teriam podido evitá-la, ao passo que, talvez, a dobraram, triplicaram, centuplicaram por sua falta, retardando assim a sua entrada nos mundos melhores. O que é falso é admitir em princípio a encarnação como um castigo.

Uma outra questão frequentemente agitada é esta: O Espírito sendo criado simples e ignorante com liberdade de fazer o bem ou o mal, não há queda moral para aquele que toma o mau caminho, uma vez que chega a fazer o mal que não fazia antes?

Esta proposição não é mais sustentável do que a precedente. Não há queda senão na passagem de um estado relativamente bom a um estado pior; ora, o Espírito criado simples e ignorante está, em sua origem, num estado de nulidade moral e intelectual, como a criança que acaba de nascer; se não fez o mal, não fez, não mais, o bem; não é nem feliz nem infeliz; age sem consciência e sem responsabilidade; uma vez que nada

tem, nada pode perder, e não pode, não mais, retrogradar; sua responsabilidade não começa senão no momento em que se desenvolve nele o livre arbítrio; seu estado primitivo não é, pois, um estado de inocência inteligente e racional; por consequência, o mal que faz mais tarde infringindo as leis de Deus, abusando das faculdades que lhes foram dadas, não é um retorno do bem ao mal, mas a consequência do mau caminho em que se empenhou.

Isso nos conduz a uma outra questão. Nero, por exemplo, pôde, enquanto Nero, ter feito mais mal do que em sua precedente encarnação? A isto respondemos sim, o que não implica que na existência em que teria feito menos mal fosse melhor. Primeiro, o mal pode mudar de forma sem ser pior ou menos mal; a posição de Nero, como imperador, tendo-o colocado em evidência, o que ele fez foi mais notado; numa existência obscura pôde cometer atos também repreensíveis, embora sobre uma menor escala, e que passaram desapercebidos; como soberano pôde fazer queimar uma cidade; como simples particular pôde queimar uma casa e ali fazer perecer uma família; tal assassino vulgar que mata alguns viajantes para despojá-los, se estivesse sobre um trono, seria um tirano sanguinário, fazendo em grande o que sua posição não lhe permitia fazer senão em pequeno.

Tomando a questão sob um outro ponto de vista, diremos que um homem pode fazer mais mal numa existência do que na precedente, mostrar vícios que não tinha, sem que isso implique uma degenerescência moral; frequentemente, o que faltam são as ocasiões para fazer o mal, quando o princípio existe em estado latente; chega a ocasião, e os maus instintos se mostram a nu. A vida comum disso nos oferece numerosos exemplos: tal homem que se acreditava bom, mostra de repente vícios que não se supunha, e disso se admira; muito simplesmente é que soube dissimular, ou que uma causa provocou o desenvolvimento de um mau germe. É muito certo que aquele em que os bons sentimentos estão enraizados não tem mesmo o pensamento do mal; quando este pensamento existe, é que o germe existe: não falta senão a execução.

Depois, como dissemos, o mal, embora sob diferentes formas, não é por isso menos o mal. O mesmo princípio vicioso pode ser a fonte de uma multidão de atos diversos provindo de uma mesma causa; o orgulho, por exemplo, pode fazer cometer um grande número de faltas, às quais se está exposto, enquanto o princípio radical não for extirpado. Um homem pode, pois, numa existência, ter defeitos que não teriam se manifestado numa outra, e que não são senão consequências variadas de um

> mesmo princípio vicioso. Nero é para nós um monstro, porque cometeu atrocidades; mas crê-se que esses homens pérfidos, hipócritas, verdadeiras víboras que semeiam o veneno da calúnia, despojam as famílias pela astúcia e os abusos de confiança, que cobrem suas torpezas com a máscara da virtude para chegar, mais seguramente, aos seus fins e receberem os elogios quando merecem a execração, crê-se, dizemos, que valem mais do que Nero? Seguramente não; ser reencarnado num Nero não seria para eles uma decaída, mas uma ocasião de se mostrarem sob uma nova face; como tais exibirão os vícios que escondiam; ousarão fazer pela força o que faziam pela astúcia, eis toda a diferença. Mas essa nova prova não lhe tornará o castigo senão mais terrível, se, em lugar de aproveitar os meios que lhe são dados de reparar, servem-se deles para o mal. E, no entanto, cada existência, por má que ela seja, é uma ocasião de progresso para o Espírito; desenvolve a sua inteligência, adquire da experiência e dos conhecimentos que, mais tarde, ajudá-lo-ão a progredir moralmente. ([151]) (itálico do original)

O que percebemos é que a igualdade é plena; todos nós temos a mesma origem e, fatalmente, teremos o mesmo destino. Na lei de Deus não há

privilégio algum. E sobre o progresso da humanidade, na ***Revista Espírita 1866,*** podemos ler:

OS TEMPOS SÃO CHEGADOS

Os tempos marcados por Deus são chegados, dizem-nos de todas as partes, onde os grandes acontecimentos vão se cumprir para a regeneração da Humanidade. Em que sentido é preciso entender estas palavras proféticas? Para os incrédulos, elas não têm nenhuma importância; aos seus olhos, não é senão a expressão de uma crença pueril sem fundamento; para a maioria dos crentes, elas têm alguma coisa de mística e de sobrenatural que lhes parece ser precursoras do transtorno das leis da Natureza. Estas duas interpretações são igualmente errôneas: a primeira naquilo que implica a negação da Providência, e que os fatos cumpridos provam a verdade dessas palavras; a segunda, naquilo que estas não anunciam a perturbação das leis da Natureza, mas seu cumprimento. Procuremos, pois, o sentido mais racional.

Tudo é harmonia na obra da criação, tudo revela uma previdência que não se desmente nem nas menores coisas nem nas maiores; devemos, pois, de início descartar toda a ideia de capricho irreconciliável com a sabedoria divina; em segundo lugar, se

nossa época está marcada para o cumprimento de certas coisas, é que elas têm sua razão de ser na marcha geral do conjunto. Isto posto, diremos que o nosso globo, como tudo o que existe, está submetido à lei do progresso. Ele progride fisicamente pela transformação dos elementos que o compõem, e moralmente pela depuração dos Espíritos, encarnados e desencarnados, que o povoam. Estes dois progressos se seguem e caminham paralelamente, porque a perfeição da habitação está em relação com a do habitante. Fisicamente, o globo sofreu transformações, constatadas pela ciência, e que, sucessivamente, o tornaram habitável para seres cada vez mais aperfeiçoados; moralmente, a Humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo que a melhora do globo se opera, sob o império das forças materiais, os homens nisso concorrem pelos esforços de sua inteligência; eles saneiam as regiões insalubres, tornam as comunicações mais fáceis e a terra mais produtiva.

Esse duplo progresso se realiza de duas maneiras: uma lenta, gradual e insensível; a outra por mudanças mais bruscas, em cada uma das quais se opera um movimento ascensional mais rápido que marca, por caracteres marcantes, os períodos progressivos da Humanidade. Esses

movimentos, subordinados *nos detalhes* ao livre arbítrio dos homens, são, de alguma sorte, fatais em seu conjunto, porque estão submetidos à leis, como aqueles que se operam na germinação, crescimento e maturidade das plantas, tendo em vista que o **objetivo da Humanidade é o progresso, não obstante a marcha retardatária de algumas individualidades**; **por isso, o movimento progressivo é algumas vezes parcial, quer dizer, limitado a uma raça ou a uma nação, outras vezes geral**. O progresso da Humanidade se efetua, pois, em virtude de uma lei; ora, como todas as leis da Natureza são a obra eterna da sabedoria e da presciência divinas, tudo o que é o efeito dessas leis é o resultado da vontade de Deus, não de uma vontade acidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável. Portanto, quando a Humanidade está amadurecida para transpor um degrau, pode-se dizer que os tempos marcados por Deus são chegados, como se pode dizer também que em tal época chegaram pela maturidade os frutos e a colheita.

Do fato de que o **movimento progressivo da Humanidade é inevitável**, porque está na Natureza, não se segue que Deus a isto seja indiferente, e que, depois de ter estabelecido as leis, tenha entrado na inação, deixando as coisas irem inteiramente sozinhas. Suas leis são

eternas e imutáveis, sem dúvida, mas porque sua própria vontade é eterna e constante, e que seu pensamento anima todas as coisas sem interrupção; seu pensamento, que penetra tudo, é a força inteligente e permanente que mantém tudo na harmonia; que esse pensamento cessasse um único instante de agir, e o Universo seria como um relógio sem pêndulo regulador. Deus vela, pois, incessantemente pela execução de suas leis, e os Espíritos que povoam o espaço são seus ministros encarregados dos detalhes, segundo as atribuições que tocam ao seu grau de adiantamento.

O Universo é, ao mesmo tempo, um mecanismo incomensurável conduzido por um número não menos incomensurável de inteligências, um imenso governo onde cada ser inteligente tem sua parte de ação sob o olhar do soberano Senhor, cuja vontade *única* mantém por toda a parte *a unidade.* Sob o domínio dessa vasta força reguladora tudo se move, tudo funciona numa ordem perfeita; o que nos parece perturbações são os movimentos parciais e isolados que não nos parecem irregulares senão porque nossa visão é circunscrita. Se pudéssemos abarcar-lhe o conjunto, veríamos que essas irregularidades não são senão aparentes e que se harmonizam no todo.

A previsão dos movimentos progressivos da Humanidade nada tem de surpreendente

entre os seres desmaterializados que veem o objetivo para onde tendem todas as coisas, dos quais alguns possuem o pensamento direto de Deus, e que julgam, nos movimentos parciais, o tempo pelo qual poderá se cumprir um movimento geral, como se julga antes o tempo que é preciso a uma árvore, para dar frutos, como os astrônomos calculam a época de um fenômeno astronômico pelo tempo que é preciso a um astro para cumprir sua revolução.

Mas todos aqueles que anunciam esses fenômenos, os autores de almanaques que predizem os eclipses e as marés, certamente, eles mesmos não estão no estado de fazer os cálculos necessários; não são senão os ecos; assim ocorre com os Espíritos secundários, cuja visão é limitada, e que não fazem senão repetir o que *aprouve* aos Espíritos superiores lhes revelar.

A Humanidade realizou, até este dia, incontestáveis progressos; os homens, por sua inteligência, chegaram a resultados que jamais tinham atingido com relação às ciências, às artes e ao bem-estar material; resta-lhes, ainda, um imenso progresso a realizar: é o de fazer reinar entre eles a caridade, a fraternidade e a solidariedade, para assegurar o seu bem-estar moral. Não o podiam nem com suas crenças, nem com suas instituições antiquadas, restos de uma

outra época, boas em uma certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, tendo dado o que elas comportam, seriam um atraso hoje. Tal uma criança é estimulada por móveis, impotentes quando vem a idade madura. Não é mais somente o desenvolvimento da inteligência que é necessário aos homens, é a elevação do sentimento, e para isto é preciso destruir tudo o que poderia superexcitar neles o egoísmo e o orgulho.

Tal é o período onde vão entrar doravante, e que marcará as fases principais da Humanidade. Esta fase que se elabora neste momento, é o complemento necessário do estado precedente, como a idade viril é o complemento da juventude; ela podia, pois, ser prevista e predita antecipadamente, e é por isto que se diz que os tempos marcados por Deus são chegados.

Neste tempo, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a uma região, a um povo, a uma raça; é um movimento universal que se opera no sentido do *progresso moral*. Uma nova ordem de coisas tende a se estabelecer, e os homens que lhe são os mais opostos nela trabalham com o seu desconhecimento; *a* geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, achar-se-á animada de ideias e

de sentimentos diferentes da geração presente que se vai a passos de gigante. O velho mundo estará morto, e viverá na história, como hoje os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.

De resto, cada um sabe que a ordem das coisas atuais deixa a desejar; depois de ver, de alguma sorte, esgotar o bem-estar material, que é o produto da inteligência, chega-se a compreender que o complemento desse bem-estar não pode estar senão no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, mais se sente o que falta, sem, no entanto, poder ainda defini-lo claramente: é o efeito do trabalho íntimo que se opera para a regeneração; têm-se desejos, aspirações que são como o pressentimento de um estado melhor.

Mas uma mudança tão radical, quanto a que se elabora, não pode se realizar sem comoção; a luta inevitável entre as ideias, e quem diz luta, diz alternativa de sucesso e de revés; no entanto, como as ideias novas são as do progresso, e que o progresso está nas leis da Natureza, elas não podem deixar de se impor sobre as ideias retrógradas. Forçosamente, desse conflito, surgirão as perturbações temporárias, até que o terreno seja desobstruído dos obstáculos que se opõem ao estabelecimento de um novo edifício social. Da luta das ideias é que surgirão os graves acontecimentos

anunciados, e não cataclismos, ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais eram a consequência do estado de formação da Terra; hoje, não são mais as entranhas do globo que se agitam, são as da Humanidade.

A Humanidade é um ser coletivo em que se operam as mesmas revoluções morais que em cada ser individual, com esta diferença de que umas se cumprem de ano em ano, e as outras de século em século. Que sejam acompanhadas, em suas evoluções através do tempo, e ver-se-á a vida das diversas raças marcadas por períodos que dão a cada época uma fisionomia particular.

Ao lado dos movimentos parciais, há um movimento geral que dá o impulso à Humanidade inteira; **mas o progresso de cada parte do conjunto é relativo ao seu grau de adiantamento. Tal será uma família composta de vários filhos dos quais o mais jovem está no berço e o primogênito com a idade de dez anos, por exemplo. Em dez anos, o primogênito terá vinte anos e será um homem; o mais jovem terá dez anos e, embora mais avançado, será ainda uma criança; mas, a seu turno, tornar-se-á um homem. Assim é com as diferentes frações da Humanidade; os mais atrasados avançam, mas não saberão, de um pulo, alcançar o nível dos mais**

avançados.

A Humanidade, tornada adulta, tem novas necessidades, aspirações mais largas, mais elevadas; compreende o vazio das ideias das quais foi embalada, a insuficiência de suas instituições para a sua felicidade; ela não encontra mais, no estado das coisas, as satisfações legítimas para as quais se sente chamada; por isso ela sacode cueiros, e se lança impelida por uma força irresistível, para as margens desconhecidas, para descoberta de novos horizontes menos limitados. E é no momento em que ela se encontra muito pobremente em sua esfera material, onde a vida intelectual transborda, onde o sentimento da espiritualidade desabrocha, quantos homens, pretensos filósofos, esperam encher o vazio por doutrinas do niilismo e do materialismo! Estranha aberração! Esses mesmos homens que pretendem impeli-la para a frente, se esforçam por circunscrevê-la no círculo estreito da matéria; de onde ela aspira sair; e lhe fecham o aspecto da vida infinita, e lhe dizem, em lhe mostrando o túmulo: *Nec plus ultra!*

A marcha progressiva da Humanidade se opera de duas maneiras, como o dissemos: **uma gradual, lenta, insensível, se se consideram as épocas próximas, que não se traduz por melhorias sucessivas nos costumes, nas leis, nos usos, e não se percebe que, com o tempo**, como as

mudanças que as correntes d'água trazem à superfície do globo; o outro, por um **movimento relativamente brusco**, rápido, semelhante ao de uma torrente rompendo seus diques, **que lhe faz transpor em alguns anos o espaço que ela teria séculos para percorrer**. É então um cataclismo moral que engole, em alguns instantes, as instituições do passado, e ao qual sucede uma nova ordem de coisas, que se assenta pouco a pouco, à medida que a calma se restabelece, e se torna definitiva.

Àquele que vive bastante tempo para abarcar as duas vertentes da nova fase, parece que um mundo novo tenha saído das ruínas do antigo; o caráter, os costumes, os usos, tudo está mudado; é que, com efeito, homens novos, ou melhor, regenerados, surgiram; as ideias trazidas pela geração que se extingue dão lugar às ideias novas na geração que se educa.

É a um desses períodos de transformação, ou, querendo-se, de *crescimento moral,* que chegou a Humanidade. Da adolescência ela passa à idade viril; o passado não pode mais bastar para suas novas aspirações, suas novas necessidades; não pode ser mais conduzida pelos mesmos meios; não se paga mais com ilusões e prestígios: é preciso, à sua razão, amadurecer os alimentos mais substanciais. O presente é muito efêmero; ela sente que seu destino é mais vasto e que a vida

corpórea é muito restrita para encerrá-la toda inteira; por isso ela mergulha seus olhares no passado e no futuro, a fim de ali descobrir o mistério de sua existência e ali haurir uma consoladora segurança.

Quem meditou sobre o Espiritismo e suas consequências, e não o circunscreveu à produção de alguns fenômenos, compreende que ele abre à Humanidade um caminho novo, e lhe desenrola os horizontes do infinito; iniciando-o nos mistérios do mundo invisível, mostra-lhe seu verdadeiro papel na criação, papel *perpetuamente ativo,* tanto no estado espiritual como no estado corpóreo. O homem não caminha mais às cegas: ele sabe de onde vem, para onde vai e porque está sobre a Terra. O futuro se lhe mostra em sua realidade, livre dos preconceitos da ignorância e da superstição; não é mais uma vaga esperança: é uma verdade palpável, tão certa para ele quanto a sucessão do dia e da noite. Sabe que o seu ser não está limitado a alguns instantes de uma existência cuja duração está submetida ao capricho do acaso; que *a* vida espiritual não é interrompida pela morte; que ele já viveu, reviverá ainda, e que de tudo aquilo que adquire em perfeição pelo trabalho, nada está perdido; encontra em suas existências anteriores a razão daquilo que é hoje, e daquilo que se faz hoje, pode concluir o que será um dia.

Com o pensamento de que a atividade e a cooperação individuais à obra geral da civilização são limitados à vida presente, *que nada se foi e que nada será,* que faz ao homem o progresso ulterior da Humanidade? Que lhe importa que no futuro os povos sejam melhor governados, mais felizes, mais esclarecidos, melhores uns para os outros? Uma vez que disso não deve retirar nenhum fruto, esse progresso não está perdido para ele? De que lhe serve trabalhar por aqueles que virão depois dele, se não deve jamais conhecê-los, e se são seres novos que pouco depois reentrarão, eles mesmos, no nada? **Sob o império da negação do futuro individual, tudo, forçosamente, diminuiria às mesquinhas proporções do momento e da personalidade.**

Mas, ao contrário, que amplitude dá ao pensamento do homem a *certeza* da perpetuidade do ser espiritual! Que força, que coragem não retira dali contra as vicissitudes da vida material! O que de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador que esta lei segundo à qual a vida espiritual e a vida corpórea não são senão dois modos de existência que se alternam para a realização do progresso! O que de mais justo e de mais consolador do que a ideia dos mesmos seres progredindo sem cessar, **primeiro através das gerações de um mesmo mundo, e em**

seguida de mundo em mundo, até a perfeição, sem solução de continuidade! Todas as ações têm então um objetivo, porque, trabalhando por todos, trabalha-se para si, e reciprocamente; de sorte que nem o progresso individual nem o progresso geral jamais são estéreis; aproveita às gerações e às individualidades futuras, que não são outras senão as gerações e as individualidades passadas, chegadas a um mais alto grau de adiantamento.

A vida espiritual é a vida normal e eterna do Espírito, e a encarnação não é senão uma forma temporária de sua existência. Salvo a veste exterior, há pois, identidade entre os encarnados *e os* desencarnados; são as mesmas individualidades sob dois aspectos diferentes, pertencendo tanto ao mundo visível, quanto ao mundo invisível, se reencontrando seja num, seja no outro, concorrendo num e no outro ao mesmo objetivo, por meios apropriados à sua situação. Dessa lei decorre a da perpetuidade das relações entre os seres; a morte não os separa, e não põe fim às suas relações simpáticas, nem aos seus deveres recíprocos. Daí a *solidariedade de* todos para cada um, e de cada um para todos; daí também a *fraternidade.* Os homens não viverão felizes sobre a Terra senão quando esses dois sentimentos tiverem entrado em

seus corações e em seus costumes, porque, então, a eles sujeitarão suas leis e suas instituições. Estará aí um dos principais resultados da transformação que ali se opera.

Mas como conciliar os deveres da solidariedade e da fraternidade com a crença de que a morte torna para sempre os homens estranhos uns aos outros? Pela lei da perpetuidade das relações que ligam todos os seres, o Espiritismo funda esse duplo princípio sobre as próprias leis da Natureza; disso não faz só um dever, mas uma necessidade. Pela da pluralidade das existências, o homem se prende ao que se fez e ao que se fará, aos homens do passado e aos do futuro; ele não pode mais dizer que não tem mais nada de comum com aqueles que morrem, uma vez que uns e os outros se reencontram sem cessar, neste mundo e no outro, para subirem juntos a escala do progresso e se prestarem um mútuo apoio. A fraternidade não está mais circunscrita a alguns indivíduos que o acaso reuniu durante a duração efêmera da vida; ela é perpétua como a vida do Espírito, universal como a Humanidade, que constitui uma grande família da qual todos os membros são solidários uns com os outros, *qualquer que* se*ja a época na qual viveram.*

Tais são as ideias que ressaltam do Espiritismo, e que suscitará, entre todos os homens, quando estiver

universalmente difundido, compreendido, ensinado. Com o Espiritismo a fraternidade, sinônimo da caridade pregada pelo Cristo, não é mais uma vã palavra; ela tem a sua razão de ser. Do sentimento da fraternidade nascem o da reciprocidade e dos deveres sociais, de homem a homem, de povo a povo, de raça a raça; desses dois sentimentos bem compreendidos sairão, forçosamente, as instituições mais proveitosas ao bem-estar de todos.

A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social; mas não há fraternidade real, sólida e efetiva se não estiver apoiada sobre uma base inabalável; essa base é a *fé;* não a fé de tais ou tais dogmas particulares que mudam com o tempo e os povos e se lançam pedras, porque, anatematizando-se, entretêm o antagonismo; mas a fé nos princípios fundamentais que todo o mundo pode aceitar. Deus, *a alma, o futuro,* O PROGRESSO INDIVIDUAL, INDEFINIDO, A PERPETUIDADE DAS RELAÇÕES ENTRE OS SERES. Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos, que esse Deus, soberanamente justo e bom, nada pode querer de injusto, que o mal vem dos homens e não dele, se olharão como filhos de um mesmo pai e se estenderão a mão. É esta fé que o

Espiritismo dá, e que será doravante o pivô sobre o qual se moverá o gênero humano, **quaisquer que sejam suas maneiras de adorá-lo e suas crenças particulares, que o Espiritismo respeita**, mas da qual não tem que se ocupar. Só dessa fé pode sair o verdadeiro progresso moral, porque só ela dá uma sanção lógica aos direitos legítimos e aos deveres; sem ela, o direito é aquele que dá a força; o dever, um código humano imposto pelo constrangimento. Sem ela, o que é o homem? um pouco de matéria que se desfaz, um ser efêmero que não faz senão passar; o próprio gênio não é senão uma centelha que brilha um instante para se apagar para sempre; certamente, não há ali de que se isentar muito aos seus próprios olhos. Com um tal pensamento, onde estão realmente os direitos e os deveres? qual é o objetivo do progresso? Sozinha, esta fé faz sentir ao homem sua dignidade pela perpetuidade e o progresso do seu ser, não num futuro mesquinho e circunscrito à personalidade, mas grandioso e esplêndido; seu pensamento se eleva acima da Terra; sente-se crescer pensando que tem seu papel no Universo e que esse Universo é seu domínio que poderá um dia percorrer, e que a morte dele não fará uma nulidade, ou um ser inútil a si mesmo e aos outros.

O progresso intelectual realizado até este dia, nas mas vastas proporções, é um grande passo, e marca a primeira fase da

Humanidade, mas sozinho é impotente para regenerá-la; enquanto o homem for dominado pelo orgulho e pelo egoísmo, utilizará sua inteligência e seus conhecimentos em proveito de suas paixões e de seus interesses pessoais; é por isso que os aplica ao aperfeiçoamento dos meios de prejudicar aos outros e de se entre destruírem. **Só o progresso moral pode assegurar a felicidade dos homens sobre a Terra, colocando um freio às más paixões; só ele pode fazer reinar entre eles a concórdia, a paz, a fraternidade. Será ele que abaixará as barreiras dos povos, que fará tombar os preconceitos de casta, e calar os antagonismos de seitas, ensinando aos homens a se olharem como irmãos, chamados para se entre ajudarem e não viverem às expensas uns dos outros.** Será ainda o progresso moral, secundado aqui pelo progresso da inteligência, que confundirá os homens numa mesma crença, estabelecida sobre as verdades eternas, não sujeitas à discussão e, por isto mesmo, aceitas por todos. **A unidade de crença será o laço mais poderoso, o mais sólido fundamento da fraternidade universal, quebrado em todos os tempos pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem ver no próximo inimigos que é preciso fugir, combater, exterminar, em lugar de irmãos que é**

preciso amar.

Um tal estado de coisas supõe uma mudança radical nos sentimentos das massas, um progresso geral que não poderia se realizar senão saindo do círculo das ideias estreitas e terra-a-terra que fomentam o egoísmo. Em diversas épocas, homens de elite procuraram conduzir a Humanidade nesse caminho; mas a Humanidade, embora muito jovem, permaneceu surda, e seus ensinos foram como a boa semente caída sobre a pedra. Hoje, ela está madura para levar seus olhares mais alto do que ela não o fez, para assimilar as ideias mais amplas e compreender o que não tinha compreendido. A geração que desaparece levará com ela seus preconceitos e seus erros; a geração que se levanta, temperada numa fonte mais depurada, imbuída de ideias mais sadias, imprimirá ao mundo o movimento ascensional no sentido do progresso moral, que deve marcar a nova fase da Humanidade. Esta fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis, pelas ideias grandes e generosas que vêm à luz e que começam a encontrar ecos. Assim é que se vê se fundar uma multidão de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o impulso e pela iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se impregnam cada dia de um sentimento mais

humano. **Os preconceitos de raça se enfraquecem, os povos começam a se olhar como os membros de uma grande família; pela uniformidade e a facilidade dos meios de transação, suprimem as barreiras que os dividiam de todas as partes do mundo, se reúnem em comícios universais pelos torneios pacíficos da inteligência.** Mas falta a essas reformas uma base para se desenvolver, se completar e se consolidar, uma predisposição moral mais geral para frutificar e se fazer aceitas pelas massas. Este não é menos um sinal característico do tempo, o prelúdio daquilo que se realizará sobre uma mais vasta escala, à medida que o terreno se tornar mais propício.

Um sinal não menos característico do período em que entramos, é a reação evidente que se opera no sentido das ideias espiritualistas, uma repulsa instintiva se manifesta contra as ideias materialistas, cujos representantes se tornam menos numerosos ou menos absolutos. O espírito de incredulidade que tinha se apoderado das massas, ignorantes ou esclarecidas, e lhe tinha feito rejeitar, com a forma, o próprio fundo de toda crença, parece ter tido um sono ao sair do qual experimenta a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, onde o vazio se fez, procura-se alguma coisa, um ponto de apoio, uma esperança.

Neste grande movimento regenerador, o Espiritismo tem um papel considerável, não o Espiritismo ridículo inventado por uma crítica zombeteira, mas o Espiritismo filosófico, tal como o compreende quem se dá ao trabalho de procurar a amêndoa sob a casca. Pelas provas que ele traz das verdades fundamentais, ele enche o vazio que a incredulidade faz nas ideias e nas crenças; pela certeza que dá de um futuro conforme a justiça de Deus, e que a mais severa razão pode admitir, tempera as amarguras da vida e previne os funestos efeitos do desespero. Fazendo conhecer novas leis da Natureza, dá a chave de fenômenos incompreendidos e de problemas insolúveis até este dia, e mata ao mesmo tempo a incredulidade e a superstição. Para ele, não há nem sobrenatural nem maravilhoso; tudo se cumpre no mundo em virtude de leis imutáveis. **Longe de substituir um exclusivismo por um outro, se coloca como campeão absoluto da liberdade de consciência; combate o fanatismo sob todas as formas, e o corta em sua raiz proclamando a salvação para todos os homens de bem, e a possibilidade, para os mais imperfeitos, de chegar, pelos seus esforços, a expiação e a reparação, à perfeição, única que conduz à suprema felicidade. Em lugar de desencorajar o fraco, encoraja-o mostrando-lhe o objetivo que pode**

alcançar.

Ele não diz: *Fora do Espiritismo não há salvação,* mas com o Cristo: *Fora da caridade não há salvação,* princípio de união, de tolerância, que unirá os homens num comum sentimento de fraternidade, em lugar de dividi-los em seitas inimigas. Por este outro princípio: *Não há fé inabalável senão aquela que pode olhar a razão face a face em todas as épocas da Humanidade,* destrói o império da fé cega que anula a razão, da obediência passiva que embrutece; ele emancipa a inteligência do homem e levanta seu moral.

Consequentemente, com ele não se impõe; ele diz o que é, o que quer, o que dá, e espera que se venha a ele livremente, voluntariamente; quer ser aceito pela razão e não pela força. **Ele respeita todas as crenças sinceras, e não combate senão a incredulidade, o egoísmo, o orgulho e a hipocrisia, que são as chagas da sociedade, e os mais sérios obstáculos ao progresso moral**; mas não lança anátema a ninguém, nem mesmo aos seus inimigos, porque está convencido de que o caminho do bem está aberto aos mais imperfeitos, e que, cedo ou tarde, nele entrarão.

Se se supõe a maioria dos homens imbuídos desse sentimento, podem-se facilmente se figurar as modificações que

trarão nas relações sociais: caridade, fraternidade, benevolência para todos, tolerância para todas as crenças, tal será a sua divisa. É o objetivo para o qual tende, evidentemente, a Humanidade, o objeto de suas aspirações, de seus desejos, sem que ela se dê muita conta dos meios de realizá-los; ela ensaia, tateia, mas é detida por resistências ativas ou pela força da inércia dos preconceitos, das crenças estacionadas e refratárias ao progresso. São essas resistências que é preciso vencer, e isto será obra da nova geração; seguindo-se o curso atual das coisas, reconhece-se que tudo parece predestinado a lhe abrir o caminho; terá para ela a dupla força do número e das ideias, e além disto *a* experiência do passado.

A nova geração caminhará, pois, para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento ao qual tiver chegado. O Espiritismo caminhando no mesmo objetivo, e realizando seus fins, encontrar-se-ão sob o mesmo terreno, não como concorrentes, mas como auxiliares se prestando um mútuo apoio. Os homens progressistas encontrarão nas ideias espíritas uma possante alavanca, e o Espiritismo encontrará nos homens novos espíritos dispostos a acolhê-lo. Neste estado de coisas, que poderão fazer aqueles que quiserem se colocar como obstáculo?

Não é o Espiritismo que cria a renovação

social, é a maturidade da Humanidade que faz dessa renovação uma necessidade. Por seu poder moralizador, por suas tendências progressivas, pela amplitude de seus objetivos, pela generalidade das questões que abarca, o Espiritismo está, mais do que qualquer outra doutrina, apto a secundar o movimento regenerador; é por isto que é dele contemporâneo; veio no momento em que poderia ser útil, porque para ele também os tempos estão chegados; mais cedo, teria encontrado obstáculos insuperáveis; teria inevitavelmente sucumbido, porque os homens, satisfeitos com o que tinham, não sentiam *a* necessidade daquilo que ele traz. Hoje, nascido com o movimento das ideias que agitam, encontra o terreno preparado para recebê-lo; os espíritos, as da dúvida e da incerteza, assustados com o abismo que se cava diante deles, o acolhem como uma âncora de salvação e uma suprema consolação.

Dizendo que a Humanidade está madura para a regeneração, isto não quer dizer que todos os indivíduos o estão no mesmo grau, mas muitos têm, por intuição, o germe das ideias novas que as circunstâncias farão eclodir; então, mostrar-se-ão mais avançados do que se supunha, e seguirão com diligência o impulso da maioria.

Há deles, no entanto, que são essencialmente refratários, mesmo entre os

mais inteligentes, e que, seguramente, não se juntarão jamais, pelo menos nesta existência, uns de boa-fé, por convicção; os outros por interesse. Aqueles cujos interesses materiais estão ligados ao estado presente das coisas, e que não estão bastante avançados para disso fazer abnegação, que o bem geral toca menos que o de sua pessoa, não podem ver sem apreensão o menor movimento reformador; a verdade é para eles uma questão secundária, ou, melhor dizendo, a verdade está inteiramente naquilo que não lhes cause nenhuma perturbação; todas as ideias progressistas são, aos seus olhos, ideias subversivas, é porque lhes devotam um ódio implacável e lhes fazem uma guerra obstinada. Muito inteligentes por não verem no Espiritismo um auxiliar dessas ideias e os elementos da transformação que temem porque não se sentem à sua altura, se esforçam por abatê-lo; se o julgassem sem valor e sem importância, não se preocupariam com ele. Já dissemos em outro lugar: **“Quanto mais uma ideia é grande, mais encontra ela adversários, e pode se medir sua importância pela violência dos ataques dos quais é objeto.”**

O número dos retardatários é ainda grande, sem dúvida, mas o que podem contra a onda que cresce, senão nela lançar algumas pedras? Esta onda é a regeneração que se ergue, ao passo que eles

> desaparecem com a geração que se vai cada dia a grandes passos. Até lá defenderão o terreno palmo a palmo; há, pois, uma luta inevitável, mas uma luta desigual, porque é a do passado decrépito que cai em farrapos, contra o futuro juvenil; da estagnação contra o progresso; da criatura contra a vontade de Deus, porque os tempos marcados para ele estão chegados.
>
> *Nota.* – As reflexões que precedem são o desenvolvimento das instruções dadas pelos Espíritos sobre o mesmo assunto, num grande número de comunicações, seja a nós, seja a outras pessoas. A que publicamos acima é o resumo de várias entrevistas que tivemos por intermédio de dois de nossos médiuns habituais, em estado de sonambulismo extático, e que, ao despertarem, não conservam nenhuma lembrança. Coordenamos metodicamente as ideias, a fim de lhes dar mais sequência, delas eliminando todos os detalhes e os acessórios supérfluos. Os pensamentos foram muito exatamente reproduzidos, e as palavras são tão textuais quanto foi possível recolhê-las pela audição. ([152]) (itálico do original)

O que vale a pena destacar é que, com o progresso humano, "*os preconceitos de raça se*

enfraquecem, os povos começam a se olhar como os membros de uma grande família", demonstrando, mais uma vez, a questão da universalidade do seu pensamento a respeito da igualdade de todos os seres humanos.

Mas, vendo o que atualmente se faz na humanidade, ficamos em dúvida sobre a sua real regeneração, fato que foi objeto de esclarecimento neste artigo publicado na ***Revista Espírita 1866***:

> **INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS SOBRE A REGENERAÇÃO DA HUMANIDADE**
>
> (Paris, abril de 1866. Méd. Sr. M. e T., em sonambulismo.)
>
> Os acontecimentos se precipitam com rapidez, também não vos dizemos mais como outrora: "Os tempos estão próximos"; nós vos dizemos agora: "Os tempos estão chegados."
>
> Por estas palavras não entendeis um novo dilúvio, nem um cataclismo, nenhum transtorno geral. As convulsões parciais do globo ocorreram em todas as épocas e se produzem ainda, porque se prendem à sua constituição, mas não estão ali os sinais dos tempos.
>
> E, no entanto, tudo o que está predito no

Evangelho deve se cumprir e se cumpre neste momento, assim como o reconhecereis mais tarde; mas não tomeis os sinais anunciados senão como figuras das quais é preciso tomar o espírito e não a letra. Todas as *Escrituras* encerram grandes verdades sob o véu da alegoria, e foi porque os comentaristas se prenderam à letra que se enganaram. Faltou-lhes a chave para compreenderem seu sentido verdadeiro. Esta chave está nas descobertas da ciência e nas leis do mundo invisível que vem de nos revelar o Espiritismo. Doravante, com a ajuda destes novos conhecimentos, o que era obscuro se tornará claro e inteligível.

Tudo segue a ordem natural das coisas, e as leis imutáveis de Deus não serão modificadas. Não vereis, pois, nem milagres, nem prodígios, nem nada de sobrenatural no sentido vulgar dado a estas palavras.

Não olheis o céu para nele procurar os sinais precursores, porque ali não os vereis, e aqueles que vo-los anunciaram vos enganaram; mas olhai ao vosso redor, entre os homens, será aí que os encontrareis.

Não sentis como um vento que sopra sobre a Terra e agita todos os Espíritos? O mundo está à espera e como tomado de um vago pressentimento da aproximação da tempestade.

Não credes, entretanto, no fim do mundo material; a Terra progrediu depois de sua

transformação; ela deve progredir ainda, e não ser destruída. Mais a Humanidade chegou a um de seus períodos de transformação, e a Terra vai se elevar na hierarquia dos mundos.

Não é, pois, o fim do mundo material que se prepara, mas o fim do mundo moral; é o velho mundo, **o mundo dos preconceitos, do egoísmo, do orgulho e do fanatismo que se desmorona**; cada dia dele carrega alguns destroços. Tudo acabará para ele com a geração que se vai, e a geração nova erguerá o novo edifício que as gerações seguintes consolidarão e completarão.

De mundo de expiação, a Terra está chamada a se tornar um dia um mundo feliz, e sua habitação será uma recompensa em lugar de ser uma punição. O reino do bem, nela, deve suceder ao reino do mal.

Para que os homens sejam felizes sobre a Terra, é preciso que ela não seja povoada senão de bons Espíritos, encarnados e desencarnados, que não quererão senão o bem. Este tempo tendo chegado, uma grande emigração se cumprirá nesse momento entre aqueles que a habitam; aqueles que fazem o mal pelo mal, e que o sentimento do bem *não toca,* não sendo mais dignos da Terra transformada, dela serão excluídos, porque lhe trariam de novo a perturbação e a confusão e seriam um obstáculo ao progresso. Eles irão expiar seu

endurecimento nos mundos inferiores, onde levarão seus conhecimentos adquiridos, e terão por missão fazer avançar. Serão substituídos sobre a Terra por Espíritos melhores, que farão reinar entre si a justiça, a paz, a fraternidade.

A Terra, dissemos, não deve ser transformada por um cataclismo que aniquilaria subitamente uma geração. A geração atual desaparecerá gradualmente, e a nova lhe sucederá do mesmo modo sem que nada tenha mudado a ordem natural das coisas. Tudo passará, pois, exteriormente como de hábito, com esta única diferença, mas esta diferença é capital, é que uma parte dos Espíritos que aí se encarnam não se encarnarão nela mais. Numa criança que nasça, em lugar de um Espírito atrasado e levado ao mal que nela teria encarnado, será um Espírito mais avançado e *levado* ao *bem.* Trata-se, pois, bem menos de uma nova geração corpórea do que de uma nova geração de Espíritos. Assim, aqueles que esperam ver a transformação se operar por efeitos sobrenaturais serão frustrados.

A época atual é a da transição; os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermediário, assistis à partida de uma e à chegada da outra, cada uma já se mostra no mundo pelos caracteres que lhe são próprios.

As duas gerações que sucedem uma à outra têm ideias e objetivos inteiramente opostos. Pela natureza das disposições morais, mas, sobretudo, das disposições *intuitivas e inatas, é* fácil distinguir à qual pertence cada indivíduo.

A nova geração, devendo fundar a era do progresso moral, se distingue por uma inteligência e uma razão geralmente precoces, juntadas ao sentimento *inato* do bem e das crenças espiritualistas, o que é o sinal indubitável de um certo grau de adiantamento anterior. Ela não será composta exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas daqueles que, tendo já progredido, estão predispostos a assimilar todas as ideias progressistas e aptos a secundar o movimento regenerador.

O que distingue, ao contrário, os Espíritos atrasados, é primeiro a revolta contra Deus pela negação da Providência e de toda força superior à Humanidade; depois, a propensão *instintiva* às paixões degradantes, aos sentimentos antifraternos do egoísmo, do orgulho, do ódio, do ciúme, da cupidez, enfim, a predominância do apego a tudo o que é material.

São esses vícios, dos quais a Terra deve ser purgada pelo afastamento daqueles que recusam se emendar, porque são incompatíveis com o reino da fraternidade e

que os homens de bem sofrerão sempre com o seu contato. A Terra deles estará livre, e os homens caminharão sem entraves para o futuro melhor que lhes está reservado neste mundo, por prêmio de seus esforços e de sua perseverança, à espera de que uma depuração ainda mais completa lhes abra a entrada dos mundos superiores.

Por essa emigração de Espíritos não é preciso entender que todos os Espíritos retardatários serão expulsos da Terra e relegados aos mundos inferiores. Muitos, ao contrário, a ela retornarão, porque muitos cederam ao arrastamento de circunstâncias e do exemplo. **Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos preconceitos do mundo corpóreo, a maioria verá as coisas de maneira toda diferente de quando viviam**, assim como tendes disto numerosos exemplos. Nisto, eles são ajudados pelos Espíritos benevolentes que se interessam por eles e que diligenciam de esclarecê-los e lhes mostrar o falso caminho que seguiram. Por vossas preces e vossas exortações, vós mesmos podeis contribuir para a sua melhoria, porque há uma solidariedade perpétua entre os mortos e os vivos.

Aqueles poderão, pois, retornar, e com isto serão felizes, porque será uma recompensa. Que importa o que foram e o que fizeram, se estão animados dos melhores sentimentos! Longe de serem

hostis à sociedade e ao progresso, serão auxiliares úteis, porque pertencerão à nova geração.

Não haverá, pois, exclusão definitiva senão para os Espíritos essencialmente rebeldes, aqueles que o orgulho e o egoísmo, mais do que a ignorância, tornam surdos à voz do bem e da razão. Mas aqueles mesmos não são votados a uma inferioridade perpétua, e virá um dia em que eles repudiarão o seu passado e abrirão os olhos à luz.

Orai, pois, por esses endurecidos, a fim de que se emendem enquanto para isso é tempo ainda, porque o dia da expiação se aproxima.

Infelizmente, a maioria, desconhecendo a voz de Deus, persistirá em sua cegueira, e sua resistência marcará o fim de seu reino por lutas terríveis. Em seu desvio, correrão eles mesmos para a sua perda; levarão à destruição que engendrará uma multidão de flagelos e de calamidades, de sorte que, sem o quererem, apressarão o advento da era da renovação. E como a destruição não caminhará com muita rapidez, ver-se-ão os suicídios se multiplicarem numa proporção estranha, até entre as crianças. A loucura jamais terá atingido um maior número de homens que serão, antes da morte, riscados do número dos vivos. Aí estão os verdadeiros sinais dos tempos. E tudo isto

se cumprirá pelo encadeamento das circunstâncias, assim como o dissemos, sem que seja em nada derrogada uma lei da Natureza.

No entanto, através da nuvem sombria que vos envolve, e no seio da qual ribomba a tempestade, **já vedes despontar os primeiros raios da era nova! A fraternidade põe seus fundamentos sobre todos os pontos do globo e os povos se estendem a mão; a barbárie se familiariza ao contato da civilização; os preconceitos de raças e de seitas, que têm feito verter ondas de sangue, se extinguem; o fanatismo e a intolerância perdem terreno, ao passo que a liberdade de consciência se introduz nos costumes e se torna um direito**. Por toda a parte as ideias fermentam; vê-se o mal e se experimentam os remédios, mas muitos caminham sem bússola e se perdem nas utopias. O mundo está num imenso trabalho de parto que terá durado um século; desse trabalho, ainda confuso, vê-se, ainda, no entanto, dominar uma tendência para um objetivo: o da unidade e da uniformidade que predispõe à confraternização.

Estão ainda ali os sinais do tempo; mas, ao passo que os outros são os da agonia do passado, estes últimos são os primeiros vagidos da criança que nasce, os precursores da aurora que verá se levantar

o século próximo, porque então a nova geração estará em toda a sua força. Tanto a fisionomia do século dezenove difere da do século dezoito em certos pontos de vista, tanto a do século vinte será diferente do século dezenove em outros pontos de vista.

Um dos caracteres distintivos da nova geração será *até inata;* não a fé exclusiva e cega que divide os homens, mas a fé raciocinada que esclarece e fortalece, que os une e os confunde num comum sentimento de amor a Deus e ao próximo. Com a geração que se extingue, desaparecerão os últimos vestígios da incredulidade e do fanatismo, igualmente contrários ao progresso moral e social.

O Espiritismo é o caminho que conduz à renovação, porque arruínam os dois maiores obstáculos que a ela se opõem: a incredulidade e o fanatismo. Ele dá uma fé sólida e esclarecida; desenvolve todos os sentimentos e todas as ideias que correspondem aos objetivos da nova geração; é porque é como inato e no estado de intuição no coração de seus representantes. A era nova o verá, pois, crescer e prosperar pela própria força das coisas. Tomar-se-á a base de todas as crenças, o ponto de apoio de todas as instituições.

Daqui até lá, quantas lutas ter-se-á ainda que sustentar contra estes dois maiores

inimigos: a incredulidade e o fanatismo que, coisa estranha, se dão a mão para abatê-lo! Pressentem seu futuro e sua ruína: é porque o temem, porque o veem já plantar, sobre as ruínas do velho mundo egoísta, a bandeira que deve ligar todos os povos. Na divina máxima: *Fora da caridade não há salvação, leem* a sua própria condenação, porque é o símbolo da nova aliança fraternal proclamada pelo Cristo (Vide *O Evangelho Segundo o Espiritismo,* Cap. XV.). Ela se mostra a eles como as palavras fatais do festim de Baltazar. E, no entanto, esta máxima deveria bendizê-la, porque os garante de todas as represálias da parte daqueles que persegue. Mas não, uma força cega os impele a rejeitar a única coisa que poderia salvá-los!

Que poderão contra o ascendente da opinião que os repudia? O Espiritismo sairá triunfante da luta, disto não duvideis, porque ele está nas leis da Natureza, e por isto mesmo imperecível. Vede por que multidão de meios a ideia se difunde e penetra por toda a parte; crede bem que esses meios não são fortuitos, mas providenciais; o que, à primeira vista, parecia dever prejudicá-lo, é precisamente o que ajuda a sua propagação.

Logo se verão surgir os combatentes altamente devotados entre os homens mais consideráveis e os mais acreditados, que o apoiarão com a autoridade de seu nome e

de seu exemplo, e imporão silêncio aos seus detratores, porque não se ousará mais tratá-los de loucos. Estes homens o estudam no silêncio e se mostrarão quando o momento propício tiver chegado. Até lá, é útil que se mantenham à parte.

Logo também vereis as artes dele tirar como de uma mina fecunda, e traduzir seus pensamentos e os horizontes que descobre pela pintura, pela poesia e pela literatura. Foi-vos dito que haveria um dia a arte espírita, como houve a arte pagã e a arte cristã, e é uma grande verdade, porque os maiores gênios nele se inspirarão. Logo disto vereis os primeiros esboços, e, mais tarde, tomará o lugar que deve ter.

Espíritas, o futuro é vosso e de todos os homens de coração e de devotamento. Não temais os obstáculos, porque deles não há nenhum que possa entravar os desígnios da Providência. Trabalhai sem descanso, e agradecei a Deus por vos ter colocado na vanguarda da nova falange. É um posto de honra que vós mesmos pedistes, e do qual é preciso vos tornar dignos pela vossa coragem, vossa perseverança e vosso devotamento. Felizes aqueles que sucumbirem nessa luta contra a força; mas a vergonha será, no mundo dos Espíritos, para aqueles que sucumbirem por fraqueza ou pusilanimidade. As lutas, aliás, são necessárias para fortalecer a alma; o contato do mal faz apreciar melhor as

vantagens do bem. Sem as lutas que estimulam as faculdades, o Espírito se deixaria ir a uma negligência funesta ao seu adiantamento. As lutas contra os elementos desenvolvem as forças físicas e a inteligência; as lutas contra o mal desenvolvem as forças morais.

Notas. -1 – A maneira pela qual se opera a transformação é muito simples, e, como se vê, ela é toda moral e não se afasta em nada das leis da Natureza. Por que, pois, os incrédulos repelem essas ideias, uma vez que nada têm de sobrenatural? É que, na sua opinião, a lei de vitalidade cessa com a morte do corpo, ao passo que, para nós, ele prossegue sem interrupção; eles restringem sua ação e nós a estendemos; é porque dizemos que os fenômenos da vida espiritual não saem das leis da Natureza. Para eles, o sobrenatural começa onde acaba a apreciação pelos sentidos.

2 – Que os Espíritos da nova geração sejam novos Espíritos melhores, ou os antigos Espíritos melhorados, o resultado é o mesmo; desde o instante em que trazem melhores disposições, é sempre uma renovação. Os Espíritos encarnados formam, assim, duas categorias, segundo as suas disposições naturais: de uma parte, os Espíritos retardatários que partem, de outra os Espíritos progressivos que chegam. **O estado dos costumes e da sociedade será, pois, em um povo, em uma raça**

ou no mundo inteiro, em razão destas duas categorias que tiver a preponderância.

Para simplificar a questão, seja dado um povo, num grau qualquer de adiantamento, e composto de vinte milhões de almas, por exemplo; a renovação dos Espíritos se fazendo sucessivamente as extinções, isoladas ou em massa, há necessariamente um momento em que a geração dos Espíritos retardatários se imporá em número sobre a dos Espíritos progressivos que não contam se não com raros representantes sem influência, e cujos esforços para fazer predominar o bem e as ideias progressivas estão paralisados. Ora, uns partindo e os outros chegando, depois de um tempo dado, as duas forças se equilibram e sua influência se contrabalança. Mais tarde, os recém-chegados são em maioria e sua influência se torna preponderante, embora ainda entravada pela dos primeiros; estes, continuando a diminuir ao passo que os outros se multiplicam, acabarão por desaparecer; chegará, pois, um momento em que a influência da nova geração será exclusiva.

Assistimos a essa transformação, ao conflito que resulta da luta das ideias contrárias que procuram se implantar; uns caminham com a bandeira do passado, as outras com a do futuro. Examinando-se o estado atual do mundo, reconhece-se que,

tomado em seu conjunto, a Humanidade terrestre está longe ainda do ponto intermediário onde as forças se contrabalançam; que os povos, considerados isoladamente, estão a uma grande distância uns dos outros nessa escala; que alguns tocam nesse ponto, mas que nenhum não o ultrapassou ainda. De resto, a distância que o separa dos pontos extremos está longe de ser igual em duração, e uma vez transposto o limite, o novo caminho será percorrido com tanto mais rapidez, que uma multidão de circunstâncias virá aplainá-lo.

Assim se realiza a transformação da Humanidade. Sem a emigração, quer dizer, sem a partida dos Espíritos retardatários que não devem retornar, ou que não devem retornar senão depois de estarem melhorados, a Humanidade terrestre não ficará por isto indefinidamente estacionária, porque os Espíritos mais atrasados avançam por sua vez; mas teriam sido precisos séculos, e talvez milhares de anos, para alcançar o resultado que um meio século bastará para realizar. Uma comparação vulgar fará compreender melhor ainda o que se passa nesta circunstância. Suponhamos um regimento composto em grande maioria de homens turbulentos e indisciplinados: estes a ele levarão, sem cessar, uma desordem que a severidade da lei penal, frequentemente, terá dificuldade para

reprimir. Estes homens são os mais fortes, porque são os mais numerosos; eles se sustentam, se encorajam e se estimulam pelo exemplo. Alguns bons não têm influência; seus conselhos são desprezados; eles são abafados, maltratados pelos outros, e sofrem com esse contato. Não é a imagem da sociedade atual?

Suponhamos que se retirem esses homens do regimento um por um, dez por dez, cem por cem, e que se os substitua à medida por um número igual de bons soldados, mesmo por aqueles que tiverem sido expulsos, mas que se emendaram seriamente: ao cabo de algum tempo, ter-se-á sempre o mesmo regimento, mas transformado; a boa ordem terá sucedido à desordem. Assim o será com a Humanidade regenerada.

As grandes partidas coletivas não têm somente por objetivo ativar as saídas, mas transformar mais rapidamente o espírito da massa, desembaraçando-a das más influências, e dar mais ascendências às ideias novas.

É porque muitos, apesar de suas imperfeições, estão maduros para essa transformação, que muitos partem a fim de irem se retemperar numa fonte mais pura. Enquanto permanecem no mesmo meio e sob as mesmas influências, persistirão em suas opiniões e em sua maneira de ver as

coisas. Uma estada no mundo dos Espíritos basta para lhes descerrar os olhos, porque ali veem o que não podiam ver sobre a Terra. O incrédulo, o fanático, o absolutista, poderão, pois, retornar com ideias *inatas* de fé, de tolerância e de liberdade. No seu retorno, encontrarão as coisas mudadas, e sobretudo o ascendente do novo meio onde terão nascido. Em lugar de fazer oposição às ideias novas, delas serão os auxiliares.

A regeneração da Humanidade não tem, pois, absolutamente necessidade da renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais; esta modificação se opera em todos aqueles que a ela estão predispostos, quando são subtraídos à influência perniciosa do mundo. Aqueles que retornam, então, não são sempre outros Espíritos, mas, frequentemente, os mesmos Espíritos pensando e sentindo de outro modo.

Quando essa melhoria é isolada e individual, ela passa desapercebida, e é sem influência ostensiva sobre o mundo. O efeito é todo outro quando se opera simultaneamente sobre grandes massas; porque, então, segundo as proporções, em uma geração, as ideias de um povo ou de uma raça podem ser profundamente modificadas. É o que se observa, quase sempre, depois dos grandes abalos que dizimam as populações. Os flagelos destruidores não destroem senão o corpo,

mas não atingem o Espírito; eles ativam o movimento do vai e vem entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual, e, consequentemente, o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados.

É desses movimentos gerais que se opera neste momento, e que deve conduzir à modificação da Humanidade. A multiplicidade das causas de destruição é um sinal característico dos tempos, porque elas devem apressar a eclosão de novos germes. São as folhas de outono que caem, e às quais sucederão novas folhas cheias de vida; porque a Humanidade tem suas estações, como os indivíduos têm suas épocas. As folhas mortas da Humanidade caem transportadas pelas rajadas e os golpes de vento, mas para renascerem mais vivas sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas se purifica.

Para o materialista, os flagelos destruidores são calamidades sem compensações, sem resultados úteis, uma vez que, em sua opinião, *aniquilam os seres sem retorno.* Mas para aquele que sabe que a morte não destrói senão o envoltório, não têm as mesmas consequências, e não lhe causa o menor temor, porque lhe compreende o objetivo, e sabe também que os homens não perdem mais morrendo juntos do que morrendo isoladamente, uma vez que, de uma maneira ou de outra, é

preciso sempre lá chegar.

Os incrédulos rirão destas coisas e as tratarão como quimeras; mas, o que quer que digam, eles não escaparão à lei comum; cairão por sua vez como os outros, e, então, o que será deles? Eles dizem: nada; mas viverão apesar de si mesmos, e serão forçados um dia a abrir os olhos.

Nota. - A comunicação seguinte nos foi dirigida durante *a* viagem que acabamos de fazer, da parte de um de nossos queridos protetores invisíveis; se bem que ela tenha um caráter pessoal, liga-se também à grande questão que acabamos de tratar e que ela confirma, e, a este título, está tanto melhor colocada aqui, que as pessoas perseguidas por suas crenças espíritas nela encontrarão úteis encorajamentos.

"Paris, 1º de setembro de 1866.

"Já há muito tempo que não faço ato de presença em vossas reuniões dando uma comunicação assinada com o meu nome; não creiais, caro mestre, que seja por indiferença ou por esquecimento, mas não vejo necessidade de me manifestar, e deixo a outros mais dignos o cuidado de dar úteis instruções. No entanto, eu estava lá e seguia com o maior interesse os progressos desta cara Doutrina à qual devo a felicidade e a calma dos últimos anos de minha vida. Eu estava lá, e o meu bom amigo, o Sr. T..... vos deu, mais de uma vez, a segurança

durante suas horas de sono e de êxtase. Ele inveja minha felicidade, e aspira também a vir para o mundo que habito agora, quando o contempla brilhando no céu estrelado e que ele transporta seu pensamento sobre suas rudes provas.

“Eu também, tive-as bem penosas; graças ao Espiritismo, suportei-as sem me lamentar e as bendigo agora, uma vez que lhes devo o meu adiantamento. Que ele tenha paciência; dizei-lhe que ele virá um dia, mas que deve antes retornar ainda sobre a Terra para vos ajudar no inteiro cumprimento de vossa tarefa. Mas, então, quanto tudo estará mudado! Ambos vos crereis num mundo novo.

“Meu amigo, enquanto o podeis, repousai vosso espírito e vosso cérebro fatigado pelo trabalho; amontoai forças materiais, porque logo tereis muito a despender. Os acontecimentos que vão doravante se suceder, com rapidez, vos chamarão para a luta; sede firme de corpo e de espírito, a fim de estar em estado de lutar com vantagem. Será preciso, então, trabalhar sem descanso. Mas, como já vos foi dito, não estareis sozinho para carregar o fardo; auxiliares sérios se mostrarão quando disto for o tempo. Escutai, pois, os conselhos do bom doutor Demeure, e guardai-vos de toda fadiga inútil ou prematura. De resto, estaremos ali para vos aconselhar e vos advertir.

“Desconfiai dos dois partidos extremos que agitam o Espiritismo, seja por entravar o passado, seja por precipitar seu curso para a frente. Temperai os ardores nocivos, e não vos deixeis deter pelas hesitações dos medrosos, ou, o que é mais perigoso, mas o que não é infelizmente senão mais verdadeiro, pelas sugestões dos emissários inimigos.

“Caminhai com passo firme e seguro como haveis feito até aqui, sem vos inquietar do que se diz à direita ou à esquerda, seguindo a inspiração de vossos guias e de vossa razão, e não vos arriscareis em fazer cair o carro do Espiritismo na rotina. Muitos o empurram, este carro invejado, para precipitar a sua queda. Cegos e presunçosos! ele passará apesar dos obstáculos, e não deixará no abismo senão seus inimigos e seus invejosos desconcertados por terem servido ao seu triunfo.

“Os fenômenos vão surgir de todos os lados sob os aspectos mais variados, e já surgem. Mediunidade curadora, doenças incompreensíveis, efeitos físicos inexplicáveis pela ciência, tudo se reunirá num futuro próximo para assegurar a nossa vitória definitiva, para a qual concorrerão novos defensores.

“Mas quantas lutas será preciso ainda sustentar, e também quantas vítimas! Não

sanguinolentas, sem dúvida, mas atingidas em seus interesses e em suas afeições. Mais de um enfraquecerá sob o peso das inimizades desencadeadas contra tudo o que leva o nome de Espírita. Mas também, felizes aqueles que terão sabido conservar sua firmeza na adversidade! Disto serão bem recompensados, mesmo neste mundo materialmente. As perseguições são as provas da sinceridade de sua fé, de sua coragem e de sua perseverança. A confiança que terão posto em Deus não será em vão. Todos os sofrimentos, todos os vexames, todas as humilhações que terão suportado pela causa, serão títulos dos quais nenhum será perdido; os bons Espíritos velam sobre eles e os contam, e saberão fazer a parte dos devotamentos sinceros e a dos devotamentos artificiais. Se a roda da fortuna lhes trai momentaneamente e os precipita no pó, logo ela se levanta mais alto do que nunca, rendendo-lhes a consideração pública, e destruindo os obstáculos amontoados em seu caminho. Mais tarde, se regozijarão por terem pago seu tributo à causa, e quanto mais esse tributo for grande, mais sua parte será bela.

"Nestes tempos de provas, vos será preciso prodigalizar a todos vossa força e a vossa firmeza; a todos será preciso também encorajamentos e conselhos. Será preciso também fechar os olhos sobre as defecções dos tépidos e dos frouxos. Por vossa própria

> conta, tereis também muito a perdoar…
>
> “Mas me detenho aqui, porque se posso vos pressentir sobre o conjunto dos acontecimentos, não me é permitido nada precisar. Tudo o que posso vos dizer é que não sucumbiremos na luta. **Pode-se cercar a verdade nas trevas do erro, é impossível abafá-la; a sua chama é imortal e se faz luz cedo ou tarde**. Viúva F…” ([153]) (itálico do original)

Tudo quanto está aqui se dizendo tem como princípio a igualdade dos seres humanos; somente os que promovem o sectarismo, seja lá por que motivo for, são os que trazem dentro de si a discriminação e o preconceito, coisas que não se prega no Espiritismo, aliás, muito ao contrário, combate-nos assiduamente, visto serem contrários à lei de amor.

O *Projeto Allan Kardec,* um convênio entre a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e a Fundação Espírita André Luiz (FEAL), tem por principal objetivo permitir o acesso do público em geral e de pesquisadores a centenas de manuscritos e documentos originais de Allan Kardec, que nunca haviam sido divulgados e editados. ([154])

Em 02 de outubro de 2022, publicou-se o manuscrito intitulado “***Projeto Concernente ao Espiritismo***”, que, infelizmente, não foi datado. Nele o Codificador trata do seu projeto para a utilização da propriedade que possuía na avenida de Ségur, em Paris. Desse documento destacamos o seguinte trecho:

> [...] Qualquer um que conheça **os princípios da doutrina** e os felizes resultados que ela produz a cada dia verá, na sua propagação e na união dos seus adeptos, a melhor garantia da ordem social, visto que ela t**em por lema: Fora da caridade não há salvação, e por guia estas palavras do Cristo: Amai-vos uns aos outros; perdoai os vossos inimigos**; não façais aos outros o que não quereríeis que vos fosse feito [e fazei o que gostaríeis que vos fosse feito]; que **ela proclama que todos os homens são irmãos, sem distinção de nacionalidades, de seitas, de castas, de raças nem de cores**; que ela os ensina a se contentar com o que têm e a suportar com coragem as vicissitudes da vida; que, finalmente, com a caridade, os homens viverão em paz, ao passo que, com o egoísmo, terão inveja uns dos outros, desconfiança e estarão sempre em luta. ([155])

Coerente com tudo que falou nas obras que publicara, Allan Kardec aqui estabelece como máxima da Doutrina Espírita a questão da igualdade entre os homens, com exclusão total de qualquer tipo de preconceito, inclusive o por motivo de raça ou de cor.

2 – Allan Kardec e a questão das raças

Achamos por bem separar esse item do anterior, para que possamos estudá-lo com maior cuidado, de forma a torná-lo mais claro quanto possível.

Percebemos que no artigo “Os pré-adamitas”, publicado na *Revista Espírita 1860*, mês de março, Allan Kardec utiliza as expressões “*raça humana*” e “*espécie humana*” ([156]). A nosso ver, isso demonstra que seu pensamento sempre se referiu à humanidade como um todo. Contudo, para se fazer compreender, em diversas ocasiões ele recorreu às classificações e parâmetros científicos vigentes no Século XIX.

Em ***A Gênese***, cap. XI – Gênese espiritual,

destacamos o seguinte tópico:

Raça adâmica

38. – De acordo com o ensino dos Espíritos, foi uma dessas grandes imigrações, ou, se quiserem, uma dessas colônias de Espíritos, vinda de outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão mesma, chamada raça adâmica. Quando ela aqui chegou, a Terra já estava povoada desde tempos imemoriais, como a América, quando aí chegaram os europeus.

Mais adiantada do que as que a tinham precedido neste planeta, a raça adâmica é, com efeito, a mais inteligente, a que impele ao progresso todas as outras. A Gênese no-la mostra, desde os seus primórdios, industriosa, apta às artes e às ciências, sem haver passado aqui pela infância espiritual, o que não se dá com as raças primitivas, mas concorda com a opinião de que ela se compunha de Espíritos que já tinham progredido bastante. Tudo prova que a raça adâmica não é antiga na Terra e nada se opõe a que seja considerada como habitando este globo desde apenas alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição nem com os fatos geológicos, nem com as observações antropológicas, antes tenderia a confirmá-las.

39. – **No estado atual dos conhecimentos, não é admissível a doutrina segundo a qual todo o gênero humano procede de uma individualidade única**, de há seis mil anos somente a esta parte. Tomadas à ordem física e à ordem moral, as considerações que a contradizem se resumem no seguinte.

Do ponto de vista fisiológico, algumas raças apresentam característicos tipos particulares, que não permitem se lhes assinale uma origem comum. Há diferenças que evidentemente não são simples efeito do clima, pois que os brancos que se reproduzem nos países dos negros não se tornam negros e reciprocamente. O ardor do Sol tosta e brune a epiderme, porém nunca transformou um branco em negro, nem lhe achatou o nariz, ou mudou a forma dos traços da fisionomia, nem lhe tornou lanzudo e encarapinhado o cabelo comprido e sedoso. Sabe-se hoje que a cor do negro provém de um tecido especial subcutâneo, peculiar à espécie.

Há-se, pois, de considerar as raças negras, mongólicas, caucásicas como tendo origem própria, como tendo nascido simultânea ou sucessivamente em diversas partes do globo. O cruzamento delas produziu as raças mistas secundárias. **Os caracteres fisiológicos das raças primitivas constituem indício evidente de que elas procedem de tipos**

> **especiais.** As mesmas considerações se aplicam, conseguintemente, assim aos homens, quanto aos animais, no que concerne à pluralidade dos troncos. (Cap. X, nos 2 e seguintes.)
>
> 40. – Adão e seus descendentes são apresentados na Gênese como homens sobremaneira inteligentes, pois que, desde a segunda geração, constroem cidades, cultivam a terra, trabalham os metais. São rápidos e duradouros seus progressos nas artes e nas ciências.
>
> Não se conceberia, portanto, que esse tronco tenha tido, como ramos, numerosos povos tão atrasados, de inteligência tão rudimentar, que ainda em nossos dias rastejam a animalidade, que hajam perdido todos os traços e, até, a menor lembrança do que faziam seus pais. Tão radical diferença nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento moral atesta, com evidência não menor, uma diferença de origem. ([157])

A citação de raças não deve ser excluída do conceito de época, porquanto, os critérios científicos daquele tempo tinham como certa a diversidade da raça humana, que ainda não era vista como uma única raça.

Inclusive, foi necessário abrirmos o item citando-os, para mostrar, da forma mais real possível, o posicionamento do que se pensava, para que não seja crucificado apenas um homem por conta disso.

Vejamos na ***Revista Espírita 1864*** os comentários de Allan Kardec a respeito de uma mensagem do plano espiritual:

> (8 de julho de 1864 – Médium, Sr. d'Ambel)
>
> Sob as aparências de uma certa bondade natural e com os costumes antes doces do que virtuosos, **os Incas** viviam negligentemente, sem progredir nem se elevar. Faltava a luta para essas **raças primitivas**, e se as batalhas sangrentas não as dizimavam; se uma ambição individual não exercia ali uma pressão dominadora para lançar essas populações à conquista, elas não eram menos atingidas por um vírus perigoso que conduzia **sua raça** à extinção. Seria preciso retemperar as fontes vitais destes Incas abastardados, dos quais os Aztecas representavam a decadência fatal que deveria atingir todos esses povos.
>
> A essas causas todas fisiológicas, se juntarmos as causas morais, **notamos que o nível das ciências e das artes ficou ali**

igualmente numa infância prolongada. Havia, pois, utilidade para esses países pacíficos de serem colocados ao nível das raças ocidentais. Hoje crê-se que a raça desapareceu, porque ela se fundiu com a família dos conquistadores espanhóis. Dessa raça cruzada surgiu uma nação jovem e vivaz que, por um impulso vigoroso, não tardará a alcançar os povos do velho continente. De tanto sangue derramado que resta, pergunta-se de Bordeaux? Primeiro, o sangue derramado não foi tão considerável quanto se poderia crê-lo. Diante das armas de fogo e diante de alguns soldados de Pizarro, todo o continente invadido se submeteu como diante dos semi-deuses saídos das águas. É quase um episódio da mitologia antiga, e essa raça indígena é, sob mais de um aspecto, semelhante àquelas que defendiam o Tosão de ouro."

A esta judiciosa explicação, acrescentaremos algumas reflexões.

Do ponto de vista antropológico, a extinção das raças é um fato positivo; do ponto de vista da filosofia, é ainda um problema; do ponto de vista da religião, o fato é inconciliável com a justiça de Deus, admitindo-se para o homem uma única existência corpórea decidindo seu futuro pela eternidade. **Com efeito, as raças que se extinguem são sempre raças inferiores àquelas que sucedem**; podem ter na vida futura uma posição idêntica à

das raças mais aperfeiçoadas? O simples bom senso repele esta ideia, de outro modo o trabalho que fazemos para nos melhorar seria inútil, e tanto teria válido permanecermo-nos selvagens. **A não preexistência da alma implica, forçosamente, para cada raça, a criação de novas almas mais perfeitas em sua saída das mãos do Criador, hipótese inconciliável com o princípio de toda justiça.** Admitindo-se, ao contrário, um mesmo ponto de partida para todas e uma sucessão de existências progressivas, tudo se explica.

Na extinção das raças, geralmente, não se leva em conta senão o ser material que é unicamente destruído, ao passo que se olvida o ser espiritual que é indestrutível *e* não faz senão mudar de roupa, porque o primeiro não estava mais em relação com o seu desenvolvimento moral e intelectual. Suponhamos toda raça negra destruída; mas o Espírito, que vive sempre, revestirá primeiro um corpo intermediário entre o negro e o branco, e mais tarde um corpo branco. Assim é que o ser colocado no último degrau da Humanidade alcançará, num tempo dado, a soma das perfeições compatíveis com o estado de nosso globo.

Não é preciso, pois, perder de vista que a

extinção das raças não alcança senão o corpo e não afeta em nada o Espírito; aquele, **longe de sofrer com isso, ganha um instrumento mais aperfeiçoado, provido de cordas cerebrais respondendo a um maior número de faculdades**. **O Espírito de um selvagem, encarnado no corpo de um sábio europeu, com isto não seria mais sábio, não saberia o que fazer de seu instrumento, cujas cordas inativas se atrofiariam; o Espírito de um sábio, encarnado no corpo de um selvagem, nele seria como um grande pianista diante de um piano faltando a maioria das cordas**. Esta tese foi desenvolvida num artigo da *Revista* do mês de abril de 1862, *sobre a perfectibilidade da raça negra.*

A raça branca caucásica, sem contradita, é a que ocupa o primeiro lugar na Terra, mas atingiu ela o apogeu da perfeição? Todas as faculdades da alma nela estão representadas? Quem ousaria dizê-lo? Suponhamos, pois que os Espíritos dessa raça, progredindo continuamente, acabem por nela se encontrar pobremente, a raça desapareceria para dar lugar a uma raça de uma organização mais ricamente provida; assim o quer a lei do progresso. Já na própria raça branca, não se veem nuanças muito acentuadas como desenvolvimento moral *e* intelectual? Pode-se estar certo de que os mais avançados

absorverão os outros.

O desaparecimento das raças se opera de duas maneiras: numa, pela extinção natural, consequência das condições climatéricas e do abastardamento, quando ficam isoladas; nas outras, pelas conquistas e pela dispersão que os cruzamentos conduzem. Sabe-se que da raça negra e da raça branca saiu uma raça intermediária muito superior à primeira, em que é como um degrau para os Espíritos desta. Depois, a fusão do sangue conduz à aliança dos Espíritos dos quais os mais avançados ajudam o progresso dos outros. Quem pode prever, sob esse aspecto, as consequências da última guerra da China? as modificações que vão produzir, nesse país por tanto tempo estacionário, os novos elementos fisiológicos e psicológicos que ali são levados? **Em alguns séculos, talvez, não será mais reconhecível do que é o México de hoje comparado ao dos tempos de Colombo.**

Quanto aos indígenas do México, diremos, como Erasto, que havia neles costumes antes dóceis do que virtuosos, e acrescentaremos que, sem dúvida, foi um pouco poetizada sua pretensa idade de ouro. A história da conquista nos ensina que, se faziam a guerra entre eles, isso não anuncia um grande respeito pelos direitos de seus vizinhos. Sua idade de ouro era a da infância; estão hoje no ardor da juventude; mais tarde, alcançarão a idade

viril. Se não têm ainda a virtude dos sábios, adquiriram a inteligência que a isso os conduzirá, quando estiverem amadurecidos pela experiência; mas são necessários séculos para a educação dos povos; ela não se opera senão pela transformação de seus elementos constitutivos. A França seria o que é hoje sem a conquista dos Romanos? E os Bárbaros estariam civilizados se não tivessem invadido a Gábia? A sabedoria gaulesa e a civilização romana unidas ao vigor dos povos do Norte fez o povo francês atual.

Sem dúvida, é penoso pensar que o progresso, às vezes, tem necessidade de destruição; mas é muito preciso destruir os velhos casebres para substituí-los pelas casas novas, mais belas e mais cômodas. **É preciso, aliás, levar em conta o estado atrasado do globo, onde a Humanidade não está ainda senão no progresso material e intelectual; quando ela tiver entrado no período do progresso moral e espiritual, as necessidades morais se imporão sobre as necessidades materiais; os homens se governarão segundo a justiça e não terão mais que reivindicar seu lugar pela força; então a guerra e a destruição não terão mais sua razão de ser; até lá, a luta é uma consequência de sua inferioridade moral.**

O homem, vivendo mais materialmente

> do que espiritualmente, não encara as coisas senão do ponto de vista atual e material, e consequentemente limitado. **Até o presente, ignorou que o papel principal é do Espírito**; viu os efeitos, mas não conheceu a causa, foi por isso que, por tão longo tempo, se enganou nas ciências, em suas instituições e em suas religiões. O Espiritismo, ensinando-lhe a participação do elemento espiritual em todas as coisas do mundo, alarga o seu horizonte e muda o curso de suas ideias; ele abre a era do progresso moral. ([158])

Percebe-se que, preso ao conhecimento de sua época, Allan Kardec coloca a raça branca caucásica, como a que ocupa o primeiro lugar na Terra. Entretanto, sua análise parte do ponto de vista espiritual, ou seja, admite que os espíritos que a animam são mais adiantados que os outros, mas não põe obstáculo à possibilidade de que os espíritos que animam as outras raças venham a chegar ao nível evolutivo dela, razão pela qual não se poderá atribuir conotação racista a esse seu pensamento.

Quanto ao corpo, via nele aptidões necessárias à manifestação do Espírito, e supondo-se um Espírito evoluído moralmente um corpo apropriado lhe seria

mais útil. Podemos resumir o seu pensamento nestas duas frases suas: *"Assim é que o ser colocado no último degrau da Humanidade alcançará, num tempo dado, a soma das perfeições compatíveis com o estado de nosso globo"* e *"Até o presente, [o homem] ignorou que o papel principal é do Espírito; viu os efeitos, mas não conheceu a causa, foi por isso que, por tão longo tempo, se enganou nas ciências, em suas instituições e em suas religiões"*.

Quanto ao povoamento da terra, em ***A Gênese***, cap. VIII – Teorias sobre a formação da Terra, Allan Kardec coloca várias hipóteses que surgiram para explicar isso; entre elas:

> **Teoria da incrustação**
>
> 4. – Apenas por não deixar de mencioná-la, **falamos desta teoria, que nada tem de científica**, mas, que, entretanto, conseguiu certa repercussão nos últimos tempos e seduziu algumas pessoas. Acha-se resumida na carta seguinte:
>
> "Deus, segundo a Bíblia, criou o mundo em seis dias, quatro mil anos antes da era cristã. Essa afirmativa os geólogos a contestam, firmados no estudo dos fósseis e dos milhares de caracteres incontestáveis

de vetustez que transportam a origem da Terra a milhões de anos. Entretanto, a Escritura disse a verdade e também os geólogos. E foi um simples campônio([159]) quem os pôs de acordo ensinando que o nosso globo não é mais do que um planeta *incrustativo*, muito moderno, composto de materiais muito antigos.

Após o arrebatamento do *planeta desconhecido*, que chegara à maturidade, ou de harmonia com o que existiu no lugar que hoje ocupamos, a alma da Terra recebeu ordem de reunir seus satélites, para formar a Terra atual, segundo as regras do progresso em tudo e por tudo. Quatro apenas desses astros concordaram com a associação que lhes era proposta. Só a Lua persistiu na sua autonomia, visto que também *os globos têm o seu livre-arbítrio*. Para proceder a essa fusão, a alma da Terra dirigiu aos satélites um raio magnético atrativo, que pôs em estado cataléptico todo o mobiliário vegetal, animal e hominal que eles possuíam e que trouxeram para a comunidade. A operação teve por únicas testemunhas a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes que a ajudaram nessa grande obra, abrindo aqueles globos para lhes dar entranhas comuns. Praticada a soldadura, as águas se escoaram para os vazios que a ausência da Lua deixara. As atmosferas se confundiram e começou o despertar ou a ressurreição *dos germens*

que estavam em catalepsia. O homem foi o último a ser tirado do estado de hipnotismo e se viu cercado da luxuriante vegetação do paraíso terrestre e dos animais que pastavam em paz ao seu derredor. Tudo isto se podia fazer em seis dias, com obreiros tão poderosos como os que Deus encarregara da tarefa. **O planeta *Ásia* trouxe a raça amarela, a de civilização mais antiga; o *África* a raça negra; o *Europa* a raça branca e o *América* a raça vermelha.**

"Assim, certos animais, de que apenas os despojos são encontrados, nunca teriam vivido na Terra atual, mas teriam sido transportados de outros mundos desmanchados pela velhice. Os fósseis, que se encontram em climas sob os quais não teriam podido existir neste mundo, viviam sem dúvida em zonas muito diferentes nos globos onde nasceram. Tais despojos na Terra se encontram nos polos, ao passo que os animais viviam no Equador dos globos a que pertenciam."

5. – **Esta teoria** tem contra si os mais positivos dados da ciência experimental, além de que deixa intacta a questão mesma que ela pretende resolver, a questão da origem. Diz, é certo, como a Terra se teria formado, mas não diz como se formaram os quatro mundos que se reuniram para constituí-la.

Se as coisas se houvessem passado assim, como se explicaria a inexistência absoluta de quaisquer vestígios daquelas imensas soldaduras, não obstante terem ido até às entranhas do globo? Cada um daqueles mundos, o Ásia, o África, o Europa e o América, que se pretende haverem trazido os materiais que lhes eram próprios, teria uma geologia particular, diferente da dos demais, *o que não é exato*. Ao contrário, vê-se, primeiramente, que o núcleo granítico é uniforme, de composição homogênea em todas as partes do globo, *sem solução de continuidade*. Depois, as camadas geológicas se apresentam de formação igual, idênticas quanto à constituição, superpostas, em toda parte, na mesma ordem, contínuas, sem interrupção, de um lado a outro dos mares, da Europa à Ásia, à África, à América, e reciprocamente. Essas camadas que dão testemunho das transformações do globo, atestam que tais transformações se operaram em toda a sua superfície e não, apenas, numa porção desta; mostram os períodos de aparecimento, existência, e desaparecimento das mesmas espécies animais e vegetais, nas diferentes partes do mundo, igualmente; mostram a fauna e a flora desses períodos recuados a marcharem simultaneamente por toda parte, sob a influência de uma temperatura uniforme, e a mudar por toda parte de caráter, à medida que a temperatura se modifica. Semelhante

estado de coisas não se concilia com a formação da Terra por adjunção de muitos mundos diferentes.

Ao demais, é de perguntar-se o que teria sido feito do mar, que ocupa o vazio deixado pela Lua, se esta não se houvesse recusado a reunir-se às suas irmãs. Que aconteceria à Terra atual, se um dia a Lua tivesse a fantasia de vir tomar o seu lugar, expulsando deste o mar?

6. – **Semelhante sistema seduziu algumas pessoas, porque parecia explicar a presença das diferentes raças de homens** na Terra e a localização delas. Mas, uma vez que essas raças puderam proliferar em mundos distintos, por que não teriam podido desenvolver-se em pontos diversos do mesmo globo? É querer resolver uma dificuldade por meio de outra dificuldade maior. Efetivamente, quaisquer que fossem a rapidez e a destreza com que a operação se praticasse, aquela junção não se houvera podido realizar sem violentos abalos. Quanto mais rápida ela fosse, tanto mais desastrosos haviam de ser os cataclismos. Parece, pois, impossível que seres apenas mergulhados em sono cataléptico hajam podido resistir-lhes, para, em seguida, despertarem tranquilamente. Se fossem unicamente germens, em que consistiriam? Como é que seres inteiramente formados se reduziriam ao estado de germens? Restaria sempre a

> questão de saber-se como esses germens novamente se desenvolveram. Ainda aí, teríamos a Terra a formar-se por processo miraculoso, processo, porém, menos poético e menos grandioso do que o da Gênese bíblica, enquanto que as leis naturais dão, da sua formação, uma explicação muito mais completa e, sobretudo, mais racional, deduzida da observação. ([160]) ([161]) (itálico do original)

Temos aqui apenas uma teoria, com a qual tentavam explicar a origem das várias raças; entretanto, foi objeto de vários questionamentos por parte de Allan Kardec.

Na ***Revista Espírita 1868***, mês de janeiro, o Codificador publica contra-argumentos ao livro *O Espiritismo – Diante da história e diante da Igreja, sua origem, sua natureza, sua certeza, seus perigos*, escrito pelo abade Poussin, professor do Seminário de Nice, que buscava refutar a Doutrina Espírita. Vejamos o seguinte parágrafo:

> Hoje eles creem e sua fé é inabalável, porque ela está assentada sobre a evidência e a demonstração, e satisfaz sua razão; o futuro não é mais uma esperança, mas uma

> certeza, porque eles veem a vida espiritual se manifestar sob seus olhos; dele não duvidam mais como não duvidam do levantar do sol. É verdade que não creem nem nos demônios, nem nas chamas eternas do inferno, mas em troca acreditam firmemente em um Deus soberanamente justo, bom e misericordioso; não creem que o mal venha dele, que é a fonte de todo o bem, nem dos demônios, mas das próprias imperfeições do homem; que o homem se reforme, e o mal não mais existirá; vencer a si mesmo é vencer o demônio; tal é a fé dos Espiritas, e a prova de seu poder, é que se esforçam por se tornarem melhores, de domarem seus maus pendores, e de **pôr em prática as máximas do Cristo, olhando a todos os homens como irmãos sem exceção de raças, de castas, nem de seitas**, perdoando aos seus inimigos, restituindo o bem pelo mal, ao exemplo do divino modelo. ([162])

É significativo notar que, longe de qualquer postura racista – acusação que alguns tentam lhe impor, Allan Kardec recomenda seguir os ensinamentos de Jesus: tratar "*todos os homens como irmãos sem exceção de raças, de castas, nem de seitas*". Esse princípio reafirma a universalidade da fraternidade espírita e desmonta qualquer

interpretação que queira associar o Codificador ao preconceito.

Vale a pena colocar o que Allan Kardec comenta na ***Revista Espírita 1869*** a respeito da teoria da incrustação, que vem completar a sua opinião sobre esse assunto; leiamos:

> Nisso não estamos, falta muito, no mesmo ponto com respeito à formação e, sobretudo, o povoamento da Terra; foi por isso que dissemos, em começando, que para nós a questão não estava suficientemente elucidada. **Considerada do ponto de vista puramente científico**, dissemos somente que, à primeira vista, a teoria da incrustação não nos parecia despida de fundamentos, e sem nos pronunciarmos nem pró nem contra, dissemos que nela encontramos material para exame. **Com efeito, estudando-se os caracteres fisiológicos das diferentes raças humanas, não é possível atribuir-lhes uma estirpe comum, porque a raça negra não é um abastardamento da raça branca**. Ora, adotando-se a letra do texto bíblico, que faz proceder todos os homens da família de Noé, 2400 anos antes da era cristã, seria necessário admitir não apenas que, em alguns séculos, só essa família teria povoado a Ásia, a Europa e a

África, mas que se transformara em Negros. Sabemos muito bem que influência o clima e os hábitos podem exercer sobre a economia; um sol ardente avermelha a epiderme e amorena a pele, mas não se viu em nenhuma parte mesmo sobre o mais intenso ardor tropical, famílias brancas procriarem negros sem cruzamentos de raças. **Portanto, para nós, é evidente que as raças primitivas da Terra provêm de estirpes diferentes**. Qual é o seu princípio? Aí está a questão, e até provas certas não é permitido fazer, a esse respeito, conjecturas; aos sábios, pois, cabe ver aqueles que concordam melhor com os fatos constatados pela ciência.

Sem examinar como pôde fazer-se a junção e a soldadura de vários corpos planetários para deles formar o nosso globo atual, devemos reconhecer que a coisa não é impossível, e desde então se explicaria a presença simultânea de raças heterogêneas tão diferentes em costumes e linguagens, das quais cada globo teria trazido os germens ou os embriões; e, quem sabe mesmo, talvez indivíduos todos formados? **Nessa hipótese a raça branca proveria de um mundo mais avançado do que aquele que houvesse trazido a raça negra**. Em todos os casos, a junção não poderia se operar sem um cataclismo geral, o qual não deixaria subsistir alguns indivíduos. Assim, segundo essa teoria,

> nosso globo seria, ao mesmo tempo, muito antigo pelas suas partes constituintes, e muito novo pela sua aglomeração. Esse sistema, como se vê, não contradiz em nada os períodos geológicos que remontariam, assim, a uma época indeterminada e anterior à junção. Qualquer que ele seja, e o que diga dele o senhor Jobard, se as coisas se passaram assim, **parece difícil que um tal acontecimento tenha se cumprido, e sobretudo que o equilíbrio, de semelhante caos, pudesse se estabelecer em seis dias de 24 horas. Os movimentos da matéria inerte estão submetidos a leis eternas que não podem ser derrogadas senão por milagres**. ([163])

Conforme podemos ver, ele seguia o pensamento da época, ao analisar a teoria sob o ponto de vista puramente científico, como sempre fazia em relação a tudo; fato também que se pode confirmar com essas suas palavras que transcrevemos da ***Revista Espírita 1862***:

> Dizemos da primeira criança, deveríamos dizer das primeiras crianças; porque a questão de uma fonte única da espécie humana é muito controvertida. **Com efeito, as leis antropológicas demonstram a**

> **impossibilidade material de que a posteridade de um único homem haja podido, em alguns séculos, povoar toda a Terra, e se transformar em raças negras, amarelas e vermelhas; porque está bem demonstrado que essas diferenças prendem-se à constituição orgânica e não ao clima**. ([164])

Buscando elucidar cada vez mais a concepção espírita da importância do espírito, em ***A Gênese***, cap. XI – Gênese espiritual, Allan Kardec disse o seguinte:

> **União do princípio espiritual à matéria**
>
> 10. – **Tendo a matéria que ser objeto do trabalho do Espírito para desenvolvimento de suas faculdades**, era necessário que ele pudesse atuar sobre ela, pelo que veio habitá-la, como o lenhador habita a floresta. Tendo a matéria que ser, no mesmo tempo, objeto e instrumento do trabalho, Deus, em vez de unir o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos.
>
> O corpo é, pois, simultaneamente, o

envoltório e o instrumento do Espírito e, **à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro invólucro apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar**, tal qual se faz com o operário, a quem é dado instrumento menos grosseiro, à proporção que ele se vai mostrando apto a executar obra mais bem cuidada.

11. – **Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-o e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, talha-o de acordo com a sua inteligência.** Deus lhe fornece os materiais; cabe-lhe a ele empregá-los.

É assim que as raças adiantadas têm um organismo ou, se quiserem, um aparelhamento cerebral mais aperfeiçoado do que as raças primitivas. Desse modo igualmente se explica o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às linhas do corpo. (Cap. VIII, nº 7: Da alma da Terra.)

12. – Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, tem, por adiantar-se, que fazer uso de suas faculdades, rudimentares

a princípio. Por isso é que reveste um envoltório adequado ao seu estado de infância intelectual, envoltório que ele abandona para tomar outro, à proporção que se lhe aumentam as forças. Ora, como em todos os tempos houve mundos e esses mundos deram nascimento a corpos organizados próprios a receber Espíritos, em todos os tempos os Espíritos, qualquer que fosse o grau de adiantamento que houvessem alcançado, encontraram os elementos necessários à sua vida carnal.

13. – Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe. O princípio vital, não mais encontrando elemento para sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem, este carente de vida, se torna inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável.

14. – **O corpo, conseguintemente, não passa de um envoltório destinado a receber o Espírito. Desde então, pouco importam a sua origem e os materiais que entraram na sua construção.** Seja ou não o corpo do homem uma criação especial, o que não padece dúvida é que tem a formá-lo os mesmos elementos que o dos animais, a animá-lo o mesmo princípio vital, ou, por outra, a aquecê-lo o mesmo fogo, como tem a iluminá-lo a mesma luz e se acha sujeito às mesmas vicissitudes e às

> mesmas necessidades. É um ponto este que não sofre contestação.
>
> A não se considerar, pois, senão a matéria, abstraindo do Espírito, o homem nada tem que o distinga do animal. Tudo, porém, muda de aspecto, logo que se estabelece distinção entre a habitação e o habitante.
>
> Ou numa choupana, ou envergando as vestes de um campônio, um nobre senhor não deixa de o ser. O mesmo se dá com o homem: não é a sua vestidura de carne que o coloca acima do bruto e faz dele um ser à parte; é o seu ser espiritual, seu Espírito. ([165])

A relação entre a evolução espiritual e o corpo físico é uma coisa fácil de ser notada, especialmente se compararmos o homem moderno com o seu ancestral, que vivia nas cavernas. O que se dá para notar, mesmo a contragosto de alguns, é nítida evolução da vestimenta física do Espírito, realizada por ele próprio.

O Espírito, já com um determinado grau de evolução, melhora seu corpo, para que, com esse corpo mais apto a seu nível evolutivo, lhe proporcione condições melhores de vida. E, neste vai

e vem, um ajuda o outro no seu progresso, até que esse espírito atinja a meta estabelecida como sendo o grau máximo a que poderá chegar em termos evolutivos.

Não podemos nos esquecer que a Terra, na escala dos mundos, embora já tenha passado da fase de planeta primitivo, é classificada como um planeta inferior; assim, os Espíritos que aqui reencarnam irão progressivamente reencarnar em mundos cada vez mais evoluídos, até que assumam a condição de Espírito puro, na qual não mais lhe é necessária a reencarnação.

Ainda nesse mesmo cap. XI – A Gênese espiritual, de ***A Gênese***, o Codificar vem elucidar quanto à encarnação dos Espíritos:

> **Encarnação dos Espíritos**
>
> 17. – O Espiritismo ensina de que maneira se opera a união do Espírito com o corpo, na encarnação.
>
> Pela sua essência espiritual, o Espírito é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter ação direta sobre a matéria, sendo-lhe indispensável um intermediário, que é o

envoltório fluídico, o qual, de certo modo, faz parte integrante dele. É semimaterial esse envoltório, isto é, pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea. Como toda matéria, ele é extraído do fluido cósmico universal que, nessa circunstância, sofre uma modificação especial. Esse envoltório, denominado perispírito, faz de um ser abstrato, do Espírito, um ser concreto, definido, apreensível pelo pensamento. Torna-o apto a atuar sobre a matéria tangível, conforme se dá com todos os fluidos imponderáveis, que são, como se sabe, os mais poderosos motores.

O fluido perispirítico constitui, pois, o traço de união entre o Espírito e a matéria. Enquanto aquele se acha unido ao corpo, serve-lhe ele de veículo ao pensamento, para transmitir o movimento às diversas partes do organismo, as quais atuam sob a impulsão da sua vontade e para fazer que repercutam no Espírito as sensações que os agentes exteriores produzam. Servem-lhe de fios condutores os nervos como, no telégrafo, ao fluido elétrico serve de condutor o fio metálico.

18. – Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção.

A medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do princípio vitomaterial do gérmen, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, molécula a molécula, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se enraíza, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união; nasce então o ser para a vida exterior.

Por um efeito contrário, a união do perispírito e da matéria carnal, que se efetuara sob a influência do princípio vital do gérmen, cessa, desde que esse princípio deixa de atuar, em consequência da desorganização do corpo. Mantida que era por uma força atuante, tal união se desfaz, logo que essa força deixa de atuar. Então, o perispírito se desprende, molécula a molécula, conforme se unira, e ao Espírito é restituída a liberdade. Assim, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; esta é que determina a partida do Espírito.

Dado que, um instante após a morte, completa é a integração do Espírito; que suas faculdades adquirem até maior poder de penetração, ao passo que o princípio de vida se acha extinto no corpo, provado evidentemente fica que são distintos o princípio vital e o princípio espiritual.

19. – O Espiritismo, pelos fatos cuja observação ele faculta, dá a conhecer os fenômenos que acompanham essa separação, que, às vezes, é rápida, fácil, suave e insensível, ao passo que doutras é lenta, laboriosa, horrivelmente penosa, conforme o estado moral do Espírito, e pode durar meses inteiros.

20. – Um fenômeno particular, que a observação igualmente assinala, acompanha sempre a encarnação do Espírito. Desde que este é apanhado no laço fluídico que o prende ao gérmen, entra em estado de perturbação, que aumenta, à medida que o laço se aperta, perdendo o Espírito, nos últimos momentos, toda a consciência de si próprio, de sorte que jamais presencia o seu nascimento. Quando a criança respira, começa o Espírito a recobrar as faculdades, que se desenvolvem à proporção que se formam e consolidam os órgãos que lhes hão de servir às manifestações.

21. – Mas, ao mesmo tempo que o Espírito recobra a consciência de si mesmo, perde a lembrança do seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões anteriormente adquiridas, que haviam ficado temporariamente em estado de latência e que, voltando à atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor do que antes. Ele renasce qual se fizera pelo seu trabalho anterior; o seu renascimento lhe é um novo

ponto de partida, um novo degrau a subir. Ainda aí a bondade do Criador se manifesta, porquanto, adicionada aos amargores de uma nova existência, a lembrança, muitas vezes aflitiva e humilhante, do passado, poderia turbá-lo e lhe criar embaraços. Ele apenas se lembra do que aprendeu, por lhe ser isso útil. Se às vezes lhe é dado ter uma intuição dos acontecimentos passados, essa intuição é como a lembrança de um sonho fugitivo. Ei-lo, pois, novo homem por mais antigo que seja como Espírito. Adota novos processos, auxiliado pelas suas aquisições precedentes.

Quando retorna à vida espiritual, seu passado se lhe desdobra diante dos olhos e ele julga de como empregou o tempo, se bem ou mal.

22. – Não há, portanto, solução de continuidade na vida espiritual, sem embargo do esquecimento do passado. Cada Espírito é sempre o mesmo eu, antes, durante e depois da encarnação, sendo esta, apenas, uma fase da sua existência. O próprio esquecimento se dá tão-só no curso da vida exterior de relação. Durante o sono, desprendido, em parte, dos liames carnais, restituído à liberdade e à vida espiritual, o Espírito se lembra, pois que, então, já não tem a visão tão obscurecida pela matéria.

23. – **Tomando-se a Humanidade no grau mais ínfimo da escala espiritual,**

como se encontra entre os mais atrasados selvagens, perguntar-se-á se é aí o ponto inicial da alma humana.

Na opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, se individualiza e elabora, passando pelos diversos graus da animalidade. É aí que a alma se ensaia para a vida e desenvolve, pelo exercício, suas primeiras faculdades. Esse seria para ela, por assim dizer, o período de incubação. Chegada ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria assim filiação espiritual do animal para o homem, como há filiação corporal.

Este sistema, fundado na grande lei de unidade que preside à criação, corresponde, forçoso é convir, à justiça e à bondade do Criador; dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que deixam então de formar uma categoria de seres deserdados, para terem, no futuro que lhes está reservado, uma compensação a seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual não é a sua origem: são os atributos especiais de que ele se apresenta dotado ao entrar na humanidade, atributos que o transformam, tornando-o um ser distinto, como o fruto saboroso é distinto da raiz amarga que lhe deu origem. Por haver passado pela fieira da animalidade, o

homem não deixaria de ser homem; já não seria animal, como o fruto não é a raiz, como o sábio não é o feto informe que o pôs no mundo.

Mas, este sistema levanta múltiplas questões, cujos prós e contras não é oportuno discutir aqui, como não o é o exame das diferentes hipóteses que se têm formulado sobre este assunto. Sem, pois, pesquisarmos a origem do Espírito, sem procurarmos conhecer as fieiras pelas quais haja ele, porventura, passado, tomamo-lo ao entrar na humanidade, no ponto em que, dotado de senso moral e de livre-arbítrio, começa a pesar-lhe a responsabilidade dos seus atos.

24. – A obrigação que tem o Espírito encarnado de prover ao alimento do corpo, à sua segurança, ao seu bem-estar, o força a empregar suas faculdades em investigações, a exercitá-las e desenvolvê-las. Útil, portanto, ao seu adiantamento é a sua união com a matéria. Daí o constituir uma necessidade a encarnação. Além disso, pelo trabalho inteligente que ele executa em seu proveito, sobre a matéria, auxilia a transformação e o progresso material do globo que lhe serve de habitação. É assim que, progredindo, colabora na obra do Criador, da qual se torna fator inconsciente.

25. – Todavia, a encarnação do Espírito não é constante, nem perpétua: é

transitória. Deixando um corpo, ele não retoma imediatamente outro. Durante mais ou menos considerável lapso de tempo, vive da vida espiritual, que é sua vida normal, de tal sorte que insignificante vem a ser o tempo que lhe duram as encarnações, se comparado ao que passa no estado de Espírito livre.

No intervalo de suas encarnações, o Espírito progride igualmente, no sentido de que aplica ao seu adiantamento os conhecimentos e a experiência que alcançou no decorrer da vida corporal; examina o que fez enquanto habitou a Terra, passa em revista o que aprendeu, reconhece suas faltas, traça planos e toma resoluções pelas quais conta guiar-se em nova existência, com a ideia de melhor se conduzir. Desse jeito, cada existência representa um passo para a frente no caminho do progresso, uma espécie de escola de aplicação.

26. – Normalmente, a encarnação não é uma punição para o Espírito, conforme pensam alguns, mas uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio de ele progredir. (*O Céu e o Inferno*, cap. III, nºs 8 e seguintes.)

À medida que progride moralmente, o Espírito se desmaterializa, isto é, depura-se, com o subtrair-se à influência da matéria; sua vida se espiritualiza, suas faculdades e percepções se ampliam; sua felicidade se

torna proporcional ao progresso realizado. Entretanto, como atua em virtude do seu livre-arbítrio, pode ele, por negligência ou má vontade, retardar o seu avanço; prolonga, conseguintemente, a duração de suas encarnações materiais, que, então, se lhe tornam uma punição, pois que, por falta sua, ele permanece nas categorias inferiores, obrigado a recomeçar a mesma tarefa. Depende, pois, do Espírito abreviar, pelo trabalho de depuração executado sobre si mesmo, a extensão do período das encarnações.

27. – O progresso material de um planeta acompanha o progresso moral de seus habitantes. Ora, sendo incessante, como é, a criação dos mundos e dos Espíritos e progredindo estes mais ou menos rapidamente, conforme o uso que façam do livre-arbítrio, segue-se que há mundos mais ou menos antigos, em graus diversos de adiantamento físico e moral, onde é mais ou menos material a encarnação e onde, por conseguinte, o trabalho, para os Espíritos, é mais ou menos rude. **Deste ponto de vista, a Terra é um dos menos adiantados. Povoada de Espíritos relativamente inferiores, a vida corpórea é aí mais penosa do que noutros orbes, havendo-os também mais atrasados, onde a existência é ainda mais penosa do que na Terra e em confronto com os quais esta seria,**

relativamente, um mundo ditoso.

28. – Quando, em um mundo, os Espíritos hão realizado a soma de progresso que o estado desse mundo comporta, deixam-no para encarnar em outro mais adiantado, onde adquiram novos conhecimentos e assim por diante, até que, não lhes sendo mais de proveito algum a encarnação em corpos materiais, passam a viver exclusivamente da vida espiritual, em a qual continuam a progredir, mas noutro sentido e por outros meios. Chegados ao ponto culminante do progresso, gozam da suprema felicidade. Admitidos nos conselhos do Onipotente, conhecem-lhe o pensamento e se tornam seus mensageiros, seus ministros diretos no governo dos mundos, tendo sob suas ordens os Espíritos de todos os graus de adiantamento.

Assim, qualquer que seja o grau em que se achem na hierarquia espiritual, do mais ínfimo ao mais elevado, têm eles suas atribuições no grande mecanismo do Universo; todos são úteis ao conjunto, ao mesmo tempo que a si próprios. Aos menos adiantados, como a simples serviçais, incumbe o desempenho, a princípio inconsciente, depois, cada vez mais inteligente, de tarefas materiais. Por toda parte, no mundo espiritual, atividade, em nenhum ponto a ociosidade inútil.

A coletividade dos Espíritos constitui, de certo modo, a alma do Universo. Por toda parte, o elemento espiritual é que atua em tudo, sob o influxo do pensamento divino. Sem esse elemento, só há matéria inerte, carente de finalidade, de inteligência, tendo por único motor as forças materiais, cuja exclusividade deixa insolúveis uma imensidade de problemas. Com a ação do elemento espiritual individualizado, tudo tem uma finalidade, uma razão de ser, tudo se explica. Prescindindo da espiritualidade, o homem esbarra em dificuldades insuperáveis.

29. – Quando a Terra se encontrou em condições climáticas apropriadas à existência da espécie humana, encarnaram nela Espíritos humanos. Donde vinham? Quer eles tenham sido criados naquele momento; quer tenham procedido, completamente formados, do espaço, de outros mundos, ou da própria Terra, a presença deles nesta, a partir de certa época, é um fato, pois que antes deles só animais havia. **Revestiram-se de corpos adequados às suas necessidades especiais, às suas aptidões, e que, fisionomicamente, tinham as características da animalidade.** Sob a influência deles e por meio do exercício de suas faculdades, **esses corpos se modificaram e aperfeiçoaram é o que a observação comprova**. Deixemos então

de lado a questão da origem, insolúvel por enquanto; consideremos o Espírito, não em seu ponto de partida, mas no momento em que, manifestando-se nele os primeiros germens do livre-arbítrio e do senso moral o vemos a desempenhar o seu papel humanitário, sem cogitarmos do meio onde haja transcorrido o período de sua infância, ou, se o preferirem, de sua incubação. Mau grado a analogia do seu envoltório com o dos animais, poderemos diferençá-lo destes últimos pelas faculdades intelectuais e morais que o caracterizam como, debaixo das mesmas vestes grosseiras, distinguimos o rústico do homem civilizado.

30. – Conquanto devessem ser pouco adiantados os primeiros que vieram, pela razão mesma de terem de encarnar em corpos muito imperfeitos, diferenças sensíveis haveria decerto entre seus caracteres e aptidões. Os que se assemelhavam, naturalmente se agruparam por analogia e simpatia. Achou-se a Terra, assim, povoada de Espíritos de diversas categorias, mais ou menos aptos ou rebeldes ao progresso. **Recebendo os corpos a impressão do caráter do Espírito e procriando-se esses corpos na conformidade dos respectivos tipos, resultaram daí diferentes raças, quer quanto ao físico, quer quanto ao moral (nº 11).** Continuando a encarnar entre os que se lhes assemelhavam, os Espíritos

similares perpetuaram o caráter distintivo, físico e moral, das raças e dos povos, caráter que só com o tempo desaparece, mediante a fusão e o progresso deles. (*Revue Spirite*, julho de 1860, página 198: “Frenologia e fisiognomia”.)

31. – Podem comparar-se **os Espíritos que vieram povoar a Terra** a esses bandos de emigrantes de origens diversas, que vão estabelecer-se numa terra virgem, onde encontram madeira e pedra para erguerem habitações, cada um dando à sua um cunho especial, de acordo com o grau do seu saber e com o seu gênio particular. **Grupam-se então por analogia de origens e de gostos, acabando os grupos por formar tribos, em seguida povos, cada qual com costumes e caracteres próprios**.

32. – Não foi, portanto, uniforme o progresso em toda a espécie humana. Como era natural, **as raças mais inteligentes adiantaram-se às outras**, mesmo sem se levar em conta que muitos Espíritos recém-nascidos para a vida espiritual, vindo encarnar na Terra juntamente com os primeiros aí chegados, tornaram ainda mais sensível a diferença em matéria de progresso. Fora, com efeito, impossível **atribuir-se a mesma ancianidade de criação aos selvagens, que mal se distinguem do macaco, e aos chineses, nem, ainda menos, aos europeus**

civilizados.

> Entretanto, **os Espíritos dos selvagens também fazem parte da Humanidade e alcançarão um dia o nível em que se acham seus irmãos mais velhos**. Mas, *sem dúvida,* ***não será em corpos da mesma raça física*****, impróprios a um certo desenvolvimento intelectual e moral.** Quando o instrumento já não estiver em correspondência com o progresso que hajam alcançado, eles emigrarão daquele meio, para encarnar noutro mais elevado e assim por diante, até que tenham conquistado todas as graduações terrestres, ponto em que deixarão a Terra, para passar a mundos mais avançados. (*Revue Spirite*, abril de 1862, pág. 97: "Perfectibilidade da raça negra".) ([166]) (itálico do original)

Deixa claro a condição da Terra, em relação à escala dos mundos, como sendo um planeta inferior, para o qual, nos seus primórdios, foram atraídos Espíritos que se encontravam no início de sua evolução. Considerava, para efeito disso, os selvagens que estavam, para o nosso planeta, no início da escala; portanto, eram Espíritos inferiores, pois não tinham nenhum conhecimento e a moral por desenvolver-se; por isso seu corpo físico era

compatível com esse seu estágio evolutivo. Nada que venha a ser uma discriminação, uma vez que todos os espíritos passam por este processo, como nós passamos pelas primeiras letras em busca do conhecimento.

Vejamos no portal ***Centro Virtual de Divulgação e Estudo do Espiritismo*** um questionamento a respeito do item 32, *retro*:

> "Li, recentemente, *A Gênese*, de Kardec. Pois bem, no cap. XI, item 32, ele afirma claramente que os negros e mongóis são raças inferiores, e que os brancos são espíritos evoluídos de extraterrestres desterrados, como punição, na Terra".
>
> Kardec escreveu isso em 1868. Nessa época, o maior passatempo dos falsos psicólogos era tentar provar: A) a inferioridade da mulher e B) a inferioridade do negro. Será que Kardec não expôs uma OPINIÃO PESSOAL, influenciado pelas "descobertas científicas" do século XIX? Ou essa informação, da inferioridade dos não-brancos, é uma revelação dos Espíritos?
>
> Este realmente é um tema que gera uma série de discussões. Existem, pelo que levantamos, uma série de opiniões diferentes sobre este tema, de tal forma que

gostaríamos que encarasse nossa resposta apenas como mais uma dessas opiniões, já que naturalmente não podemos nos afirmar com a verdade.

No item citado (*A Gênese*, cap. XI, item 32) consideremos que não há uma afirmativa "clara" de Kardec sobre a inferioridade das raças negra e mongol. No entanto, embora isso não esteja "claro", nos parece evidente que está ao menos sugerido. Não só neste texto, como em alguns outros, Kardec faz realmente essa colocação, numa contraposição entre as raças brancas (os europeus "civilizados") e a raça negra. Kardec se baseia, como sempre fez, na sua observação dos fatos. Comparando as duas raças, tendo como parâmetro a evolução intelectual expressa nas conquistas tecnológicas, no campo da cultura, linguagem, etc. Kardec julga evidente a superioridade da civilização europeia.

Não julgamos que essa seja uma "revelação dos Espíritos", mas uma conclusão de Kardec a partir das suas observações. Nessa linha de pensamento, portanto, é necessário considerarmos que europeus, de forma geral, conheciam a raça negra apenas através dos escravos e das histórias que se contavam sobre eles. A inferioridade da raça negra era tida como absoluta, não sendo considerados mais que animais domesticáveis. Se levarmos em

consideração que os negros haviam sido retirados de suas terras, afastados do seu meio social, separados dos seus familiares, tratados como animais (pois, no mínimo, não conseguiam se comunicar com a língua dos brancos), levados a um meio social, religioso, político totalmente diferentes, com outra cultura e hábitos, entre uma série de outros fatores, não é difícil entender os sentimentos muitas vezes agressivos que os caracterizavam, e serviam de base para as conclusões dos europeus sobre o seu caráter (ou a falta dele).

Estas considerações nos chocam atualmente, devido ao relativo progresso que, felizmente, a humanidade realizou nestes últimos cem anos. Tais ideias nos parecem totalmente preconceituosas e descabidas, analisadas sob a ótica atual.

Kardec analisa com mais profundidade o tema na *Revue Spirite*, de abril de 1862, pg 97 (Perfectibilidade da raça do negro). Já Kardec se opõe a frenologia (considerada ciência na época e hoje sendo motivo de piada dos cientistas) que era uma das bases usadas para “comprovar” a inferioridade racial dos negros. Demonstra claramente a necessidade de separarmos espírito e matéria, e como não podemos julgar o espírito simplesmente pelas aparências corporais. No entanto, reafirma ainda a ideia que o corpo negro, assim como o corpo dos indígenas e humanos primitivos, é de certa

> forma inferior ao corpo dos “brancos”. Esta ideia, embora ainda discutida hoje em dia, já nos parece sem a necessária base científica para comprovação, mas Kardec, evidentemente, buscava se apoiar nos conhecimentos científicos da época.
>
> Nos parece mais lógico entender que o caráter de “civilização” ou “superioridade”, estará sempre ligado ao espírito do que ao corpo. Basta compararmos o negro Mandela e os brancos que matam em Kosovo.
>
> Assim, nos parece que o tema merece maiores estudos. ([167])

Os dois textos citados, serão oportunamente analisados em separado, porquanto um deles é o que causa confusão, especialmente, nos que apressadamente leem só ele, sem a preocupação de ler outros mais visando encontrar a essência do pensamento de Allan Kardec.

Há ainda uma outra coisa nesse item 32 que causa estranheza para alguns, é o fato de Allan Kardec afirmar que os homens selvagens mal se distinguem dos macacos.

Talvez considerem isso como sendo um rebaixamento do ser humano. Certamente o será

para aqueles que se julgam criaturas especiais ou, como se diz popularmente, “o rei da criação”, quando, na verdade, o homem é apenas uma espécie entre milhares de outras, cuja diferença está apenas na sua capacidade cognitiva mais aprimorada que a dos outros.

Sobre a nossa origem, leiamos em ***A Gênese***, cap. X – Gênese orgânica e Cap. XI – Gênese espiritual, respectivamente, o que Allan Kardec disse:

O homem corpóreo

26. – **Do ponto de vista corpóreo e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos,** dos quais unicamente difere por alguns matizes na forma exterior. Quanto ao mais, a mesma composição de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução. Ele nasce, vive e morre nas mesmas condições e, quando morre, seu corpo se decompõe, como tudo o que vive. **Não há, em seu sangue, na sua carne, em seus ossos, um átomo diferente dos que se encontram no corpo dos animais.** Como estes, ao morrer, restitui à terra o oxigênio, o

hidrogênio, o azoto e o carbono que se haviam combinado para formá-lo; e esses elementos, por meio de novas combinações, vão formar outros corpos minerais, vegetais e animais. É tão grande a analogia que se estudam as suas funções orgânicas em certos animais, quando as experiências não podem ser feitas nele próprio.

27. – **Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos bímanos. Logo abaixo dele vêm os quadrúmanos (animais de quatro mãos) ou macacos, alguns dos quais, como o orangotango, o chimpanzé, o jocó, têm certos ademanes do homem, a tal ponto que, por muito tempo, foram denominados: homens das florestas.** Como o homem, esses macacos caminham eretos, usam cajados, constroem choças e levam à boca, com a mão, os alimentos: sinais característicos.

28. – Por pouco que se observe a escala dos seres vivos, **do ponto de vista do organismo, é-se forçado a reconhecer que, desde o líquen até a árvore e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia que se eleva gradativamente, sem solução de continuidade e cujos anéis todos têm um ponto de contacto com o anel precedente**. Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie

imediatamente inferior. Visto que são idênticas às dos outros corpos as condições do corpo do homem, química e constitucionalmente; visto que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, também nas mesmas condições que os outros se há de ele ter formado.

29. – Ainda que isso lhe fira o orgulho, tem o homem que se resignar a não ver no seu corpo material mais do que o último anel da animalidade na Terra. Aí está o inexorável argumento dos fatos, contra o qual seria inútil protestar.

Todavia, quanto mais o corpo diminui de valor aos seus olhos, tanto mais cresce de importância o princípio espiritual. Se o primeiro. o nivela ao bruto, o segundo o eleva a incomensurável altura. Vemos o limite extremo do animal: não vemos o limite a que chegará o espírito do homem. ([168])

Hipótese sobre a origem do corpo humano

15. – Da semelhança, que há, de formas exteriores entre o corpo do homem e o do macaco, concluíram alguns fisiologistas que o primeiro é apenas uma transformação do segundo. Nada aí há de impossível, nem o que, se assim, for, afete a dignidade do homem. Bem pode dar-se que corpos de macaco tenham servido de vestidura aos

primeiros Espíritos humanos, forçosamente pouco adiantados, que viessem encarnar na Terra, sendo essa vestidura mais apropriada às suas necessidades e mais adequadas ao exercício de suas faculdades, do que o corpo de qualquer outro animal. Em vez de se fazer para o Espírito um invólucro especial, ele teria achado um já pronto. Vestiu-se então da pele do macaco, sem deixar de ser Espírito humano, como o homem não raro se reveste da pele de certos animais, sem deixar de ser homem.

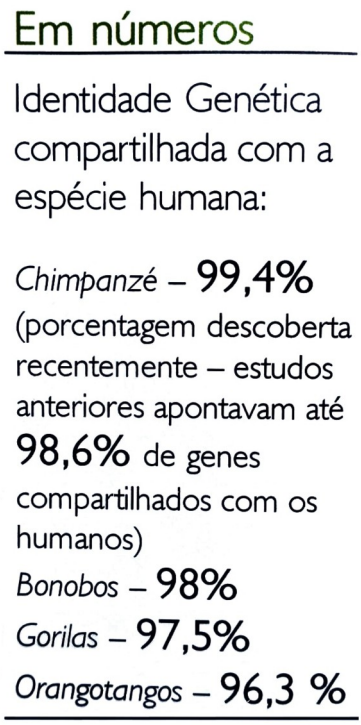
Fique bem entendido que aqui unicamente se trata de uma hipótese, de modo algum posta como princípio, mas apresentada apenas para mostrar que a origem do corpo em nada prejudica o Espírito, que é o ser principal, e que a semelhança do corpo do homem com o do macaco não implica paridade entre o seu Espírito e o do macaco.

16. – Admitida essa hipótese, pode dizer-se que, sob a influência e por efeito da atividade intelectual do seu novo habitante, o envoltório se modificou, embelezou-se nas particularidades, conservando a forma geral do conjunto (nº 11). Melhorados, os corpos, pela procriação, se reproduziram nas mesmas condições, como sucede com as árvores de enxerto. Deram origem a uma espécie nova, que pouco a pouco se afastou do tipo primitivo, à proporção que o Espírito progrediu. O Espírito macaco, que não foi

> aniquilado, continuou a procriar, para seu uso, corpos de macaco, do mesmo modo que o fruto da árvore silvestre reproduz árvores dessa espécie, e o Espírito humano procriou corpos de homem, variantes do primeiro molde em que ele se meteu. O tronco se bifurcou: produziu um ramo, que por sua vez se tornou tronco.
>
> **Como em a Natureza não há transições bruscas, é provável que os primeiros homens aparecidos na Terra pouco diferissem do macaco pela forma exterior e não muito também pela inteligência**. Em nossos dias ainda há selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés e pela conformação da cabeça, têm tanta parecença com o macaco, que só lhes falta ser peludos, para se tornar completa a semelhança. ([169])

Cerca de século e meio depois, a Ciência vem nos apresentar dados, através do Projeto Genoma, que comprovam essa assertiva. Em dezembro de 2003, a comunidade científica toma conhecimento do resultado das pesquisas do Instituto Nacional de Pesquisa do Genoma Humano, dos EUA, quando foi anunciada a impactante primeira versão do sequenciamento do genoma do animal alinhado com o humano ([170]).

Vejamos na revista *Newton – Tecnologia, Ciência e Vida* o artigo "***Quase Humanos?***", de Fátima Chuecco, os seguintes dados que surgiram relativamente à identidade Genética compartilhada com a espécie humana ([171]):



Em números

Identidade Genética compartilhada com a espécie humana:

Chimpanzé – **99,4%** (porcentagem descoberta recentemente – estudos anteriores apontavam até **98,6%** de genes compartilhados com os humanos)

Bonobos – **98%**

Gorilas – **97,5%**

Orangotangos – **96,3 %**

O biólogo Morris Goodman (1925-2010), da Universidade Estadual de Wayne, em Detroit

(Estados Unidos), acredita que, em virtude dos dados que temos disponíveis hoje, os chimpanzés devem ser incluídos no gênero humano e passem de *Pan troglodytes* para o nome científico de *Homo (Pan) troglodytes,* segundo o que nos informa Fátima Chuecco em seu artigo *"Quase Humanos?"* ([172]).

Muito interessante, também, é a opinião que ela apresenta do escritor Peter Singer, professor de bioética da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos:

> Nós não reconhecemos outros primatas como pessoas pela mesma razão que europeus, por séculos, não reconheceram outros seres humanos como pessoas. Eram racistas. Nós somos especifistas. ([173])

Por uma outra vertente há ainda as pesquisas realizadas para descobrir algum nível intelectual nos animais. O que se tem até agora dá tranquilamente para admitir que, se não em todos, pelo menos alguns animais possuem capacidade intelectiva.

Do artigo "***Existo, logo penso***", autoria do

jornalista Vinícuis Romanini, publicado na revista *Terra*, destacamos o seguinte trecho:

> Na verdade, os estudos recentes sobre a inteligência animal acumulam informações que nos obrigam a rever muitas das antigas opiniões sobre bichos, que, até bem recentemente, eram considerados desprovidos de memória, consciência e inteligência para resolver problemas. Pense no peixe do seu aquário, por exemplo. Não parece bastante idiota? Pois um estudo publicado em setembro de 2003 na revista *Fish and Fisheries*, os biólogos britânicos Calum Brown, Keven Laland e Jens Krause concluem, depois de uma década de pesquisas, que os peixes são criaturas "socialmente inteligentes, em busca de estratégias maquiavélicas de manipulação, punição e reconciliação, que exibem tradições culturais estáveis e cooperam entre si para inspecionar predadores e buscar alimentos". Ao contrário do que sempre se acreditou, também, os peixes possuem uma ótima memória e são capazes de reconhecer colegas de cardume e se lembrar de fatos passados.
>
> Muito mais que instinto. Esses resultados indicam que os animais são muito mais parecidos conosco do que se supunha há até bem pouco tempo. Mais do que isso, nos obrigam a rever a ideia de que apenas os

> seres humanos têm a capacidade de sentir emoções, pensar e realizar operações lógicas de raciocínio para resolver problemas. [...]. ([174])

Dizendo dessas capacidades dos animais, Romanini, arremata:

> Finalmente, no topo da cadeia evolutiva, estão os grandes macacos e nós, seres humanos, dotados de uma extensão do córtex, batizada de neocórtex, de onde parece emergir a consciência e formas de raciocínio complexas, como a dedução. ([175])

Vejamos, agora, a opinião do psicólogo Samuel D. Gosling, professor da Universidade do Texas e fundador do Instituto de Personalidade Animal, constante do artigo "***Gente como a gente?***", autoria do jornalista Tiago Cordeiro:

> A diferença entre os animais e os homens é apenas de grau, não de gênero. Para nós como para eles, é a personalidade que nos torna previsíveis e, por isso, socialmente confiáveis. A personalidade humana é apenas um pouco mais variada. ([176])

Diz-nos ainda Cordeiro:

> A antropóloga britânica Jane Goodall, hoje com 72 anos, mostrou que os chimpanzés e os bonobos africanos são capazes de usar ferramentas e identificou neles cultura, raciocínio e capacidade de aprendizado – nada mais distante do conceito cartesiano de que eles não passam de máquinas. ([177])

E sobre a migração de um mundo a outro, em ***A Gênese***, cap. XI – Gênese espiritual, Allan Kardec disse:

> 37. – Essa transfusão, que se efetua entre a população encarnada e desencarnada de um planeta, igualmente se efetua entre os mundos, quer individualmente, nas condições normais, quer por massas, em circunstâncias especiais. **Há, pois, emigrações e imigrações coletivas de um mundo para outro, donde resulta a introdução, na população de um deles, de elementos inteiramente novos**. Novas **raças de Espíritos**, vindo misturar-se às existentes, constituem novas raças de homens. Ora, como os Espíritos nunca mais perdem o que adquiriram, consigo trazem eles sempre a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem, o que faz que

> imprimam o caráter que lhes é peculiar à raça corpórea que venham animar. Para isso, só necessitam de que novos corpos sejam criados para serem por eles usados. Uma vez que a espécie corporal existe, eles encontram sempre corpos prontos para os receber. Não são mais, portanto, do que novos habitantes. Em chegando à Terra, integram-lhe, a princípio, a população espiritual; depois, encarnam, como os outros. ([178])

Com isso se estabelece uma solidariedade entre os mundos, com os Espíritos participando da evolução uns dos outros, pelo processo de aprendizado. Os de maior conhecimento passam o que aprenderam aos que sabem menos, mesmo sem o querer, num processo contínuo.

E, voltando à questão do futuro da humanidade, em ***A Gênese***, cap. XXVII – Os tempos são chegados, vejamos o Codificador afirma:

> 21. – Essa fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis e que começam a encontrar eco. Assim é que vemos fundar-se uma imensidade de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o influxo e por iniciativa

> de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se vão apresentando dia a dia impregnadas de sentimentos mais humanos. **Enfraquecem-se os preconceitos de raça, os povos entram a considerar-se membros de uma grande família**; pela uniformidade e facilidade dos meios de realizarem suas transações, eles suprimem as barreiras que os separavam e de todos os pontos do mundo reúnem-se em comícios universais, para as justas pacíficas da inteligência. ([179])

Vislumbra, portanto, para o futuro uma situação em que os preconceitos de raça serão banidos da face da Terra, porquanto, a própria evolução intelectual e moral dos seres, fatalmente, a isso conduzirá, leve o tempo que se fizer necessário para que isso se torne a realidade.

3 – Os textos problemáticos

Entraremos agora nos textos que, normalmente, se servem os sectaristas contraditores para afirmarem que Allan Kardec foi racista. Infelizmente, também os usam alguns espíritas mal-informados que se fazem motivo vergonha a todo

dedicado estudioso do Espiritismo.

a) Teoria da beleza

(Publicado em ***Obras Póstumas***)

A beleza é uma coisa de convenção, e relativa a cada tipo? O que constitui a beleza para certos povos não é para outros uma horrível fealdade? Os negros se acham mais belos do que os brancos e vice-versa. Nesse conflito de gostos, há uma beleza absoluta e em que consiste ela? Somos realmente mais belos do que os Hotentotes e os Cafres, e por quê? Esta questão que, à primeira vista, parece estranha ao objeto de nossos estudos, a ele se refere, todavia, de maneira direta, e toca o próprio futuro da Humanidade. **Ela nos foi sugerida, assim como a sua solução, pela passagem seguinte de um livro muito interessante e muito instrutivo, intitulado: *As revoluções inevitáveis no globo e na Humanidade*, por Charles Richard**.

O autor dedica-se a combater a opinião da degenerescência física do homem desde os tempos primitivos, e refuta, vitoriosamente, a crença na existência de uma raça primitiva de gigantes, e se dedica a provar que, do ponto de vista da força física e do talhe, os homens de hoje valem os antigos, se não os

ultrapassam mesmo. **Passando à beleza das formas, assim se exprime**, às páginas 44 e seguintes:

> "No que toca à beleza do rosto, à graça da fisionomia, a esse conjunto que constitui a estética do corpo, a melhoria é ainda mais facilmente constatada.
>
> "Basta, para isso, lançar um olhar sobre os tipos que os medalhões e as estátuas antigas nos transmitiram intactos através dos séculos.
>
> "A iconografia de Visconti e o museu do conde de Clarol são, entre várias outras, duas fontes onde é fácil haurir os elementos variados desse estudo interessante.
>
> "**O que toca, primeiramente, nesse conjunto de figuras, é a rudeza dos traços, a *animalidade da expressão, a crueldade do olhar***. Sente-se, com um arrepio involuntário, que se tem relações com pessoas que vos cortariam sem piedade em pedaços, para vos dar a comer às suas moreias, assim como fazia Polion, rico gastrônomo de Roma e familiar de Augusto.
>
> "O primeiro Brutus (Lucius-Junius), aquele que fez cortar a cabeça aos seus dois filhos e assistiu, de sangue-frio ao seu suplício, se parece a um animal de rapina. Seu perfil sinistro empresta à águia e ao mocho o que esses dois carniceiros do ar têm de mais selvagem. Não se pode

duvidar, vendo-o, que não haja merecido a vergonhosa honra que a história lhe confere; se ele matou os seus dois filhos, certamente degolou sua mãe pelo mesmo motivo.

"O segundo Brutus (Marius), que apunhalou César, seu pai adotivo, precisamente na hora em que este mais contava com o seu reconhecimento e seu amor, lembra em seus traços um tolo fanático; não tem mesmo essa beleza sinistra que o artista descobre, frequentemente, nessa energia exagerada que impele ao crime.

"Cícero, o brilhante orador, o escritor espiritual e profundo, que deixou uma tão grande lembrança de sua passagem neste mundo, tem um rosto esborrachado e comum que devia torná-lo muito menos agradável ao ver do que ao escutar.

"Júlio César, o grande, o incomparável vencedor, o herói dos massacres, que fez sua entrada no reino das sombras com um cortejo de dois milhões de almas, que matara, quando vivo, foi também tão feio quanto o seu predecessor, mas num outro gênero... Seu rosto magro e ósseo, montado sobre um longo pescoço, mal ornado a propósito de uma maçã do rosto saliente, fá-lo antes parecer a um grande Palhaço feirante do que a um guerreiro.

"Galba, Vespasiano, Nerva, Caracala, Alexandre Severo, Balbino, não são somente feios, são horrendos. Num museu

dos antigos tipos de nossa espécie, quase que não se encontram, aqui e ali, algumas figuras a salvar de um olhar simpático. A de Cipião, o Africano, de Pompeu, de Cômodo, de Heliogábalo, de Antinoo o favorito de Adriano, são desse pequeno número. Sem serem belas, no sentido moderno da palavra, essas figuras são, entretanto, regulares, de um aspecto agradável.

"As mulheres não são muito melhor cuidadas do que os homens, e dão lugar às mesmas notas. Lívia, filha de Augusto, tem o perfil pontudo de uma fuinha; Agripina, dá medo ver, e Messalina, como para confundir Cabanis e Lavater, assemelha-se a uma gorda criada, mais amorosa de boa sopa do que de outra coisa.

"Os Gregos, é necessário dizê-lo, estão geralmente menos mal do que os Romanos. Os rostos de Temístocles e de Milcíades, entre outros, podem ser comparados aos mais belos tipos modernos. Mas Alcebíades, esse antepassado tão distante de nossos Richelieu e de nossos Lauzun, cujas explosões galantes enchem, só por eles, a crônica de Atenas, tem, como Messalina, muito pouco o físico de seu emprego. Ao ver os seus traços solenes e sua fronte de pensador, é tomado antes por um jurisconsulto apegado ao seu texto de lei, do que por esse audacioso folgazão, que se fazia exilar em Esparta, unicamente para *enganar* esse pobre rei Ágis, e se vangloriar depois de ter sido o amante de uma rainha.

“Qualquer que seja a pequena vantagem que pode ser concedida, sobre esse ponto, aos Gregos sobre os Romanos, quem se dá ao trabalho de comparar esses velhos tipos com os de nosso tempo, reconhecerá, sem dificuldade, que o progresso se fez nesse caminho como em todos os outros. Somente, será bom não esquecer, nessa comparação, que aqui se trata de classes privilegiadas, sempre mais belas do que as outras, e que, consequentemente, os tipos modernos a se opor aos antigos deverão ser escolhidos nos salões, e não na espelunca. Porque a pobreza, ai!, em todos os tempos, e sob todos os aspectos, jamais foi bela, e é precisamente assim para nos fazer vergonha e nos forçar a dela nos libertar um dia.

“Não quero, pois, dizer, está tão longe, que a fealdade desapareceu inteiramente de nossas frontes, e que o cunho divino se encontra, enfim, sob todas as máscaras que velam uma alma; longe de mim uma afirmação que poderia tão facilmente ser contestada por todo o mundo. **Minha pretensão se limita unicamente a constatar que, num período de dois mil anos, tão pouca coisa *para uma Humanidade que tem tanto a viver*, a fisionomia da espécie melhorou de maneira já sensível**.

“Creio, além disso, que as mais belas fisionomias antigas são inferiores àquelas que podemos diariamente admirar em

nossas reuniões públicas, nas festas e até no corrente das ruas. Se não temesse ferir certas modéstias, e também excitar certos ciúmes, cem exemplos conhecidos de todos, no mundo contemporâneo, confirmariam a evidência do fato.

"Os adoradores do passado têm, geralmente, a boca cheia de sua famosa Vênus de Médicis, que lhes parece o ideal da beleza feminina, e não se acautelam que essa mesma Vênus passeia, todos os domingos, nos bulevares de Arles, tirada em mais de cinquenta exemplares, e que há poucas de nossas cidades, particularmente entre as do Sul, que não possuam algumas delas.

"... **Em tudo o que acabamos de dizer, não comparamos nosso tipo atual senão ao de povos que nos precederam de alguns milhares de anos somente. Mas, se remontarmos mais longe nas idades, perceberemos as camadas terrestres onde dormem os restos das primeiras raças que habitaram o nosso globo, a vantagem em nosso favor virá a ser, nesse ponto, sensível, e toda degeneração a esse respeito será eliminada por si mesma**.

"Sob essa influência teológica, que deteve Copérnico, Tycho-Brahe, que perseguiu Galileu, e que, nestes últimos tempos, obscureceu um instante o gênio do próprio Cuvier, a ciência hesitava em sondar os mistérios das épocas

antediluvianas. O relato bíblico, admitido ao pé da letra no seu sentido mais estreito, parecia ter dito a última palavra de nossa origem e dos séculos que a separam de nós. Mas a verdade, impiedosa em seu crescimento, acabou por romper a casaca de ferro na qual queriam aprisioná-la para sempre, e para mostrar a nu as formas até aqui ocultas.

'O homem que vivia antes do dilúvio, em companhia dos mastodontes e dos ursos das cavernas, e outros grandes mamíferos hoje desaparecidos, o homem fóssil, em uma palavra, por tanto tempo negado, foi enfim encontrado e a sua existência colocada fora de dúvida. Os trabalhos recentes dos geólogos, particularmente os de Boucher de Perthes([180]), de Filippi e de Lyell, nos permitem agora apreciar os caracteres físicos desse venerável antepassado do gênero humano. Ora, apesar dos contos imaginados pelos poetas sobre **a beleza original**, apesar do respeito que lhe é devido como ao antigo chefe de nossa raça, **a ciência foi obrigada a constatar que ele era de uma fealdade prodigiosa**.

"Seu ângulo facial não ultrapassava muito 70º; suas mandíbulas, de um volume considerável, estavam armadas de dentes longos e salientes; a fronte era fugente, as têmporas achatadas, o nariz esborrachado, as narinas largas; em uma palavra, **o pai venerável devia se assemelhar muito**

mais a um orangotango do que aos seus filhos distantes de hoje. Foi ao ponto que, se não tivessem se encontrado, junto dele, machados de sílex que fabricara, e, em alguns casos, os animais que tinham ainda as marcas das feridas produzidas por essas armas informes, ter-se-ia podido duvidar do papel importante que desempenhou na nossa filiação terrestre. Não só sabia fabricar os machados de sílex, mas ainda maças e pontas de lança da mesma matéria. A galanteria antediluviana ia mesmo até confeccionar braceletes e colares com as pequenas pedras arredondadas, que ornamentavam, nesses tempos recuados, o braço e o pescoço do sexo encantador, que se tornou muito mais exigente depois, assim como todos disso podem se convencer.

"Não sei o que pensarão a respeito as elegantes de nossos dias, cujas espáduas cintilam de diamantes; quanto a mim, eu o confesso, não posso me defender de uma emoção profunda, pensando **nesse primeiro esforço do homem *apenas liberto do animal***, para comprazer-se em sua companhia, pobre e nu como ele, no seio de uma natureza inóspita, sobre a qual a sua raça deve reinar um dia. Ó nossos distantes antepassados! Se já vos amáveis, sob as vossas faces rudimentares, como poderíamos duvidar de vossa paternidade a esse sinal divino de nossa espécie?

"Está, pois, manifesto que **esses informes humanos são nossos pais**, uma vez que nos deixaram marcas de sua inteligência e de seu amor, atributos essenciais que nos separam do animal. Podemos, pois, examinando-os atentamente, desembaraçados das aluviões que os cobrem, **medir com um compasso o progresso físico alcançado pela nossa espécie, desde o seu aparecimento sobre a Terra. Ora, esse progresso que, ainda há pouco, podia ser contestado pelo espírito de sistema e os preconceitos de educação, adquire aqui uma tal evidência que não há senão que reconhecê-lo e proclamá-lo**.

"Alguns milhares de anos poderiam deixar dúvidas, algumas centenas de séculos as dissipam irrevogavelmente...

"... Quanto somos jovens e recentes em todas as coisas! Ignoramos ainda o nosso lugar e o nosso caminho na imensidade do Universo, e ousamos negar os progressos que, por falta de tempo, não puderam ainda ser suficientemente constatados. Crianças que somos, tenhamos, pois, um pouco de paciência, e os séculos, aproximando-nos do objetivo, nos revelarão os esplendores que escapam na distância, aos nossos olhos apenas entreabertos.

"Mas, desde hoje, **proclamamos altamente**, uma vez que a ciência já no-lo permite, **o fato capital e consolador do**

progresso, lento mas seguro, de nosso tipo físico para esse ideal entrevisto pelos grandes artistas, através das inspirações que o céu lhes envia para nos revelar os seus segredos. O ideal não é um produto enganoso da imaginação, um sonho fugidio destinado a dar, de tempos em tempos, logro às nossas misérias, é um objetivo marcado por Deus para o nosso aperfeiçoamento, objetivo infinito, porque só o infinito, em todos os casos, pode satisfazer ao nosso espírito e oferecer-lhe uma carreira digna dele."

Dessas observações judiciosas, resulta que a forma dos corpos se modificam *num sentido determinado*, e segundo uma lei, à medida que o ser moral se desenvolve; que a forma exterior está em relação constante com o instinto e os apetites do ser moral; que quanto mais os seus instintos se aproximam da animalidade, mais a forma, igualmente, dela se aproxima; enfim, que à medida que os instintos materiais se depuram e dão lugar aos sentimentos morais, o envoltório exterior, que não está mais destinado à satisfação das necessidades grosseiras, reveste formas cada vez menos pesadas, mais delicadas, em harmonia com a elevação e a delicadeza dos pensamentos. **A perfeição da forma é, assim, a consequência da perfeição do Espírito: de onde se pode concluir que o ideal da forma deve ser aquela que reveste os**

Espíritos no estado de pureza, a que reveste os poetas e os verdadeiros artistas, porque eles penetram, pelo pensamento, nos mundos superiores.

Há muito tempo se diz que o rosto é o espelho da alma. Esta verdade, tornada axiomática, explica esse fato vulgar, que certas fealdades desaparecem sob o reflexo das qualidades morais do Espírito, e que, muito frequentemente, prefere-se uma pessoa feia dotada de eminentes qualidades, àquela que não tem senão a beleza plástica. É que essa fealdade não consiste senão nas irregularidades da forma, mas não exclui a finura dos traços necessários à expressão dos sentimentos delicados.

Do que precede se pode concluir que a beleza real consiste na forma que mais se distancia da animalidade, e reflete melhor a superioridade intelectual e moral do Espírito, que é o ser principal. O moral influindo sobre o físico, que apropria às suas necessidades físicas e morais, segue-se: **1º que o tipo da beleza consiste na forma mais própria à expressão das mais altas qualidades morais e intelectuais; 2º que, à medida que o homem se eleva moralmente, seu envoltório se aproxima do ideal da beleza, que é a beleza angélica**.

O **negro** pode ser belo para o negro,

> como um gato é belo para um gato; mas não é belo no sentido absoluto, porque os **seus traços grosseiros, seus lábios espessos acusam a materialidade dos instintos**; podem bem exprimir as paixões violentas, mas não saberiam se prestar às nuanças delicadas dos sentimentos e às modulações de um espírito fino.
>
> Eis porque podemos, sem fatuidade, **eu creio, nos dizer mais belos do que os negros e os Hotentotes; mas talvez também seremos, para as gerações futuras, o que os Hotentotes são em relação a nós**; e quem sabe se, quando encontrarem os nossos fósseis, não os tomarão pelos de alguma variedade de animais. ([181])

Conforme já vimos, e aqui novamente é falado, a questão da perfeição do corpo físico estará intimamente ligada à evolução do Espírito, que, quanto mais moralmente evoluído, melhor instrumento de manifestação consegue para si.

E, em se comparando os corpos físicos que temos hoje com o dos seres humanos primitivos – os habitantes das cavernas –, nota-se que houve um inegável progresso.

Vamos novamente desenhar a nossa evolução ([182]):

Destacamos o seu início que é um questionamento quanto ao que entendemos como beleza, uma vez que o que é belo para uma pessoa pode não ser para outra, porquanto trata-se de um critério subjetivo.

Questiona Allan Kardec: “*Somos, realmente, mais belos do que os hotentotes e os cafres? Por quê?*” Colocando em xeque a forma que classificamos o belo.

Quando afastamos da “letra que mata”,

inevitavelmente cairemos numa interpretação equivocada. Ao dizer "*o negro pode ser belo para o negro, como um gato é belo para um gato*" o Codificador está apenas dizendo que nossa tendência e achar apenas belas as pessoas de nosso grupamento social, nada além disso. Poderia ter dito "o japonês pode ser belo para o japonês" e aí mudar a comparação para mil e uma situações em que se ver os humanos.

Não podemos relegar vários trechos do artigo para sustentar ilações como, por exemplo, este: "*A perfeição da forma é, assim, a consequência da perfeição do Espírito: de onde se pode concluir que o ideal da forma deve ser aquela que reveste os Espíritos no estado de pureza.*" Chamamos a atenção, caro leitor, para a expressão "*perfeição do Espírito*" que abrange todos os seres humano, independentemente de raça, cor, sexo, nacionalidade, posição social, etc.

Como se vê, nada há aqui no artigo que se possa relacionar a uma discriminação, pois se trata apenas da questão do aprimoramento físico, visível para todos nós, desde que tiremos as viseiras e

olhemos para o passado. Consequentemente, com base na lei natural que rege esse tipo de progresso, no futuro os nossos atuais corpos, com certeza, também serão tomados à conta de corpos de homens primitivos, como hoje dizemos em relação aos nossos antepassados.

Há um trecho do livro ***Renovando Atitudes***, que vale lembrar:

> **Nossa concepção de beleza é ajustada às condições de evolução do planeta.** O que vemos e sentimos está sintonizado com nosso modelo de "belo interior" e, por conseguinte, vislumbramos fora o que somos por dentro. ([183])

Somente o penúltimo parágrafo é que parece algo suspeito quando se afirma que o negro "*tem traços grosseiros, seus lábios espessos acusam a materialidade dos instintos*". Estaria aí algo que se poderá levar à conta de racismo? Ou estava Alan Kardec preso ao conceito científico de época? Obviamente que, ao afirmar depois que "*Eis porque podemos, **sem fatuidade**, eu creio, nos dizer mais belos do que os negros e os Hotentotes*", para nós, o

fato dele ter dito "*sem fatuidade*", ou seja, sem presunção ou vaidade, é uma prova cabal de que não se colocava como superior a ninguém.

Além disso, ao completar que "*talvez também seremos, para as gerações futuras, o que os Hotentotes são em relação a nós*", deixava claro que as diferentes posições do momento era algo totalmente transitório, portanto, sem qualquer conteúdo discriminatório ou racista; somente registrando momentos históricos do ser humano.

Vejamos no portal ***Centro Virtual de Divulgação e Estudo do Espiritismo***, a resposta dada a um internauta sobre sua dúvida com relação a esse texto:

> "No livro *Obras Póstumas* no cap. **Teoria da Beleza**, Kardec faz comentários sobre a raça negra, levando algumas pessoas a considerarem a possibilidade de Allan Kardec ser racista. Gostaria de saber a opinião dos amigos sobre este polêmico tema".
>
> Para analisar essa passagem em que Kardec faz referência à raça negra, contido no Capítulo referente à Teoria da Beleza, do

livro “Obras Póstumas”, é necessário considerar o contexto em que o Codificador fez aquele comentário. Trata-se de texto escrito em meados do século XIX, na Europa, mais precisamente na França, onde vivia Kardec. Pela realidade da época, a raça negra somente era conhecida naquele Continente pelos escravos trazidos da África. Não havia os meios de comunicação que hoje existe e que permitem um maior intercâmbio entre os povos, possibilitando-se conhecer uns aos outros. Segundo a teoria da beleza, descrita por Kardec naquela obra, à medida que o espírito vai se depurando, através de sua evolução, seu perispírito vai se tornando mais sutil, menos grosseiro, passando a plasmar, em consequência, corpos físicos de feições mais finas, mais delicadas, menos densos. Sustenta o Codificador que a perfeição da forma física é resultado da perfeição do espírito. Conclui que a forma dos corpos humanos se modificou à medida que o ser moral se desenvolveu; que a forma exterior mantém relação com o ser interior A raça negra, citada como exemplo, àquela época, no continente europeu, era considerada inferior, pois dela somente se conheciam os escravos, que eram seres brutalizados e incultos, em razão do tratamento covarde e violento que recebiam, sem nenhum direito. Pode-se fazer um paralelo com o que acontece em relação aos indígenas nos dias de hoje. São seres incultos, próximos do

primitivismo, em que o instinto ainda prevalece sobre a razão. Foi o que Kardec quis dizer, que a forma negra retratava a materialidade dos instintos. Da mesma forma que sabemos que um espírito que já tenha alcançado um grau de evolução razoável não reencarna como indígena, salvo em missão, naquela época, seria inconcebível aceitar-se que um espírito evoluído, com seu perispírito menos grosseiro, reencarnasse na raça negra, que podia se comparar aos indígenas de hoje. Hoje, podemos afirmar, com toda convicção, que Kardec não pensaria daquela forma. A escravidão do negro já foi banida da Terra há mais de cem anos e a raça evoluiu, não havendo mais distinção para com as outras raças. O Codificador, pela obra que nos legou, deixou patente que é um espírito superior, que já atingiu um nível evolutivo que nos autoriza afirmar que jamais admitiria o racismo. De toda sorte, não consideramos essa teoria um ponto doutrinário. Trata-se de uma reflexão de Kardec que, sequer, chegou a publicá-la. Veio à tona após sua desencarnação, quando alguns escritos deixados foram compilados no livro “Obras Póstumas”, o que nos leva a concluir que aquele pensamento ainda não estava inteiramente consolidado. ([184])

Assim, fica claro que se não contextualizarmos

esse texto, fatalmente estaremos nos comprometendo em sua análise, consequentemente cometeremos uma injustiça atribuindo a Allan Kardec algo que, realmente, ele nunca foi.

Na ***Revista Espírita* 1859**, mês de abril, há registro de uma comunicação do espírito Benvenuto Cellini, dada em 11.03.1859, na sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, da qual transcrevemos o trecho onde consta uma das perguntas a ele dirigida e a sua respectiva resposta:

> 28 – A beleza não é relativa e de convenção? O Europeu se crê mais belo que o negro, e o negro mais belo que o branco. Se há uma beleza absoluta, qual lhe é o tipo? Poderíeis dar-nos a vossa opinião a esse respeito? – R. De bom grado. Não tencionei fazer alusão a uma beleza de convenção: muito ao contrário; **o belo está por toda parte, é o reflexo do Espírito sobre o corpo, e não somente a forma corporal.** Como vo-lo disse, **um negro pode ser belo, de uma beleza que será apreciada somente por seus semelhantes**. Do mesmo modo, nossa beleza terrestre é disformidade para o Céu, **como para vós, Brancos, o belo negro vos parece quase disforme**. A beleza,

> para o artista, é a vida, o sentimento que sabe dar à sua obra; com isso dará beleza às coisas mais vulgares. ([185])

Percebe-se que a beleza é algo bem relativo, é apenas uma convenção. É muito comum acharmos feias as pessoas as quais não estamos acostumadas com o genótipo, por exemplo, um brasileiro achar o japonês fora dos seus padrões de beleza, e isso pouco importa, pois ele o será para os de seu país. Até mesmo entre pessoas de um país vemos isso acontecer, os habitantes do sul do Brasil em relação aos do norte. Entretanto, nada disso significa algum tipo de discriminação, embora possa alguns mais exaltados levar também para este lado, porém, tratamos de regra geral e não de casos particulares.

No artigo “Caráter e consequências religiosas das manifestações dos espíritos”, tópico “Manifestações visuais”, publicado em ***Obras Póstumas***, Allan Kardec, a certa altura, explica:

> Frequentemente, **os Espíritos se apresentam com os atributos característicos de sua elevação**, como uma auréola, asas para aqueles que se

> podem considerar como anjos, um aspecto luminoso resplandecente, ao passo que outros têm aqueles que lembram as suas ocupações terrestres; assim, um guerreiro poder· aparecer com a sua armadura, um sábio com os livros, um assassino com um punhal, etc. **Os Espíritos superiores têm um rosto belo, nobre e sereno; os mais inferiores têm alguma coisa de feroz e de bestial, e alguns trazem ainda as marcas de crimes que cometeram, ou suplícios que suportaram**; para eles, essa aparência é uma realidade; quer dizer que se creem ser tal como parecem; é para eles um castigo. ([186])

Assim, quanto mais elevado é o espírito mais bela é a sua feição, refletindo o seu corpo perispiritual a sua elevação moral. Estamos, de certa forma, acostumados com isso quando dizemos dos anjos de luz, que são exatamente, esses espíritos superiores.

Os demônios, espíritos inferiores, são geralmente pintados com traços grotescos, o que nos diz que, intuitivamente, o ser humano sempre reconheceu essa realidade.

Em ***Obras Póstumas*** vimos duas mensagens

que falam da beleza, vejamo-las:

PARIS, 4 DE FEVEREIRO DE 1869.

(MÉD. SENHORA MALET.)

Pensastes bem, a fonte primeira de toda bondade e de toda inteligência é também a fonte de toda beleza. O amor engendra a perfeição de todas as coisas, e ele mesmo é a perfeição. O Espírito é chamado a adquirir essa perfeição, essa essência é o seu destino. Deve, pelo seu trabalho, se aproximar dessa inteligência soberana e dessa bondade infinita; deve, pois, revestir, cada vez mais, a forma perfeita que caracteriza os seres perfeitos.

Se, nas vossas sociedades infelizes, sobre os vossos globos ainda mal equilibrados, **a espécie humana está longe dessa beleza física**, isso decorre de que a beleza moral está mal desenvolvida ainda. **A conexão entre essas duas belezas é um fato certo, lógico, e do qual a alma, desde este mundo, tem a intuição**. Com efeito, sabeis todos o quanto é penoso o aspecto de uma encantadora fisionomia desmentida pelo caráter. Se ouvis falar de uma pessoa de mérito reconhecido, a revestis em seguida com os traços mais simpáticos, e ficais dolorosamente impressionado em vista de uma fisionomia que contradiga as vossas previsões.

Que concluir disso? senão que, como todas as coisas que o futuro mantém em reserva, **a alma tem a presciência da beleza à medida que a Humanidade progride e se aproxima de seu tipo divino**. Nunca tireis argumentos contrários a esta afirmação da decadência aparente em que se encontra a raça mais avançada deste globo. Sim, é verdade, a espécie parece degenerar, abastardar-se; as enfermidades se abatem sobre vós antes da velhice; a própria infância sofre de doenças que não pertencem habitualmente senão a uma outra idade da vida; mas **é uma transição. Vossa época é má; ela acaba e cria; acaba um período doloroso e cria uma época de regeneração física,** de adiantamento moral, de progresso intelectual. **A raça nova**, da qual já falei, terá mais faculdades, mais cordas ao serviço do espírito; será maior, mais forte, **mais bela**. Desde o começo, pôr-se-á em harmonia com as riquezas da criação que a vossa raça, indiferente e fatigada, desdenha ou ignora; tereis feito grandes coisas por ela, e disso se aproveitará e caminhará no caminho das descobertas e dos aperfeiçoamentos, com um ardor febril do qual não conheceis a força.

Mais avançados também em bondade, os vossos descendentes farão o que não soubestes fazer desta Terra infeliz, um mundo feliz, onde o pobre não será nem

repelido, nem desprezado, mas socorrido por instituições generosas e liberais. A aurora desses pensamentos já chega; seu clarão nos chega por momentos. Amigos, eis o dia, enfim, em que **a luz brilhará sobre a Terra obscura e miserável, onde a raça será boa e bela segundo o grau de adiantamento que houver conquistado**, onde o sinal colocado no rosto do homem não será mais o da reprovação, mas um sinal de alegria e de esperança. Então, a multidão dos Espíritos avançados virá formar entre os colonos desta Terra; estarão em maioria e tudo será concedido diante deles. A renovação se fará e a face do globo será mudada, porque essa raça será grande e poderosa, e o momento em que ela vier marcará o começo dos tempos felizes.

PAMPHILE. ([187])

(Paris, 4 de fevereiro de 1869.)

A beleza, do ponto de vista puramente humano, é uma questão muito discutível e muito discutida. Para bem julgá-la, é necessário estudá-la com curioso interesse, aquele que está sob o encantamento não poderia ter voz no capítulo. **O gosto de cada um entra também em linha de conta nas apreciações que são feitas**.

Não há de belo, de realmente belo, senão o que o é para todos: e essa

beleza é eterna, infinita, é a manifestação divina sob os seus aspectos incessantemente variados, é Deus em suas obras, em suas leis! Eis a única beleza absoluta. Ela é a harmonia das harmonias, e tem direito ao título de absoluta, porque não se pode conceber nada de mais belo.

Quanto ao que se convencionou chamar belo, e que é verdadeiramente digno desse título, **não é necessário considerá-lo senão como uma coisa essencialmente relativa**, porque se pode sempre conceber alguma coisa de mais bela, de mais perfeita. **Não há senão uma única beleza, senão uma única perfeição, que é Deus**. Fora dele, tudo o que decoramos com esses atributos, não são senão pálidos reflexos da beleza única, um aspecto harmonioso das mil e uma harmonias da criação.

Há tanto de harmonias quanto de objetos criados, consequentemente, tantas belezas típicas determinando o ponto culminante de perfeição que pode alcançar uma das subdivisões do elemento animado. A pedra é bela e diversamente bela. Cada espécie mineral tem as suas harmonias, e o elemento que reúne todas as harmonias da espécie possui a maior soma de beleza à qual a espécie pode atingir.

A flor tem as suas harmonias; ela

também pode possuí-las todas ou isoladamente, e ser diferentemente bela, mas não será bela senão quando as harmonias que concorrem para a sua criação estiverem harmonicamente fundidas. Dois tipos de beleza podem produzir, pela sua fusão, um ser híbrido, informe, repugnante de aspecto. Há então cacofonia! Todas as vibrações eram harmônicas isoladamente, mas a diferença de sua tonalidade produziu um desacordo no encontro das ondas vibrantes; daí o monstro!

Descendo na escala criada, cada tipo animal dá lugar às mesmas observações, e a ferocidade, a astúcia, a inveja mesmo, poderão dar nascimento a belezas especiais, se o princípio que determina a forma está sem cruzamento. A harmonia, mesmo no mal, produz o belo. Há o belo satânico e o belo angélico; a beleza enérgica e a beleza resignada. Cada sentimento, cada reunião de sentimentos, desde que a reunião seja harmônica, produz um tipo de beleza particular, da qual todos os aspectos humanos são, não degenerescências, mas esboços. **Também é verdadeiro dizer, não que se é mais belo, mas que mais se aproxima da beleza real à medida que se eleva para a perfeição**.

Todos os tipos se unem harmonicamente no perfeito. **Eis porque há o belo absoluto. Nós que progredimos, não**

> **possuímos senão uma beleza relativa**, fraca e combatida pelos elementos desarmônicos de nossa natureza.
>
> LAVATER. ([188])

Essas duas comunicações reforçam os nossos dois últimos comentários, colocando a questão sob um ângulo diferente do que querem os nossos detratores, obviamente, querendo, como se diz popularmente, “procurar chifres em cabeça de cavalo”.

Um artista no início de sua carreira pinta grosseiramente; com o tempo, ao desenvolver sua habilidade nessa arte, conseguirá pintar divinamente; semelhantemente, é o que acontece com o espírito; a técnica de pintura é o espírito e a tela pintada é o corpo. Isso, numa comparação simples, para podermos separar um do outro.

Seguindo, vejamos outro artigo.

b) O negro Pai César

> (Publicado na ***Revista Espírita 1859***):
>
> **Pai César, homem livre de cor**, morto

em 8 de fevereiro de 1859, com a idade de 138 anos, perto de Covington, nos Estados Unidos. Era nascido na África e foi conduzido à Lousiana com a idade de cerca de 15 anos. Os restos mortais desse patriarca da raça negra foram acompanhados, ao campo de repouso, por um certo número de habitantes de Covington, e uma multidão de pessoas de cor.

Sociedade, 25 de março de 1859.

1. (A São Luís) Poderíeis nos dizer se podemos chamar o Pai César, de quem acabamos de falar? – R. Sim, eu o ajudarei a vos responder.

Nota. Esse início faz pressagiar o estado do Espírito que se desejava interrogar.

2. Evocação. – R. Que quereis de mim, e o que pode um pobre Espírito como eu em uma reunião como a vossa?

3. Sois mais feliz agora do que quando vivo? – R. Sim, porque minha condição não era boa na Terra.

4. Entretanto, éreis livre; em que sois mais feliz agora? – R. Porque **meu Espírito não é mais negro.**

Nota. Essa resposta é mais sensata do que parece à primeira vista. **Seguramente, o Espírito jamais é negro; ele quis dizer que, como Espírito, não tem mais as humilhações das quais é alvo a raça negra.**

5. Vivestes muito tempo; isso aproveitou para o vosso adiantamento? – R. Eu me desgostei na Terra, e não sofri bastante, em uma certa idade, para ter a felicidade de avançar.

6. Em que empregais vosso tempo agora? – R. Procuro esclarecer-me e em que corpo poderei fazê-lo.

7. Que pensáveis dos Brancos, quando vivo? – R. Eram bons, mas orgulhosos de uma brancura da qual não eram a causa.

8. Consideráveis a brancura como uma superioridade? – R. Sim, uma vez que eu era desprezado como negro.

9. (*A São Luís*). **A raça negra é verdadeiramente uma raça inferior? – R. A raça negra desaparecerá da Terra. Ela foi feita para uma latitude diferente da vossa.**

10. (A Pai César). Dissestes que procuráveis o corpo pelo qual poderíeis avançar; escolhereis um corpo branco ou um corpo negro? – R. Um branco, porque o desprezo me faria mal.

11. Vivestes realmente a idade que se vos atribui: 138 anos? – R. Não contei bem, pela razão que dissestes.

Nota. Vem-se de fazer a observação de que os negros, não tendo estado civil, sua idade não é julgada senão aproximadamente, sobretudo quando

nasceram na África.

12. (*A São Luís*). **Os Brancos se reencarnam, algumas vezes, em corpos negros? – R. Sim, quando, por exemplo, um senhor maltratou um escravo, ele pode pedir para si, por expiação, viver num corpo de negro para sofrer, a seu turno, todos os sofrimentos que fez sentir e, por esse meio, avançar e alcançar o perdão de Deus.** ([189])

O fato de Allan Kardec ter evocado Pai César, um homem negro, já demonstra que não havia exclusão ou preconceito em sua abordagem. Isso por si só é um indício de que não se pode acusá-lo de racismo.

A resposta do Espírito reflete o contexto social e científico do Século XIX, quando se acreditava que as raças eram adaptações geográficas e poderiam desaparecer.

Do ponto de vista espírita, o Codificador ressalta que o Espírito não tem cor e que a reencarnação é universal, reforçando a igualdade essencial entre todos.

Assim, mesmo que algumas expressões

reflitam os preconceitos da época – transportá-los para os dias atuais seria um anacronismo –, o ensinamento espírita permanece claro: o Espírito é independente da cor da pele e todos estão sujeitos às mesmas leis de progresso e reencarnação.

c) A frenologia e a fisiognomonia

Antes de adentrar no texto em questão, veremos primeiro o que é frenologia, transcrevendo o artigo ***Espiritismo e frenologia*** ([190]), autoria de Bernardino da Silva Moreira, no qual lemos:

> **Espiritismo e frenologia**
>
> A frenologia (do gr. Phren, phrenos, espírito + logos, tratado) é a "disciplina fundada por F. J. Gall, que liga cada função mental a uma zona do cérebro, sustentando que a própria forma do crânio indica o estado das diferentes faculdades mentais". ([191])
>
> Foi no séc. XVIII que o médico vienense Franz Joseph Gall (1758-1828) analisando as saliências do crânio de pessoas mortas, criou a frenologia, mapeando o crânio em 27 regiões, que seria complementada mais tarde pelo seu principal discípulo e seguidor Johann Spurzheim (1776-1832) com mais 10 regiões. A importância de Spurzheim foi

muito grande, pois, além de ajudar a ampliar o modelo frenológico, foi ele o responsável pela disseminação da frenologia na Europa e EUA.

Foi na obra “A anatomia e Fisiologia do Sistema Nervoso em Geral e do Cérebro em Particular”, que Gall colocou os princípios no qual ele baseava a sua doutrina de frenologia. Entre os princípios estava o de que as faculdades morais e intelectuais do homem e que sua manifestação depende da organização do cérebro. Daí concluía que o cérebro era o responsável por todas as propensões, sentimentos e faculdades. Foi além ao dizer que o cérebro é composto de muitos sub-órgãos particulares, cada um deles relacionado ou responsável por uma determinada faculdade mental, e acreditava que os ditos sub-órgãos se desenvolviam conforme o desenvolvimento das faculdades mentais.

Quanto aos sub-órgãos, Kardec em *O Livro dos Espíritos*, na questão 370, comenta:

> “Encarnando, traz o Espírito certas predisposições e, se se admitir que a cada uma corresponda no cérebro um órgão, o desenvolvimento desses órgãos será efeito e não causa. Se nos órgãos estivesse o princípio das faculdades, o homem seria máquina sem livre-arbítrio e sem a responsabilidade de seus atos. Forçoso então fora admitir-se que os maiores

gênios, os sábios, os poetas, os artistas, só o são porque o acaso lhes deu órgãos especiais, donde se seguiria que, sem esses órgãos, não teriam sido gênios e que, assim, o maior dos imbecis houvera podido ser um Newton, um Vergílio, ou um Rafael, desde que de certos órgãos se achassem providos. Ainda mais absurda se mostra semelhante hipótese, se a aplicarmos às qualidades morais. Efetivamente, segundo esse sistema, um Vicente de Paulo, se a Natureza o dotara de tal ou tal órgão, teria podido ser um celerado e o maior dos celerados não precisaria senão de um certo órgão para ser um Vicente de Paulo. Admita-se, ao contrário, que os órgãos especiais, dado existam, são consequentes, que se desenvolvem por efeito do exercício da faculdade, como os músculos por efeito do movimento, e a nenhuma conclusão irracional se chegará. Sirvamo-nos de uma comparação, trivial à força de ser verdadeira. Por alguns sinais fisionômicos se reconhece que um homem tem o vício da embriaguez. Serão esses sinais que fazem dele um ébrio, ou será a ebriedade que nele imprime aqueles sinais? Pode dizer-se que os órgãos recebem o cunho das faculdades.” ([192])

Eis aí o bom-senso encarnado com a lógica irretorquível da Doutrina Espírita!

Finalmente, concluiu Gall, que a forma externa do crânio é um reflexo da forma interna do cérebro, daí sugeriu que o

desenvolvimento relativo de seus órgãos causa mudanças na forma do crânio, com isso seria possível diagnosticar as faculdades mentais de cada indivíduo, com uma análise adequada.

O ataque da ciência oficial foi desferido inicialmente pelo Instituto da França, em 1808, quando foi reunido um comitê de sábios liderados pelo naturalista francês Georges Cuvier (1769-1832), que declarou que a frenologia não era confiável. Alguns historiadores suspeitam que a conclusão foi forçada por Napoleão Bonaparte (1769-1821) que ficou furioso com a interpretação de Gall sobre seu crânio, o imperador achou que foram esquecidas algumas qualidades nobres que ele pensava que tinha. A frenologia foi comparada a outras formas de charlatanismo.

No período de 1820 e 1842, os “consultórios frenológicos” germinaram na Europa e EUA, a frenologia era usada para tudo, por exemplo: contratação de empregados, escolha de parceiro para casamento e também para diagnosticar doença mental ou a origem de problemas psicológicos.

Até mesmo Herbert Spencer (1820-1903) que foi um dos pais da psicologia americana, era adepto da frenologia e inventou um aparelho batizado de cefalômetro para que as medidas do crânio

fossem mais precisas.

Também foi criada uma máquina frenológica “onde o paciente sentava-se em uma cadeira e um capacete de metal era baixado sobre o topo de sua cabeça. Dentro do capacete, haviam vários sensores conectados a pequenos circuitos, os quais sentiam as saliências do crânio e as mediam. A informação liberada pelos circuitos era então traduzida em comandos para um registro impresso sobre a personalidade do paciente.” ([193])

Em julho de 1860, através da *Revista Espírita*, Kardec resolveu também dar sua opinião e focalizar o assunto dentro da ótica espírita:

> “Não vamos aqui discutir o mérito desta ciência, nem examinar se é verdadeira ou exagerada em todas as suas consequências. Mas ela foi, alternadamente, defendida e criticada por homens de alto valor científico. Se certos detalhes ainda são hipotéticos, nem por isso deixa de repousar sobre um princípio incontestável, o das funções gerais do cérebro, e sobre as relações existentes entre o desenvolvimento ou a atrofia desse órgão e as manifestações intelectuais. O nosso propósito é o estudo das suas consequências psicológicas.
>
> Das relações existentes entre o desenvolvimento do cérebro e a manifestação de certas faculdades,

concluíram alguns cientistas que os órgãos do cérebro são a própria fonte das faculdades, doutrina que não passa de materialismo, porque tende para a negação do princípio inteligente estranho à matéria. Consequentemente, faz do homem uma máquina sem livre arbítrio e sem responsabilidade por seus atos, pois sempre poderia atribuir os seus erros à sua organização e seria injustiça puni-lo por faltas que não teriam dependido dele. **Ficamos, com razão, abalados pelas consequências de semelhante teoria**." ([194])

Em 15 de janeiro de 1861, Kardec publica *O Livro dos Médiuns* e mais uma vez cita a frenologia:

"É corrente ser a memória o resultado das impressões que o cérebro conserva. Mas, por que singular fenômeno essas impressões, tão variadas, tão múltiplas, não se confundem? Mistério impenetrável, porém, não mais estranhável do que o das ondulações sonoras que se cruzam no ar e que, no entanto, se conservam distintas. Num cérebro são e bem organizado, essas impressões se revelam nítidas e precisas; num estado menos favorável, elas se apagam e confundem; daí a perda da memória, ou a confusão das ideias. Ainda menos extraordinário parecerá isto, se se admitir, como se admite, em frenologia, uma destinação especial a cada parte e, até, a cada fibra do cérebro." ([195])

Também em 1861, o cirurgião e antropólogo francês Pierre Paul Broca (1824-1880) estudou o cérebro de um de seus pacientes com afasia (“perda da capacidade de falar, por lesão cortical”) e descobriu, após a morte do paciente, uma zona relacionada à linguagem na terceira circunvolução cerebral esquerda, hoje conhecida como área de Broca. O que ficou evidente é que a área atingida no cérebro do paciente de Broca, era completamente diferente da área prevista pela frenologia, com isso, a frenologia foi para o limbo, graças a pá de cal jogada por Broca.

No final do século XIX, o conceito de localização cerebral foi firmemente estabelecido nas neurociências. E apesar da grande revolução na captação de imagens do cérebro no século XX, só nos últimos 20 anos os cientistas puderam ver finalmente quais áreas do cérebro estão em ação quando lemos, falamos ou estamos assustados. A técnica de Tomografia por Emissão de Pósitrons mede a quantidade de energia que cada área consome em uma dessas atividades. O resultado foi o que muitos já desconfiavam: uma única tarefa requer o casamento de várias regiões, mostrando como um dano localizado pode repercutir em outra área aparentemente sem ligação com a região atingida.

Gall acertou quando propôs que o cérebro era o órgão da mente e sobre a localização

da função no cérebro, mas, errou redondamente quando disse que os sub-órgãos do cérebro cresciam de acordo com o desenvolvimento da faculdade mental correspondente e também quando disse que as formas e dimensões externas do crânio refletem a forma interna do cérebro e que o desenvolvimento relativo de seus órgãos causa mudanças no crânio.

O maior erro da frenologia foi confundir o efeito com a causa. Entre as 37 áreas do mapeamento frenológico, havia uma responsável pela “propensão de roubar”, isto é, se a saliência fosse grande nessa área... cuidado com a carteira! Um absurdo!

Para encerrar vamos repetir com Kardec:

> “Das relações existentes entre o desenvolvimento do cérebro e a manifestação de certas faculdades, concluíram alguns cientistas que os órgãos do cérebro são a própria fonte das faculdades, doutrina que não passa de materialismo, porque tende para a negação do princípio inteligente estranho à matéria.” ([196]) ([197])

Dadas essas explicações, que tornam desnecessários maiores comentários, vamos ao texto de Allan Kardec, publicado na ***Revista Espírita 1860***:

A frenologia é a ciência que trata das funções atribuídas a cada parte do cérebro. O doutor Gall, fundador desta ciência, pensou que, uma vez que o cérebro é o ponto onde chegam todas as sensações, e de onde partem todas as manifestações das faculdades intelectuais e morais, cada uma das faculdades primitivas deve ter aí seu órgão especial. Seu sistema consiste, pois, na localização das faculdades. O desenvolvimento de cada parte cerebral, compelindo ao desenvolvimento do envoltório ósseo, e aí produzindo protuberâncias, disso concluiu que, do exame dessas protuberâncias, poder-se-ia deduzir a predominância de tal ou tal faculdade, e daí o caráter ou as aptidões do indivíduo; daí, também, o nome de *cranioscopia* dado a esta ciência, com a diferença de que a *frenologia* tem por objeto tudo o que concerne às atribuições do cérebro, ao passo que a *cranioscopia* se limita às induções tiradas da inspeção do crânio; em uma palavra, Gall fez, a respeito do crânio e do cérebro, o que Lavater fez para os traços da fisionomia.

Não temos a discutir aqui o mérito dessa ciência, nem examinar se ela é verdadeira ou exagerada em todas as suas consequências; ela é, porém, alternativamente defendida e criticada por homens de um alto valor científico; se certos detalhes são ainda hipotéticos, ela não

repousa menos sobre um princípio incontestável, o das funções gerais do cérebro, e sobre as relações existentes entre o desenvolvimento e a atrofia desse órgão e as manifestações intelectuais. **O que é de nossa alçada, é o estudo de suas consequências psicológicas**.

Das relações que existem entre o desenvolvimento do cérebro e a manifestação de certas faculdades, alguns sábios concluíram que os órgãos cerebrais são a própria fonte das faculdades, **doutrina que não é outra senão a do materialismo, porque tende à negação do princípio inteligente estranho à matéria;** faz do homem, por consequência, uma máquina sem livre arbítrio e sem responsabilidade de seus atos, uma vez que poderia sempre atirar as suas faltas sobre a sua organização, e que haveria injustiça em punir faltas que não dependeu dele cometer. **Pode-se abalar com as consequências de semelhante teoria, e ter-se-ia razão**; seria necessário, por isso, proscrever a frenologia? Não, mas examinar o que ela poderia ter de verdadeiro ou de falso nessa maneira de encarar a coisa; ora, esse exame prova que as atribuições do cérebro em geral, e mesmo a localização das faculdades, podem perfeitamente se conciliar com o *Espiritualismo*, o mais severo, que nela encontra mesmo a explicação de certos fatos. **Admitamos por**

um instante, a título de hipótese querendo-se, a existência de um órgão especial para o instinto musical; suponhamos, por outro lado, como nos ensina a Doutrina *Espírita*, que um Espírito, cuja existência é bem anterior ao seu corpo, e chega com a faculdade musical muito desenvolvida, essa faculdade se exercerá naturalmente, sobre o órgão correspondente, e impelirá para o seu desenvolvimento como o exercício de um membro aumenta o volume dos músculos. Na infância, o sistema ósseo oferecendo pouca resistência, o crânio sofre a influência do movimento expansivo da massa cerebral; assim, o desenvolvimento do crânio é produzido pelo desenvolvimento do cérebro, como o desenvolvimento do cérebro é produzido pelo da faculdade; a faculdade é a causa primeira; o estado do cérebro é um efeito consecutivo; sem a faculdade, o órgão não existiria, ou não seria senão rudimentar. Encarada sob este ponto, a frenologia não tem, como se vê, nada de contrário à moral, porque deixa ao homem toda a sua responsabilidade, e nós acrescentamos que **essa teoria, ao mesmo tempo, está conforme a lógica e a observação dos fatos**.

Objetam com os casos bem conhecidos em que a influência do organismo sobre a manifestação das faculdades é incontestável, como os da loucura e da

idiotia, mas a questão é fácil de resolver. Veem-se, todos os dias, homens inteligentes tornarem-se loucos; o que isso prova? Um homem muito forte pode quebrar a perna, e então ele não pode mais andar; ora, a vontade de andar não está na perna, mas em seu cérebro; somente essa vontade está paralisada pela impossibilidade que tem de movimentar a perna. No louco, o órgão que servia às manifestações do pensamento estando desequilibrado, por uma causa física qualquer, o pensamento não pode mais se manifestar de um modo regular; ele erra a torto e a direito fazendo o que chamamos de extravagâncias; mas a sua integridade não é menor, e a prova aí está, é que se o órgão pode ser restabelecido, o pensamento retorna, como o movimento da perna que está melhorada. O pensamento não existe, pois, mais no cérebro que na caixa óssea do crânio; o cérebro é o instrumento do pensamento como o olho é o instrumento da visão, e o crânio é a superfície sólida que se molda sobre os movimentos do instrumento; se o instrumento está deteriorado, a manifestação não mais ocorre, absolutamente como, quando se perdeu um olho, não se pode mais ver.

Mas ocorre, algumas vezes, que a parada da livre manifestação do pensamento não é devida a uma causa acidental, como na loucura; a constituição primitiva dos órgãos

pode oferecer, ao Espírito, desde o nascimento, um obstáculo do qual toda a sua atividade não pode triunfar; é o que ocorre quando os órgãos estão atrofiados, ou apresentam uma resistência insuperável; tal é o caso do idiota. O Espírito está como aprisionado, e sofre desse constrangimento, mas não pensa menos como Espírito, tanto quanto o prisioneiro sob os ferrolhos. O estudo das manifestações do Espírito de pessoas vivas, pela evocação, lança uma grande luz sobre os fenômenos psicológicos; isolando-se o Espírito da matéria, prova-se, pelos fatos, que os órgãos não são a causa das faculdades, mas simples instrumentos com a ajuda dos quais as faculdades se manifestam, com mais ou menos de liberdade e de precisão; que, frequentemente, são como os abafadores que amortecem as manifestações, o que explica a maior liberdade do Espírito, uma vez desligado da matéria.

Na ideia materialista, o que é **um idiota**? Nada; apenas um ser humano; **segundo a Doutrina Espírita, é um ser dotado de razão como todo o mundo, mas enfermo de nascença pelo cérebro**, como outros o são por outros membros. Esta doutrina, em reabilitando-o, não é mais moral, mais humana, que aquela que dele faz um ser de refugo? Não é mais consolador, para um pai, que tem a infelicidade de ver uma tal criança, pensar

que esse envoltório imperfeito encerra uma alma pensante?

Àqueles que, sem serem materialistas, não admitem a pluralidade das existências, perguntamos o que é a alma do idiota? Se a alma é formada ao mesmo tempo que o corpo, por que Deus cria seres assim desfavorecidos? Qual será a sua sorte futura? Admiti, ao contrário, uma sucessão de existências, e tudo se explica segundo a justiça, o idiotismo pode ser uma punição ou uma prova, e, em todos os casos, não é senão um incidente na vida do Espírito; isso não é maior, mais digno da justiça de Deus, que supor que Deus criou um ser abortado para a eternidade?

Lancemos, agora, um golpe de vista sobre a **fisiognomonia**. Esta ciência está fundada sobre o princípio incontestável de que é o pensamento que põe em jogo os órgãos, que imprime aos músculos certos movimentos; de onde se segue que, estudando-se as relações dos movimentos aparentes com o pensamento, desses movimentos que se veem pode-se deduzir o pensamento que não se vê; assim é que não se enganará quanto à intenção daquele que faz um gesto ameaçador ou amigável; que se reconhecerá pelo modo de andar o homem apressado daquele que não o é. De todos os músculos, os mais móveis são os da face; frequentemente, ali se refletem, até as nuanças, os mais delicados pensamentos;

por isso se disse, com razão, que o rosto é o espelho da alma. Pela frequência de certas sensações, os músculos contraem o hábito dos movimentos correspondentes, e acabam por formar-lhe a ruga; a forma exterior se modifica, assim, pelas impressões da alma, de onde se segue que, dessa forma, algumas vezes, pode-se deduzir essas impressões, como do gesto se pode deduzir o pensamento. Tal é o princípio geral da arte ou, querendo-se, da ciência fisiognomônica; **esse princípio é verdadeiro; não só porque se apoia sobre uma base racional, mas está confirmado pela observação,** e Lavater tem a glória, senão de tê-lo descoberto, ao menos de tê-lo desenvolvido e formulado em corpo de doutrina. Infelizmente, **Lavater caiu num defeito comum à maioria dos autores de sistemas, e é que, de um princípio verdadeiro em certos aspectos, concluem numa aplicação universal, e, no seu entusiasmo por descobrir uma verdade, veem-na por toda a parte: aí está o exagero e, frequentemente, o ridículo**. Não temos que examinar aqui o sistema de Lavater em seus detalhes; diremos somente que tanto é consequente remontar do físico ao moral por certos sinais exteriores, quanto é ilógico atribuir um sentido qualquer às formas ou sinais sobre os quais o pensamento não pode ter nenhuma ação. É a falsa aplicação de um princípio verdadeiro que o tem,

frequentemente, relegado à classe de crenças supersticiosas, e que faz confundir, na mesma reprovação, aqueles que veem justo e que aqueles que exageram.

Diremos, entretanto, para ser justo, que a falta, frequentemente, está menos no mestre que nos discípulos, que, em sua admiração fanática e irrefletida, algumas vezes, estendem as consequências de um princípio além dos limites do possível.

Se examinarmos agora essa ciência nas suas relações com o Espiritismo, teremos a combater várias induções errôneas que dela se poderiam tirar. Entre as relações fisiognomônicas, uma há, sobretudo, sobre a qual a imaginação frequentemente se exerce, que é a semelhança de certas pessoas com certos animais; tentemos, pois, procurar-lhe a causa.

A semelhança física resulta, entre parentes, da consanguinidade que transmite, de um a outro, as partículas orgânicas semelhantes, porque o corpo procede do corpo; mas não poderia vir ao pensamento de ninguém supor que aquele que se assemelha a um gato, por exemplo, tem sangue de gato nas veias; ela tem, pois, uma outra fonte. Primeiro, ela pode ser fortuita e sem significação alguma, e é o caso mais comum. Entretanto, além da semelhança física, nota-se, algumas vezes,

analogia de inclinações; isso poderia se explicar pela mesma causa que modifica os traços da fisionomia; se um Espírito, ainda atrasado, conserva alguns traços dos instintos do animal, seu caráter, como homem, carregará os seus traços, e as paixões que o agitam poderão dar, a esses traços, alguma coisa que lembre vagamente as do animal, do qual tem os instintos; mas esses traços se apagam à medida que o Espírito se depura e que o homem avança no caminho da perfeição.

Seria, pois, aqui, o Espírito que imprimiria a sua marca na fisionomia; mas da semelhança de instintos seria absurdo concluir que o homem que tem os do gato possa ser a encarnação do Espírito de um gato. **O Espiritismo, longe de ensinar uma semelhante teoria, dela sempre demonstrou o ridículo e a impossibilidade**. Nota-se, é verdade, uma gradação contínua na série animal; mas entre o animal e o homem há solução de continuidade; ora, admitindo-se mesmo, o que não é senão um sistema, que o Espírito tenha passado **por todos os graus da escala animal**, antes de chegar ao homem, haveria sempre, de um ao outro, uma interrupção que não existiria se o Espírito do animal pudesse se encarnar diretamente no corpo do homem. Se assim fora, entre os Espíritos errantes haveria Espíritos de animais, como há Espíritos humanos, o que

não tem lugar.

Sem entrar no exame aprofundado dessa questão, que discutiremos mais tarde, dizemos, segundo os Espíritos, que estão nisso de acordo com a observação dos fatos, que **nenhum homem é a encarnação do Espírito de um animal**. Os instintos animais do homem prendem-se à imperfeição de seu próprio Espírito ainda não depurado, e que, sob a influência da matéria, dá a preponderância às necessidades físicas sobre as necessidades morais e o senso moral, não ainda suficientemente desenvolvido. Sendo as mesmas as necessidades físicas no homem e no animal, disso resulta, necessariamente, que, até naquilo que o senso moral haja estabelecido um contrapeso, pode aí haver, entre eles, uma certa analogia de instintos; mas aí se detém a paridade; o senso moral, que não existe num, que germina primeiro e cresce sem cessar no outro, estabelece entre eles a verdadeira linha de demarcação.

Uma outra indução, não menos errada, é tirada do princípio da pluralidade das existências. De sua semelhança com certos personagens, há os que concluem poderem ter sido esses personagens; ora, pelo que precede, é fácil demonstrar-lhes que aí não está senão uma ideia quimérica. Como dissemos, as relações consanguíneas podem produzir uma semelhança de formas, mas

não está aqui o caso, e Esopo pôde, mais tarde, ser um homem muito bonito, e Sócrates um forte e belo jovem; assim, quando não há filiação corpórea, não se pode ver senão uma semelhança fortuita, porque não há nenhuma necessidade, para o Espírito, de habitar corpos semelhantes, e em se tomando um novo corpo não lhe traz nenhuma parcela do antigo. Entretanto, segundo o que dissemos acima, do caráter que as paixões podem imprimir aos traços, poder-se-ia pensar que, se um Espírito não progrediu sensivelmente, ele retorna com as mesmas inclinações, e poderá ter sobre o seu rosto idêntica expressão; isso é exato, mas seria no máximo um ar de família, e daí a uma semelhança real há muita distância. Esse caso, de resto, deve ser excepcional, porque é raro que o Espírito não venha, numa outra existência, com as disposições sensivelmente modificadas. **Assim, dos sinais fisionômicos não se pode tirar nenhum indício de existências precedentes; não se pode encontrá-los senão no caráter moral, nas ideias instintivas e intuitivas, nos pendores inatos**, naqueles que não são o fato da educação, assim como na natureza das expiações que se sofre; e ainda isso não poderia indicar senão o gênero de existência, o caráter que se deveria ter, tendo-se em conta o progresso e não a individualidade. (Ver *O Livro dos Espíritos*, números 216 e 217). ([198]) (itálico do original)

Nós colocamos esse texto, porquanto foi citado anteriormente e será mencionado no que se segue. Ambos os sistemas pecaram por não levar em conta o princípio espiritual, pois concentram no corpo físico as suas hipóteses.

Destacamos o trecho "*doutrina que não é outra senão a do materialismo, porque tende à negação do princípio inteligente estranho à matéria*". Assim, na percepção de Allan Kardec, não deixam de ser materialistas tais coisas, razão pela qual não se coadunam com a realidade, cuja base é o Espírito e não a matéria, daí afirmar "*Ficamos, com razão, abalados pelas consequências de semelhante teoria*" ([199]), concluindo "*O Espiritismo, longe de ensinar uma semelhante teoria, dela sempre demonstrou o ridículo e a impossibilidade*". Inclusive, em consonância com o princípio exposto por Jesus em João 6,63, fato que vem "tapar a boca" daqueles que dizem que Allan Kardec não era cristão.

Considerando que, ao final da transcrição, foram citadas duas questões de ***O Livro dos Espíritos***, por oportuno, transcrevemo-las:

216. *O homem conserva, em suas novas existências,* ***os traços do caráter moral*** *de suas vidas anteriores?*

"Sim, **isso pode acontecer**. Mas, melhorando-se, ele muda. Sua posição social pode, também, não ser a mesma. Se de senhor passa a escravo, **seus gostos serão muito diferentes e teríeis dificuldade em reconhecê-lo**. Sendo o Espírito sempre o mesmo nas diversas encarnações, **podem existir certas analogias entre as suas manifestações**, se bem que modificadas pelos hábitos de sua nova posição, **até que um aperfeiçoamento notável venha mudar completamente o seu caráter**, pois, de orgulhoso e mau, pode tornar-se humilde e humano, se se arrependeu."

217. *Nas suas diferentes encarnações, o homem conserva os traços do caráter físico das existências anteriores?*

"O corpo é destruído e o novo não tem nenhuma relação com o antigo. Entretanto, o Espírito se reflete no corpo. Certamente, o corpo é apenas matéria, mas, apesar disso, é modelado pelas capacidades do Espírito, que lhe imprime certo caráter, principalmente no rosto, e não é sem razão que se apontam os olhos como o espelho da alma, isto é, que o semblante reflete mais particularmente a alma. É por isso que uma

pessoa excessivamente feia, quando nela encarnou um Espírito bom, criterioso e humanitário, tem qualquer coisa que agrada, ao passo que há rostos belíssimos que nenhuma impressão te causam, podendo até mesmo inspirar-te repulsa. Poderias supor que somente corpos bem modelados servem de envoltório a Espíritos mais perfeitos, quando encontras todos os dias homens de bem sob um exterior disforme. Assim, mesmo sem haver pronunciada parecença, a semelhança dos gostos e das inclinações pode dar lugar ao que se chama 'um ar de família'."

Considerando-se que **o corpo que reveste a alma numa nova encarnação não guarda nenhuma relação essencial com aquele que ela deixou**, já que pode ter tido origem muito diversa, seria absurdo deduzir-se uma sucessão de existências tomando por base apenas uma semelhança eventual. Entretanto, **muitas vezes as qualidades do Espírito modificam os órgãos que servem às suas manifestações e lhe imprimem ao semblante** e até ao conjunto de suas maneiras uma marca especial. É assim que, sob o envoltório mais humilde, se pode encontrar a expressão da grandeza e da dignidade, enquanto sob a indumentária do grande senhor se veem algumas vezes a da baixeza e da ignomínia. **Algumas pessoas, oriundas da mais ínfima posição, adquirem sem esforços os hábitos e as**

> **maneiras da alta sociedade, parecendo que *reencontram* nesse meio o seu elemento, enquanto outras, apesar do nascimento e da educação, ali se mostram sempre deslocadas**. Como explicar esse fato de outra maneira, senão como reflexo daquilo que o Espírito foi antes? ([200]) (itálico do original)

A ideia central é que, à medida que evolui, o Espírito refletirá no corpo físico um semblante mais belo, tal como a imagem ([201]) representa a evolução do homem:

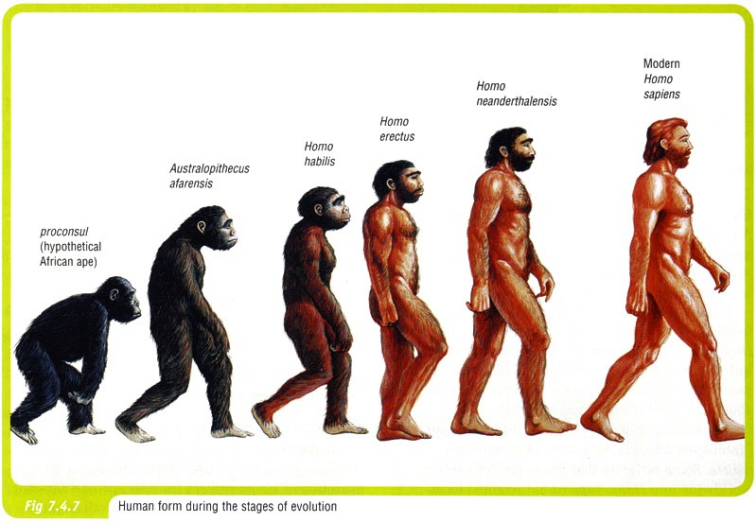


Fig 7.4.7 Human form during the stages of evolution

E, especificamente, quanto à fisiognomonia, afirmou "*Infelizmente, Lavater ([202]) caiu num defeito*

comum à maioria dos autores de sistemas [...]”, fechando a questão “*dos sinais fisiognômicos não se pode tirar nenhum indício de existências precedentes*”.

Contrapondo às duas referidas correntes da frenologia, a materialista e a espiritualista, Allan Kardec apresenta a frenologia espírita. Vejamos:

d) Frenologia espiritualista e Espírita – Perfectibilidade da raça do negro

(Publicado na ***Revista Espírita 1862***):

> **A raça negra é perfectível? Segundo algumas pessoas, essa questão está julgada e resolvida negativamente**. Se assim é, e se essa raça está votada por Deus a uma eterna inferioridade, a consequência é que é inútil se preocupar com ela, e que é preciso se limitar a fazer do negro uma espécie de animal doméstico adestrado para a cultura do açúcar e do algodão. No entanto, a Humanidade, tanto quanto o interesse social, requer um exame mais atento: é o que iremos tentar fazer; mas como uma conclusão dessa gravidade, num ou noutro sentido, não pode ser tomada levianamente e deve se apoiar sobre um raciocínio sério, pedimos a permissão para desenvolver algumas

considerações preliminares, que nos servirão para mostrar, uma vez mais, que o Espiritismo é a única chave possível de uma multidão de problemas insolúveis com a ajuda dos dados atuais da ciência. **A frenologia nos servirá de ponto de partida; exporemos, sumariamente, as suas bases fundamentais para a compreensão do assunto**.

A frenologia, como se sabe, repousa sobre esse princípio de que o cérebro é o órgão do pensamento, como o coração é o da circulação, o estômago o da digestão, o fígado o da secreção da bílis. Esse ponto é admitido por todo o mundo, porque não há ninguém que possa atribuir o pensamento a uma outra parte do corpo; cada um sente que pensa pela cabeça e não pelo braço e não pela perna. Há mais: sente-se instintivamente que a sede do pensamento está na fronte; está ali, e não no occiput, que se leva a mão para indicar que um pensamento acaba de surgir. **Para todo o mundo, o desenvolvimento da parte frontal faz presumir mais inteligência do que quando é baixa e deprimida**. Por outro lado, as experiências anatômicas e fisiológicas demonstraram claramente o papel especial de certas partes do cérebro nas funções vitais, e a diferença de fenômenos produzidos pela lesão de tal ou tal parte. As pesquisas da ciência não podem deixar dúvidas a esse respeito; as do

Sr. Flourens, sobretudo, provaram até à evidência, a especialidade das funções do cerebelo.

Portanto, é admitido em princípio que todas as partes do cérebro não têm a mesma função. Além disso, é reconhecido que os cordões nervosos que, do cérebro como fonte, se ramificam em todas as partes do corpo, como os filamentos de uma raiz, são afetados de maneira diferente segundo a sua destinação; é assim que o nervo ótico, que chega ao olho e desabrocha na retina, é afetado pela luz e pelas cores, e transmite sua sensação ao cérebro numa porção especial; que o nervo auditivo é afetado pelos sons, e os nervos olfativos pelos odores. Que um desses nervos perca sua sensibilidade por uma causa qualquer, e a sensação não mais ocorre; fica-se cego, surdo ou privado do olfato. Esses nervos têm, pois, funções distintas e não podem, de nenhum modo, se substituir, e, no entanto, o exame mais atento não mostra a mais leve diferença em sua contextura.

A frenologia, partindo desses princípios, vai mais longe: localiza todas as faculdades morais e intelectuais, a cada uma das quais assinala um lugar especial no cérebro; assim é que ela afeta um órgão com o instinto de destruição que, levado ao excesso, se torna crueldade e ferocidade;

um outro com a firmeza, cujo excesso, sem o contrapeso do julgamento, produz a obstinação; um outro ao amor à prole; outros à memória dos lugares, à dos nomes, à das formas, ao sentimento poético, à harmonia dos sons, das cores, etc., etc. Não é aqui o lugar de fazer a discrição anatômica do cérebro; diremos somente que, fazendo-se uma seção longitudinal na massa, reconhecer-se-á que da base partem feixes fibrosos indo desabrochar na superfície, e quase apresentando o aspecto de um cogumelo cortado em sua altura. Cada feixe corresponde a uma das circunvoluções da superfície externa, de onde se segue que o desenvolvimento corresponde ao desenvolvimento do feixe fibroso. Sendo cada feixe, segundo a frenologia, a sede de uma sensação ou de uma faculdade, ela disso conclui que a energia da sensação, ou da faculdade, está em razão do desenvolvimento do órgão.

Nos fetos, a caixa óssea do crânio não está ainda formada; no início, ela não é senão uma película, uma membrana muito flexível, que se modela, consequentemente, sobre as partes salientes do cérebro, e lhes conserva a impressão, à medida que se endurece pelo depósito do fosfato de cálcio, que é a base dos ossos. **Da saliência do crânio a frenologia conclui o volume do órgão, e do volume do órgão conclui o desenvolvimento da faculdade**.

Tal é, em poucas palavras, o princípio da ciência frenológica. Embora o nosso objetivo não seja desenvolvê-la aqui, uma palavra ainda é necessária sobre o modo de apreciação. **Enganar-se-ia estranhamente crendo-se poder deduzir o caráter absoluto de uma pessoa só pela inspeção das saliências do crânio**. As faculdades se fazem, reciprocamente, contrapeso, se equilibram, se corroboram ou se atenuam umas pelas outras, de tal sorte que, **para julgar um indivíduo, é preciso ter em conta o grau de influência de cada um, em razão de seu desenvolvimento, depois fazer entrar na balança o temperamento, o meio, os hábitos e a educação**. Suponhamos um homem tendo o órgão da destruição muito pronunciado, com atrofia dos órgãos das faculdades morais e afetivas, será vilmente feroz; mas se, à destruição, junta a benevolência, a afeição, as faculdades intelectuais, a destruição será neutralizada, terá por efeito dar-lhe mais energia, poderá ser um homem muito honesto, ao passo que o observador superficial, que o julgaria sobre a inspeção do primeiro único órgão, o tomaria por um assassino. Concebe-se, segundo isso, todas as modificações do caráter que poderão resultar do concurso das outras faculdades, como a astúcia, a circunspecção, a estima de si, a coragem, etc. O sentimento da cor, só, fará o colorista, mas não fará o pintor; só

o da forma não fará senão um desenhista; os dois reunidos não farão senão um pintor copista, se não houver, ao mesmo tempo, as faculdades reflexivas e comparativas. **Isso basta para mostrar que as observações frenológicas práticas apresentam uma dificuldade muito grande, e repousam sobre considerações filosóficas, que não estão ao alcance de todo o mundo**. Colocadas estas preliminares, encaremos a coisa de um outro ponto de vista.

Dois sistemas radicalmente opostos têm, desde o princípio, dividido os frenologistas em materialistas e em espiritualistas. Os primeiros, nada admitindo fora da matéria, dizem que o pensamento é um produto da substância cerebral; que o cérebro segrega o pensamento, como as glândulas a saliva, como o fígado a bílis; ora, como a quantidade de secreção é geralmente proporcional ao volume e à qualidade do órgão secretor, dizem que a quantidade do pensamento é proporcional ao volume e à qualidade do cérebro, que cada parte do cérebro, segregando uma ordem particular de pensamentos, os diversos sentimentos e as diversas aptidões estão na razão do órgão que os produz. **Não refutaremos esta monstruosa doutrina que faz do homem uma máquina**, sem responsabilidade de seus atos maus, sem mérito de suas boas qualidades, e que não deve seu gênio e suas virtudes senão ao

acaso de seu organismo (Vede a *Revista Espírita* de março de 1851: A cabeça de Garibaldi, página 76.). Com semelhante sistema, toda punição é injusta e todos os crimes são justificados.

Os espiritualistas dizem, ao contrário, que os órgãos não são a causa das faculdades, mas os instrumentos da manifestação das faculdades; que o pensamento é um atributo da alma e não do cérebro; que a alma, possuindo por si mesma aptidões diversas, a predominância de tal ou tal faculdade leva ao desenvolvimento do órgão correspondente, como o exercício de um braço leva ao desenvolvimento dos músculos desse braço; de onde se segue que o desenvolvimento do órgão é um efeito e não uma causa. Assim, um homem não é poeta porque tem o órgão da poesia; tem o órgão da poesia porque é poeta, o que é muito diferente. **Mas aqui se apresenta uma outra dificuldade diante da qual a frenologia forçosamente se detém**: se é espiritualista, nos dirá bem que o poeta tem o órgão da poesia, mas não nos diz porque ele é poeta; porque o é antes que seu irmão, embora educado nas mesmas condições; e assim com todas as outras aptidões. Só o Espiritismo pode dar-lhes a explicação.

Com efeito, se a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo, a do sábio do Instituto é tão nova quanto a do selvagem; desde então, por que, pois, há sobre a Terra

selvagens e membros do Instituto? O meio no qual eles vivem, direis. Seja; dizei, então, por que homens nascidos no meio mais ingrato, e mais refratário, se tornam gênios, ao passo que crianças que bebem a ciência com o leite materno são imbecis. Os fatos não provam, até a evidência, que há homens instintivamente bons ou maus, inteligentes ou estúpidos? É preciso, pois, que haja na alma um germe; de onde vem? Pode-se racionalmente dizer que Deus os fez de todas as espécies, uns que chegam sem dificuldade, e outros que não chegam mesmo com um trabalho perseverante? Estaria aí sua justiça e sua bondade? Evidentemente não. **Uma única solução é possível: a preexistência da alma, sua anterioridade ao nascimento do corpo, o desenvolvimento adquirido segundo o tempo que ela viveu e as diferentes migrações que percorreu**. **A alma traz,** pois, unindo-se ao corpo, o que adquiriu, suas qualidades boas ou más; daí **as predisposições instintivas; de onde se pode dizer, com certeza, que aquele que nasceu poeta já cultivou a poesia; que aquele que nasceu músico cultivou a música; que aquele que nasceu celerado foi mais celerado ainda**. Tal é a fonte das faculdades inatas que produzem, nos órgãos destinados à sua manifestação, um trabalho interior, molecular, que os leva ao desenvolvimento.

Isto nos conduz ao exame da importante questão da **anterioridade de certas raças e de sua perfectibilidade**.

Colocamos, de início, em princípio, que todas as faculdades, todas as paixões, todos os sentimentos, todas as aptidões estão na Natureza; que elas são necessárias à harmonia geral, porque Deus nada faz de inútil; que o mal resulta do abuso, assim como da falta de contrapeso e de equilíbrio entre as diversas faculdades. As faculdades não se desenvolvendo todas simultaneamente, disso resulta que o equilíbrio não pode se estabelecer senão com o tempo; que essa **falta de equilíbrio produz homens imperfeitos, nos quais o mal domina momentaneamente**. Tomemos por exemplo o instinto da destruição; este instinto é necessário, porque, na Natureza, é preciso que tudo se destrua para se renovar; é por isso que todas as espécies vivas são, ao mesmo tempo, agentes destruidores e reprodutores. Mas **o instinto de destruição isolado é um instinto cego e brutal; ele domina entre os povos primitivos, entre os selvagens, cuja alma não adquiriu ainda as qualidades reflexivas próprias para regularem a destruição numa justa medida**. **O selvagem feroz** pode, numa só existência, adquirir as qualidades que lhe faltam? **Que educação dar-lhe-íeis, desde o berço**, para fazerdes deles

um São Vicente de Paulo, um sábio, um orador, um artista? Não; é materialmente impossível. E, no entanto, esse selvagem tem uma alma; qual é a sorte dessa alma depois da morte? É punida por seus atos bárbaros que nada reprimiu? Está colocada em posição igual à do homem de bem? Um não é mais racional que o outro? Está, então, condenada a permanecer eternamente num estado misto, que não é nem a felicidade e nem a infelicidade? Isso não seria justo; porque, se não é mais perfeita, isso não dependeu dela. Não podeis sair desse dilema senão admitindo a possibilidade de um progresso; ora, como pode progredir, se não for tomando novas existências? Poderá, direis, progredir como Espírito, sem retornar sobre a Terra. **Mas, então, por que nós, civilizados, esclarecidos, nascemos na Europa antes que na Oceania? em corpos brancos antes que em corpos negros? Por que um ponto de partida tão diferente, se não se progride senão como Espírito?** Por que Deus nos isentou do longo caminho que o selvagem deve percorrer? **Nossas almas seriam de uma outra natureza que a sua?** Por que, então, procurar fazê-lo cristão? Se o fazeis cristão, é que o olhais como vosso igual diante de Deus; se é vosso igual diante de Deus, porque Deus vos concede privilégios? Agiríeis inutilmente, **não chegaríeis a nenhuma solução senão admitindo,**

para nós um progresso anterior, para o selvagem um progresso ulterior; se a alma do selvagem deve progredir ulteriormente, é que ela nos alcançará; se progredimos anteriormente, é que fomos selvagens, porque, se o ponto de partida for diferente, não há mais justiça, e se Deus não é justo, não é Deus. Eis, pois, forçosamente, duas existências extremas: a do selvagem e a do homem mais civilizado; mas, entre esses dois extremos, não encontrais nenhum intermediário? Segui a escala dos povos, e vereis que é uma cadeia não interrompida, sem solução de continuidade. Ainda uma vez, todos esses problemas são insolúveis sem a pluralidade das existências. Dizei que os Zelandeses renascerão entre um povo um pouco menos bárbaro, e assim por diante até à civilização, e tudo se explica; que se, em lugar de seguir os degraus da escala, vencer todos de repente e sem transição entre nós, e nos dará o odioso espetáculo de um Dumollard, que é um monstro para nós, e que nada apresentou de anormal entre as populações da África central, de onde talvez saiu. Assim é que, fechando-se numa só existência, tudo é obscuridade, tudo é problema sem resultado; ao passo que, com a reencarnação, tudo é claro, tudo é solução.

Voltemos à frenologia. Ela admite órgãos especiais para cada faculdade, **e não cremos que esteja com a verdade**; mas

iremos mais longe. Vimos que cada órgão cerebral é formado de um feixe de fibras; pensamos que cada fibra corresponde a uma nuança da faculdade. Isto não é senão uma hipótese, é verdade, mas que poderá abrir caminho para novas observações. O nervo auditivo recebe os sons e transmite-os ao cérebro; mas se o nervo é homogêneo, como percebe sons tão variados? É, pois, permitido admitir que cada fibra nervosa seja destinada a um som diferente com o qual ela vibra, de alguma sorte, em uníssono, como as cordas de uma harpa. Todos os tons estão na Natureza; suponhamo-los cem, desde o mais agudo até o mais grave: o homem que possuísse as cem fibras correspondentes, percebê-los-ia a todos; aquele que não os possuísse senão pela metade, não perceberia senão a metade dos sons, os outros lhe escapariam, e deles não teria nenhuma consciência. Ocorreria o mesmo com as cordas vocais para exprimir os sons; com as fibras óticas para perceber as diferentes cores; com as fibras olfativas para perceber todos os odores. O mesmo raciocínio pode se aplicar aos órgãos de todos os gêneros de percepções e de manifestações.

Todos os corpos animados encerram, incontestavelmente, o princípio de todos os órgãos, mas há os que, em certos indivíduos, são de tal modo rudimentares, que não são suscetíveis de

desenvolvimento, e que é absolutamente como se não existissem; portanto, em certas pessoas, não pode nelas haver nem as percepções, nem as manifestações correspondentes a esses órgãos; em uma palavra, elas estão, para essas faculdades, como os cegos para a luz, os surdos para a música.

O exame frenológico dos povos pouco inteligentes constata a predominância das faculdades instintivas, e a atrofia dos órgãos da inteligência. O que é excepcional nos povos avançados, é a regra em certas raças. **Por que isto? É uma injusta preferência? Não, é a sabedoria. A Natureza é sempre previdente; nada faz de inúti**l; ora, seria uma coisa inútil dar um instrumento completo a quem não tem meios de se servir dele. **Os Espíritos selvagens são Espíritos ainda crianças**, podendo-se assim se exprimir; entre eles, **muitas faculdades ainda estão latentes**. **Que faria, pois, o Espírito de um Hotentote no corpo de um Arago**? Seria como aquele que não sabe a música diante de um excelente piano. **Por uma razão inversa**, que faria o Espírito de Arago no corpo de um Hotentote? Seria como Liszt diante de um piano que não teria senão algumas más cordas falsas, às quais seu talento jamais chegaria a dar sons harmoniosos. Arago entre os selvagens, com

todo o seu gênio, seria tão inteligente, talvez, quanto pode sê-lo um selvagem, mas nada de mais; jamais seria, **sob uma pele negra**, membro do Instituto. Seu Espírito levá-lo-ia ao desenvolvimento dos órgãos? De órgãos fracos, sim; de órgãos rudimentares, não (Vede a *Revista Espírita* de outubro de 1861: Os Cretinos.)

A Natureza, portanto, apropriou os corpos ao grau de adiantamento dos Espíritos que devem neles se encarnar; eis porque os corpos das raças primitivas possuem menos cordas vibrantes que os das raças avançadas. **Há, pois, no homem, dois seres bem distintos: o Espírito, ser pensante; o corpo, instrumento das manifestações do pensamento, mais ou menos completo, mais ou menos rico em cordas, segundo as necessidades**.

Chegamos agora à perfectibilidade das raças; esta questão, por assim dizer, está resolvida pelo que precede: não temos senão que deduzir-lhe algumas consequências. **Elas são perfectíveis pelo Espírito que se desenvolve através de suas diferentes migrações, em cada uma das quais adquire, pouco a pouco, as qualidades que lhes faltam**; mas, à medida que as suas faculdades se estendem, falta-lhe um instrumento apropriado, como a uma criança que cresce são necessárias roupas maiores; ora, sendo insuficientes os corpos constituídos para seu

estado primitivo, lhes é necessário encarnar em melhores condições, e assim por diante, à medida que progride.

As raças são também perfectíveis pelo corpo, mas isso não é senão pelo cruzamento com as raças mais aperfeiçoadas, que lhes trazem novos elementos que as enxertam, por assim dizer, os germes de novos órgãos. Esse cruzamento se faz pelas emigrações, pelas guerras, e pelas conquistas. Sob esse aspecto, há raças, como famílias, que se abastardam se não se misturam com sangues diversos. Então, não se pode dizer que isso seja a raça primitiva pura, porque sem cruzamento essa raça será sempre a mesma, seu estado de inferioridade relacionado à sua natureza; ela degenerará em lugar de progredir, e é o que a conduz ao desaparecimento num tempo dado.

A respeito dos negros escravos, diz-se: “**São seres tão brutos, tão pouco inteligentes, que seria trabalho perdido procurar instruí-los; é uma raça inferior, incorrigível e profundamente incapaz”**. **A teoria que acabamos de dar permite encará-los sob uma outra luz**; na questão do aperfeiçoamento das raças, é preciso ter em conta dois elementos constitutivos do homem: o elemento espiritual e o elemento corpóreo. É preciso conhecê-los, um e o outro, e só **o Espiritismo pode nos esclarecer sobre a**

natureza do elemento espiritual, o mais importante, uma vez que é este que pensa e que sobrevive, ao passo que o elemento corpóreo se destrói.

Os negros, pois, como organização física, serão sempre os mesmos; como Espíritos, sem dúvida, são uma raça inferior, quer dizer, primitiva; são verdadeiras crianças às quais pode-se ensinar muita coisa; mas, por cuidados inteligentes, pode-se sempre modificar certos hábitos, certas tendências, e já é um progresso que levarão numa outra existência, e que lhes permitirá, mais tarde, tomar um envoltório em melhores condições. Trabalhando para o seu adiantamento, trabalha-se menos para o presente do que para o futuro, e, por pouco que se ganhe, é sempre para eles um tanto de aquisições; cada progresso é um passo adiante, que facilita novos progressos.

Sob o mesmo envoltório, quer dizer, com os mesmos instrumentos de manifestação do pensamento, as raças não são perfectíveis senão em limites estreitos, pelas razões que desenvolvemos. **Eis por que a raça negra, enquanto raça negra, corporeamente falando, jamais alcançará o nível das raças caucásicas; mas, enquanto Espíritos, é outra coisa; ela pode se tornar, e se tornará, o que somos; somente ser-lhe-á preciso tempo e melhores instrumentos.** Eis

porque as raças selvagens, mesmo em contato com a civilização, permanecem sempre selvagens; mas, à medida que as raças civilizadas se ampliam, as raças selvagens diminuem, até que desapareçam completamente, como desapareceram as raças dos Caraíbas, dos Guanches, e outras. Os corpos desapareceram, mas em que se tornaram os Espíritos? Mais de um, talvez, esteja entre nós.

Dissemos, e repetimos, o Espiritismo abre horizontes novos a todas as ciências; **quando os sábios consentirem em levar em conta o elemento espiritual nos fenômenos da Natureza**, ficarão muito surpresos em ver as dificuldades, contra as quais se chocavam a cada passo, se aplainarem como por encanto; mas é provável que, para muitos, será preciso renovar o hábito. Quando retornarem, terão tido o tempo de refletir, e trarão novas ideias. Encontrarão as coisas muito mudadas neste mundo; as ideias espíritas, que repelem hoje, terão germinado por toda parte e serão a base de todas as instituições sociais; eles mesmos serão educados e nutridos nessa crença que abrirá, ao seu gênio, um novo campo para o progresso da ciência. À espera disso, e enquanto estão aqui, que procurem a solução deste problema: Por que a autoridade de seu saber, e suas negações, não detêm, por um único instante, a marcha, dia a dia mais

rápida, das ideias novas? ([203])

Neste estudo Allan Kardec, já de início, aborda o ponto aceito pela comunidade científica de sua época, de que o negro não era perfectível, ou seja, suscetível de aperfeiçoamento, uma vez que era o que se acreditava. Então, parte para responder à pergunta "*a raça negra é perfectível?*", obviamente, que procurará desenvolvê-la dentro da ótica Espírita, na qual o Espírito, conforme dito por várias vezes, é o mais importante.

Podemos ver que, ao iniciar os seus comentários, Allan Kardec já deixa isso à conta de hipótese usando a palavra "se", de forma contundente, o que nos leva à conclusão de que não comungava com essa ideia; usou-a, isto sim, apenas como hipótese para desenvolver o seu próprio pensamento.

Parte para considerações sobre a frenologia, visando destacar a diferença entre o ponto de vista dela e o da Doutrina Espírita, que procura ver em tudo o Espírito e não a matéria. Por ela tem-se que "*todas as faculdades morais e intelectuais, a cada*

uma das quais assinala um lugar especial no cérebro", de tal forma que "*da saliência do crânio a frenologia conclui o volume do órgão, e do volume do órgão conclui o desenvolvimento da faculdade*".

A conclusão de Allan Kardec sobre essa questão foi de que "*enganar-se-ia estranhamente crendo-se poder deduzir o caráter absoluto de uma pessoa só pela inspeção das saliências do crânio*". E assim expôs que "*para julgar um indivíduo, é preciso ter em conta o grau de influência de cada um, em razão de seu desenvolvimento, depois fazer entrar na balança o temperamento, o meio, os hábitos e a educação*", coisas que não eram consideradas pela frenologia.

Ressalta a divisão dos frenologistas em dois grupos – os dos materialistas e dos espiritualistas –, sobre os quais tece algumas considerações para, finalmente, concluir como solução para as dificuldades que oferecem os dois sistemas "*a preexistência da alma, sua anterioridade ao nascimento do corpo, o desenvolvimento adquirido segundo o tempo que ela viveu e as diferentes migrações que percorreu*".

E é dentro deste prisma que examina a anterioridade de certas raças e de sua perfectibilidade, o que vem a ser contrário ao pensamento dominante de sua época.

Considerava que Espíritos ainda desprovidos de conhecimento por conta de sua própria evolução é que encarnavam nos povos selvagens; daí a razão de sua pergunta: "*o selvagem feroz pode, numa só existência, adquirir qualidades que lhe faltam?*".

É oportuno analisarmos o teor do artigo "A cabeça de Garibaldi", citado na transcrição. Vamos encontrá-lo registrado na ***Revista Espírita 1861***, mês de março:

> O *Siècle*, de 4 de fevereiro contém uma carta do doutor Riboli que foi a Caprera ([204]) examinar a cabeça de Garibaldi, do ponto de vista frenológico. Não entra no nosso quadro apreciar o julgamento do doutor, e ainda menos o personagem político; mas **a leitura dessa carta nos forneceu algumas reflexões** que, naturalmente, aqui encontram seu lugar.
>
> O doutor Riboli acha que **a organização cerebral de Garibaldi corresponde perfeitamente a todas as eminentes**

faculdades morais e intelectuais que o distinguem, e acrescenta:

"Podereis sorrir de meu fanatismo, mas eu posso vos assegurar que neste momento passei a examinar essa cabeça notável e é o mais feliz da minha vida; vi, meu caro amigo, vi esse grande homem se prestar como uma criança, a tudo o que lhe pedia; essa cabeça que carrega todo um mundo, tive-a entre as minhas mãos durante mais de vinte minutos, sentindo a todo instante sobressair, sob os meus dedos, as desigualdades e os contrastes de seu gênio...

"Garibaldi tem 1 metro e 64 centímetros de altura. Medi todas as proporções, a largura das espáduas, o comprimento dos braços e das pernas, a espessura do talhe; em uma palavra, é um homem bem proporcionado, forte e de um temperamento nervoso sanguíneo.

"O volume da cabeça é notável; a fenomenalidade principal é a altura do crânio medida do ouvido ao alto da cabeça, que é de 20 centímetros. **Essa predominância particular de toda parte superior da cabeça denota, à primeira vista, e sem exame prévio, uma organização excepcional**; o desenvolvimento do crânio em sua parte superior, sede dos sentimentos, indica a preponderância de todas as faculdades

nobres sobre os instintos. Breve, a craniologia da cabeça de Garibaldi depois do exame, apresenta uma fenomenalidade original das mais raras, pode-se dizer, sem precedente: a harmonia de todos os órgãos perfeita; é a resultante matemática de seu conjunto, apresenta, antes de qualquer outro: a abnegação antes de tudo e por toda parte; – a prudência e o sangue frio; – a austeridade natural dos costumes; – a lealdade dominante; – sua deferência incrível com seus amigos ao ponto de sofrer por eles; – sua perceptibilidade a respeito dos homens que o cercam é, sobretudo, dominante.

"Em uma palavra, meu caro, sem vos entediar com todas as comparações, com todos os contrastes de casualidade, de habitabilidade, de construtividade, de destrutividade (1 – Eis aqui os neologismos, que, todavia, não são mais barbarismos do que o *espiritismo* e o *perispírito*), é uma cabeça maravilhosa, orgânica, sem fraquezas, que a ciência estudará e tomará por modelo, etc."

Toda a carta está escrita com um entusiasmo que denota a mais profunda e a mais sincera admiração pelo herói italiano. Entretanto, queremos muito crer que as observações do autor não foram influenciadas por nenhuma ideia preconcebida; mas isso não é do que se trata: aceitamos seus dados frenológicos

como exatos, e não o fossem, Garibaldi com isso não seria nem mais nem menos do que é. **Sabe-se que os discípulos de Gall formam duas escolas: a dos materialistas e a dos espiritualistas. Os primeiros atribuem as faculdades aos órgãos; para ele os órgãos são a causa, as faculdades são o produto; de onde se segue que fora dos órgãos não há mais faculdades**, dito de outro modo, que quando o homem está morto, tudo está morto. **Os segundos admitem a independência das faculdades; as faculdades são a causa, o desenvolvimento dos órgãos é um efeito; de onde se segue que a destruição dos órgãos não leva ao aniquilamento das faculdades**. Não sabemos a qual dessas duas escolas pertence o autor da carta, porque a sua opinião não se revela por nenhuma palavra; mas supusemos um instante que as observações acima foram feitas por frenólogo materialista, e **nos perguntamos que impressão deveria sentir à ideia de que essa cabeça, que carrega todo um mundo, não deve seu gênio senão ao acaso ou ao capricho da Natureza que lhe teria dado a maior massa cerebral em lugar antes que num outro**; ora, como o acaso é cego, e não tem plano premeditado, poderia muito bem aumentar o volume de uma outra circunvolução do cérebro, e dar assim, sem o querer, um

outro curso às suas inclinações. Esse raciocínio se aplica, necessariamente, a todos os homens transcendentes, a qualquer título que isso seja. Onde estaria seu mérito se não devesse senão ao deslocamento de um pequeno pedaço de substância cerebral? Se um simples capricho da Natureza pode, em lugar de um grande homem, fazer um homem vulgar, em lugar de um homem de bem fazer um celerado?

Isso não é tudo. Considerando essa cabeça poderosa, hoje, não há alguma coisa de terrível em pensar que, amanhã, talvez, desse gênio nada restaria, absolutamente nada senão a matéria inerte que será a pastagem dos vermes? Sem falar das funestas consequências de um semelhante sistema, se fora acreditado diremos que ele formiga de contradições inexplicadas, e que os fatos as demonstram a cada passo. **Tudo se explica, ao contrário, pelo sistema espiritualista: as faculdades não são o produto dos órgãos, mas os atributos da alma, cujos órgãos não são senão os instrumentos servindo para a sua manifestação**. Sendo a faculdade independente, a sua atividade leva o desenvolvimento do órgão, como o exercício de um músculo aumenta-lhe o volume. **O ser pensante é o ser principal, cujo corpo não é senão um acessório destrutível.** O talento, então, é um mérito real, porque ele é o fruto do trabalho, e não

o resultado de uma matéria mais ou menos abundante. Com o sistema materialista, o trabalho com a ajuda do qual se adquire o talento, está inteiramente perdido na morte, que frequentemente não deixa o tempo de desfrutá-lo; com a alma, o trabalho tem a sua razão de ser, porque tudo o que a alma adquire serve para o seu desenvolvimento; trabalha-se por um ser imortal, e não por um corpo que, talvez, não tenha senão algumas horas para viver.

Mas, dir-se-á, o gênio não se adquire; ele é inato; é verdade; mas, também, porque dois homens nascidos nas mesmas condições são tão discordantes do ponto de vista intelectual? Por que Deus favoreceria um mais do que o outro? Por que daria a um os meios de progredir que recusaria ao outro? Qual é o sistema filosófico que resolveu esse problema? Só a doutrina da preexistência da alma pode explicar: o homem de gênio já viveu, tem aquisição, experiência, e a esse título tem mais direitos a nosso respeito que se tivesse a superioridade por um favor não justificado da Providência, ou do capricho da Natureza. Gostamos de crer que o doutor Riboli viu na cabeça daquele que não tocava, por assim dizer, senão com um temor respeitoso, qualquer coisa mais digna de sua veneração que uma massa de carne, e que não a rebaixou ao papel de uma mecânica desorganizada. Lembra-se desse trapeiro

> filósofo que, vendo um cão morto no canto da rua, dizer-se à parte: o que é senão nós! Pois bem! Todos vós que negais a existência futura, eis a que reduzis os maiores gênios.
>
> Remetemos, para mais detalhes, sobre a questão da frenologia e da fisiognomonia, ao artigo publicado na *Revista Espírita* do mês de julho de 1860, página 198. ([205]) (itálico do original)

Sobressai-se que Allan Kardec aproveita o entusiasmo frenológico do Dr. Riboli para discutir a relação corpo e Espírito. Ele não se detém na figura política de Garibaldi, mas usa o relato como ponto de partida para uma reflexão filosófica: se o gênio fosse apenas resultada da conformação cerebral, então não haveria mérito, apenas acaso da Natureza. Isso levaria a uma visão materialista que reduz o homem a uma “massa de carne” destinada à decomposição.

O Codificador contrapõe a essa visão o sistema espiritualista: as faculdades não são produto dos órgãos, mas atributos da alma, que utiliza o corpo como instrumento de manifestação. O talento, portanto, é fruto do trabalho e da experiência adquirida em existências anteriores, e não privilégio

biológico ou racial. A desigualdade intelectual entre os homens só se explica pela preexistência da alma e pela bagagem espiritual acumulada, nunca por uma suposta superioridade de raça ou de conformação física.

Esse raciocínio é fundamental para refutar a pecha de racismo atribuída a Allan Kardec. Ao afirmar que o Espírito é independente da matéria e que o mérito vem da evolução espiritual, ele desmonta qualquer ideia de hierarquia racial. Todos os homens – seja qual for a origem, cor ou condição social – são irmãos e têm acesso às mesmas leis de progresso. O corpo pode variar em forma e aparência, mas o que realmente importa é o Espírito imortal que nele habita.

Em ***O Céu e o Inferno***, cap. III – O céu, essa ideia fica mais clara:

> 9. **Uma só existência corpórea é claramente insuficiente para que o Espírito possa adquirir todo o bem que lhe falta e de se desfazer de todo o mal que traz em si**. Como poderia **o selvagem, por exemplo, numa única encarnação, alcançar o nível moral e**

> **intelectual do mais adiantado europeu**? É materialmente impossível. **Deve ele, pois, permanecer eternamente na ignorância e barbaria, privado dos gozos que só o desenvolvimento das faculdades pode proporcionar-lhe? O simples bom senso repele tal suposição, que seria não somente a negação da justiça e da bondade divinas, mas das próprias leis progressivas da natureza**. É por isso que Deus, que é soberanamente justo e bom, concede ao Espírito do homem tantas existências quantas forem necessárias para atingir o seu objetivo, que é a perfeição.
>
> **Para cada nova existência, o Espírito traz consigo o que adquiriu nas anteriores**, em aptidões, conhecimentos intuitivos, inteligência e moralidade. Cada existência é assim um passo adiante no caminho do progresso. ([206])

Como, anteriormente, foi dito que os Espíritos são criados simples e ignorantes, ele via como não sendo possível a um selvagem, mesmo com a educação, sair, numa só vida, dessa condição, pois, segundo pensava, havia necessidade de que viesse a adquirir certas qualidades somente pela reencarnação, na qual ia aprendendo

paulatinamente.

Dessa forma, para que viesse a ter conhecimento mais profundo das coisas, seria necessário que ele fosse um Espírito com várias encarnações, pois, somente por esse caminho, é que teria condições de conseguir tais coisas.

E, para efeito de igualdade entre os homens, analisando-se as várias situações em que se encontra cada um de nós, essa igualdade só haveria se tivéssemos vivido antes e viéssemos a viver depois, e que nestas duas condições é que progredíssemos. Daí, conclui que a frenologia está em erro, porquanto admite órgãos especiais para cada faculdade, enquanto, pelo Espiritismo, elas são adquiridas no processo reencarnatório.

Voltando a explicar a questão do selvagem afirma que "*os Espíritos selvagens são Espíritos ainda crianças, cujas faculdades estão latentes*". Ora, isso não é um pensamento que se poderia classificar como sendo discriminatório ou preconceituoso, pois apenas registra uma fase do desenvolvimento pelo qual passa um Espírito, que

tem todas as condições potenciais de evolução, e que certamente progredirá, sujeito que está à lei da reencarnação, pela qual o seu progresso é inevitável.

Partindo dessa comparação é que faz seu questionamento a respeito do negro: "*Que faria, pois, o Espírito de um Hotentote no corpo de um Arago?*" Ele mesmo responde: "*Seria como aquele que não sabe a música diante de um excelente piano*". E questiona mais ainda: "*Por uma razão inversa, que faria o Espírito de Arago no corpo de um Hotentote?*"; também responde: "*Seria como Liszt diante de um piano que não teria senão algumas más cordas falsas, às quais seu talento jamais chegaria a dar sons harmoniosos*".

Deste modo, fica nítido que considerava a evolução do corpo físico, partindo do homem das cavernas até o daquela época; ainda assim, é no Espírito que ele concentrava a base das faculdades humanas, de forma igualitária para todos sem qualquer tipo de exceção.

Para ele tanto fazia se o espírito nascesse num corpo branco ou negro, porquanto o mais importante

era seu Espírito que, sem privilégio algum, evoluía pelos degraus da vida, em suas várias reencarnações.

Diante disso, é que Allan Kardec conclui que "*as raças são perfectíveis pelo Espírito que se desenvolve através de suas diferentes migrações, em cada uma das quais adquire, pouco a pouco, as qualidades que lhes faltam*", não havendo, portanto, nenhum privilégio a qualquer uma delas.

Isso quer dizer que, mesmo usando o conceito de época que admitia várias raças humanas, Allan Kardec não estabelecia nenhuma espécie de privilégio; sua visão era universalista, pois apesar de ainda não se considerar a humanidade como uma só raça, ele já atribuía direitos iguais a todos.

Da ***Revista Espírita 1862***, externando o seu pensamento totalmente isento de qualquer tipo de preconceito, Allan Kardec disse:

> [...] mas, à medida que as suas faculdades se estendem, falta-lhe um instrumento apropriado, como a uma criança que cresce são necessárias roupas maiores; ora, sendo insuficientes os corpos

> constituídos para seu estado primitivo, lhes é necessário encarnar em melhores condições, e assim por diante, à medida que progride. ([207])

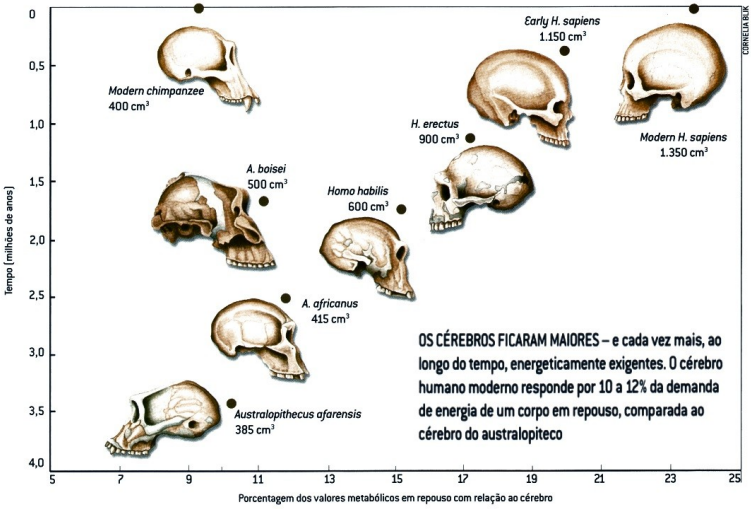
Essa sua comparação demonstra que a todos são dadas as mesmas oportunidades. À medida que o Espírito progride, é necessário lhe fornecer um corpo físico melhorado, cujo aperfeiçoamento foi provocado pela própria evolução do princípio inteligente.

Um bom exemplo disso é que a cerca de uns 30 a 40 anos atrás, as crianças nasciam com os olhos fechados, demorando, perto de uns oito dias, para abri-los; mas atualmente elas já nascem de olhos abertos, o que evidencia que o princípio inteligente promoveu melhoria no seu instrumento de manifestação – o corpo físico.

Segundo ficamos sabendo, por alguns amigos, isso também está acontecendo com os animais. Ora, se esse fato for verdade, ele corroboraria que o princípio inteligente, existente tanto nos homens quanto nos animais, vem, ele mesmo, provocando melhoria no corpo físico, a ser utilizado para se

manifestar.

A prova incontestável dessa evolução física, partindo dos nossos ancestrais até o homem moderno, encontrar-se-á na comparação da dimensão do cérebro humano ao longo deste tempo; é o que se pode ver nesta imagem ([208]):



Ao se referir aos negros Allan Kardec coloca um "*diz-se*" antes do que ele falará, demonstrando que não é ideia dele, mas no que se acreditava à época. Então, vejamos o que ele, Allan Kardec, expõe: "*A respeito dos negros escravos, **diz-se**: 'São seres tão*

brutos, tão pouco inteligentes, que seria trabalho perdido procurar instrui-los; é uma raça inferior, incorrigível e profundamente incapaz'".

Diante disso, Allan Kardec conclui: "*a teoria que acabamos de dar permite encará-los sob uma outra luz*", deixando bem claro que é um outro ponto de vista que possui ou com o qual a Doutrina encara tais pessoas.

Além disso, vê-se que essa frase citada por Allan Kardec inicia e termina com aspas, como é praxe quando se faz citação de um texto de autoria de outra pessoa. A ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) inclusive, recomenda isso, porquanto é ético, ou seja, "*Daí a César o que é de César*".

E aqui chegamos no trecho do texto, publicado na ***Revista Espírita 1862,*** que estamos analisando, no qual se baseiam os antagonistas do Espiritismo, para acusar Allan Kardec de racista:

> **Os negros,** pois, como organização física, serão sempre os mesmos; como Espíritos, sem dúvida, **são uma raça**

> **inferior, quer dizer, primitiva; são verdadeiras crianças às quais pode-se ensinar muita coisa;** mas, por cuidados inteligentes, pode-se sempre modificar certos hábitos, certas tendências, e já é um progresso que levarão numa outra existência, e que lhes permitirá, mais tarde, tomar um envoltório em melhores condições. ([209])

Concentram-se, especialmente, os nossos adversários, na expressão "*raça inferior*" sem se preocuparem em ver em que sentido ela foi usada. Causa-nos estranheza tal descalabro, uma vez que o próprio Allan Kardec deixa claro que ele quer dizer simplesmente "*raça primitiva*", portanto, isso é a prova cabal de que não há intenção discriminatória ou preconceituosa; trata-se apenas de uma comparação que faz deles, relacionando-os a serem "*verdadeiras crianças às quais pode-se ensinar muita coisa*". Porém, não foge à ideia, por várias vezes confirmada, de que o Espírito é o essencial, não a "*roupa*" que veste.

Por outro lado, também convém explicar o significado do termo "atrasado". O escritor Ricardo Di Bernardi, em ***Reencarnação em Xeque***,

esclarece que:

> O conceito de “atrasado” é sempre relativo e temporário. Não existem espíritos que “são atrasados”, e, sim, que “estão atrasados”. Todos crescem, redimem-se e se aperfeiçoam pelas inúmeras oportunidades que lhes confere a lei do renascimento. ([210])

E é dentro deste espírito que devemos analisar este outro texto, do qual se faz polêmica: “*Eis porque a raça negra, enquanto raça negra, corporeamente falando, jamais alcançará o nível das raças caucásicas; mas, enquanto Espíritos, é outra coisa; ela pode se tornar, e se tornará, o que somos; somente ser-lhe-á preciso tempo e melhores instrumentos*”.

Como, naquele tempo, o pensamento dominante era que o corpo físico dos negros seria inferior ao dos brancos, acreditavam que se não houvesse um cruzamento com os de outras raças, então, o corpo dos negros permaneceria indefinidamente o mesmo. Entretanto, observou Allan Kardec, que o mesmo não se aplica a seu Espírito que ia progredir e chegaria um dia à

condição dos outros.

Portanto, estabeleceu uma igualdade entre todos os Espíritos, sem privilégio algum, uma vez que todos somos iguais, embora possamos estar temporariamente “vestindo-nos” de forma variada. Só mesmo a cegueira do fanatismo não permite aos contraditores verem isso.

Na ***Revista Espírita 1863***, num certo ponto do artigo “Jean Reynaud e os Precursores do Espiritismo”, Allan Kardec disse:

> A frenologia provou que o organismo cerebral é um chaveiro a serviço do princípio inteligente para a expressão das diversas faculdades; contrariamente à intenção de Gall, seu fundador, que era materialista, serviu para provar a independência do Espírito e da matéria. ([211])

Ele se torna redundante neste ponto, mas não sem razão, pois queria se fazer entendido; entretanto, mesmo assim, os que nos são contrários não o conseguem (ou simplesmente não querem) entender.

E oportuno trazermos para esse tópico um trecho do artigo “***O polêmico texto de Kardec sobre a raça negra***” (2005), de autoria do escritor e pesquisador Paulo Henrique de Figueiredo, editor da *Universo Espírita* ([212]):

> Quando mal interpretado e fora de contexto, causa estranheza no leitor, e é alvo de polêmica, a conclusão de Allan Kardec apresentada no artigo *Frenologia Espiritualista e Espírita – Perfectibilidade da Raça Negra*, publicado na *Revista Espírita*, de abril de 1862, e citada numa nota em *A Gênese*. No tempo de Kardec todos acreditavam que os negros formavam uma raça inferior à raça caucasiana, ou branca, o que explica a frase de Kardec, que parece ferir a lei de igualdade: “por que a raça negra, enquanto raça negra, corporeamente falando, jamais alcançará o nível das raças caucasianas”. Era uma questão não só cultural mas tinha também o respaldo da ciência daquela época, que observava o estado primitivo dos povos africanos e escravizados nas Américas. As consequências da crença nas diferenças raciais levavam inevitavelmente à discriminação, divisão de classes e exploração do homem pelo homem. Allan Kardec, pesquisando o elemento espiritual, sabia estar nele a chave da questão. Todos

somos iguais, e evoluímos até nos tornarmos espíritos puros.

O propósito do artigo de Kardec era esclarecer os conceitos espíritas a partir da realidade científica e cultural de sua época. Passados 130 anos, a desigualdade entre as raças é um conceito totalmente superado. A diferença genética entre dois negros normalmente é maior do que a existente entre um branco e um negro. No passado, consequência da explicação materialista sobre as distinções raciais foi a eugenia, base científica utilizada pelos nazistas para justificar o holocausto.

Além disso, a perfeição da humanidade está fora das previsões da genética, antropologia, e outros ramos da ciência, enquanto materialistas. As pesquisas genéticas, inclusive, estão reascendendo as ideias eugênicas. O artigo de Kardec combate exatamente as terríveis consequências da análise materialista da diversidade humana. **Afastando o erro científico utilizado pelo Codificador – que justifica a diferença entre os corpos do negro e branco – e todas as deduções derivadas dele, o artigo é não só avançado para sua época, como é a única resposta para implantar no mundo a verdadeira igualdade**. ([213])

Qualquer pessoa, usando o bom senso, terá a

essa mesma conclusão a que chegou o autor citado. O que é coisa impossível a fanático, quer seja ele um religioso ou um ateu.

E, finalizando, apresentamos o livro Kardec & Racismo para Refletir, no qual o autor Marcelo Prizmic faz análise desse artigo do Codificador a respeito da frenologia e perfectibilidade da raça negra, dividindo-o em várias partes e as comentando. Destacaremos estes dois trechos:

> 1º) Capítulo: A ambiguidade é defeito ou é um recurso expressivo?
>
> Essa técnica faz com que o leitor desenvolva raciocínios diferentes e subjetivos, baseando no texto que contém variadas motivações e propósitos. As ideias, quando entregues ao leitor, não estão acabadas, mas esperando que suas lacunas sejam completadas, **suas farsas desfeitas, seus paradoxos esclarecidos**.
>
> Em outras palavras:
>
> Um único texto contém informações CONFLITANTES, doutrinárias antirracistas e pensamentos preconceituosos sociais, que FORÇAM o leitor a uma análise mais atenciosa, da qual deverá tirar suas próprias conclusões. ([214]) (grifo e caixa alta do original)

2º) Capítulo: Considerações Finais

No texto “frenologia espírita”, temos na parte 1 a parte 17 informações doutrinárias na qual são terminantemente contra a frenologia, assim como o racismo e a exploração do homem pelo homem. No bloco 18 em diante o texto recebe uma forte inserção de ideias amplas e diretas da sociedade materialista e preconceituosa em que viveu; pensamentos públicos que Kardec expõe como seus e os lança para debate.

Não há dúvidas que os pensamentos apontados não pertencem a Kardec, pois o texto prova a incongruência de ideologias dele para ele mesmo, no mesmo ambiente textual e desta forma se anulam (**percebido também na análise “Teoria da Beleza”**).

Tanto hoje como no passado, o leitor dos textos de Kardec aqui apresentados depara-se com duas realidades: A doutrinária e a separatista da época, e cabe ao leitor, dentro de sua capacidade chegar ou não a conclusão correta.

Um leigo analisando o texto sem enxergá-lo como um todo, e fora da época na qual o ‘enredo’ desenrola, irá interpretá-lo de forma errônea. Chegará a conclusões absurdas e, não raro, pecando na maledicência, causada pela falta de conhecimento doutrinário. Faltarão recursos

> para que se enxergue a verdadeira intenção, a ideologia passada e o caráter de Kardec. ([215])

Jamais devemos julgar ou avaliar atos ou situações do passado com os olhos do presente; é essencial compreendê-los dentro de seu próprio contexto histórico, e não à luz dos valores atuais.

Ademais, em relação ao que possamos dizer sobre as pessoas, necessário se faz, ter pleno conhecimento do caráter, do modo de agir dela, antes de aventurarmos nessa empreitada, pois, muitas vezes, “*as aparências enganam*”.

Conclusão

O curioso é que, entre todas as recomendações de Allan Kardec aos seus leitores – aceitando ou não o seu ponto de vista – não se encontra nada que possa ser classificado como preconceito de sua parte; ao contrário, ele afirmava que devemos tratar indistintamente de igual modo.

Para exemplificar, vejamos o reflexo disso no discurso pronunciado em 12 de novembro de 1862 pelo Dr. Chauvet, presidente da sessão de instalação do Círculo Espírita de Tours, publicado na ***Revista Espírita 1863***, do qual destacamos:

> **Não é preciso jamais perder de vista, Senhores, o objetivo essencial do Espiritismo, que é a destruição do materialismo pela prova experimental da sobrevivência da alma humana.** [...].
>
> [...] **Hoje o Espiritismo penetrou por toda a parte, tem adeptos em todas as classes da sociedade**; reuniões de grupos mais ou menos numerosos se organizam em

> todas as cidades, grandes ou pequenas, esperando a vez das aldeias; [...].
>
> [...] Provemo-lhes que, graças aos ensinos daqueles que chamam *Demônios,* compreendemos a moral sublime do Evangelho, que se resume no amor de Deus e de seus semelhantes, na caridade universal. **Abracemos a Humanidade inteira, sem distinção de culto, de raça, de origem, e, com mais forte razão, de família, de fortuna e de condição social.** [...]. ([216]) (itálico do original)

A última frase é um atestado indiscutível do caráter universalista do Espiritismo, fato que estamos destacando ao longo dessa obra.

Visando demonstrar que as orientações dos Espíritos são todas elas contra o racismo, e isso pode ser visto no que citamos das obras de Allan Kardec, vamos colocar uma mais recente, constante da obra ***O Consolador***, ditada pelo espírito Emmanuel:

> 61 – *Como deveremos encarar a política do racismo?*
>
> – Se é justo observamos nas pátrias o agrupamento de múltiplas coletividades, pelos laços afins da educação e do

> sentimento, **a política do racismo deve ser encarada como erro grave**, que pretexto algum justifica, porquanto, não pode apresentar base séria nas suas alegações, que mal encobrem o propósito nefasto de tirania e separatividade. ([217]) (itálico do original)

Vale a pena citar aqui o artigo "***O Brasil precisa aceitar que o racismo existe***" para que fique registrado o pensamento de Azuete Fogaça, professora da Universidade Federal de Juiz de Fora e do Mestrado em Educação da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. No Boletim da UFMG nº 1483, publicado pela UFMG, em "Opinião", lemos o seguinte:

> O Brasil precisa aceitar que o racismo existe
>
> Azuete Fogaça
>
> Por pura obra do acaso, a questão racial esteve no noticiário nesta última semana, em três situações diferentes: o pedido de perdão do presidente Lula aos africanos, por conta da escravidão no Brasil; a prisão do jogador argentino que ofendeu um jogador brasileiro negro; e a inclusão, no Censo Escolar do Ministério da Educação, da identificação dos alunos pela cor. As reações

a estes fatos dividiram-se, como sempre entre prós e contras, fato natural em uma sociedade democrática.

Entretanto, o que se observa das críticas contrárias é que elas se apoiam, inicialmente, na naturalização de certos termos aplicados comumente aos negros – expressões como “neguinho”, ou “negão”, por exemplo – porque já fazem parte do cotidiano e seriam “compreensíveis” em face do apelo emocional de um jogo de futebol. **Significa dizer que o uso continuado de uma expressão pejorativa e racista faz com que ela deixe de sê-lo e se transforme num termo “cordial”.** E assim, no caso de Grafite, tanto a acusação feita pelo jogador quanto a ordem de prisão dada pelo delegado constituiriam um exagero. Aqui, só cabe parafrasear o presidente na visita à *Porta do Nunca Mais*: não dá para falar de discriminação; tem que senti-la na pele, para saber o quanto dói.

As críticas ao Censo Escolar negam a existência de racismo no Brasil e consideram que explicitar quem é negro, pardo, etc. é atitude de incitação a um racismo que não temos, porque chama a atenção das crianças para as diferenças físicas e **usa um já superado conceito de raça. Ora, o preconceito de cor não se extingue com a negação de diferenças que de fato existem, e nem com a**

superação científica de um conceito. Não falar das diferenças equivale a esconder a realidade; negar o racismo equivale a varrer a sujeira para debaixo do tapete. Ao contrário, o Censo do MEC pode detonar uma discussão que se faz necessária mesmo entre crianças, para que saibam que as diferenças existem, e **embora não indiquem a classificação por raças, fazem parte da diversidade humana e não são determinantes de qualquer tipo de inferioridade. Logo, não são justificativas para qualquer preconceito.**

Tivemos ainda a indignação dos que consideram que o Brasil não deve desculpas pela escravidão. **É claro que se trata de uma atitude simbólica, tal como a do Papa João Paulo II em face do triste papel da Igreja Católica, de legitimação da escravidão negra.** Ela não muda o passado mas, mostra, pela primeira vez no Brasil, algum interesse das autoridades constituídas em tratar da escravidão e das marcas que ela deixou na sociedade brasileira, sem esconder e nem procurar disfarçar uma realidade de preconceito e discriminação contra os negros que se mantém até hoje.

Apesar de termos uma legislação que considera a discriminação racial como crime, quando ela é flagrada, busca-se atenuantes ou justificativas para que a lei

não seja aplicada, e quase se transforma o réu em vítima: o negro que denuncia a discriminação e exige punição está destilando seu racismo contra os não-negros; o delegado que acata a denúncia e cumpre a lei está querendo seus quinze minutos de fama.

Esta é uma atitude extremamente grave porque desqualifica um instrumento importante para o reconhecimento da dignidade do negro, ainda que não seja a solução única e nem final para a promoção da igualdade racial. **O preconceito diz respeito a ideias formuladas *a priori* sobre as qualidades físicas, morais e intelectuais de indivíduos, e que conferem a esses indivíduos uma situação de inferioridade.** Pela sua subjetividade, o preconceito é mais difícil de ser combatido e mais demorado para ser desconstruído. Entretanto, qualquer que seja a motivação – raça, cor, origem, classe social – o preconceito constitui um fator determinante da qualidade das relações entre aquele que se considera "superior" e aquele que é considerado "inferior". É nessas relações que o preconceito se revela, sob a forma de discriminação.

Orientada pelo preconceito, a discriminação é a ação concreta, que vai desde a afirmação verbal da inferioridade – os xingamentos, os tratamentos pejorativos – até as situações de humilhação e as

> iniciativas no sentido de impedir ou dificultar a comprovação de que essa inferioridade é infundada. Assim, pela sua concretude e objetividade, a discriminação racial pode ser identificada e deve ser combatida, tanto em nome do respeito ao ser humano quanto pelos princípios democráticos que igualam negros e não-negros como cidadãos.
>
> Todavia, as críticas aos episódios recentes indicam que o caminho para o equacionamento da questão racial no Brasil tem algo em comum com o tratamento para o alcoolismo: o primeiro passo para a superação é aceitar que o problema existe. ([218])

Neste texto fica claro a descoberto a existência do racismo no Brasil; por isso, resolvemos perguntar: se o preconceito racial é notório no Brasil, então por qual motivo não se acusam todos os brasileiros dessa prática, vendo-a apenas em Allan Kardec que, absolutamente, não era racista? O Codificador, bem como todos de seu tempo, estava preso ao caráter científico que, naquela época, se tinha como certas as diferentes raças humanas.

Escravidão, de todo e qualquer tipo, só se faz, quando pessoas admitem que outras lhes são

inferiores, motivo pelo qual as dominam, física ou intelectualmente. Não podemos deixar de ressaltar a escravidão intelectual que se vê em muitas das correntes religiosas tradicionais exercendo sobre os seus fiéis:

- Não se pode ir a nenhuma outra igreja;
- Não se pode ler nenhuma literatura condenada pela igreja;
- Não se pode questionar seus líderes;
- Não se pode duvidar que eles são os representantes de Deus, embora explicitamente não o digam, mas, na prática, o demonstrem quando da execução dos sacramentos – batismo, casamento etc.

Então, fica claro que os que pensam que a escravidão por conta da liderança religiosa acabou, enganam-se, pois ela continua ativa; só que de outras formas.

Vamos tomar duas falas de Allan Kardec, publicadas, respectivamente, em ***O que é o Espiritismo*** e na ***Revista Espírita 1861***,

esperando que os nossos contraditores não nos levem a mal se elas lhes caírem como uma luva:

> O erro de todos está em crerem que a fonte do Espiritismo é uma só, e que se baseia na opinião de um só homem; daí a ideia de que poderão arruiná-lo, refutando essa opinião; eles procuram na Terra uma coisa que só achariam no Espaço; essa fonte do Espiritismo não se acha num ponto, mas em toda a parte, porque não há lugar em que os Espíritos se não possam manifestar, em todos os países, nos palácios e nas choupanas. ([219])

> Se a pobreza dos argumentos contra o Espiritismo é manifesta nas obras sérias, sua nulidade é absoluta nas diatribes e artigos difamatórios onde a raiva impotente se trai pela grosseria, pela injúria e pela calúnia. ([220])

Quem sabe, se os contraditores tivessem lido isso, teriam buscado uma outra coisa para atacar que não o Espiritismo? Mas o ódio que lhes nasce do coração tem que ser descarregado em alguma coisa...

Seria interessante que colocássemos a opinião

de um especialista em direito, para tornar o assunto mais claro possível. Então vejamos o artigo "***A dignidade, a lei e o negro***", publicado no jornal *O Tempo*, de Belo Horizonte, no Caderno Opinião, escrito pelo advogado José Maria Couto Moreira:

> A Dignidade, a lei e o negro
>
> Vez por outra a imprensa noticia que ter-se-ia agido mais severamente com implicados em suposta desobediência à Lei Afonso Arinos que, junto a outros dispositivos que lhe sucederam, vedam a discriminação ao negro.
>
> Ainda não se detiveram alguns operadores do direito, com a necessária vênia, seja na polícia judiciária, no Ministério Público ou na magistratura, na natureza sócio-jurídica do diploma de iniciativa de Afonso Arinos de Mello Franco e na inteligência luminosa de um dos príncipes da aristocracia brasileira.
>
> Eventuais interpretações, ao invés de contribuir para a minimização do preconceito, objetivando uma mais rápida e efetiva inclusão do negro em nosso panorama social – quando, aí sim, alcançaremos o patamar de nação – quase sempre têm efeito contrário ao de sua criação, inspiradas que foram no amparo ao negro desvalido.

Ora, se a lei surgiu como defesa do homem de cor, a simples notícia – pior quando a imprensa a escandaliza – já se torna um abalo à letra e ao espírito com que a legislação se implantou.

Na verdade, o que se encontra sob a proteção da lei não é propriamente a pele do indivíduo, mas a dignidade daquela criatura que a natureza acolheu em corpo escuro.

Então, quando se imputa a alguém o descumprimento da lei, modus in rebus, é porque o que a citada lei quis transmitir e socorrer não é a distinção em si mesma, seja em público ou em particular, do fato de ser o brasileiro branco ou negro, mas a certeza da dignidade que carrega em si de ser o que é.

Por isso, o branco, por iguais razões, também conserva a dignidade de sua cor e, por isonomia, como igual sujeito de direitos, poderia ofender-se quando lhe exaltassem sua cor branca.

A lei, em homenagem à democracia e ao estado de direito, apenas cuidou para que ao negro não fosse negada a possibilidade do exercício de um amplo e variado leque de direitos subjetivos, tanto quanto ao branco nunca se negou.

Daí, na intimidade ou mesmo em público, o fato de alguém dirigir contra o negro uma exaltada obviedade de sua

pele não faria de quem a verbaliza, de forma alguma, um descumpridor da lei, porque a cor de seu interlocutor (seja de seu adversário) é negra (e a lei jamais poderá retirá-la).

O suposto ofendido deve orgulhar-se dela, não podendo se sentir imprecado se alguma altercação o nomear em linguagem até mais licenciosa, visando atingir ou realçar a sua pele.

É o mesmo que nomear e chamar meu açougueiro de português se ele é português, ou meu borracheiro de japonês, se ele é japonês. Se trocasse o adjetivo e a nacionalidade de ambos, aí então os estaria provocando.

Assim, chamar o próximo de negro, quando realmente o é, não pode merecer capitulação penal, porque não se feriu, absolutamente, a sua dignidade – nada mais teria havido do que mera confirmação – e o negro que se sentisse injuriado não seria digno de ser negro.

O que a lei visa é a defesa da dignidade objetiva e nunca se permite sobre ela um juízo subjetivo, porque aí seria sua negação.

Esse olhar mais objetivo se assenta, também, entre os enciclopedistas, aqueles grandes descobridores da razão humana no planeta, que definiam a lei como a relação necessária que deriva da natureza das

coisas.

> Do modo como pensam alguns, estaria a lei superprotegendo o negro que, por rápida alusão que seja à sua cor, estaria recorrendo ao xerife de plantão e aquele de outra etnia, por sua vez, se chamado pela sua raça ou cor, não estaria ao agasalho da discriminação. Não é para situações artificiosas que se elabora uma lei. ([221])

Bom seria que todos os acusadores de Allan Kardec pudessem entender essa assertiva, aqui exposta por Couto Moreira, quanto a se descumprir a Lei.

Mais uma opinião seria interessante citar como a de Josenia Antunes Vieira, professora da Universidade de Brasília e doutora em Linguística, que no artigo "***As marcas do racismo no discurso***", publicado no jornal *Folha Universal nº 751*, Caderno Opinião:

> O racismo, entre tantas definições, é considerado uma espécie de doutrina que preserva a unidade de determinada raça, assentando-se em uma suposta superioridade racial. De qualquer ponto de vista, entretanto, **racismo pressupõe**

> **reações ou atitudes de exclusão a determinado grupo social ou étnico**. ([222])

Colocando as coisas neste prisma, não há como taxar Allan Kardec de racista.

Vejamos o que disse Sérgio Danilo Pena, prof. titular do Departamento de Bioquímica e Imunologia da UFMG e presidente do Gene – Núcleo de Genética Médica de Minas Gerais, em seu artigo "***De raças, racismo e sociobiologia***":

> Entretanto, a palavra "raça" também serve para denotar categorias socialmente definidas. Em seu livro "Classes, Raças e Democracia", Antônio Sérgio Guimarães **distingue a crença de que raça existam cientificamente ("racialismo") da prática odiosa de discriminação com base em "diferenças raciais" (racismo)**: indivíduos podem ser racialistas ou não-racialistas e, separadamente, racistas ou antirracistas. Fica claro que a inexistência de raças do ponto de vista biológico não impede a ocorrência de racismo, já que este depende somente da existência de "raças" como construções sociais. Esta diferença entre os dois sentidos da palavra "raça" é sutil e parece ter escapado a Diniz Filho. ([223])

Leiamos agora, em ***Renovando Atitudes***, um trecho de uma mensagem recebida pelo médium Francisco do Espírito Santo Neto, ditada pelo espírito Hammed:

> Como o Espiritismo, porém, esse conceito de família se alarga, porque os velhos padrões patriarcais, impositivos e machistas do passado, cedem lugar a uma clã familiar de visão mais ampla de vivência coletiva, dentro das bases da reencarnação. **Por admitir que os laços da parentela são preexistentes à jornada atual, os preconceitos de cor, de sangue, sociais e afetivos caem por terra**, em face da possibilidade de as almas retornarem ao mesmo domicílio, ocupando roupagens físicas conforme as necessidades evolutivas. ([224])

Somente por muita má vontade é que não se entende essa essência do pensamento Espírita, que, obviamente, reflete a maneira de pensar do Codificador do Espiritismo. Como estamos sempre destacando, para nós, os Espíritas, o Espírito é o mais importante. Para melhor entendimento, vejamos o seguinte quadro:

Período	Situação	Observações baseadas em *O Livro dos Espíritos*
Início	Espírito perfectível	p. 115 – Deus criou todos os espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber. p. 127 – São criados iguais, quanto às faculdades intelectuais.
Encarnações	Homem = espírito encarnado	p. 132 – Deus lhe impõe a encarnação com o fim de fazê-lo chegar à perfeição. p. 803 – Todos os homens são iguais perante Deus. p. 804 – A diferença das aptidões está na diversidade da experiência alcançada ao longo das reencarnações. p. 806 – A desigualdade das condições sociais não é uma lei Natural, mas é obra do homem, por isso desaparecerá da face da Terra, porquanto, só as leis de Deus são eternas. Ela é fruto do egoísmo e do orgulho humanos. p. 822 – Sendo os homens iguais perante a lei de Deus, devem sê-lo igualmente perante as leis humanas. p. 827 – Tem obrigação de respeitar o direito dos outros, que é um direito natural.
Fim	Espírito puro	p. 116 – Todos se tornarão perfeitos

Esta visão panorâmica da vida do espírito, com as respectivas considerações, dão-nos o posicionamento de que desde o início de sua criação até o seu destino final, nada há que venha a discriminar os espíritos, por qualquer motivo, uma vez que a igualdade se faz em todas as etapas de sua vida.

Recorremos mais uma vez ao especialista Jaime Rodrigues, escritor, doutor em história pela Unicamp e pós-doutorando na Faculdade de Saúde Pública da USP, que no artigo "***Visões nascidas do medo***", publicado na revista *História Viva, ed. esp. Nº 3*, disse:

> Talvez o leitor estranhe a exposição de tantos argumentos que poderiam ser traduzidos numa só palavra: racismo. Mas vamos devagar. **Por dever de ofício, os historiadores procuram manter o significado das palavras de acordo com o uso que elas tinham em diferentes épocas. Racismo, por exemplo, não era um termo corrente no vocabulário político do Brasil do início do século XIX**. O que não quer dizer que não houvesse formas agressivas em práticas e palavras de intolerância dirigidas aos africanos e seus

> descendentes. Hoje, quando o conceito de raça foi abolido pelos estudos dos geneticistas, a própria noção de racismo deveria ter se esfacelado, junto com os racistas militantes e ocasionais.
>
> Como as práticas culturais e a disseminação do conhecimento científico na maioria das vezes não caminham no mesmo ritmo, podemos dizer que o racismo sobreviveu ao fim do conceito de raça porque persiste na experiência cotidiana. **Mas se usarmos o conceito de racismo no Brasil do início do século XIX, poderemos entrar no caminho perigoso de anacronismo**. De todo modo, não é descabido dizer, com base no que foi exposto aqui, que a pretensa superioridade que a elite branca atribuiu a si mesma era altamente discriminatória. Ainda que não se baseasse em conceitos biológicos, nem por isso deixou de produzir efeitos nefastos e ainda sensíveis no presente. ([225])

Assim, podemos constatar que, ao longo dos tempos, apareceram várias teorias, que desfrutaram do status de verdades científicas, sobre a “inferioridade biológica” da “raça negra” e outros absurdos do gênero.

Isso, de certa forma, vem justificar que muitas

opiniões estão presas a essas “verdades científicas” que um cidadão comum não tem como rejeitar. São o que poderemos denominar de fatores culturais. E sobre esse assunto leiamos o artigo “***Mistificações da Ciência***”, publicado revista *História Viva,* ed. esp. Nº 3, autoria de Alberto Luiz Schneider, doutor em história, escritor e professor:

> Os preconceitos culturais contra outros povos são evidentemente antiquíssimos. Sabe-se que os egípcios escravizaram os hebreus e tinham deles opiniões pouco lisonjeiras. Os gregos consideravam bárbaros todos os povos que não falassem sua língua nem professassem seus valores. Logo após a chegada dos europeus na América, **uma bula papal, emitida em 1537 por Paulo III, declarava que os “*selvagens*” eram pessoas verdadeiras e possuidoras de alma**. A novidade do século XIX foi o estabelecimento de uma concepção de “raça” baseada na suposta existência de uma diversidade biológica inscrita no corpo, pois patente na própria tipologia de grupos ou indivíduos O termo “raça”, originário do latim ratio (usado para designar categoria, espécie, descendência), já existia desde muito antes, mas ainda não possuía o status pretensamente científico que adquiriu depois. A Biologia, que como

disciplina autônoma nasceu não por acaso no século XIX, forneceu o modelo epistemológico, cientificamente legitimado, capaz de explicar a diversidade humana.

Se o preconceito contra o outro é tão velho quanto a própria humanidade, a novidade foi o estabelecimento de uma inferioridade intrínseca, que impediria a possibilidade da conversão, assimilação ou aprendizado. **Foi apenas no século XIX, sob a égide da ciência, que a noção de raça recebeu o reforço de critérios morfológicos como a cor da pele, o formato do crânio ou o tipo de nariz**. Convém lembrar que a ciência crescia em autoridade na mesma medida em que a religião declinava, e **foi sob os auspícios desse novo critério da verdade que se chegou a afirmar a desigualdade natural das raças**. Já não eram mais fenômenos de ordem cultural (linguística, religiosa etc.) que definiam a "raça", mas a crença de que todos esses aspectos possuíam um substrato físico.

O mundo da razão e da ciência reinventou o mito bíblico. No século XVIII, Kant, um dos maiores filósofos do Ocidente, chegou a afirmar que "os negros da África não têm por natureza nenhum sentimento superior à frivolidade". O Iluminismo abriu caminho para o nascimento de novas disciplinas, entre elas a chamada história natural da humanidade – mais tarde, já no

século XIX, transformada em biologia e antropologia física. O desenvolvimento de um enfoque científico da ideia de raça ensejou profundas consequências. A publicação de *A origem das espécies*, de Charles Darwin, em 1859, deu margem a novas e crescentes especulações acerca das determinações supostamente biológicas das raças. O mundo ocidental assistiu entre assombrado e maravilhado o nascimento desses novos discursos científicos, que se pretendiam neutros e objetivos. A fé na ciência foi paulatinamente substituindo outros signos da verdade.

Como decorrência dos debates científicos em torno da ideia de raça, aparece a noção de eugenia, pioneiramente desenvolvida pelo inglês Francis Galton (1822-1911) a partir de 1865. Esse novo saber apresentava-se como um procedimento científico destinado a aperfeiçoar artificialmente a qualidade genética de uma população.

Se as características humanas eram hereditárias, para se elevar o nível de determinada população seria necessário facilitar ou incitar a reprodução dos “bons” indivíduos e desestimular ou mesmo estancar a reprodução dos “maus”. O termo “mau” não designava apenas os indivíduos oriundos das raças “fracas”. Mas, evidentemente, a maioria dos “tarados”, “degenerados” e “feios” não viria da

valorosa raça branca, menos ainda de seus estratos mais “puros”. Nos Estados Unidos, medidas espetaculares foram tomadas no sentido de esterilizar os “débeis” e selecionar os melhores imigrantes.

A eugenia desdobrou-se em tendências diversificadas, mas é certo que seu discurso teve influência e prestígio científico por muitas décadas, século XX adentro, deitando fundas raízes nos Estados Unidos, de onde se espalhou pelo mundo. Eugenistas famosos como Madson Grant e seu discípulo Lothrop Stoddard gozavam de notável reputação e audiência. Pode-se compreender a amplitude do racismo científico ao se observar a aceitação quase geral desse discurso. Na virada do século, a eugenia congregava um conjunto de ideias respeitáveis, cientificamente convincentes e partilhadas por importantes jornalistas, escritores, acadêmicos e grande parte do público letrado.

Nina Rodrigues foi médico-legista e professor de medicina legal da Universidade da Bahia, onde se dedicou a pesquisar a presença negra no país entre os anos de 1890 e 1905. Essas pesquisas deram origem a *Os africanos no Brasil,* publicado apenas em 1933. O livro aparece com uma epígrafe de Sílvio Romero, em que se lê: “Apressem-se os especialistas, visto que os pobres moçambiques, benguelas, monjolos, congos, cabindas, cassangas (...) vão morrendo

(...)". A adoção da sugestão proposta por Sílvio Romero resume bem as contradições em relação aos negros que marcaram a obra tanto de um como de outro. Enquanto Romero defendeu a mestiçagem – contra a ciência em que ele próprio acreditava –, Nina defendeu as manifestações culturais dos africanos no Brasil e o direito dos negros à liberdade, inclusive quanto às práticas religiosas. No entanto, ambos os autores não abdicaram das modernas conquistas científicas, que proclamavam a inferioridade racial do negro: "O critério científico da inferioridade da raça negra nada tem de comum com a revoltante exploração que dele fizeram os interesses escravistas dos norte-americanos. Para a ciência não é esta inferioridade mais do que um fenômeno de ordem perfeitamente natural, produto da marcha desigual do desenvolvimento filogenético da humanidade nas suas diversas divisões ou secções" (Rodrigues, *Os africanos no Brasil*, São Paulo, Editora Nacional, 1976).

Sílvio Romero, num momento de otimismo, acreditou que a referida inferioridade da população brasileira cederia, pois "o elemento branco tende em todo caso a predominar com a internação e o desaparecimento progressivo do índio, com a extinção do tráfico africano e com a imigração europeia, que promete continuar" (Romero, História da literatura brasileira, Rio

de Janeiro, Civilização Brasileira, 1954.)

> No final do século XIX, princípio do XX – sob o auge do prestígio das teses científicas que davam conta da inferioridade das populações não-brancas – a imigração europeia foi mais intensa do que em qualquer outro momento da história do país. [...]. ([226]) (itálico do original)

Duas coisas importantes a serem consideradas, por refletirem pensamento dos sociólogos: uma é que podemos colocar dentro do rol de atitudes racistas a intolerância religiosa; outra é que nem toda atitude poderá ser enquadrada como tal; é necessário algo mais que isso.

Vejamos na obra ***Racismo em Mente*** as opiniões de alguns deles:

> **a) TAMAS PATAKI:**
>
> **O racismo e seus companheiros – desprezo étnico ou cultural, intolerância religiosa, ódio classista e assim por diante – são fenômenos complexos e problemáticos**. Não é de surpreender que a compreensão deles permaneça parcial e controversa, apesar da considerável atenção que cientistas sociais,

psicólogos, historiadores e, em menor grau, filósofos dedicaram a eles nas décadas desde a Segunda Guerra Mundial. **Claramente, esses fenômenos partilham de semelhanças fundamentais. Em um nível individual ou pessoal, são todos – consente-se atualmente preconceitos, apesar de que discordâncias acerca da natureza precisa desses preconceitos sejam tão grandes que limitam consideravelmente a concordância nacional.** […].

Em discursos contemporâneos, conceitos de raça e limitações formais de racismo impostas por esses conceitos são vagos e equivocados. **É comum atualmente, no domínio público, encontrar quase todo tipo de inimizade grupal que envolva noções de identidade étnica, nacional, religiosa ou linguística descritas como raciais e, frequentemente, como racistas. Consequentemente, é lugar-comum ouvir ou ler acerca de ódio racista contra asiáticos, muçulmanos, judeus, negros, coreanos, mexicanos, hispânicos, etc.** […]. ([227])

Para ser racista

Assim, fica claro que o conceito de racismo não é necessário para que exista racismo: havia racismo antes deste ser assim definido. Mas parece evidente, a partir

das considerações anteriores, que concepções de raça são necessárias: **ser racista implica necessariamente possuir concepções raciais.** E, para muitas pessoas, essa pode parecer uma restrição excessiva, ou talvez excessivamente intelectualista. Afinal, não diríamos de uma pessoa branca que sente aversão por negros – pessoas de pele escura – ou pessoas com aparência do Oriente Médio, ou simplesmente "essa gente", que é uma racista, mesmo que pareça não ter nada semelhante a um conceito ou sistema organizado de crença referente a tipos raciais. Para nosso aprendizado, a resposta parece ser negativa. A interrogação torna isso claro. Será que ela sente aversão por pessoas da raça branca – por exemplo, seus familiares – que são muito bronzeadas ou parecem excepcionalmente ser do Oriente Médio? Será que sua aversão será anulada pelo filho de pele clara de um casal de negros? Se a resposta for positiva, então ela sofre de algo mais como uma fobia do que racismo, pois não há nada em suas classificações, ou em sua organização afetiva, que emprega conceitos discriminatórios remotamente relacionados à raça. A base para classificá-la como racista cai por terra.

Mas, se ela realmente as discrimina, ou seja, se sua inimizade se estende ao filho de pele clara de um casal de

negros –, então a ilusão de que não emprega concepções raciais é falsa. Ela opera com um sistema ao menos razoavelmente organizado de crenças, talvez com um traço de ideologia racial rudimentar, que lhe permite classificar pessoas de certos modos não guiados por aparência imediata. Pois, é evidente, "pessoa negra", na verdade, significa muito mais do que "pessoa com pele escura", e "pessoa com cara de Oriente Médio", muito mais que o quadro visual estereotipado. As características fenotípicas são raramente o fator que demarca classificações e inimizades raciais. No geral, são apenas os indicadores de outras características, reais ou imaginárias, frequentemente morais e intelectuais, que fornecem a base para discriminações racistas. A cor (tonalidade) não é o problema para o racista; é o conjunto de conceitos e crenças raciais que ele tem a respeito de cor que cria o problema. ([228])

[…] atos são racistas somente quando são causados por estados mentais racistas, que discriminações adversas institucionais são racistas apenas se há um intento racista por parte do agente, que o intento racista existe apenas se tiver uma relação de causa com certos tipos de subestruturas psicológicas profundas, etc. ([229])

É atualmente comum no domínio público encontrar quase toda inimizade em que as partes *podem* ser distinguidas por características remotamente consideradas raciais como envolvendo racismo: distinções entre raça, grupo étnico e cultural, religião, nacionalidade, cidadania e "modo de vida" não são notadas, assim como as distinções entre discriminação racista e indiretamente racial, e entre a presença e a ausência de intenções racistas. ([230])

Agora, como as pessoas vêm a ser escolhidas como alvo por causa de sua raça? A animosidade racista direciona-se contra um grupo porque acredita que seus membros tenham propriedades específicas (que normalmente acredita serem hereditárias essenciais, exclusivas e **imutáveis**) que são, em uma palavra, desprezadas. ([231])

Em contraste, as identidades étnicas ([232]), nacionais e religiosas são permeáveis e intercambiáveis, de modo que as inimizades e os preconceitos a elas associados – desprezo étnico, intolerância religiosa, etc. – são geralmente menos rígidos e mais vulneráveis a exceções. De modo geral, essas concepções de grupo não envolvem as diferenças intransponíveis entre grupos que são tão importantes de diversas formas para a mentalidade racista. Elas podem, entretanto, tornar-se racializadas, vistas

como se fossem concepções raciais; e isso é, como dito anteriormente, uma característica saliente do cenário contemporâneo. O tipo de inimizade direcionada contra muçulmanos em vários aspectos atualmente é, em substância, se não em forma, uma inimizade racista. ([233])

[…] conclui-se que o racismo cria grupos distintos e exclusivos, *eles* e *nós*. A ênfase do racista pode oscilar entre o ódio e o desprezo dos *eles* e a idealização e exaltação dos *nós.* Pertencer a um grupo – sentir ou imaginar que se pertence a um grupo cujas características e conquistas dignas são identificadas ou magicamente apropriadas (em fantasias) por si – pode ser tão importante para o racista como desprezar ou perseguir o outro. **A ideia de supremacia de raça não parece envolver logicamente ódio ou má vontade, ou talvez até mesmo desrespeito, pelos grupos estrangeiros**. Mas, na prática, é claro, a ideia de supremacia de raça e o ódio costumam andar de mãos dadas. ([234])

Por exemplo, J. L. A. Garcia escreve: "Concebemos o racismo como fundamentalmente um tipo vicioso de desconsideração baseada em raça pelo bem-estar de certas pessoas. Em suas formas centrais e mais viciosas, ele é ódio, má vontade, direcionados contra uma

pessoa ou pessoas devido à sua raça designada... O racismo então é algo que envolve não nossas crenças e sua racionalidade ou irracionalidade, mas nossos quereres, intenções, gostos e desgostos e sua distância das virtudes morais" (1996:6). ([235])

[...] **o ponto óbvio, mas importante, de que, antes de determinar se uma má vontade, desconsideração, etc. que se baseie em raça é racista, precisamos conhecer as razões, os motivos ou a base para essas atitudes e paixões**. ([236])

b) MICHAEL DUMMETT:

[...] **É que a erradicação do racismo exige respeito pelos outros, independentemente das diferenças que tenham em relação a você. Ela não pode ser obtida simplesmente não tratando diferenças raciais com base para negar esse respeito, apesar de talvez o negar com outras bases, como diferenças religiosas, de opinião moral ou mesmo de cultura. A menos que se cultive um respeito por outras pessoas, apesar das maneiras em que elas diferem de você, então o espírito que deveria animar o desejo de superar preconceitos raciais e suas manifestações não foi compreendido**. Isso, é claro, é uma definição ampla de

antirracismo; mais precisamente é uma generalização ampla, quero dizer, em sua concepção do que o antirracismo deveria envolver: isso impediria que merecesse o nome de antirracista (como muitos merecem) a concepção estreita aceita pela audiência da reunião em que minha esposa discursou.

O racismo no sentido estrito da palavra, consiste em preconceito contra um ou mais grupos raciais, que se manifesta em comportamentos hostis para com todos os membros desses grupos (ou, às vezes, contra todos, menos uns poucos que são muito ricos ou poderosos). O termo "grupo racial" é definido por atitudes sociais, não pela biologia ou mesmo pela aparência; atitudes tanto daqueles que pertencem ao grupo como daqueles que não pertencem. Você será considerado membro desse grupo se, e somente se, pelo menos um de seus progenitores pertencer a ele; normalmente apenas um é suficiente. Como definição – uma definição indutiva –, isso é obviamente insuficiente: sua aplicação dependerá da identificação de algumas pessoas como membros do grupo por algum critério além da ascendência. **Para os propósitos presentes, não interessa como isso é feito. Pode ser por origem geográfica, por religião ou por aparência.** Não

interessa se os membros do grupo assim identificados partilhem realmente de uma origem comum ou não, apesar de que se acreditará que partilhem: o que é essencial é que a afiliação ao grupo é considerada como transmissível hereditariamente, normalmente por parte de um dos pais. [...].

A palavra "preconceito" no sentido em que é usada para definir racismo, pode englobar quase qualquer atitude hostil para com membros de um grupo racial. Pode ser uma relutância em encontrar-se ou conversar com qualquer membro desse grupo ou o desejo de que nenhum desses membros entre em sua casa, ou more em sua rua, ou se associe ao mesmo clube, sindicato ou força de trabalho, ou até mesmo entre em seu país: talvez não mais que uma repulsa ao pensamento de que um membro desse grupo se case com sua irmã ou filha. Talvez "membros desse grupo" seja uma expressão inconveniente demais para ficar repetindo: vamos substituí-la por "os outros". O preconceito pode tomar a forma de um ódio mais virulento que pode se manifestar em uma ou outra tentativa de prejudicar os outros, queimando suas casas, ou por meio de ataques físicos, até mesmo assassinato. **Pode se basear na crença na inferioridade dos outros, intelectual ou moral,** ou simplesmente na atitude de que eles não contam como seres humanos com

quem se deva exercitar as virtudes mais simples.

É correto definir racismo como um "preconceito" contra determinado grupo racial? Não faz parte do significado da palavra que um preconceito seja irracional? A hostilidade contra ou o desdém a um grupo social precisa ser irracional? Ou pode ser fundamentado em uma base racional, como a que o incrivelmente mal informado David Hume acreditava ter a respeito de todos os grupos não brancos para pensar que estes são inferiores? A resposta depende de duas coisas. **O que significa pensar que um grupo de pessoas é inferior a outro?** E que tipo de comportamento tal crença justificaria? Ninguém pode pensar racionalmente que a grande maioria dos membros de qualquer grupo racial é intelectual ou artisticamente inferior à grande maioria dos membros de um outro grupo qualquer. **É óbvio que dentro de um grupo há uma grande variação na inteligência e nos talentos artísticos**. Uma crença na inferioridade de um grupo racial inteiro em qualquer um desses aspectos pode se sustentar com uma certa racionalidade **somente se for considerado que este grupo nunca produzirá ninguém capaz de grandes realizações; que, por exemplo, nunca haverá um grande orador, escritor, artista, músico ou cientista nesse**

grupo – como da África ou da população negra do Novo Mundo ou, também, do subcontinente indiano. Seria necessária uma tremenda ignorância para levar adiante uma proposição dessas; mas, por outro lado, algumas pessoas, embora racionais, são tremendamente ignorantes. Uma crença racional pode ser baseada em ignorância? Não se o indivíduo ignorante sabe de forma palpável muito pouco para fazer um julgamento a esse respeito. Uma pessoa racional, mas ignorante, não pode ser mais do que agnóstica acerca de questões que exijam um certo grau de conhecimento para serem respondidas.

[...].

É uma característica do racismo a facilidade com que ele se mescla com outros tipos de hostilidade e pode se disfarçar sob essa outra forma. **Uma vez que as diferenças de raças (em um sentido social) são frequentemente acompanhadas de diferenças de cultura, o preconceito racial facilmente se une ao preconceito cultural**. Nos primeiros tempos de adaptação da Grã-Bretanha ao resultado da imigração advinda do subcontinente indiano, era frequente ouvir reclamações a respeito do uso de *saris* ou *shaiwars* típicas vestimentas indianas. “Já que estão aqui, deveriam se vestir como nós”, diziam os ingleses. Se você dissesse: “Se você e seu marido fossem à Índia, você

não usaria um *sari* e seu marido não usaria um *dhoti*", eles poderiam não entender o que você quis dizer. **O racismo também se combina com antagonismo religioso**. Os alemães da atualidade explicam sua maior antipatia pelos "trabalhadores visitantes" turcos do que pelos de outros países europeus dizendo que eles têm uma religião diferente; e, obviamente um pensamento similar contribuiu para o antissemitismo do pré-guerra que resultou no maior crime de um século repleto de crimes.

[…].

Se uma certa ação é ou não racista não é afetada pelo que se tenciona privar aos Outros – uma casa em alguma região, um emprego em alguma empresa, permissão de entrada em um país ou mesmo suas vidas. O que a torna racista é o fato de que está direcionada contra membros de algum grupo racial em virtude de eles pertencerem a desse grupo.

[…].

O racismo, em uma conceituação mais restrita, é evidentemente mais irracional e consequentemente mais vil de um ponto de vista moral, que as hostilidades contra grupos identificados de outros modos, como a religião, a crença política ou mesmo a língua. O racismo está frequentemente emaranhado em hostilidades com outras

bases; mas menos ainda pode ser dito em sua defesa. É possível discordar racionalmente de uma crença política em particular e acreditar que a seguir seria desastroso. É possível não gostar racionalmente de uma religião em particular e considerá-la socialmente divisora ou individualmente corruptora. É possível até desgostar racionalmente de uma língua ou acreditar racionalmente que é necessária uma unidade linguística para a coesão da sociedade. Mas raça é ocasionalmente um puro constructo social e, no máximo, uma questão de características físicas que não afetam em absoluto as capacidades ou o caráter moral de alguém. **Atitudes racistas são quase sempre apoiadas por crenças enormemente erradas a respeito dos outros como um grupo**. Acima de tudo, a hostilidade é crueldade baseada em algo que os outros não têm o poder de mudar. Na medida em que os outros são levados a crer que isso deve ter um certo fundamento, o que, tragicamente, acontece às vezes, isso vai direto ao coração de sua identidade: eles, e todos de que vieram, são irremediavelmente inferiores

Não se pode mudar o que é considerado como sendo a sua raça. Mas pode-se modificar sua religião ou suas crenças políticas; pode-se aprender uma outra língua. Nesse sentido, o preconceito, a

hostilidade ou o desprezo raciais são mais injustos que quaisquer outros tipos. Mas essas outras formas estão intimamente relacionadas com eles: negam aos outros o respeito que lhes é devido. **É possível, de fato, desaprovar racionalmente uma certa religião; somente a arrogância e a falta de caridade farão com que seja ignorado como ela é vaidosa para os que nela creem e como é importante para sua identidade Por essa razão, embora uma crítica moderada de uma crença religiosa em particular, ou mesmo de uma religião inteira, sempre legítima, ninguém deveria em qualquer circunstância insultar, ridicularizar ou caricaturar qualquer religião; fazer isso manifesta um cruel desrespeito pelos sentimentos mais íntimos dos outros. De modo equivalente, somente arrogância e a falta de caridade podem fazer com que qualquer pessoa ignore a injustiça de exigir, sob ameaça de punição, que alguém faça o que sua consciência o proíba de fazer.** Essa última injustiça se manifesta na perseguição de pessoas em razão de suas crenças políticas, assim como religiosas. Pode-se acreditar no dever de propagar as opiniões de ambos os tipos. **A obrigação de não forçar ninguém a violar suas consciências é uma das bases para que se mantenha a liberdade de expressão – uma liberdade que deve ser sempre**

limitada pela proibição daquilo que provoca ódio ou desprezo para as pessoas de um grupo étnico, religioso ou linguístico em particular. A língua de uma pessoa também é essencial para sua identidade, mesmo que não carregue uma carga emocional tão grande como sua religião: tentativas de negar às pessoas o direito de usar sua própria linguagem são ataques contra sua individualidade, muito similares à discriminação racial ou à demonstração de preconceito racial.

[...].

Todas as hostilidades contra outros grupos, não importa em que se baseiem, levam frequentemente a horríveis crueldades: a hostilidade racial inspira crueldades ainda maiores que qualquer outra variedade. **Todo ódio ou desdém contra outros grupos, religiosos, linguísticos ou culturais, são, portanto, perigosos**; o ódio e o desdém raciais são os mais perigosos de todos. [...] ([237])

c) SALLY HASLANGER:

[...] Mas, se quisermos que o termo "racista" capte todas as barreiras à justiça racial, eu digo que é razoável contar como "racista" não somente as atitudes e as ações dos indivíduos, mas toda a gama de práticas, instituições, políticas e coisas do tipo que, como argumentei, contam como

racialmente opressivas. [...]. ([238])

d) J. L. A. GARCIA:

O que faz de alguém racista é sua desconsideração por, ou mesmo a hostilidade contra, pessoas designadas para uma raça-alvo, a desconsideração por suas necessidades e seu bem-estar. **A pessoa é racista quando e na medida em que for hostil ou não se importar nada (ou o suficiente) com alguém devido à sua classificação racial.** [...]. ([239])

e) LAWRENCE BLUM

O Dictionary of Twentieth Century Social Thought, de 1993, da Blackwell, começa seu verbete referente a "Racismo" assim: "Qualquer conjunto de crenças que classifica a humanidade em coletividades distintas, definidas em termos de atributos naturais *e/ou culturais*, e gradua esses atributos em uma hierarquia de superioridade e inferioridade pode ser descrito como 'racista'". ([240]) (itálico do original)

Em uma passagem, Garcia realmente parece permitir que pode haver "crenças racistas" no sentido de proposições racistas, cujo caráter racista não é explicado pelos sentimentos racistas que explicam a adesão a elas. Ele fala de outro filósofo que teria

fornecido exemplos convincentes (p. ex., o personagem de Huckleberry Finn) de pessoas que inocentemente vieram a ter "crenças racistas", de um modo que não os torna racistas (Garcia 1999:14). Esse exemplo sugere a possibilidade de uma razão adicional do porquê Garcia se esforça de modo geral para ver desafetos raciais ao longo da ampla variedade de categorias de "racismo" possíveis. Isso é assim porque ele geralmente não quer contar algo como uma manifestação de racismo, a menos que o fazer sirva como base para considerar algum agente na situação como ele próprio um racista. Acredito que Garcia está correto em pensar que as pessoas se apressam em dizer que alguém é racista por ter feito um comentário objetável ou ter se comportado de modo racialmente problemático em uma ocasião. Entretanto, como Garcia reconhece nesse exemplo, **é possível que uma proposição seja inequivocada e totalmente racista, sem que a pessoa que defenda essa proposição seja racista**. ([241])

[…] Defendi que nos limitamos ao escopo do que chamamos de racismo, ao mesmo tempo em que tentamos nos beneficiar de recursos morais mais amplos que nossa linguagem fornece para referir-se à gama mais ampla de males raciais além do racismo. Defendi que também tentamos ser cuidadosos a respeito da categoria de itens

que condenamos no domínio racial – **não assumindo tacitamente por exemplo, que qualquer um que faça um comentário racista ou conte uma piada racista é "um racista"**. ([242])

f) MICHAEL P. LEVINE:

[…] **O racismo não pode ser explicado meramente como ódio racial ou a visão de outro grupo como humanamente inferior**. Esses são apenas exemplos. Até que se entenda o que motiva esses ódios e atitudes, o porquê de eles surgirem e em que circunstâncias, quando as circunstâncias sejam parte da explicação – é impossível entender o que é o racismo.

[…].

Até certo ponto, é possível reconhecer o racismo por meio de seus sinais ("comportamento racista"), da mesma forma que se reconhece o sarampo pelas pintas. Mas dizer que se reconhece o racismo pelo comportamento racista é circular de um modo que reconhecer o sarampo pelas pintas do sarampo não o é. **Pois o que é chamado de "comportamento racista" será *de fato* comportamento racista de modo relevante se brotar do racismo, e isso não pode ser determinado somente a partir do comportamento.** Pintas de sarampo são, entretanto, um sinal certo do

sarampo. É claro que é possível ser racista e não agir abertamente de modo racista (geralmente). Mas o ponto relevante aqui é que é possível se comportar de modo racista e, ainda assim, não o ser, mesmo que provavelmente se seja considerado como tal. ([243])

Há aqueles que acreditam que uma definição ou explicação superficial do racismo é tudo que é necessário para uma análise do que o torna moralmente errado. Eles assumem que é óbvio o que é o racismo. É improvável que o que está moralmente errado com o racismo pertença somente a ele – que há algo moralmente errado no racismo que seja característico do racismo. ([244])

g) LAWRENCE A. LENGBEYER:

O racismo parece ser, fundamentalmente, uma questão de crença. Aquele que possui o que poderíamos chamar de "crenças racistas" – como a de que os membros de uma dada raça ou grupo étnico G são intelectual ou moralmente inferiores a membros de seu próprio grupo, ou que se deveria evitar que membros de G vivessem ou tivessem filhos com eles – é *ipso facto* racista, segundo o uso comum do termo, mesmo que essas crenças nunca se manifestem visivelmente em afetos, em interpretações de eventos, textos ou

> situações, ou em comportamentos verbais ou de outro tipo qualquer. Em particular, o fato de ainda não se ter agido segundo essas crenças não impede que se seja um racista não assumido (que poderia, mais ainda, passar a manifestar abertamente esse racismo a qualquer momento). ([245])
>
> **Porque é o emprego prático de ideias racistas na atividade cognitiva que é essencial, e suficiente, para uma pessoa ser efetivamente racista, e não apenas nominal ou tecnicamente**, seria sábio redirecionarmos alguns dos esforços da sociedade com o objetivo de eliminar o racismo em indivíduos. [...]. ([246])

O que percebemos é que o conceito de racismo é, nos dias atuais, mais amplo, servindo, também, para designar qualquer preconceito e discriminação, não somente o por conta da cor da pessoa. E está fora da ideia de racista aquilo que não tem caráter preconceituoso e discriminatório, porquanto são estes os ingredientes necessários à existência da prática racista.

Vejamos o que disse o então presidente do Supremo Tribunal Federal, Maurício José Corrêa (1934-2012), numa entrevista à revista ***Veja:***

> Como o espírito da Constituição era evitar o racismo no sentido de preconceito, pode-se condenar toda manifestação preconceituosa e discriminatória contra um grupamento que se possa identificar por laços culturais ou físicos. ([247])

Muitas vezes há necessidade de se classificar as pessoas por determinadas características, visando, inclusive, políticas sociais para resguardar a todos os mesmos benefícios do Estado, sem que isso possa ser considerado racismo. Em ***Classes, Raças e Democracia***, vejamos o que o autor Antônio Sérgio Alfredo Guimarães diz no trecho a seguir:

> Ora, para a tradição sociológica, cabe justamente ao analista buscar o que há de comum a diversas sociedades humanas para construir categorias analíticas gerais que possam ser utilizadas heuristicamente, não para subsumir as diferenças e as particularizadas, mas, ao contrário, para permitir a compreensão das particularidades e das contingências históricas. ([248])

Em 20 de novembro de 2000, na cidade de Salvador, BA, aconteceu o *Seminário "Racismo,*

Xenofobia e Intolerância”, do qual participou o escritor Joel Rufino dos Santos (1941-2015), que é professor de pós-graduação da Faculdade de Letras da UFRJ e diretor de Comunicação do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro e foi presidente da Fundação Cultural Palmares com o tema “***Causas da Discriminação Estrutural, Institucional e Sistêmica***”, do qual transcrevemos a seguinte parte:

> Causas da discriminação estrutural, institucional e sistêmica.
>
> É bom sempre, quando se vai discutir uma questão, esclarecer sobre o que se está falando, para evitar confusões iniciais e que podem ser danosas ao raciocínio. Então, nessa comunicação, vou considerar discriminação como coisa diferente de racismo. E discriminação estrutural, institucional e sistêmica como fenômeno único, o que parece ser, aliás, o pensamento dos organizadores do Seminário.
>
> Além disso, vou introduzir uma quarta categoria, ao meu ver, indispensável à análise dessas questões, que é **racialismo**. Pois bem, então, além de preconceito, discriminação e racismo, vou **introduzir racialismo, que vem a ser a abordagem**

muito frequente dos fenômenos sociais e políticos do ponto de vista da raça, tanto para defender o racismo quanto para enfrentar o racismo.

Penso que preconceito racial, discriminação e racismo são coisas diferentes. O preconceito racial é mais ou menos universal e corresponde ao etnocentrismo. É a ideia de que o seu grupo, a sua gente, o seu povo, a sua tribo, a sua nação, a sua cor é a primeira, a única criada por Deus e que todas as outras são degenerescências do gênero humano. Então, não tem uma dimensão grave o preconceito racial, de não gostar de japonês ou não gostar de judeu ou não gostar de preto ou não gostar de cearense ou não gostar de capixaba. Esse é o preconceito.

A discriminação, obviamente, já é uma coisa mais grave. A discriminação é uma objetivação, é uma realização prática social do racismo. E o racismo, o que vem a ser? Bom, o racismo é uma forma de dominação. Racismo é uma forma de dominação social, que, nas condições do nosso mundo ocidental, está imbricado, está fundido, está determinado pelo capitalismo. Não há como separar racismo de capitalismo. Se poderia dizer que o racismo é uma forma específica de dominação

capitalista, do capital, de exploração sobre os pobres, os trabalhadores. Isso é, basicamente, ao meu ver, o racismo.

De passagem, isso significa que há um paradoxo, que vem a ser o seguinte: não há raças, não existem raças, em se tratando da nossa espécie, mas existe racismo, ou seja, existe uma forma de dominação baseada na raça.

Com efeito, raça, em se tratando da espécie humana, absolutamente não faz sentido nenhum. Em apenas um sentido, raça deixa de ser um conceito para ser um fato objetivo, quando designa o conjunto de pessoas consanguíneas que guardam parentesco biológico entre si.

Como todos os homens que habitam o nosso planeta hoje descendem de ancestrais comuns, sendo, portanto, parentes biológicos, só existe uma raça: a raça humana.

Uma outra definição convencional de raça talvez se aplicasse ao nosso caso. É a definição seguinte: populações da mesma espécie que habitam territórios diferentes e que diferem em seus conjuntos gênicos na incidência de alguns genes ou outras variantes genéticas.

Ocorre que, primeiro, há milhares de anos, as populações humanas coabitam o mesmo território. São raríssimos os casos de

> populações humanas inteiramente isoladas, praticamente inexistentes. E, dois, os conjuntos gênicos reais, constituídos por frequências genéticas peculiares e outras variantes genéticas não correspondem à aparência externa das pessoas, nada ou quase nada tendo a ver com os critérios de classificação raciais estabelecidos: a cor da pele, o formato do crânio, etc. Essas classificações foram produzidas socialmente. Elas não são biológicas. São sociais. E sua realidade é puramente ideológica. ([249])

Oportunas essas suas considerações, porquanto, ele, mais que qualquer um, "sente na pele" a questão, pois é negro.

E não se pode taxar de racista todas as pessoas que se referem a raça, porque, se isso não for verdade, então devemos começar a enquadrar como racista até mesmo uma Universidade, no caso a Unicamp, que tem publicado no seu Site, no *Jornal da Unicamp*, um texto intitulado "***Estudo compara qualidade e quantidade óssea de crianças brancas e negras no PR***", assinado por Luiz Sugimoto, do qual transcrevemos os seguintes trechos:

Uma ressalva do pesquisador é que as pesquisas sobre os efeitos da desigualdade social na área da saúde **tendem a privilegiar a análise socioeconômica em detrimento dos aspectos raciais**, quando evidências demonstram que algumas doenças são mais comuns ou evoluem de forma diferenciada em certos agrupamentos étnicos. “Estudos podem apresentar variações nos resultados devido a padrões de crescimento diferentes decorrentes de fatores ambientais e hereditários”.

Como exemplo da influência genética, o autor lembra estudos com crianças de diversas etnias em países ricos, registrando que as asiáticas eram mais baixas em relação às demais, apesar do elevado nível de vida. Ou outros, indicando que as crianças de origem africana possuem pernas mais longas do que as brancas, enquanto as europeias têm ombros largos em relação aos quadris. “O ambiente implica em transformações bastante significativas, principalmente no que se refere à composição corporal, que depende dos hábitos alimentares e da prática da atividade física”.

[…].

Adepto da teoria da evolução, o professor Antonio de Azevedo Barros Filho, que orientou a tese de doutorado de Roberto Régis Ribeiro, não aprecia o termo

> afrodescendente por acreditar que todos nós temos a África como origem. “**As diferenças raciais ocorreram por causa do que chamamos de deriva genética**. Por vezes, as próprias mutações ocorrem sem necessidade e, dependendo do ambiente, alguns se adaptaram e outros não, **assim compondo as raças com suas diferentes características físicas**, inclusive em relação à estatura”.
>
> […].
>
> Em sua tese, **Régis Ribeiro fala em raça no seu sentido biológico, a fim de caracterizar uma população geneticamente diferenciada**. Adverte, porém, que estudos de genética molecular mostram que a espécie humana é uma só e que a diversidade ocorre nos fenótipos. “Tendo o DNA como material hereditário e o gene como unidade de análise, não é possível definir quem é geneticamente negro, branco ou amarelo. O genótipo sempre propõe diferentes possibilidades de fenótipos. O que herdamos são genes e não caracteres”. ([250])

Se Régis Ribeiro “*fala em raça no seu sentido biológico, a fim de caracterizar uma população geneticamente diferenciada*”, podemos dizer o mesmo de Allan Kardec; e ponto final!

Nesse momento, vimos com alegria uma ótima notícia no site ***Consultor Jurídico*** ([251]), sobre uma decisão judicial que pode por uma pá de cal nessa absurda ideia dos contraditores em querer taxar Allan Kardec de racista. Transcrevemos:

> **Texto publicado terça, dia 31 de maio de 2011**
>
> Livro espírita não deve ser recolhido, decide juiz
>
> Os exemplares do livro "Obras Póstumas de Allan Kardec", editado pelo Instituto de Difusão Espírita, não devem ser recolhidos. O juiz federal Marcelo Freiberger Zandavali, substituto da 3ª Vara Federal de Bauru, negou pedido de liminar feito em Ação Popular.
>
> Pedro Valentim Benedito entrou com a ação, com pedido de antecipação de tutela, sob o argumento da obra ser lesiva ao patrimônio histórico e cultural e por veicular conteúdo racista. Ele baseou o pedido, dentre outros documentos, na Convenção Internacional Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, tratado internacional cujo cumprimento, em território nacional, foi objeto do Decreto nº 65.810/69.
>
> O juiz Marcelo Zandavali destacou trecho

da convenção sobre discriminação racial.

“Entende-se discriminação racial qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência fundadas na raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por fim ou efeito anular ou comprometer o reconhecimento, o gozo ou o exercício, em igualdade de condições, dos direitos humanos e das liberdades fundamentais nos domínios político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro domínio da vida pública”.

De acordo com o juiz, o Instituto não teve a intenção específica de anular ou comprometer o reconhecimento, o gozo ou o exercício dos direitos humanos e liberdades fundamentais dos negros. Ao contrário, em “nota explicativa”, ao final do livro, expressa o “mais absoluto respeito à diversidade humana, sem preconceito de nenhuma espécie”.

Ele ressaltou, ainda, que a obra traz a opinião de uma pessoa que viveu no século XIX, época em que era comum este tipo de pensamento com relação aos negros, tanto que em boa parte dos países ainda havia a escravidão.

Assim, de acordo com ele, “fica clara como água da rocha a intenção dos editores de divulgar, sem mutilações, o pensamento kardecista, sem, para tanto, elevar a distinção baseada na cor da pele em

ideologia discriminatória". *Com informações do Núcleo de Comunicação Social da Justiça Federal de primeiro grau em São Paulo.*

Ação Popular nº 0003015-78.2011.403.6108

(Veja-se o Anexo I para ler a decisão)

Nesta ação popular menciona-se uma nota explicativa colocada no final de Obras Póstumas, que após pesquisarmos descobrimos tratar-se de um "***Termo de compromisso de ajustamento de conduta***" celebrado entre o **Ministério Público Federal**, e as entidades: Federação Espírita Brasileira, Federação Espírita do Estado de São Paulo, Centro Espírita Léon Denis, Fundação Espírita André Luiz, Editora EME, Instituto de Difusão Espírita, Petit Editora e Distribuidora Ltda, Livraria Allan Kardec Editora e Editora Cultural Espírita Edicel Ltda, assinado em 28 de setembro de 2007, que gerou o seguinte anexo:

Anexo I do TAC de 28/09/2007

NOTA EXPLICATIVA

"Hoje criem e sua fé é inabalável, porque

assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...]. Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porém em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo". (KARDEC, Allan. Revista Espírita de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo meticuloso e isento dessas

obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros polos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as ideias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonia

de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 — dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* — do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais etc.” (Revista Espírita, 1862, p. 401.) De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da

evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

> *"O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consanguinidade. (O Livro dos Espíritos, item 207, p. 176.)*
>
> *"[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor." (Revista Espírita, 1861, p. 432.)*
>
> *"Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista*

circunscrito, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os

vossos semelhantes." (Revista Espírita, 1867, p. 231.)

"Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade." (A Gênese, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também Revista Espírita, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente. É baseado nesses informes "científicos" da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

"Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros,

que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais." (KARDEC, Allan. Revista Espírita de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

"O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus". (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na Revista Espírita tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

"Quando, na Revista Espírita de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a 'interpretação da doutrina dos anjos decaídos', apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controvertível, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação

peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem-aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne: à origem da raça adâmica." (A Gênese, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

"É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar

> *da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações." (Revista Espírita, 1862, p. 38.)*
>
> Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao Espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente ("*benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas*"), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.
>
> A Editora ([252]) (itálico do original)

Para encerrar esse trabalho trazemos uma frase muito oportuna, do Espírito Joanna de Ângelis, constante do livro ***Jesus e o Evangelho à Luz da Psicologia***, que, provavelmente, responderá à questão do porquê de certos indivíduos só se preocuparem em atacar os outros:

> Toda vez que o indivíduo, descredenciado legalmente (e moralmente), procede a um julgamento caracterizado pela impiedade e pela precipitação, realiza de forma inconsciente a projeção da sombra que nele jaz, desforçando-se do conflito e da imperfeição que lhe são inerentes, submetido como se encontra à sua crueza escravizadora em tentativa de libertar-se. ([253])

Respeito à crença do próximo deveria ler o lema de todos aqueles que dizem seguir Jesus, da mesma forma que desejam que os outros respeitem a deles.

Referências bibliográficas

BEOZZO, J. O. (coord) *História da Igreja no Brasil*, tomo II/2. Petrópolis: Vozes, 1980.

BLUM, L. *O que as explicações "racismo" causam?* In LEVINE, M. P. e PATAKI, T. (org), *Racismo em Mente*, São Paulo: Madras, 2005, p. 71-94.

CASTRO CALDAS, A. *Neurobiologia do comportamento Humano*, *Colóquio/Ciências (Revista de Cultura Científica* nº 11), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Agosto/1992.

CHUECCO, F. *"Quase Humanos?"*, *in Newton – Tecnologia, Ciência e Vida*, ano 1, nº 2, São Paulo: Sinapse, mar/2004, p. 26-32.

CORDEIRO, T. *Gente como a gente?*, *in Sapiens – 100% Ciência*, nº 4, São Paulo: Abril, 2006, p. 25-31.

COUTO MOREIRA, J. M. *A dignidade, a lei e o negro*. in *O Tempo*, Belo Horizonte, 05/ago/2006. Caderno Opinião, p. A9.

DELANNE, G. *A Evolução anímica*. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

DI BERNARDI, R. *Reencarnação em xeque.* Londrina: Universalista, 1997.

DUMMETT, M. *O que é racismo?* In LEVINE, M. P. e PATAKI, T. (org), *Racismo em Mente.* São Paulo: Madras, 2005. p. 39-47.

ESPÍRITO SANTO NETO, F. *Renovando Atitudes*, pelo espírito HAMMED, Catanduvas (SP): Boa Nova, 1997.

FIGUEIREDO, P. H. *O polêmico texto de Kardec sobre a raça negra*. In *Revista Universo Espírita*, nº 24. São Paulo: Universo Espírita, 2005, p. 32-39.

FRANCO, D. P. *Jesus e o Evangelho à Luz da Psicologia.* Salvador: LEAL, 2000.

GARCIA, J. L. A. *Três terrenos para o racismo: estruturas sociais, valores e vícios*. In LEVINE, M. P. e PATAKI, T. (org), *Racismo em Mente.* São Paulo: Madras, 2005, p. 48-70.

GUIMARÃES, A. S. A. *Classes, Raças e Democracia.* São Paulo: Editora 34, 2006.

GUIMARÃES, A. S. A. *Preconceito e Discriminação.* São Paulo: Editora 34, 2004.

HASLANGER, S. *Opressão Racial e Outras*. In LEVINE, M. P. e PATAKI, T. (org), *Racismo em Mente.* São Paulo: Madras, 2005. p. 116-144.

INCONTRI, D. e GRZYBOWSKI, P. *Kardec Educador – Textos pedagógicos.* Bragança Paulista (SP): Comenius, 2005.

JESUS, E. F. *Ciência em Evolução*. In NUNES, B. H. P. C. et al. *Em torno de Rivail.* Bragança Paulista (SP): Lachâtre, 2004, p. 269-301.

KARDEC, A. *A Gênese.* Rio de Janeiro: FEB, 1995.

KARDEC, A. *Iniciação Espírita.* São Paulo: Edicel, 1986.

KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo.* Rio de Janeiro: FEB, 1990.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos.* – Edição comemorativa 150 anos. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns.* Rio de Janeiro: FEB, 1996.

KARDEC, A. *O que é o Espiritismo.* Rio de Janeiro: FEB, 2001a.

KARDEC, A. *Obras Póstumas.* Araras (SP): IDE, 1993f.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1858.* Araras (SP): IDE, 2001b.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1859.* Araras (SP): IDE, 1993e.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1860.* Araras (SP): IDE, 2000c.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1862.* Sobradinho (DF): Edicel, 2011.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1861.* Araras (SP): IDE, 1993c.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1862.* Araras (SP): IDE, 1993d.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1863.* Araras, SP: IDE, 2000a.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1864.* Araras, SP: IDE, 1993a.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1865.* Araras, SP: IDE, 2000b.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1866.* Araras (SP): IDE, 1993b.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1867.* Araras (SP): IDE, 1999.

KARDEC, A. Revista Espírita 1868. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1869.* Araras (SP): IDE, 2001c.

KARDEC, A. *Viagem Espírita em 1862.* Matão (SP): O Clarim, 2000d.

LENGBEYER, L. A. *Racismo e corações impuros*. In LEVINE, M. P. e PATAKI, T. (org), *Racismo em Mente.* São Paulo: Madras, 2005, p. 179-202.

LEVINE, M. P. e PATAKI, T. (org). *Racismo em mente.* São Paulo: Madras, 2005.

LEVINE, M. P. *Filosofia e Racismo*. In LEVINE, M. P. e PATAKI, T. (org), *Racismo em Mente.* São Paulo: Madras, 2005, p. 95-115.

LITTLE, K. L. *Raça e Sociedade*. In GUINSBURG, J. (dir) *Raça e Ciência I*, São Paulo: Perspectiva, 1970.

MABILDE, P. F. A. B. *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul*, São Paulo; IBRASA; Brasília: INL – Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

MARTINS, J. D. e BARROS, S. M, *Allan Kardec – análise de documentos biográficos*, Niterói: Lachâtre, 1999.

MARTINS, R. B. *Desigualdades raciais e políticas de inclusão racial: um sumário da experiência brasileira recente*, Santiago do Chile: Cepal, 2004.

MEDAUAR, O. (org) *Constituição Federal. Coletânea de Legislação Administrativa*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2007.

MORAES, E. I. *Contextualizando Kardec do Século XIX ao XXI*. Goiana: Aephus, 2020.

MOREIL, A. *Vida e Obra de Allan Kardec.* São Paulo: Edicel, 1986.

NABUCO, J. *A Escravidão.* Recife: FUNDAJ, 1988.

NUNES, B. H. P. C. et al. *Em torno de Rivail.* Bragança Paulista (SP): Lachâtre, 2004.

PATAKI, T. *Introdução*. In LEVINE, M. P. e PATAKI, T. (org), *Racismo em Mente.* São Paulo: Madras, 2005.

PATAKI, T. *Psicanálise, Racismo e Inveja*. In LEVINE, M. P. e PATAKI, T. (org), *Racismo em Mente.* São Paulo: Madras, 2005, p. 203-231.

PENA, S. D. *De raças, racismo e sociobiologia*, in *Revista Galileu,* nº 142. São Paulo: Globo, ISSN 1415.9856, maio 2003.

PIRES, J. H. *Curso dinâmico de Espiritismo.* Juiz de Fora (MG): A Casa do Caminho, 1990.

PIRES, J. H. *Evolução espiritual do homem (na perspectiva da doutrina espírita)*. São Paulo: Paideia, 2005.

PIRES, J. H. *Quem foi Allan Kardec* in MOREIL, A. *Vida e Obra de Allan Kardec.* São Paulo: Edicel, 1986.

PRIZMIC, M. *Kardec & Racismo para refletir.* São Paulo: Lake, 2009.

RODRIGUES, J. *Visões nascidas do medo*, in *História Viva*, ed. esp. Nº 3. São Paulo: Duetto, ISSN 1808.6446, s/d.

ROMANINI, V. *Existo, logo penso*, in *Terra*, ano 12, nº 141, São Paulo: Peixes, jan/2004, p. 44-58.

ROSE, A. M. *A origem dos preconceitos*. In GUINSBURG, J. (dir) *Raça e Ciência II*, São Paulo: Perspectiva, 1972.

ROUSSEAU, J.-J. *Quem foi Allan Kardec* in MOREIL, A. *Vida e Obra de Allan Kardec.* São Paulo: Martin Claret, 2006.

SAUSSE, H. *Biografia de Allan Kardec* in KARDEC, A. *O que é o Espiritismo.* Rio de Janeiro: FEB 2001.

SCHNEIDER, A. L. *Mistificações da Ciência*, in *História Viva*, ed. esp. Nº 3. São Paulo: Duetto, ISSN 1808.6446, s/d.

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil* – 1870-1930. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SZKLAROWDSKY, L. F. *Crimes de racismo. Crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional*, in *Revista de Informação Legislativa*, nº 135. Brasília: Senado Federal, jul a set/1997.

TERRA, J. E. M. *O Negro e a Igreja*. São Paulo: Loyola, 1984.

VALENTE, A. L. E. F. *O negro e a Igreja Católica*. Campo Grande (MS): Cecitec/UFMS, 1994.

VIEIRA, J. A. *As marcas do racismo no discurso*, in *Folha Universal* (jornal), Brasília, 27.08.2006, nº 751, Caderno Opinião, p. 5.

XAVIER, F. C. *O Consolador*, ditado pelo espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

WANTUIL, Z. e THIESEN, F. *Allan Kardec: o educador e o Codificador*, vol. 1. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

WILLIAN, R. L. *Alimentos e evolução humana*, *Scientific American*, Ed. Especial, nº 2. São Paulo: Duetto, s/d.

Periódicos:

Folha Universal (jornal), Brasília, 27.08.2006, nº 751, Caderno Opinião.

História Viva, ed. esp. Nº 3. São Paulo: Duetto, ISSN 1808.6446, s/d.

Newton – Tecnologia, Ciência e Vida, ano 1, nº 2, São Paulo: Sinapse, mar/2004.

O Tempo (jornal), Belo Horizonte, 05/ago/2006. Caderno Opinião.

Revista de Informação Legislativa, nº 135. Brasília in: Senado Federal, jul a set/1997.

Revista Galileu, nº 142. São Paulo: Globo, ISSN 1415.9856, maio 2003.

Sapiens – 100% Ciência, nº 4, São Paulo: Abril, 2006.

Scientific American, Ed. Especial, nº 2. São Paulo: Duetto, s/d.

Universo Espírita, nº 24. São Paulo: Universo Espírita, 2005.

Terra, ano 12, nº 141, São Paulo: Peixes, jan/2004.

Documentos eletrônicos – Internet

BINENGOJM, G. *O Racismo e a leitura moral da Constituição*, http://www.mundojuridico.adv.br/sis_artigos/artigos.asp?codigo=542. Acesso em: 15 nov. 2007 (não acessa mais).

CHAVES, L. C. *De raças e racismo*, http://www.culturabrasil.pro.br/racismo.htm. Acesso em: 08 jul. 2006 (Não acessa mais).

CONSULTOR JURÍDICO, *Obras Póstumas*, disponível em: https://www.conjur.com.br/2011-mai-31/livro-espirita-allan-kardec-nao-recolhido-decide-juiz-federal#:~:text=Os%20exemplares%20do%20livro%20%E2%80%9CObras,liminar%20feito%20em%20A%C3%A7%C3%A3o%20Popular. Acesso em: 13 mar. 2023.

CORRÊA, M. *Choque de Poderes*, http://veja.abril.com.br/030903/entrevista.html. Acesso em: 22 jan. 2007 (não acessa mais).

DUARTE, R. O. *Prática do Racismo e aplicação da Lei: contribuição à análise da legislação antidiscriminatória*, disponível em: http://www.politicasdacor.net/boletim_ppcor/boletim_anteriores/boletim4/documentos/PRATICA_DO_RACISMO.pdf. Acesso em: 14 nov. 2007, (Não acessa mais)

Evolução humana – *corpo*: http://darwinismo.files.wordpress.com/2011/08/0072bracist_evolutionary_icon.jpg. Acesso em: 19 out. 2021.

FEEMAT, *Anexo I do Tac de 28/09/2007*, disponível em: https://www.feemt.org.br/wp-content/uploads/2023/03/TAC-Minist%C3%A9rio-P%C3%Bablico-BA-1.pdf. Acesso em: 14 mar. 2023.

FOGAÇA, A *O Brasil precisa aceitar que o racismo existe*, in *Boletim da UFMG nº 1483*, Ano 31, 12.05.2005, disponível em: https://www.ufmg.br/boletim/bol1483/segunda.shtml. Acesso em: 10 mar. 2023.

GRACIANO, A. F. *Vênus negra – um objeto social*, http://www.cidade.usp.br/educar2002/modulo8/alunos/arlene.graciano/0001/tpl_anotacao.html. Acesso em: 16 nov. 2007(não acessa mais)

HESSEN, J. L. *Kardec, racismo e Espiritismo – uma reflexão*, disponível em: http://www.oconsolador.com.br/ano5/214/especial.html . Acesso em: 10 mar. 2023.

IEA-USP, *Foto Kabengele Munanga*, disponível em: http://www.iea.usp.br/imagens/kabengele-munanga-1. Acesso em: 04 abr. 2023.

IBGE, *Estatística População – Censo 2000*, disponível em: IBGE, Estatística População – Censo 2000, disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9663-censo-demografico-2000.html?t=downloads. Acesso em: 12 mar. 2023.

MEIRA PENNA, O. J. *Darwin, o racismo e o Brasil*, Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio – *Rio de Janeiro*, publicado na Carta Mensal, nº 548. disponível: http://www.meirapenna.org/publicacoes/conf/2004/DARWIN%20O%20RACISMO%20E%20O%20BRASIL.doc. Acesso em: 13 nov. 2007 (não acessa mais)

MENDONÇA JUNIOR, A. *Allan Karcec, a ciência e o racismo*, in. *Jornal de Estudos Espíritas 3*, out/2015, disponível em: https://drive.google.com/file/d/0BwP5l2F8N4s3YWU2b2YtMjlXX2M/view?usp=sharing. Acesso em:22 mai. 2023

MOREIRA, B. S. *Espiritismo e frenologia*, http://www.espirito.org.br/portal/artigos/bernardino/espiritismo-e-frenologia.html. Acesso em: 13 nov. 2007 (não acessa mais)

MUNANGA, K. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia,* disponível em: http://www.academia.edu/33385119/._Uma_abordagem_conceitual_das_no%C3%A7%C3%B5es_de_ra%C3%A7a_racismo_identidade_e_etnia_-_Kabengele_Munanga. Acesso em: 10 dez. 2017.

NEXO (jornal) *As origens da humanidade*, disponível em: https://www.nexojornal.com.br/incoming/imagens/SAPIENS_NEXO.jpg/BINARY/SAPIENS_NEXO.jpg. Acesso em: 14 mar. 2023.

NOBREGA, M. (Pe.) *Cartas do Brasil,* disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/8016/1/45000009662_Output.o.pdf. Acesso em: 13 mar. 2023.

RUFINO, J. S. *Causas da Discriminação Estrutural, Institucional e Sistêmica* (Seminário "Racismo, xenofobia e intolerância"), Salvador: 2002, http://www.ipp-uerj.net/olped/documentos/ppcor/0101.pdf. Acesso em: 18 dez. 2007 (não acessa mais).

SUGIMOTO, L. *Estudo compara qualidade e quantidade óssea de crianças brancas e negras* no PR in Jornal da Unicamp, nº 434, Campinas, SP, 19 de junho a 12 de julho de 2009, disponível http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/junho2009/ju434_pag07.php#. Acesso em: 04 nov. 2009.

UFJF – UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Projeto concernente ao Espiritismo, disponível em: http://projetokardec.ufjf.br/item-pt/?id=229. Acesso em: 12 Mar 2023.

Sites:

Centro Virtual de Divulgação e Estudo do Espiritismo, disponível em: http://www.cvdee.org.br/duv_resptexto.asp?cat=47&id=031. Acesso em: 13 nov. 2007 (não acessa mais).

Centro Virtual de Divulgação e Estudo do Espiritismo, disponível em: http://www.cvdee.org.br/duv_resptexto.asp?cat=47&id=506. Acesso em: 13 nov. 2007 (não acessa mais)

DARWINISMO, A evolução humana, link: http://darwinismo.files.wordpress.com/2011/08/0072bracist_evolutionary_icon.jpg. Acesso em: 17 mar. 2026.

Laplace, Pierre-Simone, disponível em: http://pessoal.educacional.com.br/up/50280001/2756140/t1330.asp. Acesso em: 10 mar. 2023 (não acessa mais)

ONU, Declaração Universal dos Direitos Humanos, disponível em: https://www.ohchr.org/en/human-rights/universal-declaration/translations/portuguese?LangID=por. Acesso em: 10 mar. 2023.

SARAH BARTMANN (imagem), disponível em: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRn5nuGS9853GvS7DGGTQ5CE_Xy_q9lLqP73XVs-SR8RcrUsspFLW3WMhfTkAXoXx18mbk&usqp=CAU. Acesso em: 10 mar. 2023.

Sua Pesquisa, Isaac Newton, disponível em: http://www.suapesquisa.com/biografias/isaacnewton/. Acesso em: 10 mar. 2023.

UFJF – UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, *Projeto Allan Kardec*, disponível em: https://projetokardec.ufjf.br. Acesso em: 12 mar. 2023.

WIKIPÉDIA, Ilha Caprera, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_Caprera. Acesso em: 15 mar. 2025.

WIKIPÉDIA, *Johann Kasper Lavater*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Johann_Kaspar_Lavater. Acesso em: 06 jun. 2023.

Anexo I – Termo de Ajustamento de Conduta (TAC)

PODER JUDICIÁRIO

JUSTIÇA FEDERAL

3ª *Vara* da 8ª Subseção Judiciária – Bauru – SP

Autos n.º 3015-78.2011.4.03.6108

Autor: Pedro Valentim Benedito

Réu: Instituto de Difusão Espírita

Vistos.

Trata-se de ação popular, com pedido de antecipação da tutela, ajuizada por **Pedro Valentim Benedito** em face do **Instituto de Difusão Espírita**, visando o recolhimento imediato ou a busca e apreensão

dos exemplares do livro “Obras Póstumas de Allan Kardec”, editado pelo réu, sob o fundamento de ser lesivo ao patrimônio histórico e cultural, por veicular conteúdo racista.

Fundamentou seu pedido no art. 20, § 3°, inciso I, da Lei 7.716/1989.

Pugnou por cominação de multa diária, em caso de desobediência, além de arbitramento de indenização por danos morais, causados a toda a coletividade.

Juntou documentos às fls. 37/46.

É **a síntese do necessário. Fundamento e Decido.**

O autor popular funda seu pedido, dentre outros diplomas, na Convenção Internacional Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, tratado internacional cujo cumprimento, em território nacional, foi objeto do Decreto n.º 65.810/69.

Assim, resta configurada a competência desta Justiça Federal, na forma do artigo 109, inciso 111, da Constituição da República de 1.988 (1), na senda da Jurisprudência do Pretório Excelso (RE n." 75.616, Relatora Min. Cármen Lúcia, julgado em 19/02/2010,

publicado em DJe-042, aos 09/03/2010).

De outro lado, tem-se por adequada a via eleita pelo autor popular, pois o remédio constitucional tem também por escopo *anular ato lesivo* ao *patrimônio cultural* (art. 5°, inciso LXXIII, da CF/88), limite em que se integra a pretendida proibição de edição do livro "Obras Póstumas de Allan Kardec".

Passo ao exame da pretensão antecipatória.

As liberdades de expressão e de crença não podem servir de escudo para a prática de crimes de racismo. Na esteira do que decidiu o Supremo Tribunal Federal:

> **HABEAS-CORPUS. PUBLICAÇÃO DE LIVROS: ANTI-SEMITISMO. RACISMO. CRIME IMPRESCRITÍVEL. CONCEITUAÇÃO. ABRANGÊNCIA CONSTITUCIONAL. LIBERDADE DE EXPRESSÃO. LIMITES. ORDEM DENEGADA.** 1. Escrever, editar, divulgar e comerciar livros "fazendo apologia de ideias preconceituosas e discriminatórias" contra a comunidade judaica (Lei 7716/89, artigo 20, na redação dada pela Lei 8081/90) constitui crime de racismo sujeito às cláusulas de inafiançabilidade e imprescritibilidade (CF, artigo 5°, XLII). 2. Aplicação do princípio da prescritibilidade

geral dos crimes: se os judeus não são uma raça, segue-se que contra eles não pode haver discriminação capaz de ensejar a exceção constitucional de imprescritibilidade. Inconsistência da premissa. 3. Raça humana. Subdivisão. Inexistência. Com a definição e o mapeamento do genoma humano, cientificamente não existem distinções entre os homens, seja pela segmentação da pele, formato dos olhos, altura, pelos ou por quaisquer outras características físicas, visto que todos se qualificam como espécie humana. Não há diferenças biológicas entre os seres humanos. Na essência são todos iguais. 4. Raça e racismo. A divisão dos seres humanos em raças resulta de um processo de conteúdo meramente político-social. Desse pressuposto origina-se o racismo que, por sua vez, gera a discriminação e o preconceito segregacionista. 5. Fundamento do núcleo do pensamento do nacional-socialismo de que os judeus e os arianos formam raças distintas. Os primeiros seriam raça inferior, nefasta e infecta, características suficientes para justificar a segregação e o extermínio: inconciabilidade com os padrões éticos e morais definidos na Carta Política do Brasil e do mundo contemporâneo, sob os quais se ergue e se harmoniza o estado democrático. Estigmas que por si só evidenciam crime de racismo. Concepção atentatória dos princípios nos quais se

erige e se organiza a sociedade humana, baseada na respeitabilidade e dignidade do ser humano e de sua pacífica convivência no meio social. Condutas e evocações aéticas e imorais que implicam repulsiva ação estatal por se revestirem de densa intolerabilidade, de sorte a afrontar o ordenamento infraconstitucional e constitucional do País. 6. Adesão do Brasil a tratados e acordos multilaterais, que energicamente repudiam quaisquer discriminações raciais, aí compreendidas as distinções entre os homens por restrições ou preferências oriundas de raça, cor, credo, descendência ou origem nacional ou étnica, inspiradas na pretensa superioridade de um povo sobre outro, de que são exemplos a xenofobia, "negrofobia", "islamafobia" e o anti-semitismo. 7. A Constituição Federal de 1988 impôs aos agentes de delitos dessa natureza, pela gravidade e repulsividade da ofensa, a cláusula de imprescritibilidade, para que fique, ad perpetuam rei memoriam, verberado o repúdio e a abjeção da sociedade nacional à sua prática. 8. Racismo. Abrangência. Compatibilização dos conceitos etimológicos, etnológicos, sociológicos, antropológicos ou biológicos, de modo a construir a definição jurídico-constitucional do termo. Interpretação teleológica e sistêmica da Constituição Federal, conjugando fatores e

circunstâncias históricas, políticas e sociais que regeram sua formação e aplicação, a fim de obter-se o real sentido e alcance da norma. 9. Direito comparado. A exemplo do Brasil as legislações de países organizados sob a égide do estado moderno de direito democrático igualmente adotam em seu ordenamento legal punições para delitos que estimulem e propaguem segregação racial. Manifestações da Suprema Corte Norte-Americana, da Câmara dos Lordes da Inglaterra e da Corte de Apelação da Califórnia nos Estados Unidos que consagraram entendimento que aplicam sanções àqueles que transgridem as regras de boa convivência social com grupos humanos que simbolizem a prática de racismo. 10. A edição e publicação de obras escritas veiculando ideias anti-semitas, que buscam resgatar e dar credibilidade à concepção racial definida pelo regime nazista, negadoras e subversoras de fatos históricos incontroversos como o holocausto, consubstanciadas na pretensa inferioridade e desqualificação do povo judeu, equivalem à incitação ao discrímen com acentuado conteúdo racista, reforçadas pelas consequências históricas dos atos em que se baseiam. 11. Explícita conduta do agente responsável pelo agravo revelador de manifesto dolo, baseada na equivocada premissa de que os judeus não só são

uma raça, mas, mais do que isso, um segmento racial atávica e geneticamente menor e pernicioso. 12. Discriminação que, no caso, se evidencia como deliberada e dirigida especificamente aos judeus, que configura ato ilícito de prática de racismo, com as consequências gravosas que o acompanham. 13. Liberdade de expressão. Garantia constitucional que não se tem como absoluta. Limites morais e jurídicos. O direito à livre expressão não pode abrigar, em sua abrangência, manifestações de conteúdo imoral que implicam ilicitude penal. 14. As liberdades públicas não são incondicionais, por isso devem ser exercidas de maneira harmônica, observados os limites definidos na própria Constituição Federal (CF, artigo 5°, § 2°, primeira parte). O preceito fundamental de liberdade de expressão não consagra o "direito à incitação ao racismo", dado que um direito individual não pode constituir-se em salvaguarda de condutas ilícitas, como sucede com os delitos contra a honra. Prevalência dos princípios da dignidade da pessoa humana e da igualdade jurídica. 15. "Existe um nexo estreito entre a imprescritibilidade, este tempo jurídico que se escoa sem encontrar termo, e a memória, apelo do passado à disposição dos vivos, triunfo da lembrança sobre o esquecimento". No estado de direito democrático devem ser intransigentemente respeitados os

> princípios que garantem a prevalência dos direitos humanos. Jamais podem se apagar da memória dos povos que se pretendam justos os atos repulsivos do passado que permitiram e incentivaram o ódio entre iguais por motivos raciais de torpeza inominável. 16. A ausência de prescrição nos crimes de racismo justifica-se como alerta grave para as gerações de hoje e de amanhã, para que se impeça a reinstauração de velhos e ultrapassados conceitos que a consciência jurídica e histórica não mais admitem. Ordem denegada.
>
> (HC 82424, Relator(a): Min. MOREIRA ALVES, Relator(a) p/ Acórdão: Min. MAURÍCIO CORRÊA, Tribunal Pleno, julgado em 17/09/2003, DJ 19-03-2004 PP-00017 EMENT VOL-02144-03 PP-00524).

Da Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial extrai-se que por "discriminação racial" entende-se *qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência fundadas na raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por fim ou efeito anular ou comprometer* o *reconhecimento,* o *gozo ou* o *exercício,* em *igualdade de condições, dos direitos humanos* e *das liberdades fundamentais nos domínios político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro domínio*

da vida pública.

A obra impugnada pelo autor popular traz a opinião do cidadão francês Hippolyte Léon Denizard Rivail que, sob o pseudônimo “Allan Kardec”, lavorou na codificação e divulgação da Doutrina Espírita. Suas “Obras Póstumas” foram publicadas no ano de 1890, após seu falecimento (1869).

Assim, não é de espantar que as afirmativas de Allan Kardec refletissem o espírito de seu tempo, em relação às pessoas de cor negra (2): veja-se que a abolição da escravatura, nas Américas, era fenômeno recente, tendo sido levada a efeito no ano de 1865, nos Estados Unidos da América (13ª Emenda à Constituição dos EUA, após a sangrenta Guerra Civil que opôs Norte e Sul), em 1866, em Cuba, e somente em 1888, no Brasil.

De outro giro, denote-se que não se extrai, da obra publicada pela ré, a intenção específica de *anular ou comprometer* o *reconhecimento,* o *gozo ou* o *exercício,* em *igualdade de condições, dos direitos humanos* e *das liberdades fundamentais nos domínios político, econômico, social, cultural ou* em *qualquer outro domínio da vida pública,* das pessoas de cor negra. Ao contrário: a “Nota Explicativa”, ao final do livro, expressamente

manifesta o *mais absoluto respeito* à *diversidade humana* [...], *sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.*

Dessarte, fica clara como água da rocha a intenção dos editores de divulgar, sem mutilações, o pensamento kardecista, sem, para tanto, elevar a distinção baseada na cor da pele em ideologia discriminatória.

Posto isso, **indefiro** a antecipação dos efeitos da tutela.

Intimem-se. Cite-se.

Após, abra-se vista ao MPF.

Bauru, 25 de abril de 2011.

Marcelo Freiberger Zandavali
Juiz Federal Substituto

---

(1) Art. 109. Aos juízes federais compete processar e julgar:

[...].

III – as causas fundadas em tratado ou contrato da União com Estado estrangeiro ou organismo internacional;

(2) À fl. 118, do livro juntado aos autos, em destaque, consta passagem em que pregada pretensa superioridade das pessoas de cor branca.

Dados biográficos do autor

Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** – Grupo de Apologética Espírita (https://apologiaespirita.com.br/), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (https://paulosnetos.net) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa;* 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?;* 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas;* 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica;* 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação;* 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I;* 7) *Espiritismo e Aborto; 8) Chico Xavier: Uma Alma Feminina* e 9) *Perispírito: Provas Científicas de Ser o Molde do Corpo Físico*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II, 2) Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III;* 3) *Racismo em Kardec?;* 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A*

Reencarnação Tá na Bíblia; 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem);* 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso;* 8) *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?;* 9) *Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta;* 10) *Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?;* 11) *A Mulher na Bíblia;* 12) *Todos Nós Somos Médiuns?;* 13) *Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas;* 14) *O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito;* 15) *Allan Kardec e a Lógica da Reencarnação*; 16) *O Fim dos Tempos Está Próximo?;* 17) *Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves;* 18*) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?;* 19) *A Aura e os Chakras no Espiritismo;* 20) *Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?;* 21) *Espiritismo: Religião Sem Dúvida;* 22) *Allan Kardec e Suas Reencarnações*; 23) *Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?*; 24) *EQM: Prova da Sobrevivência da Alma;* 25) *A Perturbação Durante a Vida Intrauterina;* 26) *Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução;* 27) *Reencarnação e as Pesquisas Científicas;* 28) *Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia)*; 29) *Haveria Fetos Sem Espírito?*; 30) *Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos*; 31) *Herculano Pires Diante da Revista Espírita;* 32) *Allan Kardec: Sua Mediunidade e os Fenômenos Que Protagonizou;* 33) *A Pesquisa de Ernesto Bozzano Confirma e Complementa a Codificação Espírita* e 34) *Se Não Consta na Codificação, Não Existe*.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

1 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 181.

2 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 152.

3 MORAES, *Contextualizando Kardec: do Século XIX ao XXI*, p. 32-33.

4 IEA-USP, *Foto Kabengele Munanga*, disponível em: http://www.iea.usp.br/imagens/kabengele-munanga-1

5 MUNANGA, *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*, disponível em: http://www.academia.edu/33385119/._Uma_abordagem_conceitual_das_no%C3%A7%C3%B5es_de_ra%C3%A7a_racismo_identidade_e_etnia_-_Kabengele_Munanga

6 MUNANGA, *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*, disponível em: http://www.academia.edu/33385119/._Uma_abordagem_conceitual_das_no%C3%A7%C3%B5es_de_ra%C3%A7a_racismo_identidade_e_etnia_-_Kabengele_Munanga

7 FIGUEIREDO, *O polêmico texto de Kardec sobre a raça negra*. In *Universo Espírita*, p. 34.

8 BLUM, *O que as explicações "racismo" causam?* In LEVINE e PATAKI (org), *Racismo em Mente*, p. 72.

9 ONU, *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, disponível em: https://www.ohchr.org/en/human-rights/universal-declaration/translations/portuguese?LangID=por

10 MEDAUAR, *Constituição Federal. Coletânea de Legislação Administrativa*, p. 21-27.

11 BINENGOJM, *O Racismo e a leitura moral da Constituição*, disponível em: http://www.mundojuridico.adv.br/sis_artigos/artigos.asp?codigo=542

12 Pelo menos até a data de 27.09.2007, quando consultamos o site.

13 IBGE, *Estatística População – Censo 2000*, disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9663-censo-demografico-2000.html?t=downloads

14 IBGE, *Estatística População – Censo 2000 – Raça*, disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9663-censo-demografico-2000.html?t=downloads

15 GUIMARÃES, *Preconceito e Discriminação*, p. 28-32.

16 Nota da transcrição (N.T.): Todas as definições foram retiradas do "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa", supervisionado por Aurélio Buarque de Hollanda, Gamma Editorial, e do "Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa", Nova Fronteira, 1988.

17 DUARTE, *Prática do Racismo e aplicação da Lei: contribuição à análise da legislação antidiscriminatória,* disponível em: http://www.politicasdacor.net/boletim_ppcor/boletim_anteriores/boletim4/documentos/PRATICA_DO_RACISMO.pdf

18 ROSE, *A origem dos preconceitos*. In GUINSBURG, J. (dir) *Raça e Ciência II*, p. 170-171, grifo nosso

19 N.T.: O racismo foi criado por volta de 1920, enquanto conceito e realidade, e foi objeto de diversas leituras e interpretações.

20 MENDONÇA JUNIOR, *Allan Karcec, a ciência e o racismo*, in. *Jornal de Estudos Espíritas 3*, p. 2, disponível em: https://drive.google.com/file/d/0BwP5l2F8N4s3YWU2b2YtMjlXX2M/view?usp=sharing

21 MENDONÇA JUNIOR, *Allan Karcec, a ciência e o racismo*, in. *Jornal de Estudos Espíritas 3*, p. 2, disponível em: https://drive.google.com/file/d/0BwP5l2F8N4s3YWU2b2YtMjlXX2M/view?usp=sharing

22 N.T.: Menciona-se, a propósito, que o cérebro de Einstein está, ainda hoje, conservado aguardando que alguém o estude.

23 CASTRO CALDAS, *Neurobiologia do comportamento Humano, Colóquio/Ciências* (Revista de Cultura Científica nº 11), p. 71-75.

24 JESUS, *Ciência em Evolução*. In NUNES, Et al. *Em torno de Rivail*, p. 295.

25 MEIRA PENNA, *Darwin – o racismo e o Brasil*, http://www.meirapenna.org/publicacoes/conf/2004/DARWIN%20O%20RACISMO%20E%20O%20BRASIL.doc.

26 SARAH BARTMANN (Imagem), disponível em: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRn5nuGS9853GvS7DGGTQ5CE_Xy_q9lLqP73XVs-SR8RcrUsspFLW3WMhfTkAXoXx18mbk&usqp=CAU

27 GRACIANO, A. F. *Vênus negra – um objeto social*, http://www.cidade.usp.br/educar2002/modulo8/alunos/arlene.graciano/0001/tpl_anotacao.html.

28 LITTLE, *Raça e Sociedade*. In GUINSBURG, J. (dir) *Raça e Ciência I*, p. 66)

29 CHAVES, *De raças e racismo*, disponível em: http://www.culturabrasil.pro.br/racismo.htm.

30 MARTINS, *Desigualdades raciais e políticas de inclusão racial: um sumário da experiência brasileira recente*, p. 57.

31 ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p. 92-93.

32 ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p. 96-97.

33 ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p. 105-110.

34 ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p. 112.

35 PIRES, *Quem foi Allan Kardec* in MOREIL, *Vida e Obra de Allan Kardec*, p. 13.

36 ROUSSEAU, *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, p. 13.

37 ROUSSEAU, *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, p. 25.

38 ROUSSEAU, *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, p. 26.

39 ROUSSEAU, *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, p. 28-30.

40 ROUSSEAU, *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, p. 31.

41 ROUSSEAU, *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, p. 32-33.

42 ROUSSEAU, *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, p. 35.

43 ROUSSEAU, *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, p. 36-38.

44 ROUSSEAU, *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, p. 39-41.

45 ROUSSEAU, *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, p. 41-44.

46 ROUSSEAU, *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, p. 45.

47 ROUSSEAU, *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, p. 50-51.

48 ROUSSEAU, *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, p. 54-55.

49 ROUSSEAU, *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, p. 57.

50 ROUSSEAU, *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, p. 59.

51 ROUSSEAU, *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, p. 61-62.

52 N.T.: Àquele que não possui nenhuma esperança para com o homem honesto (N. do E.).

53 ROUSSEAU, *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, p. 85.

54 ROUSSEAU, *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens,* p. 25.

55 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 337.

56 SCHWARCZ, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930,* p. 44.

57 N.T.: No século XVIII a palavra evolução possuía um sentido diferente do popular atual – que supõe a ideia de que nas primeiras etapas da humanidade o homem seria absolutamente diverso e que algo nele próprio o converteu, pouco a pouco em um homem civilizado. Para Leibniz e demais filósofos do século XVIII, ao contrário, a noção de que tudo evolui implica pensar que tudo já estava pronto desde o princípio das coisas. Significa dizer que, sob essa ótica, nada de novo nasce. Aperfeiçoa-se o que já existe anteriormente. (Vide Radl, op. cit.).

58 SCHWARCZ, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*, p. 48-49.

59 N.T.: É interessante pensar nas releituras da obra de

Rousseau. Ou seja, enquanto para o filósofo francês o "bom selvagem" aparece como modelo e a "perfectibilidade" como conceito que não determina uma única possibilidade para o devir humano, já a interpretação das escolas etnológicas do século XIX indica certa leitura evolucionista de Rousseau, a qual busca laços de continuidade entre "o bom selvagem" e um progresso civilizatório.

60 SCHWARCZ, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930,* p. 54.

61 SCHWARCZ, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*, p. 56-57.

62 N.T.: Segundo Nancy Stepan (1991:28), data desta época a fundação de uma série de sociedades de eugenia: "German Society for Race Hygiene (1905); Eugenics Education Society in England (1907-08); Eugenics Record Office in the United States (1910); French Eugenics Society in Paris (1912)". Vários congressos internacionais de eugenia realizaram-se, também, neste momento: Londres, 1912; Nova York, 1921 e 1923. Por fim, uma federação internacional das sociedades eugênicas foi criada em 1921, tendo como presidente Leonard Darwin (Stepan, op. cit.: 171) (p. 255-256).

63 SCHWARCZ, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*, p. 60.

64 SCHWARCZ, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*, p. 61-62.

65 SCHWARCZ, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*, p. 62-63.

66 Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

67 SCHWARCZ, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*, p. 111.

68 SCHWARCZ, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930,* p. 115-116.

69 Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

70 SCHWARCZ, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*, p. 122-123.

71 SCHWARCZ, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*, p. 210.

72 SCHWARCZ, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930,* p. 213-215.

73 SCHWARCZ, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930,* p. 215.

74 SCHWARCZ, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*, p. 222-223.

75 SCHWARCZ, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*, p. 230-232.

76 SCHWARCZ, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*, p. 235.

77 SCHWARCZ, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*, p. 242.

78 MABILDE, *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul*, p. 10-11.

79 MABILDE, *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul*, p. 18-20.

80 MABILDE, *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul*, p. 20-21.

81 MABILDE, *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul*, p. 25.

82 MABILDE, *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul*, p. 87-88.

83 MABILDE, *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul*, p. 191-192.

84 MABILDE, *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul*, p, 192.

85 MABILDE, *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul*, p. 195-196.

86 MABILDE, *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul*, p. 199-201.

87 NABUCO, *A Escravidão*, p. 110,

88 NOBREGA, *Cartas do Brasil*, p. 92, disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/8016/1/45000009662_Output.o.pdf

89 N.T.: Viana de Lima – “L'Homme suivant le Transformisme”. A sordícia dos Diggers ultrapassa tudo o que se pode imaginar. O mesmo sucede com os selvagens da bala de Motka, (Ilhas Quadro e Vancouvert), que acumulam diante das suas tocas toda a espécie de imuncídias. Diz Kolben, referindo-se aos Hotentotes, que nenhum mamífero é mais porco. Algumas tribos são indomáveis e de extrema

ferocidade. Dalloux conta, dos Abors, que eles não podem habitar a dois, na mesma lura, sem se destruírem, e que a si mesmos se comparam com os tigres.

90 N.T.: A.-L. Krapf - “Reisen in Ostafrica”.

91 N.T.: Este e outros exemplos são colhidos em Buchner.

92 N.T.: Richet – “L'Homme et l'Intelligence”. Citamos livremente, resumindo-a, a controvérsia deste autor sobre as semelhanças do homem e do animal. Convém ler, igualmente, “La Vie et l'Ame”, de Ferrière, e “Exposé des théories transformistes”, por Artur Viana de Lima, e “Le Monde avant la Création de l'Homme”, de Camille Flammarion.

93 DELANNE, *A Evolução Humana*, p. 58-60.

94 TERRA, *O Negro e a Igreja*, p. 225,

95 MARTINS e BARROS, *Allan Kardec – análise de documentos biográficos,* p. 30-31.

96 MOREIL, *Vida e Obra de Allan Kardec,* p. 18-29 – passim.

97 MOREIL, *Vida e Obra de Allan Kardec*, p. 29-38 – passim.

98 MOREIL, *Vida e Obra de Allan Kardec*, p. 40.

99 PIRES, *Evolução espiritual do homem (na perspectiva da doutrina espírita)*, p. 53-54.

100 SAUSSE, *Biografia de Allan Kardec*, in KARDEC, *O que é o Espiritismo*, p. 10.

101 WANTUIL e THIESEN, *Allan Kardec: o educador e o Codificador – Vol. 1*, p. 83.

102 WANTUIL e THIESEN, *Allan Kardec: o educador e o Codificador. Vol. 1*, p. 110-111

103 PIRES, *Curso Dinâmico de Espiritismo*, p. 170-171.

104 INCONTRI e GRZYBOWSK, *Kardec Educador – Textos pedagógicos*, p. 66.

105 KARDEC, *Viagem Espírita em 1862*, p. 61.

106 HESSEN, *Kardec, racismo e Espiritismo – uma reflexão*, disponível em: http://www.oconsolador.com.br/ano5/214/especial.html.

107 KARDEC, *O Livro dos Espíritos,* p. 91-497 – passim.

108 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 142-145.

109 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 285.

110 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 285.

111 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 436-437.

112 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 284.

113 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 184.

114 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 297-298.

115 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 27.

116 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 55.

117 KARDEC, *Revista Espírita 1866,* p. 98.

118 Laplace, Pierre-Simone, disponível em: http://pessoal.educacional.com.br/up/50280001/2756140/t1330.asp

119 Sua Pesquisa, *Isaac Newton*, disponível em: http://www.suapesquisa.com/biografias/isaacnewton/)

120 KARDEC, *O que é o Espiritismo*, p. 196-205 – passim.

121 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 403.

122 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 204.

123 KARDEC, *O Espiritismo em sua mais simples expressão*. In: *Iniciação Espírita*, p. 39.

124 KARDEC, *A Gênese*, p. 31.

125 KARDEC, *A Gênese*, p. 414-415.

126 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 37-39.

127 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 39-44.

128 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 106.

129 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 97-98.

130 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 296-303.

131 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 297.

132 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 27-28.

133 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 50.

134 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 148-149.

135 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 64.

136 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 57.

137 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 228-229.

138 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 1-5.

139 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 161.

140 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 162

141 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 163-165.

142 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 48-49.

143 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 280-282.

144 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 51.

145 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 65.

146 Evolução humana – corpo: http://darwinismo.files.wordpress.com/2011/08/0072bracist_evolutionary_icon.jpg,

147 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 97-99.

148 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 57.

149 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 65-72.

150 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 267-269.

151 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 165-169.

152 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 289-301.

153 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 301-312.

154 UFJF – UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, *Projeto Allan Kardec,* disponível em: https://projetokardec.ufjf.br

155 UFJF, *Projeto concernente ao Espiritismo*, disponível em: http://projetokardec.ufjf.br/item-pt/?id=229

156 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 70-73.

157 KARDEC, *A Gênese*, p. 226-228.

158 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 242-245.

159 N.T.: Miguel de Figagnères (Var), autor da Chave da Vida.

160 N.T.: Quando tal sistema se liga a toda uma cosmogonia, é de perguntar-se sobre que base racional pode o resto assentar.

A concordância que, por meio desse sistema, se pretende estabelecer, entre a Gênese bíblica e a Ciência, é inteiramente ilusória, pois que a própria Ciência o contradiz.

161 KARDEC, *A Gênese*, p. 171-174.

162 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 11.

163 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 109-110.

164 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 24.

165 KARDEC, *A Gênese*, p. 211-212.

166 KARDEC, *A Gênese,* p. 213-221.

167 Centro Virtual de Divulgação e Estudo do Espiritismo, Dúvida 031, disponível em: http://www.cvdee.org.br/duv_resptexto.asp?cat=47&id=031

168 KARDEC, *A Gênese*, p. 203-204.

169 KARDEC, *A Gênese*, p. 212-213.

170 Galileu nº 150, jan/2004, p. 6.

171 CHUECCO, *Quase Humanos?*, in: *Newton – Tecnologia, Ciência e Vida*, p. 30.

172 CHUECCO, *Quase Humanos?*, in: Newton – Tecnologia, Ciência e Vida, p. 26.

173 CHUECCO, *Quase Humanos?*, in: *Newton – Tecnologia, Ciência e Vida*, p. 26.

174 ROMANINI, *Existo, logo penso*, in *Terra, ano 12, nº 141*, p. 47.

175 ROMANINI, *Existo, logo penso*, in *Terra, ano 12, nº 141*, p. 48.

176 CORDEIRO, *Gente como a gente?*, in *Sapiens – 100% Ciência, nº 4,* p. 26.

177 CORDEIRO, *Gente como a gente?*, in *Sapiens – 100% Ciência, nº 4*, p. 31.

178 KARDEC, *A Gênese*, p. 226.

179 KARDEC, *A Gênese*, p. 415.

180 N.T.: Ver as duas sábias obras do Sr. Boucher de Perthes: Do homem antediluviano e de suas obras., broch. in-4, e Das Ferramentas de Pedra, broch. in-8.

181 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 158-165.

182 NEXO (jornal) *As origens da humanidade*, disponível em: https://www.nexojornal.com.br/incoming/imagens/SAPIENS_NEXO.jpg/BINARY/SAPIENS_NEXO.jpg

183 ESPÍRITO SANTO NETO, *Renovando Atitudes*, p. 153.

184 Centro Virtual de Divulgação e Estudo do Espiritismo, Dúvida 506, disponível em: http://www.cvdee.org.br/duv_resptexto.asp?cat=47&id=506)

185 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 103.

186 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 45-46.

187 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 166-167.

188 KARDEC, *Obras Póstumas,* p. 167-169.

189 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 162-163.

190 Informação do autor: Publicado na REVISTA INTERNACIONAL DE ESPIRITISMO, Ano LXXVIII, Nº 06, Julho de 2003

191 N.T.: Grande Enciclopédia Larousse Cultural, Nova Cultural, 1998, vol.11, pág. 2572

192 N.T.: *O Livro dos Espíritos*, FEB., 76ª edição, pág. 206.

193 N.T.: www.epub.org.br

194 N.T.: *Revista Espírita*, Jornal de Estudos Psicológicos, terceiro Ano 1860, julho, Edicel, tradução de Júlio Abreu Filho, A Frenologia e a Fisiognomonia, Allan Kardec, pág. 209.

195 N.T.: *Livro dos Médiuns*, cap. VI, item 113, 62ª edição, pág. 150, FEB.

196 *Revista Espírita*, Jornal de Estudos Psicológicos, terceiro Ano 1860, julho, Edicel, tradução de Júlio Abreu Filho, A Frenologia e a Fisiognomonia, Allan Kardec, pág. 209.

197 MOREIRA, B. S. Espiritismo e frenologia, http://www.espirito.org.br/portal/artigos/bernardino/espiritismo-e-frenologia.html

198 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 198-203.

199 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, Edicel, p. 228.

200 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 135-136)

201 DARWINISMO, *A evolução humana*, link: http://darwinismo.files.wordpress.com/2011/08/0072bracist_evolutionary_icon.jpg

202 Johann Kaspar Lavater (Zurique, 15 de novembro de 1741 – 2 de janeiro de 1801), além de pastor, foi filósofo, poeta, teólogo e um entusiasta do magnetismo animal na Suíça. É considerado o fundador da fisiognomonia, a arte de conhecer a personalidade das pessoas através dos traços fisionômicos. (WIKIPÉDIA)

203 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 97-105.

204 “Caprera (em sardo: Caprèra) é uma ilha situada no mar Mediterrâneo ao norte da Sardenha (Itália), com 16 km² de área e população de 170 habitantes. A ilha de Caprera é parte do arquipélago e comuna de La Maddalena. § Na ilha está enterrado o herói italiano Giuseppe Garibaldi, que residiu os últimos anos da sua vida em Caprera.” (WIKIPÉDIA, Ilha Capreta, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_Caprera)

205 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 76-78.

206 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 35.

207 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 105.

208 WILLIAN, *Alimentos e evolução humana*, in *Scientific American, Ed. Especial, nº 2*, s/d, p. 84.

209 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 104-105.

210 DI BERNARDI, *Reencarnação em Xeque*, p. 97.

211 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 233-234.

212 A *Universo Espírita* circulou até o número 67, ano 6, 2009.

213 FIGUEIREDO, *O polêmico texto de Kardec sobre a raça negra*. In *Universo Espírita, nº 24*, p. 32-34;

214 PRIZMIC, *Kardec & Racismo para Refletir*, p. 76-77.

215 PRIZMIC, *Kardec & Racismo para refletir*, p. 121-122.

216 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 59-62.

217 XAVIER, *O Consolador*, p. 49.

218 FOGAÇA, *O Brasil precisa aceitar que o racismo existe*, in *Boletim da UFMG, nº 1483*, disponível em https://www.ufmg.br/boletim/bol1483/segunda.shtml

219 KARDEC, *O que é o Espiritismo,* p. 73.

220 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 45.

221 COUTO MOREIRA, *A dignidade, a lei e o negro*. in *O Tempo*, Belo Horizonte, 05/ago/2006. Caderno Opinião, p. A9.

222 VIEIRA, *As marcas do racismo no discurso*, in *Folha Universal nº 751*, Caderno Opinião, p. 5.

223 PENA, *De raças, racismo e sociobiologia*, in *Revista Galileu, nº 142*, p. 82.

224 ESPÍRITO SANTO NETO, *Renovando Atitudes*, p. 133.

225 RODRIGUES, *Visões nascidas do medo*, in *História Viva, ed. esp. Nº 3*, p. 18-21.

226 SCHNEIDER, *Mistificações da Ciência*, in *História Viva, ed. esp. Nº 3,* p. 78-83.

227 PATAKI, *Introdução*. In LEVINE e PATAKI, (org), *Racismo em Mente*, p. 14-15.

228 PATAKI, *Introdução*. In LEVINE e PATAKI (org), *Racismo em Mente*, p. 20-21.

229 PATAKI, *Introdução*. In LEVINE e PATAKI (org), *Racismo em Mente*, p. 23.

230 PATAKI, *Psicanálise, Racismo e Inveja*. In LEVINE e PATAKI (org), *Racismo em Mente*, p. 204.

231 PATAKI, *Psicanálise, Racismo e Inveja*. In LEVINE e PATAKI (org), *Racismo em Mente*, p. 208.

232 O uso do termo “étnico” em contraste com “racial” não é universalmente aceito, mas é comum. Assim sendo, Gordon Allport escreve: “Racial e étnico..., O primeiro termo, é claro, refere-se aos laços hereditários, o último, a laços sociais e culturais” (1954: 107). De modo similar, Phillip Kitcher diz: “A visão básica de que há grupos étnicos é que conjuntos distintos de itens culturais.., são transmitidos através das gerações por um processo semelhante ao da herança biológica.” (1999: 107).

233 PATAKI, *Psicanálise, Racismo e Inveja*. In LEVINE e PATAKI (org), *Racismo em Mente*, p. 208-209.

234 PATAKI, *Psicanálise, Racismo e Inveja*. In LEVINE e PATAKI (org), *Racismo em Mente*, p. 209.

235 PATAKI, *Psicanálise, Racismo e Inveja*. In LEVINE e PATAKI (org), *Racismo em Mente*, p. 213,

236 PATAKI, *Psicanálise, Racismo e Inveja*. In LEVINE e PATAKI (org), *Racismo em Mente,* p. 213.

237 DUMMETT, *O que é racismo?* In LEVINE e PATAKI, (org), *Racismo em Mente*, p. 40-46.

238 HASLANGER, *Opressão Racial e Outras*. In LEVINE e PATAKI (org), *Racismo em Mente*, p. 143.

239 GARCIA, *Três terrenos para o racismo: estruturas sociais, valores e vícios*. In LEVINE e PATAKI (org), *Racismo em Mente*, p. 58.

240 BLUM, *O que as explicações "racismo" causam?* In LEVINE e PATAKI (org), *Racismo em Mente*, p. 75.

241 BLUM, *O que as explicações "racismo" causam?* In LEVINE e PATAKI (org), *Racismo em Mente*, p. 90.

242 BLUM, *O que as explicações "racismo" causam?* In LEVINE e PATAKI (org), *Racismo em Mente*, p. 94.

243 LEVINE, *Filosofia e Racismo*. In LEVINE e PATAKI (org), *Racismo em Mente*, p. 99.

244 LEVINE, *Filosofia e Racismo*. In LEVINE e PATAKI (org), *Racismo em Mente*, p. 103.

245 LENGBEYER, *Racismo e corações impuros*. In LEVINE e PATAKI (org), *Racismo em Mente,* p. 179.

246 LENGBEYER, *Racismo e corações impuros*. In LEVINE e PATAKI (org), *Racismo em Mente,* p. 199.

247 CORRÊA, *Choque de Poderes*, disponível em: http://veja.abril.com.br/030903/entrevista.html

248 GUIMARÃES, *Classes, Raças e Democracia*, p. 55.

249 RUFINO, *Causas da Discriminação Estrutural, Institucional e Sistêmica,* disponível em: http://www.ipp-uerj.net/olped/documentos/ppcor/0101.pdf

250 SUGIMOTO, *Estudo compara qualidade e quantidade óssea de crianças brancas e negras no PR* in J*ornal da Unicamp, nº 434*, disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/junho2009/ju434_pag07.php#

251 CONSULTOR JURÍDICO, *Obras Póstumas*, disponível em: https://www.conjur.com.br/2011-mai-31/livro-espirita-allan-kardec-nao-recolhido-decide-juiz-federal#:~:text=Os%20exemplares%20do%20livro%20%E2%80%9CObras,liminar%20feito%20em%20A%C3%A7%C3%A3o%20Popular.

252 FEEMAT, *Anexo I do Tac de 28/09/2007*, disponível em: https://www.feemt.org.br/wp-content/uploads/2023/03/TAC-Minist%C3%A9rio-P%C3%BAblico-BA-1.pdf

253 FRANCO, *Jesus e o Evangelho à Luz da Psicologia*, p. 81.